



Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Centro de Tecnologia e Ciências  
Escola Superior de Desenho Industrial

Eduardo Barros Gonçalves

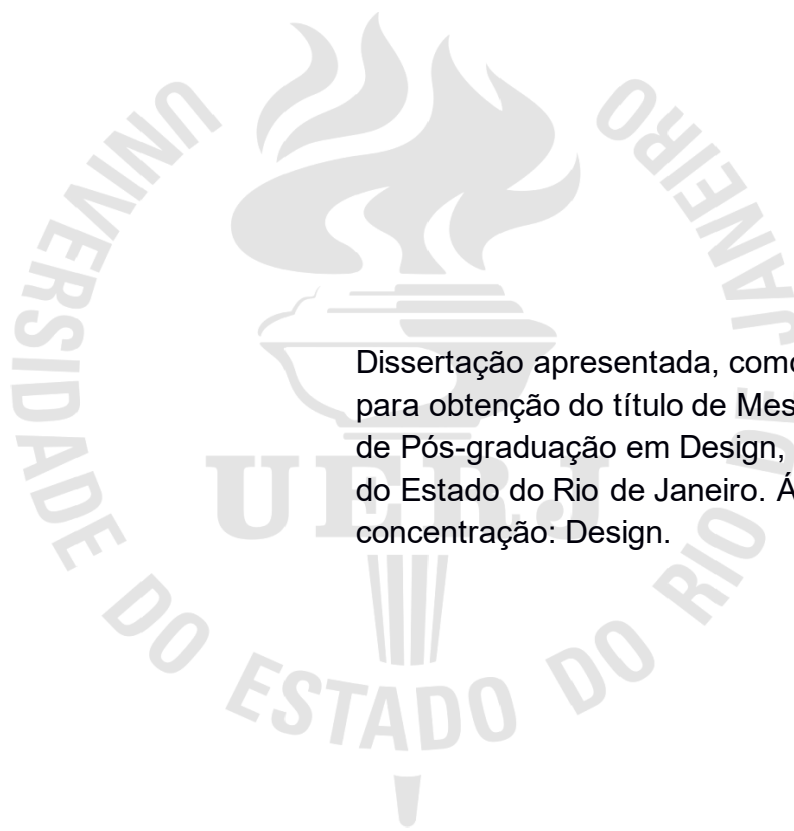
**Design, heteronormatividade e condições de trabalho:  
Reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer**

Rio de Janeiro

2020

Eduardo Barros Gonçalves

**Design, heteronormatividade e condições de trabalho:  
Reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Artur Pereira Carvalho

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CTC/G

G635

Gonçalves, Eduardo Barros.

Design, heteronormatividade e condições de trabalho : reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer / Eduardo Barros Gonçalves. - 2020.

216 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Artur Pereira Carvalho.

Dissertação (mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial.

1. Designers - Condições de trabalho - Teses. 2. Heteronormatividade - Teses. 3. Precarização do trabalho - Teses. 4. Gênero - Teses. 5. Designers - Atividade profissional - Teses. I. Carvalho, Ricardo Artur Pereira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Escola Superior de Desenho Industrial. III. Título.

CDU 7.05

Bibliotecária: Marianna Lopes Bezerra CRB7/6386

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Eduardo Barros Gonçalves

**Design, heteronormatividade e condições de trabalho:  
Reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Design

Aprovada em 31 de março de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Ricardo Artur Pereira Carvalho (Orientador)  
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Bianca Maria Rêgo Martins  
Escola Superior de Desenho Industrial - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Denise Berruezo Portinari  
Pontifícia Universidade Católica – PUC RJ

Rio de Janeiro  
2020

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória da mulher que, com sua irreverência, me ensinou a hackear. Obrigado por tudo, tia Ane. Vamos juntas.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, gostaria de agradecer à tia Adriana, por, em meio a tantos dissensos, me fornecer um teto e a comida necessária para me manter vivo e disposto durante épocas realmente duras da minha vida. Aproveito e agradeço também à minha avó, a quem devo a simplicidade e o pragmatismo com que vejo o mundo.

À Carol Maurício, grande amiga, colo incondicional e minha patrocinadora incansável, agradeço demais da conta por toda empatia, acolhimento, motivação e por me fazer ver que eu não estou sozinho.

À amiga Bárbara Arantes, agradeço por todo incentivo e presteza em me ajudar a encontrar os melhores rumos para os meus anseios, assim como por toda diligência em revisar escritos tão importantes para minha trajetória como pesquisador.

Ao amigo Rafael Körbes, agradeço por todos os conselhos, ensinamentos, acolhimento, e por me incentivar a buscar minhas verdades da maneira mais leve e poderosa.

À Brínea, também uma grande amiga, agradeço por toda ajuda material e por me fazer ver que uma outra versão de mim é possível, viável e incrível.

Ao amigo Leonardo Moraes, agradeço imensamente pelo carinho e pela disponibilidade em fornecer instruções tão caras e necessárias a esta pesquisa.

Agora, no âmbito da ESDI, agradeço à Zoy Anastassakis, por me apresentar à minha primeira pessoa e para todos os mundos que se descortinariam após esse encontro, e ao meu orientador Ricardo Artur, tão decisivo para o percurso desta pesquisa. Ao Ricardo, agradeço também por sua incansável disposição em entender minhas questões. Por seu olhar sensível e atento e por toda a liberdade que me proporcionou ao longo deste trabalho. Se esta caminhada conseguiu, com todos os seus perrengues, ser, em algum nível, divertida e prazerosa, isso certamente se deve à sensibilidade da pessoa que o Ricardo é. Obrigado, Ricardo.

Ainda cheio de carinho, agradeço especialmente às amigas Bibiana e Imaíra, por todo apoio e incentivo, ensinamentos e trocas, sem os quais a realização deste projeto não seria possível.

Agradeço à vida, por me colocar no papel de estagiário docente daquela que foi minha ídola desde a adolescência, e que me fez sonhar com um outro mundo, diferente do que se colocava diante mim.

É preciso, também, agradecer à própria Helena de Barros. Por me acolher tão carinhosamente, por me ensinar tanto e por me dar a chance de continuar a admirá-la, agora de perto, e a aprender com sua potência experimental e com sua atuação como uma docente tão impulsionadora das individualidades.

Agradeço também à turma 56, que me recebeu tão bem e que me atravessou, fazendo-se parte do meu objeto de pesquisa. Um abraço caloroso em todos e todas! Em especial a Amora, Miguel, Rafaele, Laura, Marina, Lucas e Angélica. E também à Dunny – que não é da 56 – mas que me forneceu relatos e carinhos tão necessários à produção destes saberes.

Agradeço, indiretamente, a todas as pessoas que, de alguma forma, se fizeram necessárias para a construção desta pesquisa. Assim como agradeço também ao meu descontentamento com os modos do mundo, que, durante esta pesquisa, tantas vezes foi o que me manteve firme no trajeto em momentos materialmente tão difíceis.

...porque nós vivemos em um mundo material...

*Madonna*

...e só se esquece quem pode.

*Ricardo Artur Pereira Carvalho*



## RESUMO

GONÇALVES, Eduardo Barros. **Design, heteronormatividade e condições de trabalho**: reflexões sobre corpo, gênero e precarização do designer. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

O presente trabalho tem por objetivo delinear as maneiras através das quais o design atua como um agenciador de identidades heteronormativas que servirão ao modelo heterocentrado do qual se retroalimenta o capitalismo. A pesquisa busca, ainda, evidenciar como a classe de designers se vê refém de uma agenda de precarização do trabalho que a impede de ter qualquer autonomia intelectual sob sua produção, sendo conformada a atender às demandas da classe contratante que, em geral, se compromete exclusivamente com os lucros do que produz. Ao longo dos capítulos, analisarei questões relativas à heteronormatividade no design, condições de trabalho, raça, classe social e o cotidiano em uma escola de design. A partir destas observações, acessaremos reflexões que conjugam estas análises no intuito de entender como a precarização do designer trabalha a favor da manutenção de um sistema capitalista heteronormativo.

Palavras-chave: Design. Heteronormatividade. Gênero. Materialidades. Condições de trabalho. Precarização do trabalho.

## ABSTRACT

GONÇALVES, Eduardo Barros. **Design, heteronormativity and working conditions:** reflections on body, gender and precariousness. 2020. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

The present work aims to outline the ways in which design acts as an agent of heteronormative identities that will serve the heterocentric model from which capitalism feeds. The research also seeks to show how the class of designers finds themselves hostage to an agenda of precarious work that prevents them from having any intellectual autonomy under their production, being obstinate in meeting the demands of the contracting class, which, commits exclusively to the profits of its production. Throughout the chapters, I will analyze issues related to heteronormativity in design, working conditions, race, social class and daily life in a design school. From these observations, we will access reflections that combine these analyzes in order to understand how the precariousness of the designer works in favor of maintaining a heteronormative capitalist system.

Keywords: Design. Heteronormativity. Gender. Materialities. Working conditions.  
Precarious work.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cadeira e mesa escolar (designer desconhecido) .....	21
Figura 2 – Poltrona Mole, Sérgio Rodrigues (1957) .....	22
Figura 3 – Seção infantil da loja de departamentos C&A.....	43
Figura 4 – Roupas infantis masculinas .....	44
Figura 5 – Roupas infantis femininas.....	45
Figura 6 – Imagens utilizadas na oficina: editoriais .....	53
Figura 7 – Imagens utilizadas na oficina: anúncios .....	53
Figura 8 – Imagens utilizadas na oficina: brinquedos .....	54
Figura 9 – Imagens utilizadas na oficina: brinquedos/acessórios infantis.....	54
Figura 10 – Imagens utilizadas na oficina: materiais e publicidades .....	55
Figura 11 – Imagens utilizadas na oficina: memes.....	55
Figura 12 – Imagens do Workshop “Proteja seu Freela” .....	64

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Esdi Escola Superior de Desenho Industrial

UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 DESIGN, MATERIALIDADES, VISUALIDADES E NORMATIVIDADE</b> .....	30
1.1 <b>Design como agente diferenciador</b> .....	37
1.2 <b>Um estudo de caso na moda infantil</b> .....	41
1.3 <b>A retórica do neutro</b> .....	47
<b>2 OS CORPOS DESVIANTES E A ESDI</b> .....	52
2.2 <b>O novo corpo da pesquisa</b> .....	60
2.3 <b>Entrevistas com estudantes</b> .....	65
2.4 <b>Os corpos que falam</b> .....	68
2.4.1 <u>Questões de gênero e heteronormatividade</u> .....	68
2.4.2 <u>Questões de classe</u> .....	75
2.4.3 <u>Questões de raça</u> .....	77
2.4.4 <u>Questões de precarização e condições de trabalho</u> .....	83
2.4.5 <u>Questões do cotidiano em uma escola de design</u> .....	87
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	94
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98
<b>APÊNDICE A – Entrevista Alice</b> .....	101
<b>APÊNDICE B – Entrevista Gabriel</b> .....	121
<b>APÊNDICE C – Entrevista Gustavo</b> .....	136
<b>APÊNDICE D – Entrevista Joana</b> .....	144
<b>APÊNDICE E – Entrevista Mariana</b> .....	162
<b>APÊNDICE F – Entrevista Moby</b> .....	180
<b>APÊNDICE G – Entrevista Sol</b> .....	198

## INTRODUÇÃO

De início, para que a leitura destas linhas se torne mais amistosa e inclusiva, proponho que façamos um breve nivelamento de linguagens. Esta conversa entre nós é um pouco densa, mas se faz necessária. Se por um lado, parte dos autores de design constroem seus pensamentos sobre uma base epistemológica assumidamente moderna e com aspirações universalizantes, aviso logo que, por estas linhas, a construção do pensamento se dá em tensão com essa hegemonia.

Observando a saturação do modelo de produção industrial e de consumo que praticamos hoje, não me parece mais adequado pensar o design, ou o que quer que seja, sob um prisma do “desenvolvimento” universal acrítico. Ora, se este “desenvolvimento” estiver relacionado com o sucesso e o bom posicionamento de marcas, com todo seu arsenal de estratégias de *branding* ou, ainda, com a criação de novas tecnologias digitais alheias às condições sociais da maior parte da população, não será esse o tipo de “desenvolvimento” que se encontrará contemplado nas páginas a seguir.

Por entender, então, que a visão moderna da qual o design é herdeiro desfruta do conforto da hegemonia e por não me alinhar com esse pensamento, explico aqui o conceito de *hackeamento* que permeia o curso deste estudo. De acordo com o dicionário Merriam-Webster, *hackear*, enquanto verbo transitivo apropriado da linguagem de informática, tem seu sentido ligado ao ato de “obter acesso ilegal a um sistema ou uma rede de computadores”<sup>1</sup> (HACK, 2019, tradução nossa), seja desenvolvendo novas funcionalidades, seja adaptando aquelas já existentes. Ainda de acordo com Merriam-Webster, o substantivo *hack* pode significar uma solução criativamente adaptada para um problema ou para a limitação de um sistema hardware ou de sua programação. Algo nessas acepções me interessa bastante. Proponho, então, a tradução do termo para o português como *hackeamento*, expandindo, portanto, seus sentidos iniciais.

O *hackeamento* que me interessa nesta pesquisa dribla, interfere e negocia com sistemas já existentes, admitindo-se materialmente menor que eles e entendendo

---

<sup>1</sup> No texto original: “to gain illegal access to (a computer network, system, etc.)”.

que uma forma de criar novas possibilidades de operar é justamente alterar o funcionamento dos sistemas já vigentes.

Assim pretende funcionar esta pesquisa, desde sua metodologia à forma final, passando pela linguagem e pela escolha, ora inusitada, de referências estranhas à área, mas que, defendo, podem nos fornecer boas pistas para repensarmos nossa produção e os caminhos para os quais marchamos apressadamente. *Hackear*, portanto, em termos acadêmicos, assume neste estudo o sentido de promover fissuras nas estruturas hegemônicas já estabelecidas, ou pelo menos no pensamento de quem me lê, abrindo brechas para novas realidades e possibilidades de ser e estar no mundo.

Os temas que permeiam esta dissertação são design, heteronormatividade e condições de trabalho. Portanto, alinhado com uma proposta de pensamento anti-hegemônico, esta pesquisa promove um questionamento acerca do estabelecimento da normatividade heterossexual, ou como chamarei posteriormente, a heteronorma. Mas antes de adentrar a discussão sobre as relações entre design e a produção e a manutenção da heteronorma, cabe primeiro explicar o que significa enquadrar as questões de gênero e sexualidade como uma forma de controle social. A seguir, exemplifico como essas questões me afetaram ao longo da vida e geraram em mim as inquietações que me trouxeram a esta pesquisa.

Ainda muito cedo, antes mesmo de entender o que estava em jogo na equação social das identidades normativas e desviantes, gritaram-me bicha. E foi assim que minha autoconsciência se inaugurou: a partir das sinalizações de outras crianças sobre um demarcador que, para mim, ainda não era nítido, mas que para todo mundo parecia ser: eu era bicha. Desde muito cedo. “Bichinha e mulherzinha”: estes foram os vocativos que mais ouvi ao longo da infância. Enquanto desbravava este período em uma pequena cidade de pouco mais de 35 mil habitantes no interior de Minas Gerais, pude perceber que estas palavras não traziam consigo qualquer sinal de aprovação ou acolhimento. Ao contrário, significavam repulsa, escárnio e reprovação.

Me recordo de frequentemente me debruçar sobre questionamentos relativos ao que, especificamente, me fazia bicha; o que fazia dos outros meninos não-bichas, e por que esse demarcador era suficiente para me colocar no alvo de violências físicas no ambiente escolar e de violências verbais no ambiente familiar. Ora, se meu uniforme era igual ao dos outros meninos e se minhas roupas e materiais escolares não eram escolhidos por mim (e se adequavam à lógica estética que reforçava a

existência de um dito universo masculino), que indícios podiam ser tão patentes do fato de que eu era bicha?

A resposta para esta pergunta encontrava-se no meu “comportamento”. Ao longo de toda infância, busquei as camadas lúdicas do pensar, assim como interagir com a natureza e praticar atividades, como dança e exercícios artísticos, que, na divisão de gênero que experimentamos hoje, são atividades associadas ao universo feminino. Somou-se a isso o fato de ser uma criança pouco interessada em atividades competitivas, como os esportes coletivos, e pouco dada às narrativas bélicas. Um menino afeminado, no entanto, não se faz apenas com preferências ou ideias.

Estas preferências, devo acrescentar, também se desdobravam em trejeitos fluidos, como mãos que buscavam sempre gesticular para explicar ideias e um tom de voz sempre baixo, pouco impositivo, talvez delicado demais, “feminino”. Essas características fizeram de mim uma criança bicha. E foi desse lugar que aprendi a negociar minha segurança social e minha existência no núcleo familiar, no qual também enfrentava represálias por performar de uma maneira interpretada como inapropriada. Considero que essas represálias tenham sido, então, uma maneira de ser advertido e esquadrinhado pelas forças de coerção diante dos meus modos tidos como “inadequados”.

Passada essa infância de exclusões e violências, cheguei à adolescência disposto a reivindicar um lugar, invisível e seguro, no “hall das identidades reconhecidas” (GUATTARI & ROLNIK, 1996). E foi então que comecei minha negociação, ora consciente, ora não, com os domínios da heteronormatividade. Isso não significa dizer que todo menino que passou por situações similares na infância tenha seguido o mesmo caminho e feito a mesma negociação. Tampouco pretendo sugerir que essa opção seja desejável e preferível.

Faço essas anotações a fim de sinalizar que, como sugere Foucault (1987), quando desviamos daquilo que é tido como norma, a sociedade se manifesta prontamente para sinalizar o desvio, seja ele mental, sexual, comportamental. Em *Vigiar e Punir – Nascimento da prisão* (1987), Foucault identifica como se dá o controle social dos corpos para que haja o esquadrinhamento das performances individuais dentro do padrão desejado e entendido como normal. A este processo de esquadrinhamento, Foucault dá o nome de “disciplinas”, um sistema de regras que terá um papel fundamental na regulação dos corpos organizados em sociedade:



Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação (FOUCAULT, 1987, p.135).

O conceito de disciplinamento dos corpos, tão caro a esta pesquisa, ganha força por emprestar suas normas a uma estrutura em especial, também central para este projeto: a heteronormatividade, apreendida através da percepção material dos corpos.

Portanto, quando nos referimos à heteronorma, um fator se faz decisivo na análise de quem a atende e de quem desobedece às suas previsões: a passabilidade – termo apropriado do universo transexual que se refere à capacidade de passar despercebida(o) na sociedade, ou, melhor dizendo, de “performar a norma”. Neste sentido, alinho o uso do termo heteronorma aos estudos sobre identidade e passabilidade (do inglês, *passing*), de Pamela L. Caughie (2010), que entende esta como

a dinâmica de identidade e identificação – os processos sociais, culturais e psicológicos por que um sujeito passa a entender sua identidade em relação aos outros. Embora a passabilidade seja frequentemente entendida como fraude ou traição, como um pecado contra a autenticidade, a autenticidade é em si um conceito historicamente específico (CAUGHIE, 2010, p. 203, tradução nossa<sup>2</sup>).

Também mobilizando o conceito de disciplina definido por Foucault, Caughie sugere que a passabilidade é a capacidade de performar no sentido de uma norma esperada, sem de fato se enquadrar nela. Problematiza, no entanto, a percepção social que se tem das pessoas que a apresentam, não tidas como legítimas quando “desmascaradas”.

É precisamente essa relação entre identidade (sexual ou racial) e a verdade que faz a “passabilidade” parecer moral e politicamente repreensível, e isso leva as pessoas a condenar a passabilidade como engano ou fraude. Nós podemos não acreditar mais que um homem feminino ou uma mulher masculina ou relações do mesmo sexo sejam crimes, Foucault diz, mas mantemos “a suspeita de que são ficções, que, involuntárias

---

<sup>2</sup> No texto original: “[Passing, in my use, signifies] the dynamics of identity and identification—the social, cultural, and psychological processes by which a subject comes to understand his or her identity in relation to others. Although passing is often understood as fraudulence or betrayal, as a sin against authenticity, authenticity is itself a historically-specific concept, one whose meaning and value were being challenged in the modernist era.”

ou auto-indulgente, [...] seria melhor dissipar” (CAUGHIE, 2010, p. 204, tradução nossa<sup>3</sup>).

Nessa percepção de que “seria melhor dissipar” é que residem as represálias sobre as quais comentei anteriormente. Ou seja, sendo a heteronorma uma reiterada estrutura moral e social, as pessoas que circulam fora de seus perímetros (sem conseguir passar despercebidas) e que ousam ultrapassar suas fronteiras normativas, serão aquelas com maiores riscos de ataques físicos e/ou verbais.

Entendo, então, que minha negociação com a heteronorma se deu no sentido de alcançar essa passabilidade. No meu caso, ter passabilidade significou não ser mais lido como bicha, processo que me custou anos de observação e cruzamento entre minhas autoanálises, sendo lido e me entendendo como bicha, e as análises do que eu entendia como o comportamento e a estética hétero ditos desejáveis. Desta combinação de subjetividades, cheguei, talvez meio atordoado, a equações sem fórmula ou respostas fechadas, mas com um resultado em constante transformação: meu corpo e meu comportamento negociados.

E o que faz dessa trajetória relevante para este estudo é também o fato de que ter passabilidade requer a utilização do design de roupas e acessórios para performar uma identidade lida como heteronormativa e aceitável.

Explico, também, que ao longo desta dissertação, escrita intencionalmente em primeira pessoa, alternarei o uso do artigo feminino com o masculino ao tratar de mim mesma, ora concordando com bicha, ora com viado, como me foi tarjado ao longo da vida, numa tentativa de alastrar pela linguagem os domínios e desvios da heteronorma com a qual negocie – e ainda negocio – ao longo da minha existência.

Se hoje sou capaz de passar pelo espaço urbano sem ser percebido como bicha, essa passabilidade vai embora, no entanto, quando abro a boca. Minha voz continua sendo percebida como uma voz de viado. Tentei, em algum momento, negociar também esse aparato. Caro demais, no entanto. Não consegui alcançar os níveis “desejáveis”.

Ainda nesta apresentação, acredito que outros dois marcadores estruturantes da minha vida também se colocam como urgentes em um discurso que se pretende

---

<sup>3</sup> No texto original: “It is precisely this relationship between identity (sexual or racial) and truth that makes ‘passing’ seem morally and politically reprehensible, and that leads people to condemn passing as deceit or fraud. We may no longer believe that a feminine man or a masculine woman or same-sex relations are crimes, Foucault says, but we retain ‘the suspicion that they are fictions, which, whether involuntary or self-indulgent, [...] it would be better to dispel.’”

honesto: além de bicha, sou também branca e de uma família pobre do interior de Minas Gerais. Explicito estes marcadores pois entendo as estruturas e tensões raciais que nos constroem enquanto sociedade, e que a cor da minha pele não me faz refém de preconceitos antes que eu possa falar por mim mesmo.

Além de bicha e branca, pobre, originária de uma família grande de trabalhadoras sem recursos para garantir uma boa qualidade de vida. Pobre e consciente de que, por sê-la, um projeto de vida específico estava prescrito para mim. Um projeto que talvez não incluísse a passagem por uma pós-graduação em design – o que, em algum nível, talvez explique o fato de que, ao longo dos 2 anos de exercício acadêmico no PPD-ESDI, me assumir bicha nunca tenha sido um problema central com os colegas de sala ou com o corpo docente; me assumir pobre, no entanto, causou um pouco mais de estranhamento. Me parece que, em um ambiente de pós-graduação, tanto alunos quanto professores, ainda se chocam (ou se ofendem?) com a presença de pessoas que assumem viver vidas precárias, vidas estas que disputam e por vezes entram em conflito direto com a exigente e extenuante agenda acadêmica.

Para prosseguirmos, um nivelamento de conceitos se fará necessário para uma boa leitura deste trabalho. Esta pesquisa buscava, inicialmente, traçar um mapeamento dos efeitos do trabalho dos designers (me refiro aqui às materialidades e às visualidades) na sociedade brasileira contemporânea, observando como se dão esses efeitos quando percebidos especificamente dentro do recorte dos discursos de gênero. Ao longo do exercício desta investigação, no entanto, meu corpo pesquisador se viu constantemente atravessado por uma realidade social que se manifestou como um pequeno retrato de um panorama maior: as condições de trabalho do profissional autônomo de design. Isso me fez refletir sobre a urgência de discutir essas condições, ao mesmo tempo em que discuto as questões de gênero e heteronormatividade

As motivações iniciais para o desenvolvimento deste trabalho partiram da observação cotidiana de que as materialidades de design (que podem envolver peças como roupas e capas de revista, mas também interfaces como sites e aplicativos) utilizadas por cada pessoa para reproduzir suas vidas são um indicativo patente das identidades que se formam enquanto estes corpos as utilizam. Ou seja, as materialidades propostas pelos designers são um fator agenciador das subjetividades que se constroem a partir da utilização de cada produto. Essas identidades, no entanto, não se esgotam na utilização de cada peça, tendo a possibilidade de se

redesenhar a cada nova aquisição, isto é, caso um novo produto que traga consigo um código social e um *status* outro, esteja ao seu alcance material.

Aplicando o raciocínio acima ao recorte deste trabalho, percebemos que as identidades de gênero e as orientações sexuais de cada corpo são um campo em disputa e frequentemente serão materializadas através dos produtos de design que cada corpo elenca para se vestir ou reproduzir sua vida dentro da lógica de consumo estabelecida. Em outras palavras, em um âmbito social e urbano, os produtos de design são um indicativo material do gênero e da orientação sexual de uma pessoa, podendo ser utilizados como uma das formas de identificar quais são os corpos que se enquadram e quais são os que se desviam da heteronorma.

A partir disso, a pergunta inicial empreendida por esta pesquisa indagava ansiosa: “como *hackear* a heteronorma?”. Por isso, se faz urgente e necessário explicar de que designs são esses dos quais falaremos nas páginas a seguir. Explico: se as materialidades produzidas pelo design afetam as identidades e a percepção de gênero, os designers dos quais falaremos, inicialmente, são agenciadores políticos. Políticos porque, ao materializar discursos e criar narrativas visuais, os designers industriais estão, em algum nível, dando declarações próprias ou de terceiros (seus empregadores) sobre como podem e devem se portar as usuárias e usuários para os quais projetam.

Um autor que explora essas dimensões do design é o arquiteto e historiador britânico Adrian Forty (2007). Ao examinar o design em sua dimensão histórica e social, Forty ressalta os aspectos econômicos e ideológicos do design que vão muito além das questões do uso e da boa forma. Ao longo do livro “Objetos do desejo”, o autor destaca como o design afeta a sociedade ao dar “formas tangíveis e permanentes às ideias sobre quem somos e como devemos nos comportar” (FORTY, 2007 p.12). Nesse sentido, Forty identifica na historiografia do design tanto as influências das condições de produção como também a influência do design sobre a sociedade, que, ao tornar os produtos mais atraentes e vendáveis, reproduz e dá forma a certos ideais presentes em nossa sociedade.

A dimensão política do design não se resume, no entanto, apenas aos discursos de gênero, mas também a outras camadas da vida social. Tomemos o exemplo de duas cadeiras distintas, ambas projetadas por designers (neste caso, designers de móveis). A primeira delas é uma cadeira escolar (Figura 1):

Figura 1 – Cadeira e mesa escolar (designer desconhecido)



Fonte: Google Images.

Este modelo forma um ângulo de aproximadamente 95 graus entre sua base e seu encosto. Seus materiais são geralmente o metal e a madeira, ambos rígidos. Em muitos casos, a estrutura é formada por poucas peças de metal tubular, que se curva para atender aos diferentes planos e perspectivas da base, do assento e do encosto. Essa cadeira tem como extensão de seu projeto, em grande parte dos casos, uma mesa. Essa mesa, produzida dos mesmos materiais da cadeira, se encaixa totalmente nela quando ninguém a está utilizando, de forma que seu volume total, quando não está em uso, fica menor exatamente na medida do corpo que a utilizaria.

Cabe aqui falarmos um pouco sobre ergonomia, a ciência que estuda a interação entre o corpo e o ambiente. No caso da cadeira escolar, a ergonomia do móvel é pensada para que o corpo que a utiliza fique em posição de vigília. Sentado e levemente inclinado, porém não o suficiente para que se sinta à vontade para um cochilo ou para um momento de repouso. Sentado e com os braços apoiados, sempre apto a fazer alguma anotação. Sentado e ensanduichado entre um assento que lhe educa como e para onde olhar (ereto e para frente) e um apoio que lhe sugere que registrar e tomar notas do que se aprende é desejável.

A análise das sugestões de comportamento que este tipo de cadeira dá aos corpos que a utilizam estaria incompleta sem a menção à figura do(a) professor(a) que se posiciona no mesmo ambiente. Essa figura geralmente se coloca de pé. Seu corpo, em comparação com aqueles que se encontram ensanduichados, é mais livre, porque pode caminhar. Notamos, então, a sugestão de postura física, e, conseqüentemente, de comportamento, que a cadeira em questão dá a quem se coloca como sua ou seu usuário, o que, para Foucault, funciona como o esquadramento de corpos a serem docilizados para atenderem às normas

vigentes.

Após a descrição desse ambiente escolar, exploraremos agora uma outra ambiência. A cadeira a ser analisada agora é, na verdade, uma poltrona, a Mole, projeto de móvel do premiado arquiteto e designer brasileiro Sérgio Rodrigues (figura 2).

Figura 2 – Poltrona Mole, Sérgio Rodrigues (1957)



Fonte: Google Images.

O assento da Poltrona Mole forma, assim como a cadeira escolar, um ângulo timidamente inclinado em relação ao seu encosto. No entanto, as diferenças são inúmeras. Tanto o encosto como o assento são sustentados por percintas de couro, sobre as quais repousam grandes almofadas revestidas desse mesmo material e que parecem sobrar e se espalhar para além da estrutura de madeira que a constrói. A Mole, assim como a cadeira escolar, também traz consigo um ajudante que, quando utilizado, torna a experiência do móvel mais plena, mais bem-acabada. Neste caso, no entanto, não se trata de uma mesa, mais de um apoio para os pés. Feito nos mesmos materiais da poltrona, o descanso para os pés deve ficar ligeiramente próximo à poltrona, e, neste caso, não há economia de espaço quando um corpo não a está utilizando.

Em ambos os casos citados, os móveis não dependem apenas da observação de uma utilização humana ou de uma instrução de uso para que possamos constatar o que se espera de um corpo que os utiliza. As sugestões da ergonomia se acoplam aos aprendizados e repertórios culturais que nos cercam, nos fazendo assimilar como naturais determinadas formas de uso e experimentação. A utilização esperada para cada projeto de cadeira está inscrita também em sua ergonomia, respaldada pelos materiais escolhidos e materializada em uma forma final que, de tão palpável, parece

irrefutável. Chega a ser difícil imaginar outras formas de se comportar em um ambiente de aprendizado infantil, mobiliado com o produto que analisamos, que não portando a clássica postura passiva e alerta sugerida pelas cadeiras acompanhadas de suas mesas com estruturas metálicas.

A partir dos exemplos mencionados, entendemos de que formas o design dá sugestões materiais de como devemos viver parte de nossas vidas. E na postura que esses objetos desenham para e esperam de nós, reside o potencial político do design do qual falarei neste estudo. Olhe agora ao seu redor. Perceba como as coisas que te cercam trazem consigo um código de utilização que fornece, em algum nível, um indicativo material de como você passará alguns momentos da sua vida. Alguns desses códigos nos são ensinados desde muito cedo e, consolidados pela repetição, se apresentam como verdades inquestionáveis. No entanto, não o são. Ter em casa um aparelho completo de utensílios para o jantar pressupõe encontros em família ou entre amigos que se reunirão para momentos em torno de uma mesa. Não ter este aparelho não significa, entretanto, que esses encontros não possam acontecer. Sua plástica e sua dinâmica, no entanto, talvez sejam materialmente diferentes, no fim das contas.

Portanto, é necessário assumir que o design do qual falarei inicialmente é o das materialidades, sejam elas físicas ou visuais, associadas à indústria e ao mercado, justamente por me interessar apreender os efeitos retóricos de suas veiculações. Buscarei apreender os efeitos políticos da materialização de discursos que os produtos e narrativas visuais criadas pelos times de designers têm em um âmbito macrossocial. Para isto, é imprescindível definir que o design do qual trato na primeira parte desta pesquisa é o que ainda impera quando a palavra emerge: estético e funcional. Forma e função, seguidas do questionamento: e o que exatamente estas formas e funções esperam e desenham para nós enquanto sujeitos?

Em “Quarto de Despejo”, diário transcrito de Carolina Maria de Jesus, a autora narra seu dia-a-dia na favela do Canindé, São Paulo. Mãe solteira de 3 filhos e vivendo em condições sub-humanas, Carolina reside em um barraco de zinco, sonha com uma casa de alvenaria e é convocada diariamente a produzir saberes que a façam driblar, junto com os filhos, a fome que os espreita em seus cotidianos.

No livro, ao analisar sociologicamente o espaço urbano, Carolina usa a metáfora do design de uma casa, sua planta e a função de seus cômodos, para pensar a cidade sob uma perspectiva crítica. Carolina entende que, se a cidade pode ser vista

como uma casa, então a favela, local onde reside, pode ser entendida como o quarto de despejo: o cômodo onde geralmente é despejado todo tipo de material indesejado nos outros ambientes.

Enquanto narra seu cotidiano precário pelas vielas da favela, em busca de maneiras para alimentar a si e aos filhos, Carolina, além de uma série de outras reflexões, nos dá pistas de como os objetos descartados, que em algum momento foram comprados e usados por outras pessoas, se tornam, no contexto da favela, uma substância abstrata que servirá naquilo que precisar aquela(e) que a encontrar no lixo. Essa serventia pode ou não estar relacionada com sua proposta original, pensada por um time de designers a quilômetros de distância dali.

Esse passeio pelas vielas do “quarto de despejo” e pelos usos subversivos que elas fazem dos objetos vindos dos demais cômodos da casa, nos indicam, no entanto, que minha análise sobre o poder de agenciamento do design é, ainda, limitada. Talvez só esteja apta(o) a se influenciar pelas declarações propostas pelo design, aquelas e aqueles cujas condições básicas de existência e consumo estejam garantidas. Aquelas e aqueles que entendam, falem e negociem com a linguagem do capital e de suas peças, produtos, acessórios etc.

Retomo agora o termo “materialidades”, tão caro a este projeto. Sempre que utilizá-lo, não me refiro apenas a objetos solidamente materiais, concretos. Toda e qualquer visualidade, seja ela uma interface ou até mesmo um holograma, assume, neste estudo, um caráter material. Isto porque entendo que todo discurso, seja ele palpável ou não, é capaz de transmitir sugestões de comportamentos e, conseqüentemente, educar as formas através das quais ocuparemos e constituiremos o mundo em que habitamos.

A partir desta primeira investida, o segundo ponto a se assinalar trata das condições de trabalho da(o) designer nos anos em que se deu esta pesquisa (2018–2020). Atualmente, sob o comando de um governo de extrema-direita neoliberal, o Brasil enfrenta uma forte agenda de precarização das condições de trabalho, que acirra a reprodução material da vida dos mais pobres. Mas, por que tocar neste assunto se o que nos interessa são os efeitos políticos dos discursos de design dentro de uma perspectiva de gênero? Porque, aberto às surpresas que o exercício acadêmico propõe, o corpo desta pesquisa se ampliou através da observação do meu entorno.

Então, se inicialmente falo dos efeitos políticos do design na construção de



sujeitos normatizados, em seguida falarei das condições de trabalho encontradas pelo(a) designer graduando e recém-formado(a), e como isso se relaciona com a manutenção de um *status quo* heteronormativo. Esta segunda análise se incorporou à pesquisa após seu curso prático. Isto é, inicialmente não me preocupava falar sobre questões sociais que não as relativas aos discursos normativos de gênero. No entanto, questões relativas à precarização do trabalho e às relações trabalhistas de designers graduandos se mostraram uma agenda urgente diante do meu olhar. Logo, emergiu mais um problema de pesquisa, que me pareceu tão urgente quanto o inicial, e se colocou como um adendo ao caminho deste estudo: como *hackear* as condições precarizadas de trabalho do nosso tempo? Ou ainda, estendendo a pergunta inicial: como *hackear* a heteronorma convivendo com condições tão precárias de trabalho?

Uma das condições para o desenvolvimento capitalista foi o processo que Michel Foucault definiu como o 'disciplinamento do corpo', que, ao meu ver, consistia em uma tentativa do Estado e da Igreja de transformar as potencialidades dos indivíduos em força de trabalho (FEDERICI, 2014, p. 240).

Este disciplinamento, no entanto, seria ineficaz se não desse conta de produzir identidades dentro de um sistema heteronormativo. E é aí que entra o design: como um braço mantenedor das normas, por ser capaz de “dar formas tangíveis e permanentes às ideias sobre quem somos e como devemos nos comportar” (FORTY, 1986).

Mais traiçoeira ainda é a maneira como a agenda neoliberal de precarização do trabalho solapa as possibilidades de *hackeamanto* da heteronorma quando falamos de cultura material e de visualidades (sem nos esquecer que são estas, muitas vezes, que formam nossas visões de mundo e de como podemos ser dentro dele).

Se, por um lado, a rotina das pequenas e médias agências de marketing, publicidade e design – uma possível colocação imediata para designers recém-formadas(os) – induzem a atuação da(o) designer para o desenvolvimento de projetos pensados por outras cabeças sem a possibilidade de assunção de pontos de vista críticos a estas, a atuação *freelancer* abre espaço para conduções projetuais mais livres, nas quais, inclusive, a(o) designer pode até ousar se posicionar. Esse posicionamento crítico, no entanto, encontra obstáculos nas próprias condições precárias de trabalho. Desta forma, a perversidade da equação emerge das premissas das condições materiais em que se realiza um trabalho *freelancer*.

Suponhamos que uma jovem designer, recém-ingressante no mercado de trabalho, esteja negociando com este mercado as possibilidades de obter o dinheiro necessário para tocar sua vida. Ao realizar um trabalho autônomo como *freelancer*, ela não estará refém de uma hierarquia ao desenvolver o projeto solicitado, podendo, assim, projetar nas materialidades que desenvolverá um novo código de conduta (isto se supomos que esta jovem designer possui um olhar crítico às questões de seu tempo). Esse projeto desenvolvido por ela, no entanto, estará sujeito à aprovação final de seu cliente contratante, que pode ou não estar aberto às sugestões da designer contratada. A designer em questão (na pele da qual já me vi algumas vezes), não terá autonomia para desobedecer às solicitações do cliente caso esse entenda que o projeto desenvolvido não atende às expectativas de seu público (ou não reforça o *status quo* que ele acredita ser necessário para a garantia do sucesso de seu negócio).

Portanto, a autonomia inicial de que parece desfrutar um(a) designer autônomo(a) (por não pertencer a um time maior no qual as regras estarão pré-estabelecidas) se esgota, ou quase se esgota, no trato profissional com o cliente contratante e na necessidade de não recusar trabalhos que não estejam alinhados à sua visão de mundo. Isto significa dizer, por exemplo, que poderemos nos candidatar a prestar um trabalho *freelancer* para a campanha eleitoral de um político com o qual não concordamos, ajudando-o a se eleger deputado nas próximas eleições. Alguns prestadores de serviço, aqueles em condições financeiras mais confortáveis, poderão, talvez, se recusar a compor este jogo ardiloso. Outros, os mais vulneráveis social e financeiramente, provavelmente não.

Avançamos, agora, para a identificação dos métodos usados no trabalho. Sabemos que, na praxe acadêmica, é desejável discorrer sobre como se dará a metodologia de pesquisa utilizada ao longo do percurso deste texto. É interessante, também, deixar nítidos os caminhos pelos quais se deram este percurso. Buscando uma adequação aos moldes acadêmicos, em um primeiro momento pretendi encaixar este trabalho em formas pré-existentes de se fazer pesquisa, acessadas através da disciplina de Metodologia no PPD-ESDI. No entanto, uma outra lente se colocou diante do meu olhar: a observação do percurso de forma material; a apreensão das condições materiais de vida dos atores desta investigação.

Sem contar, inicialmente, com a relevância desse fator, me lembro de me deparar com ele ao longo do curso em várias circunstâncias. Tanto em situações em

que eu era o protagonista da falta de recursos, quanto em outras onde o corpo discente (com o qual tive contato ao longo do estágio docência) vivia cenas de precariedade distintas (narrarei algumas mais adiante). Isso me fez ponderar que seria necessário entrevistar o corpo discente da escola na etapa final desta pesquisa, para que pudesse registrar, de maneira totalmente limitada, algumas das realidades e percepções que marcaram a trajetória deste ciclo. Desta forma, entendo que a metodologia utilizada por mim, e pela qual fui também utilizado, é, antes de tudo, uma metodologia de observação da realidade material. Talvez porque, imerso em necessidades urgentes, me vi impelido a assumir a concretude da vida e a extrair dela o que poderia chamar de uma epistemologia da precariedade.

Esse método de observação, através do qual coloquei meu corpo na Academia, não se pretende uma etnografia, conforme os moldes dos estudos antropológicos. Não domino e tampouco me dediquei a estudar com rigor estas formas de investigação, mas me inspirei livremente na observação do mundo material para deixar que a pesquisa fosse afetada pelas condições externas às minhas vontades de confirmar ou refutar determinada afirmação.

Ao contrário, mantive meu olhar atento ao redor, dando abertura para que respostas de diferentes naturezas pudessem me dar pistas sobre o problema que buscava investigar. Deste olhar atento, temos agora que esta dissertação, produto de uma investida acadêmica, se estrutura da maneira apresentada nos parágrafos a seguir.

No capítulo intitulado “Design, materialidades, visualidades e normatividade”, irei refletir sobre como se dá a relação entre o design, o disciplinamento dos corpos em sociedade e a manutenção do sistema heteronormativo. Esse capítulo possui uma sessão na qual analisarei a retórica por trás de algumas peças de moda infantil da loja de departamentos C&A, tentando esmiuçar que o problema da divisão binária não reside apenas na distinção entre as cores “de menina” e as “de menino”, e que tampouco a solução para os problemas causados por esta divisão estaria em uma “liberação social” de todo o espectro cromático para todas as crianças (mas note: eu de fato penso que todas as crianças têm o direito de usar todas as cores que quiserem! No entanto, me interessa delimitar que o discurso que nos toca é outro, mais amplo. Ele se encontra na camada retórica. Afinal, não acredito que trocar, de rosa para azul, as cores de uma cozinha de brinquedo, mudaria o ensinamento que se oferece à criança que brinca com ela).

No capítulo intitulado “Os corpos desviantes e a Esdi”, narrarei minhas intervenções na escola ao longo destes 2 anos, descrevendo quais e como foram as atividades que propus e quais reflexões obtive com elas. Narrarei também como se estruturam as entrevistas que compõem a parte final deste projeto, realizadas com alunas e alunos da escola, e exploradas através dos eixos que constroem este estudo.

Ao final, buscarei refletir sobre como as possibilidades de *hackeamento* da heteronorma encontram nas condições materiais de vida e trabalho um empecilho decisório para suas viabilizações.



## 1 DESIGN, MATERIALIDADES, VISUALIDADES E NORMATIVIDADE

Neste capítulo, buscarei delinear as condições de hierarquia através das quais se desenham as relações de poder sob uma perspectiva de crítica da heteronormatividade. Se, para Foucault (1975), um corpo é esquadrihado através de normas assimiladas e performadas, então encontramos no design um materializador rico do arsenal necessário para elevar essas performances ao espectro material. O design, através de seus produtos e visualidades, cria as narrativas que, aliadas à ficção, religião, educação e outras instituições portadoras da mesma ideologia, irão declarar como naturais as diferenças comportamentais atribuídas a cada gênero. Seu ferramental, no entanto, vai além da oralidade do discurso e “provoca efeitos muito mais duradouros do que os produtos efêmeros da mídia porque pode dar formas tangíveis e permanentes às ideias sobre quem somos e como devemos nos comportar” (FORTY, 1986, p.12).

Como nos aponta Amiel Vieira (2018), a existência de outros corpos e identidades fora das imposições da heteronorma é natural, biológica e histórica.

Corpos como o meu – intersexo e transexual – têm resistido por séculos já diante deste universal impositivo heterocisnormativo. São corpos que, através de fissuras, e ainda que a margem e na fronteira da sociedade, têm procurado se posicionar perante um projeto en-gendrado de sociedade, agraciado pelo capitalismo, com a bênção do conservadorismo moral e religioso (VIEIRA, 2018, p. 482).

Se apoiando nesse conservadorismo, a nomeação dos gêneros se constrói na camada dos discursos culturais, assim como a nomeação de seus órgãos reprodutores e a atribuição de características comportamentais como inerentes a cada um. E os conflitos ocorrem justamente a partir daí: do momento em que esses discursos buscam naturalizar comportamentos distintos como sendo naturais e relativos a cada gênero. Sobre essa premissa repousa a distinção social dos papéis de gênero e a constante regulação social do corpo como um território de disputas políticas.

Como observa Silvia Federici, o corpo disciplinado necessário para a manutenção de uma classe proletária auto-reguladora não existia antes da transição do sistema feudal para o capitalismo industrial.

É apenas na metade do século XIX que se pode vislumbrar um trabalhador como este

– moderado, prudente, responsável, orgulhoso de possuir um relógio (Thompson, 1964), e que considera as condições impostas pelo modo de produção capitalista como “leis da natureza” (Max, 1909, t. I, o. 809) –, um tipo que personifica a utopia capitalista e que é o ponto de referência para Marx (FEDERICI, 2004, p. 244).

Aqui, cabe delimitar que o capitalismo industrial, provedor das materialidades em questão nesta seção, é um sistema que se desdobra em classes. Classes essas que constroem suas subjetividades em função de normas comportamentais que são constantemente repetidas na direção de padrões socialmente aceitos. As normas em jogo, ainda que não verbalizadas, atuam na construção das possibilidades de ser e estar no espaço urbano e a delimitação destes perímetros comportamentais pode ser facilmente observada dentro da perspectiva das questões relativas aos desvios da heteronorma.

Isso significa que, a partir da interpretação da genitália como um fator *a priori* da constituição do indivíduo, toda a identidade que se constrói subsequentemente deve remeter ao seu símbolo (genital) e informar as características que se associam a ele. Para trazer ao estudo um caso recente que exemplifica como esse imaginário ainda é vigente, faço uso da afirmação da atual “Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos” (sic), Damares Alves, de que “meninas vestem rosa e meninos vestem azul”. Ainda que tal afirmação, de tão simplória, pareça apenas uma reação conservadora em resposta ao avanço dos debates de gênero nas últimas décadas, merece atenção por ainda figurar no discurso público, pois da estipulação destes universos que se desdobram a partir de cada cor (o azul como lúcido e racional e o rosa como romântico e passivo) são delineados imaginários heteronormativos não dispostos a tolerar os desvios.

Ao inserir as palavras “Mulher e Família”, o próprio nome do Ministério (criado no atual governo para substituir o antigo “Ministério dos Direitos Humanos”) lança luz sob questões caras à atualidade dos debates sobre direitos humanos: que família é essa que merece um Ministério para protegê-la? Decerto que não são as famílias desviantes do padrão heteronormativo – aqui podemos imaginar qualquer formato que fuja do modelo constituído por um homem-pai e mulher-mãe, com suas respectivas filhas e filhos, que performem identidades também inclinadas a ocupar o papel de seus pais ou mães, de acordo com o gênero que lhes fora atribuído ao nascer. Assim, os meninos devem aprender com seus pais as atividades consideradas masculinas, enquanto as meninas devem receber de suas mães as noções básicas necessárias

para chegarem à fase adulta aptas a fazerem os papéis de mães, esposas e donas de casa, mantenedoras do lar.

Submetendo os escritos de Engels e Lévi-Strauss a uma análise feminista, Gayle Rubin apreende, através das relevantes contribuições de ambos, o quanto a noção de parentesco formará nossa noção vigente de “família” e o papel primordial que esta noção teve (junto com a sexualidade) “na transição do macaco ao ‘homem’”. Sobre a obra de Lévi-Strauss (“As estruturas elementares do parentesco”), Rubin observa que:

Trata-se do mais ousado esforço, realizado no século XX, de levar adiante o projeto do século XIX de compreender o casamento entre os seres humanos. O livro concebe explicitamente o parentesco como imposição de uma organização cultural sobre os fatos da procriação biológica. Ele é atravessado pela consciência da importância da sexualidade na sociedade humana. Ao descrever a sociedade, não pressupõe um sujeito humano abstrato e sem gênero. Pelo contrário, o sujeito humano na obra de Lévi-Strauss é sempre do sexo masculino ou feminino e, portanto, os destinos sociais divergentes de ambos os sexos podem ser traçados. Como para Lévi-Strauss a essência dos sistemas de parentesco pode ser identificada na troca de mulheres entre os homens, ele constrói uma teoria implícita da opressão sexual (RUBIN, 1993, p. 22).

A partir de suas análises das obras citadas e cruzando-as, também, com os estudos de Freud, Rubin nos propõe a existência de um sistema sexo/gênero, do qual me valho aqui para explorar o padrão normativo que atende a este sistema.

Um sistema sexo/gênero, numa definição preliminar, é uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas (RUBIN, 1975, p. 3).

Rubin, bem como Federici, não atribuem, entretanto, ao sistema de produção capitalista e a seu caráter acumulador a inauguração das opressões de gênero. Ao contrário, ambas exploram exemplos de relações hierárquicas de gênero em sociedades pré-capitalistas.

No entanto, se o capitalismo não inicia as relações de opressão sexual experimentadas em nossa época, é apropriado afirmar que ele resgata suas práticas e as sofisticas, de forma que qualquer corpo pensante com olhos atentos às questões sociais dessa época poderá perceber que este sistema é, por excelência, um sistema opressor no que diz respeito às relações de gênero. Fazer esta afirmação com as ressalvas que ela traz não busca isentar o modo de produção atual da natureza cruel



de suas ações, faço-o apenas como uma forma de expandir o debate, ao invés de fechá-lo na afirmação de que os meios de produção e reprodução do capital é que são os causadores das opressões de gênero que constituem parte do objeto deste estudo.

Essa investida pretende nos fornecer outras pistas. Para a manutenção de uma classe trabalhadora educada e conformada dentro de um sistema sexo/gênero produtivo aos olhos do capital, a heteronorma da qual trata este trabalho serve como uma ideologia que atende como um braço regulador uma classe proletária “produtiva”. Produtiva, aos olhos do capital, não significa apenas apta a trabalhar, mas apta também a gerar novos corpos proletários em situações socialmente vulneráveis. Corpos estes que, impelidos à urgência material de suas vidas, se sujeitarão a trabalhos precarizados em uma agenda neoliberal que entende o corpo dos pobres como uma máquina destituída de sua humanidade, portanto sem direito a “regalias sociais”, “regalias” estas que, para um corpo nascido nas classes sociais dominantes, seriam consideradas condições básicas de vida.

Pois, então, se a heteronorma é um adereço de caráter patriarcal que mantém conformada uma classe social, a mesma que fornecerá os corpos que se sujeitarão às condições mais precárias de trabalho na sociedade de consumo que habitamos, então, o quão estratégico seria afirmar que a família é, ela própria, o seio das opressões de gênero na qual o capitalismo silencia a maior parte das identidades desviantes da heteronorma?

Abramos agora essa perspectiva. Você, leitora e leitor que me leem, façam comigo um breve exercício: pensem nos exemplos de família à sua volta e se questionem: quantas delas são constituídas por um casal heterocentrado? E quantas delas fogem desse padrão? Se estamos situados em um mesmo espaço e tempo, certamente o cruzamento dos exemplos que você imaginou mostrará uma discrepância vertiginosa entre ambos.

Nos atendo às análises de Rubin sobre os escritos de Engels em sua obra sobre a “A origem da família” (1884), encontramos nas críticas empreendidas por ela uma aproximação interessante com o que nos propõe Paul Preciado em seu Manifesto Contrassexual (2014). Se a família parece ser o seio das opressões que vivemos e o meio no qual se reproduzem as relações de poder heterocentradas às margens das quais ficarão as identidades desviantes da heteronorma, então só um redesign das relações sociais em um nível profundo dentro dos tratos de parentesco poderia nos

dar a chance de reconstruir o formato da sociedade em um horizonte sem a exclusão de identidades desviantes da heteronorma.

Um redesign que, inclusive, exclua de seu cerne a necessidade de identificações identitárias que se deem a partir do gênero ou de orientações sexuais. Um redesign que entenda os corpos com a potência contranormativa que a ausência de rótulos possa possibilitar.

Vamos agora testar uma aproximação teórica que talvez soe inusitada. Já havíamos conversado inicialmente sobre este *hackeamento*. Em seu livro “Racismo estrutural”, uma contribuição preciosa aos debates raciais da atualidade, Silvio Almeida (2019) nos mostra que, ainda que negada sua verdade biológica, a noção de raça ainda se coloca como um conceito útil para o entendimento de determinadas violências baseadas neste critério.

Ainda que hoje seja quase um lugar-comum a afirmação de que a antropologia surgida no início do século XX e a biologia – especialmente a partir do sequenciamento do genoma – tenham há muito demonstrado que não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de *grupos sociologicamente considerados minoritários* (ALMEIDA, 2019, p. 31).

A assunção de que, embora criado na camada dos discursos políticos, o conceito de raça é importante para se debater as violências das quais são refém os grupos identificados a partir deste demarcador (falo aqui dos grupos que fogem ao padrão branco), me faz estender esta noção da identificação material dos corpos para o âmbito dos gêneros. Se os gêneros binários (assim como suas imposições heteronormativas) são uma ficção discursiva, assumir sua existência como demarcadores sociais é urgente para a disputa de políticas públicas de proteção e de amparo aos corpos dissidentes da heteronorma.

Ao longo de suas análises sobre a produção sociológica no que tange as questões relativas ao racismo, Almeida explora, de maneira histórica, as diferentes concepções de racismo.

Apontando esta distinção entre os entendimentos como uma das principais contribuições de seu livro, por poderem “servir como meios para que aspectos importantes da realidade concreta possam ser desvendados”, Almeida nos contempla com a definição de três diferentes concepções de racismo, bem como com a análise das contribuições e dos riscos, quando é o caso, que cada uma dessas compreensões

possa vir a ter. Estas três concepções são: individualista, institucional e estrutural.

A concepção individualista, como o nome sugere, aponta para uma responsabilidade individual sobre a reprodução do racismo, bem como para um caráter psicológico de sua origem. Desta forma,

...não haveria sociedade ou instituições racistas, mas indivíduos racistas, que agem isoladamente ou em grupo. Deste modo, o racismo, ainda que possa ocorrer de maneira indireta, manifesta-se, principalmente, na forma de discriminação direta. (ALMEIDA, 2019, p. 36)

O pensamento empreendido por esta concepção entrega ao indivíduo, em um âmbito pessoal, a incumbência de sanar um problema em um nível micro, negando a existência de fatores históricos que possibilitaram a criação e a posterior manutenção de um *status quo* racista. Esta concepção é limitada na medida em que impede uma percepção mais ampla do problema e não admite nem permite a análise de uma sociedade racista.

Já na concepção institucional, o racismo não mais se resume a comportamentos individuais, mas é percebido como resultado do funcionamento das instituições. Nesta visão percebe-se o exercício do poder e do racismo como forma de dominação (Ibid. p. 30) a partir da identificação da hegemonia dentro das instituições sociais. Nesse sentido, Almeida argumenta a partir de Charles V. Hamilton e Kwame Ture que as instituições operam no sentido da “formulação de regras e imposição de padrões sociais que atribuem *privilégios* aos brancos ou a grupos raciais específicos” (HAMILTON & TURE, 1967 apud Almeida, 2019 p. 35, grifo do autor). O autor admite que essa visão é um avanço nos estudos sobre o racismo para além da percepção individualista, mas ainda é limitada, uma vez que condiciona a existência do racismo à existência das instituições.

Apontando a concepção institucional de racismo como uma forma “menos evidente, muito mais sutil, menos identificável em termos de indivíduos que cometem os atos” (2019, p. 43), Almeida aponta para o caráter disciplinador e para o impacto que esta modalidade terá na construção dos sujeitos, tendo em vista que as “instituições moldam o comportamento humano, tanto do ponto de vista das decisões e do cálculo racional, como dos sentimentos e preferências” (Ibid. p. 39). E adiciona:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da

sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos (ALMEIDA, 2019, p. 40–41).

A concepção estrutural, que é a que me interessa discutir aqui por entendê-la como uma aproximação estratégica como o tema deste estudo, questiona a concepção individualista e vai além do fato de que “as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e manutenção da ordem social” (Ibid. p. 36). É exatamente sobre a existência dessa ordem social que as instituições procuram resguardar que se entende o conceito de estrutura, central na concepção do racismo estrutural. Nesse sentido, o próprio racismo institucional é parte dessa estrutura, ou seja, nessa concepção *“as instituições são racistas porque a sociedade é racista”* (Ibid. p. 36, grifo do autor). Desta forma, Almeida faz um movimento crucial ao afirmar que o racismo

Não é algo criado pela instituição, mas é por ela reproduzido. Mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por inúmeros conflitos – de classe, raciais, sexuais etc. –, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito. Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade (ALMEIDA, 2019, p. 48).

A partir dessa última concepção proposta por Almeida, me dedico a pensar a heteronormia como um problema igualmente estrutural. Proponho esta associação por entender que sua manifestação não se dá, como no caso do racismo, em um âmbito individual isolado, mas como sintoma de uma estrutura social que prevê comportamentos heteronormativos em massa. O fato das instituições também serem, em sua maioria, dominadas por “homens brancos” (acrescento aqui que não basta ser branco, é desejável que se seja heteronormativo e proveniente das elites econômicas), também será um sintoma da hegemonia que identificamos na sociedade na qual se realiza este estudo. Registro: uma hegemonia masculina, branca, heteronormativa e das elites econômicas.

## 1.1 Design como agente diferenciador

A partir do momento em que o design se torna um campo de produção em massa, os discursos e declarações implícitos em suas formas passam a ser distribuídos também em larga escala. Esses discursos vão ser responsáveis por levar objetos com a mesma linguagem para diferentes regiões geográficas e criar, em âmbitos nacionais e internacionais, imaginários e proposições de como ver, perceber e interagir com o mundo, configurando, portanto, que cada design é uma declaração.

Por estar inicialmente associado à escala industrial ou às comunicações visuais com aspirações cognitivas e pretensões universalizantes, o design se colocava inicialmente à serviço da indústria e constantemente era associado à entrega de materializações.

A afirmação, exaustivamente utilizada pelos times de branding e marketing na última década, de que o design “agrega valor ao produto/serviço”, lança luz sobre os aspectos do design que estão em jogo no imaginário coletivo ainda vigente no recorte deste estudo. Na frase, o design aparece como um algo a mais ou, ainda que lendo com bons olhos, como um processo pelo qual passa um produto/serviço para ser melhor avaliado entre seus concorrentes de mercado. Podemos, a partir disso, apreender que umas das agendas por trás do design é aumentar a percepção de valor de um produto/serviço em um contexto de consumo competitivo. Notamos, então, um potencial discursivo com uma finalidade bem delineada na aplicação do campo: o de valorização de produtos e serviços. Me interessa, nesta seção, voltar a atenção para o aspecto materializador do design, na intenção de apreender como seu potencial criativo atua não somente na camada material, mas se coloca a partir dela como uma camada subjetiva, delimitando subjetividades em massa e prospectando uma ampla vitrine de códigos e símbolos com os quais constituiremos nossa identidade, estando estes códigos e símbolos dispostos em uma escala hierárquica de valores onde alguns valem mais e outros menos.

Avançando nesta análise, proponho que as experiências sociais de cada corpo irão variar a partir da intersecção de signos que cada um traz consigo. Nesse sentido, é urgente registrar que alguns corpos, por desviarem dos padrões normativos vigentes, recebem diariamente declarações reprovadoras e sofrem ataques físicos.

Para exemplificar a questão no recorte das violências que interessam a este estudo, neste ano de 2019, o Brasil registrou 126 homicídios de pessoas hetero desviantes, considerando apenas as ocorrências de janeiro a 15 de maio, segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB). Este dado reafirma que, apenas por performarem uma identidade desviante da heteronorma, alguns corpos correm risco de morte diariamente em suas experiências sociais.

Por meio das noções de masculinidade e feminilidade, que não se referem a diferenças biológicas, mas a convenções sociais (FORTY, 1986), percebemos o quanto o design pode, através de sua agenda de diferenciação estética, criar sugestões comportamentais em que se naturalizam diferenças de gênero como sendo inerentes. Em sua análise sobre os canivetes oferecidos pela Montgomery Ward em 1895, Forty assinala que os 131 modelos disponíveis se dividiam em 4 categorias: “para senhoras”, “para homens”, “para meninos” e “para homens, pesados e de caça”. Apesar de apresentarem funções semelhantes, os modelos disponíveis na categoria “para senhoras” eram menores em comparação aos demais, apresentavam ornamentos e possuíam cabos perolados ou brancos, características que sugerem mais delicadeza e aplicação em trabalhos de menos impacto. Na direção oposta, os produtos deste segmento destinados ao público masculino, além de mais robustos e com um maior número de lâminas, possuíam, em muitos casos, cabos de chifre. Desta análise, notamos que, apesar das possíveis proximidades em suas utilizações, os canivetes, no geral, buscavam incorporar, através de detalhes estéticos, características que extrapolavam suas funções principais, podendo também ser identificados com adjetivos que se conectavam com as performances de gênero esperadas de cada público-alvo.

Ao analisar as críticas arquitetônicas através das adjetivações de gênero das quais se utilizavam para construir seus argumentos, Forty observou, ainda, a construção de uma noção que, alinhada aos moldes patriarcais, prospectava as características tidas como masculinas como superiores às femininas e sinalizava sua capacidade de ecoar em uma camada de construção de pensamento que independe de pistas ou enunciações explícitas, posto que mesmo que as metáforas de gênero já não sejam parte usual da linguagem dos críticos, as distinções de gênero ainda parecem estruturar nossas maneiras de pensar. A ausência das metáforas não significa que a distinção tenha deixado de existir (FORTY, 1996).

Para Forty, a agenda modernista e sua pretensa isenção de discursos veio a

consolidar características ditas masculinas, cristalizando-as como um estilo clássico e irrefutável. Ou seja, o modernismo falhou em suas intenções sociais de prospectar o neutro como uma nova ordem: “Quero sugerir que o conceito de ‘forma’, da maneira como foi empregado pela maioria dos modernistas, é masculino, um ideal masculino” (FORTY, 1996).

No campo das linguagens e sob a luz das análises semiológicas, Barthes entende que o design, em especial o de moda, funciona como uma espécie de declaração de signos e regras, do qual se faz imprescindível notar que

...a língua da Moda não emana da “massa falante”, mas de um grupo de decisão, que elabora voluntariamente o código, e, de outro lado, que a abstração inerente a qualquer Língua está aqui materializada sob forma de linguagem escrita: o vestuário de moda (escrito) é Língua no nível da comunicação indumentária e Fala no nível da comunicação verbal (BARTHES, 1964, p. 28–29).

Mais uma diferenciação feita através do design pode ser percebida pela análise da história da indumentária infantil, na qual notamos que nem sempre a moda se dedicou a pensar trajes especiais para esta fase da vida. Tal lacuna está relacionada com os diferentes entendimentos que se teve da infância ao longo da história. O conceito de infância percebida como uma etapa de formação psicológica e identitária é um conceito que data do século XVII, durante o período iluminista. Nessa época, o design do vestuário também foi de essencial importância para a criação da diferenciação entre as categorias de adulto e criança e pode ser compreendido como uma prova tácita da mudança na atitude com relação a esta etapa da vida. Percebemos, então, o potencial discursivo do design em empreender ideais ao torná-los visíveis e diferenciáveis entre si. A partir de então, a moda se prestou a entregar ao público infantil peças especiais, cada época com seu estilo próprio. No recorte deste estudo, o foco se volta para a contemporaneidade brasileira, onde o cenário de consumo em redes de *fast fashion* abrange todo o território brasileiro, contribuindo, portanto, para a construção de imaginários ideológicos dos papéis de gênero a partir da infância e em nível nacional.

Ao longo da história, homens e mulheres sempre usaram roupas diferentes e, mesmo quando as mulheres começaram a usar calças, ou quando a moda “unissex” apareceu na década de 1960, a convenção, apesar da interferência temporária, nunca esteve em sério perigo de ser abandonada. Entre as maneiras possíveis de classificar as roupas, como por classe, idade ou raça do usuário, o sexo é a primeira e a mais comum na história do vestuário, pois, ainda que o design das roupas usadas por homens e

mulheres tenha mudado, os trajes masculinos, em qualquer tempo e em qualquer lugar, quase sempre foram instantaneamente reconhecidos como diferentes dos femininos (FORTY, 1986).

O caráter agenciador do design nos aspectos de gênero se encontra na confusão de conceitos que se cria a partir do momento em que, conforme aponta Forty, as características atribuídas ao feminino e ao masculino se tornam palpáveis e, a partir de então, se legitimam como marcadores biológicos de agendas comportamentais que trazem um código de conduta previsto para cada gênero, regulamentado por um complexo conjunto de sanções destinadas aos corpos que desviarem dos padrões performáticos previstos. As diferenças narrativas da masculinidade e da feminilidade parecem ter encontrado na expansão do design como agente de consumo um potencializador apto a pacificar qualquer dúvida quanto à naturalidade das diferenças binárias de gênero.

O design, capaz de dar forma às superfícies com as quais nos vestimos ou aos objetos com os quais nos relacionamos e eventualmente nos expressamos, extrapola os limites de seus primeiros porquês, expande seu alcance funcional e passa a atuar como um diferenciador social capaz de sinalizar discursos visualmente sem a necessidade de verbalizá-los. Esta capacidade repousa hoje sobre um histórico de séculos de construção de pensamentos autorreguladores dentro de uma perspectiva naturalizante das diferenças de gênero.

Para além da romantização dos corpos infantis, os símbolos discursivos presentes em toda a cultura material se prestaram a educar gerações que cresceram dentro de uma lógica que conforma imaginários para atender a papéis que mantenham a atual divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres fazem gratuitamente as tarefas reprodutivas e domésticas, necessárias para a preservação do sistema capitalista.

Apontando o capitalismo como um sistema essencialmente masculinista (isto é, que favorece homens em detrimento de mulheres), Federici sustenta que o entendimento do que era o corpo precisou ser redesenhado na transição do feudalismo para o capitalismo – transição esta que enfrentou dura resistência de uma classe proletária ainda não habituada ao trabalho assalariado.

...a burguesia estabeleceu uma batalha contra o corpo, que se converteu em sua marca histórica. De acordo com Max Weber, a reforma do corpo está no coração da ética burguesa porque o capitalismo faz da aquisição “o objetivo final da vida”, em vez de



tratá-la como meio para satisfazer nossas necessidades; para tanto, necessita que percamos o direito a qualquer forma espontânea de desfrutar a vida (Weber, 1958, p. 53). O capitalismo tenta também superar nosso “estado natural” ao romper as barreiras da natureza e ao estender o dia de trabalho para além dos limites definidos pela luz solar, dos ciclos das estações e mesmo do corpo, tal como estavam constituídos na sociedade pré-industrial (FEDERICI, 2014, p. 243).

O entendimento do corpo como uma máquina à serviço do trabalho caracterizou o deslocamento necessário para a implementação de uma nova classe proletária autorreguladora. Paralelo a este projeto de poder do capital, instaurou-se também a mentalidade da superioridade masculina, posteriormente retomada, segundo Forty (1996) pelo ideal modernista, por consequência da valorização de características como objetividade, capacidade de domínio das emoções, força, coragem e economia formal, em detrimento da construção de um imaginário feminino relacionado com a sensibilidade, fragilidade e excesso ornamental. Se, para Marilena Chauí (1980), ideologias são conjuntos de ideais utilizados para manipular e manter grupos sociais agindo sob determinada crença em função de manter determinado sistema, então podemos concluir que vivemos hoje sob as rédeas de uma ideologia de gênero que prevê, com a capacidade de tolerar pequenos desvios que não ameacem a heteronorma, uma série de comportamentos sociais para cada corpo em função do gênero que lhe foi atribuído ainda antes de seu nascimento.

Para corresponder a um imaginário de superioridade masculina, o design veio formalizando, através da repetição de símbolos e discursos visuais, as diferenças que deveriam corresponder esteticamente àquelas prospectadas como naturais de cada gênero. Tal esforço, ainda que inconsciente por parte da classe responsável pela criação destas materialidades, resultou em uma ideologia binária de gênero autorreguladora e facilmente identificável no recorte deste estudo.

## **1.2 Um estudo de caso na moda infantil**

Ao introduzir esta seção, faço-o com a narração da cena que me trouxe às presentes reflexões. Certa vez, acredito que entre 2018/2019, ao caminhar por uma rua do bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, me deparei com uma cena que

me pareceu bastante sintomática, e que acredito nos fornecer pistas para adentrar nas análises que faremos a partir de agora. Trata-se de uma cena normal, não fosse analisada por um prisma crítico da heteronormatividade: um homem, aparentando ter entre 35 e 40 anos, andava pela calçada do bairro de mãos dadas com uma garotinha que, acredito, devia ter entre 4 e 6 anos. Presumi que ele fosse o responsável pela garotinha, que voluntariamente caminhava ao seu lado, esticando um de seus bracinhos para alcançar a mão do homem. A outra mão dele estava livre, enquanto a outra mão da menina não. Ela carregava consigo uma boneca que simulava uma pequena menina. Esta boneca era menor do que ela, devendo ter pouco mais de 1/3 de seu tamanho. Eu teria passado pela cena inadvertidamente, não fosse um “acidente” que me fez refletir: a boneca que ela carregava, com algum esforço, em certo momento caiu de seu colo, ao que ela foi prontamente advertida pelo homem que a conduzia: “Ei! Sua filha! Olha sua filha! Você deixou sua filha cair!? Que tipo de mãe é você, *cara*?” Prontamente, a menina se recompôs, ajeitando novamente a boneca em seu colo e seguindo seu caminho. Ela e “sua filha”.

Pretendo, a partir desta análise, delinear as maneiras através das quais o design, assim como os discursos dos quais ele é impregnado, atua como um delineador das performances de gênero, no sentido de fazer a manutenção de sua binariedade, tão necessária em um sistema de poder que prevê papéis específicos para cada corpo a partir de seu gênero.

A investigação do tema proposto pretende explorar os alcances do design que configuram agenciamentos desviantes dos que em geral esperamos, em função de sua herança modernista, ou seja, para além de suas performances funcionais e pretensamente “neutras”, lançando luz sobre os efeitos retóricos que seus discursos são capazes de promover. O design, em seu campo ampliado, é aqui percebido através dos alcances sociológicos que suas materialidades são capazes de agenciar e das sugestões de subjetividades e comportamentos que ele é capaz de sugerir aos seus usuários.

Para a análise das diferenças discursivas centrais para este estudo, delimito um recorte de produtos contemporâneos: a rede de lojas C&A foi a escolhida para a investigação das peças e de suas diferenças discursivas. A escolha desta marca se dá com base, também, em critérios de classe. A loja em questão volta-se especialmente para os públicos das classes C e D. Assinalar isso significa dizer que estou ciente da existência de marcas voltadas para classes mais altas com produtos

e roupas que se dizem agênero. Ou seja, os filhos e filhas daqueles e daquelas com condições financeiras melhores talvez possam vir a escolher que universo discursivo explorarão ao longo da infância. As crianças provenientes de famílias de classes mais baixas, no entanto, provavelmente não terão esta opção.

Analisarei, a partir de agora, a binariedade das atmosferas sugeridas pela moda para cada corpo e como elas materializam e delineiam o que Rubin (1975) chama de “sistema sexo/gênero”. A metodologia de análise, com base na semiologia de Barthes, consiste na observação dos elementos de design utilizados em cada peça e no tipo de discurso que se cria através de suas narrativas visuais, apurando em que níveis esses discursos se diferenciam e que recursos são utilizados para tais categorizações.

Proponho que a presente seção deva ser, doravante, apreciada como uma peça, datada e situada, como um movimento que trabalhe para a emancipação da classe de designers das ideias de naturalização das características consideradas inerentemente masculinas e femininas, a fim de somar esforços que possibilitem outras visões no que diz respeito às perspectivas de gênero experimentadas no contexto deste estudo.

Ao adentrar a loja mencionada, percebo, em um primeiro momento, uma notória diferença cromática entre as duas seções (figuras 3a e 3b).

Figura 3 – Seção infantil da loja de departamentos C&A



(a)



(b)

Legenda: (a) – Seção infantil feminina na loja de departamentos C&A; (b) – Seção infantil masculina na loja de departamentos C&A.

Fonte: o autor (2019).

A paleta cromática predominante no setor voltado para meninas é composta por tons de rosa, vermelho e suas variações. Já no setor destinado aos meninos, figuram cores como o cinza, o azul e os tons de terra. Em comum, ambas apresentam peças em amarelo.

Para além da patente diferença cromática, os tipos de estampa também trazem diferenças simbólicas que narram atmosferas onde cada corpo acessa um leque de personagens possíveis identificados a partir de seus gêneros. Nesse sentido, as estampas funcionam como uma sugestão ideológica de como a criança deve se portar para se associar e performar se assemelhando a estas sugestões.

Na seção voltada ao público infantil masculino, os elementos mais frequentemente observados remetiam à atmosfera marinha (com referências *navy*, tubarões e peixes – figura 4a), à atmosfera natural (como selvas e galáxias) e a personagens de histórias de super-heróis (figura 4b). Os discursos evidenciados pelas estampas se passam em ambientes de aventura. O fio condutor aponta sempre para a exploração e para o caráter ativo da criança inserida nesta narrativa. Em algumas peças, a reprodução de um estilo social adulto, como minicamisas de botões e bermudas de alfaiataria (figura 4c), se apresenta como uma forma sutil de conformar o comportamento na direção de uma postura considerada ideal e masculina na fase adulta.

Figura 4 – Roupas infantis masculinas



Legenda: (a) – estampa infantil masculina com referência ao universo marinho; (b) – estampa infantil masculina com referência a histórias de super-herói; (c) – roupa infantil masculina simulando peça de alfaiataria.

Fonte: o autor (2019).

Na seção destinada ao público infantil feminino, a diferença de acabamentos é notável. Enquanto o vestuário voltado para meninos é mais enxuto em materiais, o feminino se utiliza de maior variedade de texturas e tecidos, como babados sobrepostos, brilhos e rendas aplicados sobre o tecido (figuras 5a, 5b e 5c), além de um caimento mais justo que delinea o corpo feminino infantil na direção de uma silhueta mais acinturada. A narrativa das estampas sugere contos de fadas e histórias de princesas. O discurso narra como natural o papel delicado e cuidadoso da menina, que é sugestionada a se comportar de forma passiva, domesticada e, portanto, menos exploradora.

Figura 5 – Roupas infantis femininas



Legenda: (a) e (b) – vestidos infantis femininos com babados e sobreposições de diferentes texturas de tecidos; (c) blusa infantil feminina com estampa de garota e estrelas.

Fonte: o autor (2019).

Desta forma, podemos entender que as características simbólicas e discursivas presentes na linguagem da moda infantil analisada funciona como uma declaração patente daquilo que se espera dos corpos que a vestirem. É válido lembrar, no entanto, que o design, por estar englobado em uma teia complexa de outras atividades, não é responsável por construir sozinho a cultura heteronormativa.

Desta diferença discursiva, notamos que as peças passam por um processo de incorporação semântica, onde suas funções se aliam a uma carga simbólica, prospectando subjetividades binárias e heteronormativas em massa.

Após a análise exemplificada das peças e das diferenças discursivas entre os produtos destinados para cada público de acordo com o gênero, concluo que, ainda que sem esta intenção definida em briefing, as materializações finais da coleção analisada se prestam a conformar pequenos corpos em modelos que deverão ser obedecidos ao longo do desenvolvimento e durante a fase adulta. Esta conformação ocorre em uma fase em que a criticidade da criança ainda é um campo de disputa moldável e prontamente delineado pelos interesses de um sistema político-sexual. Estes interesses, vale ressaltar, se dão antes na camada dos discursos ideológicos do que na simples definição de paletas cromáticas. Isso significa dizer que não bastaria inverter as paletas cromáticas propostas para cada gênero. Pouco importa se os meninos estiverem liberados para usarem todas as cores e se as meninas também desfrutarem de tal liberdade, se as sugestões e as capacidades cognitivas incentivadas para cada um a partir de seus gêneros se mantiverem opostamente distantes, como experimentamos hoje. Voltando ao exemplo do início desta seção, proponho que ignoremos as cores das roupas da garotinha citada, bem como as cores das roupas de sua boneca. O que importa ali são as características de cuidado e maternidade que esta menina está sendo convocada a desenvolver. As cores de seus acessórios são secundárias.

Na superfície do design, todos os artifícios da linguagem visual se encontram e são nivelados a partir da exigência mínima da visualidade. Isto é, ilustração, paletas cromáticas, texturas, imagens fotográficas sem tratamento prévio, imagens manipuladas por software e quaisquer outros recursos gráficos podem facilmente figurar em uma mesma embalagem, peça gráfica, peça de vestuário, capa de revista etc. A partir do momento em que estes recursos são nivelados, são capazes de construir narrativas visuais que irão servir como declarações de ambiências e subjetividades possíveis para quem puder consumi-los ou tão somente observá-los. Por exemplo, o fato de uma criança não ter recursos próprios para adquirir a revista cuja capa observa em uma banca de jornal, não a impede de construir expectativas ou imaginários com base nas imagens ali estampadas.

Como vimos, se as narrativas visuais presentes na moda infantil acabam por esquadrihar os pequenos corpos na direção de comportamentos tidos como ideais

para cada gênero, a comunicação visual dos produtos de uso pessoal e de peças publicitárias em geral, na fase adulta dos corpos, fará o papel de manutenção desses imaginários. A veiculação desses discursos prospecta uma visão de mundo, cria uma verdade que, pelo instante do contato com a veiculação, se legitima pela materialidade. O discurso apreendido a partir de cada narrativa, no entanto, perdura para além desse contato, onde, situado em um arranjo complexo de outras comunicações, símbolos e declarações, será, ele mesmo, o constituidor de um imaginário coletivo que apresenta bases comuns, apoiadas sobre um acervo de veiculações prévias que reproduzem esse mesmo ideal heteronormativo.

### 1.3 A retórica do neutro

Ao entendermos que o binarismo dos discursos feminino/masculino reforça padrões heteronormativos, corremos o risco, em algum nível, de tentar solucionar o problema através da proposição de uma narrativa que favoreça o que entendemos por “neutro”, outra ficção discursiva com efeitos retóricos que merecem ser analisados.

Para Kinross (2014), retórica é a “arte de usar a linguagem para persuadir ou influenciar os outros”. Se assumimos, portanto, que a retórica visual se constitui no campo do convencimento formal, independente do conteúdo prospectado, teremos então que ela pode ser percebida como um fator capcioso, que, podendo ser utilizado para finalidades distintas, se presta a reforçar ou dissimular mensagens em um nível mais complexo de se mensurar do que o das linguagens escritas: o nível da cognição e dos referenciais semióticos.

Historicamente, o termo “neutro” vem sendo utilizado para prospectar uma série de conceitos e normas que caracterizam um dos estilos estéticos presentes no imaginário consumista. Apesar de não trabalhar com marcadores engessados, o termo ainda permeia os argumentos relativos à forma e estilo em projetos de ambiente, comunicação visual e moda agênero.

Analisando as diagramações de diferentes propostas gráficas para planilhas de linhas de trem em 1984, Robert Kinross, em suas investigações práticas sobre retórica visual, acessou um campo de possibilidades semânticas do qual empresto as

problematizações acerca do poder de convencimento e potencial argumentativo da imagem: “A informação ‘pura’ existe na cabeça do designer apenas em uma abstração árida. Assim que ele começa dar à ela uma forma concreta, para trazê-la ao alcance da experiência, o processo de infiltração retórica começa” (KINROSS, 1985, p. 18).

Kinross reflete sobre o quanto o design de informações, diferente de uma perspectiva modernista que se pretende isenta de construções ornamentais, consegue ou não ser neutro em seus desdobramentos gráficos. Ao nos basearmos nessas reflexões, temos que nenhuma peça, seja ela gráfica ou um produto, consegue ser neutra. Até aquelas que se pretenderem como tal não o conseguirão, pois estarão dissimulando em algum nível suas intenções por trás de uma performance comunicativa, e isso, por si só, já servirá como um indício ideológico de sua origem ou de seu posicionamento enquanto objetivo político (isto é, toda produção de design é uma peça em condições tempo-espaciais de estabelecer correlações com o meio social onde se aloca).

Em uma revisão bibliográfica sobre o tema da neutralidade, no artigo “Linguagem e Design: sobre a impossibilidade de neutralidade da informação”, Bárbara Emanuel e Ricardo Artur Pereira de Carvalho (2015) apuram que o termo “neutro” até então tem figurado nas discussões acadêmicas com certa credibilidade, sendo ainda utilizado para julgar elementos como famílias tipográficas ou paletas cromáticas. No entanto, através do cruzamento dos critérios dos artigos que se utilizam do termo, esses elementos da comunicação visual não podem ser normatizados sob a luz de atributos técnicos, já que as diretrizes para a constatação de tais “neutralidades” se baseiam em padrões pouco consistentes e variáveis.

Em “Retórica da Imagem” (1964), Barthes, ao analisar a embalagem de uma massa de origem italiana, eleva a análise retórica ao nível da construção de discurso como um aparato da máquina publicitária e, assim, destrincha todos os signos não-verbais presentes na embalagem analisada. Ao fazê-lo, notamos o quanto a utilização de cada elemento trabalha em favor de uma conotação ampla que enaltece o produto. Sua percepção é alterada, ampliada e alcança um processo de adjetivação para além da atribuição de suas características técnicas. Isto porque, como podemos imaginar, nossa percepção sobre um montinho de macarrão solto sobre uma mesa é diferente da nossa percepção do mesmo produto, sobre a mesma mesa, estando, no entanto, dentro de uma embalagem. O macarrão em sua embalagem traz consigo uma série de informações textuais que agregarão ao produto uma declaração de uso. No



entanto, estas informações não são estritamente técnicas. Elas se aliam ao discurso visual da embalagem e criam um campo de comunicação que se dá na superfície do design, prospectando técnica e semanticamente a atmosfera da qual aquele produto vem e, de alguma forma, como deve se comportar seu usuário/consumidor.

Como os projetos de produto e comunicação gráfica estão diretamente ligados às visualidades de suas veiculações, os elementos presentes em suas linguagens estarão sempre passíveis de uma análise sensível, na busca da apreensão de seus discursos. Desta forma, entendo que o termo “neutro” é, antes, um estilo estético impregnado de significados do que uma ausência de declarações ou projeções ideológicas.

O ano no qual esta parte do estudo se realiza, 2019, coloca-o agora num patamar para uma investigação mais crítica. Se anteriormente analisamos os sistemas argumentativos que permeiam a produção das peças de moda infantil, podemos agora refletir sobre uma possível resposta da indústria da moda. O termo “neutro” ganhou, nas últimas décadas, um novo fôlego, atravessado pelas reivindicações heterodesviantes, na recusa dos discursos binários de gênero. A inconformidade destes discursos com a pluralidade de subjetividades para além da heteronorma injetou ao imaginário do “neutro” um novo ânimo argumentativo: o de que uma estética que fuja dos padrões de masculino/feminino é possível. E não somente, como é também uma possibilidade de se resistir incorporando as reivindicações da parcela heterodesviante.

Acontece que pensar o neutro seria, em algum nível, criar uma ficção discursiva que também normatizaria novas performances esquadrihadas. O problema com o neutro na moda é que, apesar de parecer bem-intencionado, ele acaba por assumir, na maioria dos casos, características mais associadas ao universo masculino, sugerindo uma possível misoginia estrutural na construção das peças. Isso porque parece existir na moda uma regra delimitada de que o acervo masculino recebe muito menos influência do feminino, que, por sua vez, se vê mais livre a negociar com signos de ambos os universos. O masculino então, mantém-se estático sob diretrizes menos maleáveis.

O discurso de neutralidade, ainda tão presente no pensamento de design, é, simultaneamente, um impeditivo em potencial de sua atuação e um objeto político. Portanto, se faz urgente romper com esse inconsciente que favorece a noção de neutro para dar vez a uma execução de projeto consciente de seus agenciamentos.

Sendo o design um ofício original da modernidade (FORTY, 1987), ele traz em seu DNA uma agenda comportamental para o mundo em que se coloca. Ele não é, portanto, só um projeto de objeto ou de visualidade, despido de intenções ou neutro por excelência. Ele é, antes, uma forma de propor, de ensinar e de sugerir como devemos viver parte das nossas vidas. Assumir esta capacidade propositiva é crucial para a prática de um design que se saiba e se assuma como potencial político.



## 2 OS CORPOS DESVIANTES E A ESDI

O presente capítulo tem por objetivo narrar momentos decisivos do meu corpo pesquisador durante os dois anos de exercício acadêmico no PPD-Esdi. Assumo meu corpo como uma condição da pesquisa. Afinal, se esta pesquisa aconteceu, foi porque meu corpo e pessoa a conduziram.

Ao longo das próximas páginas, apresentarei o trabalho de campo feito em três momentos distintos. Inicialmente, narrarei a oficina realizada na Semana Design Esdi 2019, intitulada de “Como *hackear* a heteronorma?”, e o workshop “Proteja seu Freela”, realizado também na escola, assim como as motivações para sua organização. Posteriormente, analisarei as entrevistas realizadas com o corpo discente da escola, feitas em função da necessidade acadêmica de oficializar neste projeto os relatos ouvidos nos corredores da escola ao longo da pesquisa e da minha atuação como estagiário docente.

O estágio docência, obrigatório para a conclusão do curso de mestrado, me colocou em contato próximo com uma turma de calouros da graduação, tendo a oportunidade de identificar questões recorrentes entre as(os) alunas(os), me sensibilizando com elas e trazendo-as para dentro da pesquisa.

Interessado pela proposta da disciplina que escolhi como lócus do estágio e pela maneira como era conduzida pela professora, decidi estender minha participação como estagiário docente para além das 15 horas-aula exigidas pelo PPD-Esdi. Por fim, acompanhei a maior parte do primeiro semestre de aulas, de 03 de abril a 03 de junho, período que gerou um relatório detalhado sobre cada aula observada. Após o término do primeiro semestre do segundo ano da pesquisa e com seu cronograma caminhando para a reta final, tive a oportunidade de propor uma atividade na Semana Design Esdi 2019, que ocorreu em setembro daquele ano.

A oficina foi planejada junto ao meu orientador durante as reuniões de orientação. Nestes encontros, expus a ele minha vontade de propor alguma atividade que colocasse em xeque, diante do público participante, as narrativas de gênero e de normatividade tidas como naturais no nosso recorte sociocronológico. Primeiramente, imaginei que, por abordar produtos e visualidades, seria interessante que estas materialidades das quais falava pudessem ser vistas pelas(os) participantes. Para dar conta disso, definimos que eu usaria imagens destas peças. Após uma pesquisa

virtual sobre produtos de design que continham discursos heteronormativos ou desviantes, selecionei 30 imagens para serem escolhidas e analisadas pelos participantes, algumas das quais reproduzo abaixo:

Figura 6 – Imagens utilizadas na oficina: editoriais



(a)



(b)

Legenda: (a) capa de revista voltada para o público feminino; (b) – peça publicitária com a temática “Novembro Azul”, acerca da conscientização masculina sobre o cancro de próstata.

Fonte: Google Images.

Figura 7 – Imagens utilizadas na oficina: anúncios



(a)



(b)

Legenda: (a) – anúncio com ênfase no lançamento de cervejas voltadas para o público feminino; (b) – logotipo da barbearia “Macho Arretado”.

Fonte: Google Images.

Figura 8 – Imagens utilizadas na oficina: brinquedos



Legenda: (a) – cozinha de brinquedo infantil em tons predominantes de azul e verde; (b) – bonecos de brinquedo simulando super-heróis.

Fonte: Google Images.

Figura 9 – Imagens utilizadas na oficina: brinquedos/acessórios infantis



Legenda: (a) – imagem publicitária de um menino em um caminhão de brinquedo; (b) – mochila infantil em tons de rosa e com estampas de uma menina segurando um gato.

Fonte: Google Images.

Figura 10 – Imagens utilizadas na oficina: materiais e publicidades



(a)

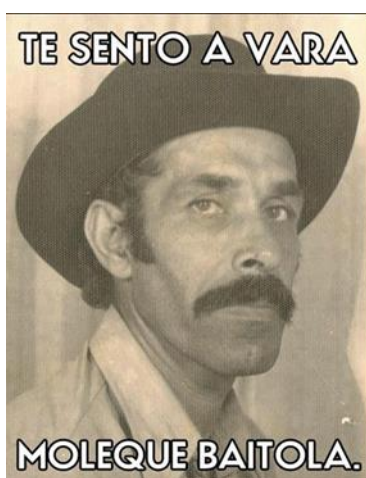


(b)

Legenda: (a) – materiais de papelaria em tons de rosa e com estampas de flamingos e unicórnios; (b) – peça publicitária de desodorante voltada para o público masculino.

Fonte: Google Images.

Figura 11 – Imagens utilizadas na oficina: memes



(a)



(b)



Legenda: (a) – meme “Te sento a vara moleque baitola”; (b) – meme “Não é fobia, é ciência”.  
Fonte: Google Images.

A atividade tinha como objetivo acessar relatos pessoais que evidenciassem como a heteronorma, materializada através do design, atuou como um agente decisivo nas histórias de vida de cada participante. Neste sentido, entendo que o nome da oficina se propunha mais como uma provocação retórica do que de fato como uma proposta real. *Hackear* a heteronorma através da cultura material não seria possível em tão pouco tempo. Iniciar o debate e trazer reflexões acerca do tema, no entanto, me pareceu uma boa investida inicial. Para isto, me utilizei do design como um dispositivo de conversação (ANASTASSAKIS & SZANIECKI, 2016), uma utilização outra na qual as metodologias de design e seu pacote ferramental são utilizados, também com grande potencial político, para agenciar debates sobre questões sociais

acirradas.

A oficina realizada na Semana Design Esdi 2019 tinha o propósito de funcionar como um teste para um futuro “ciclo de oficinas de *hackeamento* da heteronorma”, a acontecer após a realização desta primeira atividade. O referencial teórico utilizado se apoiava nos estudos de Foucault (1975), em suas análises sobre a disciplinarização dos corpos, conjugado com as análises materialistas de Adrian Forty (1986) a respeito do potencial do design em sugerir identidades. A heteronorma presente no título se refere ao sistema binário de gênero experimentado no recorte desta pesquisa. Contrariando os estudos bioéticos que apontam para a existência de um amplo espectro de possibilidades sexuais, este sistema solapa os corpos e violenta as performances que fogem do esquema binário feminino/masculino, tanto no âmbito biológico quanto no âmbito social da performance. A respeito desta norma que patologiza os corpos dissidentes, Amiel Vieira (homem trans e ativista intersexo, doutorando em bioética pela UFRJ) nos contempla com um detalhado estudo sobre sua vivência a partir de um corpo intersexo, apagado e mutilado pelo discurso médico (PRECIADO, 2017), e sobre como os mecanismos de normatização operam em diferentes camadas (física, social, institucional, etc) a fim de encaixar todo e qualquer corpo em seus domínios discursivos.

A oficina estava inicialmente agendada para as 14h do dia 5 de setembro de 2019. No entanto, a chuva na data interferiu no fluxo de alunos e às 14h30 ainda não havia chegado ninguém, mesmo com os comentários prévios (nos corredores da escola) de alunas e alunos que haviam demonstrado interesse pelo tema. Outro fator também interferiu para a evasão inicial. Na sala em frente, também começando às 14h, estava prevista a oficina de uma colega de pós-graduação, Imaíra Portela, doutoranda da escola, com o tema “Esdi de cotas: de onde vem o seu design?”. Alguns alunos demonstraram interesse em participar de ambas e, em função da demanda, o horário da oficina que eu ministraria foi alterado, ficando estabelecido que ela aconteceria após a atividade da Imaíra. Me dirigi, por volta das 14h30, para a sala onde ela começava sua atividade e participamos juntos até por volta das 16h30, quando a atividade terminou. Em função do tempo decorrido, achei melhor fazer um breve intervalo para então começarmos a oficina “Como hackear a heteronorma?”.

Por volta das 16h45, demos início à atividade na sala do primeiro ano. O número inicial de participantes girava em torno de 22 pessoas. Parte dos alunos (cerca de 8 a 10) eram provenientes da turma onde eu realizava meu estágio docência no



primeiro período de 2019, portanto, rostos conhecidos me fizeram me sentir à vontade neste primeiro momento. O restante dos participantes era constituído por alunas e alunos de outros anos da escola e por rostos desconhecidos (alguns amigos(as) e alunos(as) convidados(as) por eles).

Para iniciar a atividade, pedi que cada participante se apresentasse, falando seu nome e os motivos pelos quais se interessou pela oficina. Dentre os motivos relatados, alguns em especial marcaram minha memória. “Eu vim aqui pra matar hétero” – disse uma participante em tom de brincadeira. “Vim por que minha amiga me chamou”. “Vim pra saber porque *hackear* a heteronorma, e não destruí-la de uma vez?”. “Vim por que eu sou viado e fico muito feliz de poder debater esse tema dentro da minha faculdade”. “Vim pra entender melhor do que se trata o tema, confesso que fiquei curioso e não entendi bem”.

Passado o primeiro momento de apresentações, fiz uma breve fala explicando o que eu, a partir da pesquisa de mestrado em andamento, vinha entendendo por “*hackear* a heteronorma”. Refleti em voz alta sobre como a heteronorma vem sendo construída como uma estrutura cultural, que nos faz acreditá-la como natural e irrefutável. Estrutura, esta, que regra sobre os corpos e sobre suas performances mesmo ainda antes destes nascerem. Em suma, argumentei que a heteronorma é uma convenção que entende como legítima apenas a heterossexualidade e, a partir disto, cria um discurso heteronormativo que prevê papéis e comportamentos específicos para cada corpo a partir do gênero que lhe foi atribuído.

Na sequência, me questionei em voz alta: mas por que abordar esse tema em uma escola de design? E respondi: porque, aliado à indústria, o design materializa valores e instruções de como devemos performar através dos produtos e sistemas de comunicação (FORTY, 1986). Logo, a importância latente da conscientização da norma e do quanto nós a reproduzimos quando projetamos visões de mundo através dos objetos e visualidades do design. Para dar conta da dúvida sobre por que *hackear* – e não destruir? sugeri que, por ser estruturante (como vimos anteriormente), acredito que fazer pequenas fissuras na estrutura seja, talvez, o papel que nos caiba neste momento.

Passado este primeiro instante, demos início à parte prática da oficina. Sobre duas grandes mesas retangulares, disponibilizei cerca de 30 imagens de produtos de design (brinquedos, capas de revista, produtos de higiene pessoal, memes, peças de vestuário) que reproduziam ou borravam os discursos heteronormativos que a oficina

buscava atacar. Pedi que as(os) participantes olhassem atentamente cada imagem e escolhessem uma para si, com base em reflexões acerca do tema da oficina. Enquanto isso, abri um papel kraft de cerca de 1,40 m x 2 m no chão e preparei os post-its que seriam usados neste momento.

Para dar início ao diálogo, pedi à colega Imaíra que começasse a falar sobre a imagem que ela escolheu, que motivos a levaram a escolher tal imagem, e como a narrativa daquela peça reforçava, ou desconstruía, o discurso heteronormativo. Enquanto ela falava, pedi que escrevesse palavras-chave de sua análise em *post-its* para que pudéssemos colar sobre a imagem no papel kraft. Ainda nesta primeira fala, as conversas paralelas emergiram de uma forma incontrolável. Todo mundo queria falar, e de repente, eu me vi no ingrato papel de organizar os fluxos desses relatos.

Logo após a análise da Imaíra, fui organizando o fluxo de análise das imagens para que todas(os) pudessem falar sobre suas escolhas e que motivos as(os) levaram a fazê-las. A partir da segunda pessoa, percebi que seria inviável pedir para cada uma anotar as sínteses de suas falas, e eu assumi essa função. Enquanto cada uma falava, eu tentava anotar, de forma resumida, o que cada fala abordava. No geral, as pessoas debateram sobre como as narrativas visuais presentes nas peças reforçavam a existência de universos supostamente masculinos em oposição a outros supostamente femininos, nos quais os discursos delineavam adjetivos alegadamente inerentes a cada gênero, e aos quais cada um deveria atender e reproduzir em sua subjetividade.

Com alguma frequência, apareciam falas criticando o suposto papel submisso e frágil da mulher, em oposição à suposta natureza agressiva e desbravadora do homem. Alguns participantes relataram sobre como suas escolhas de roupas e acessórios lhes causavam problemas e violências no espaço urbano ou familiar em função de não obedecerem aos estereótipos de gênero. Outros questionaram o quanto o capitalismo se apropria das pautas de gênero para expandir seus nichos de consumo.

Refletindo sobre o teor das falas, algo que parecia atravessar todas elas me chamou muita atenção: em algum nível, todos os relatos partiam de experiências pessoais e pareciam entregar, ora mais ora menos, algum grau de negociação com as normas impostas pela economia heteronormativa. É como se todos ali soubessem, ainda que inconscientemente, o papel social que deveriam cumprir a partir de seu demarcador de gênero, e como se estivessem avisados, também, das possíveis

sanções que poderiam sofrer de acordo com os graus de desvio que ousassem performar. De um modo geral, as falas pareciam apontar para um mesmo lugar, o que me fez questionar a homogeneidade da amostra do público presente (a maioria alunos da escola, pertencentes a um grupo iniciado no debate sobre o tema abordado). Acredito que a mesma oficina feita com diferentes públicos renderia debates menos homogêneos.

Por volta das 18h45 fui informado que a sala onde realizávamos a oficina precisaria ser esvaziada para uma próxima atividade às 19h. No entanto, parte dos participantes ainda não havia falado sobre suas imagens e o debate ainda parecia muito acalorado. Como eu já havia preparado inicialmente a sala do quinto ano para o início da atividade previsto para as 14h, sugeri que migrássemos para ela, que ficava logo em frente, para terminar a atividade. E assim fizemos.

Alguns participantes saíram ao longo da oficina, que finalizou com cerca de 17 pessoas. Os últimos participantes falaram sobre suas escolhas e, juntos, terminamos de colar as imagens e os post-its no papel kraft. Ao final da oficina, por volta das 19h30, a atmosfera que pairava sobre o grupo era desanimadora. E algo me chamou a atenção. As falas finais pareciam, de alguma forma, reforçar o que havia sido dito anteriormente, também se baseando no componente dos relatos pessoais. Apesar da pequena evasão, a oficina caminhava para um final razoavelmente cheio. E esse grupo de pessoas, talvez cansado, que insistiu em ficar até o final, parecia nitidamente desolado com as constatações colocadas ao longo da atividade.

Ao terminar as análises das imagens e imerso na atmosfera desconcertante e desanimadora que pairava, decidi ler um trecho de “Ideias para adiar o fim do mundo”, de Ailton Krenak, para fechar a atividade. Aproveitei a leitura para provocar o grupo sobre como o design atua como um delineador de visões de mundo e como um contador de histórias.

Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, A. 2019, p. 27).

A leitura deste trecho, não prevista no meu escopo inicial, foi uma forma improvisada de trazer alguma reflexão que pudesse funcionar como um impulsionador de visões outras, que não apenas as hegemônicas e heteronormativas.

Após a finalização da oficina, refleti sobre o quanto a homogeneidade das falas

e dos relatos me soou cansativa, redundante. Para mim. Para a turma participante, no entanto, o encontro pareceu ser muito produtivo e dar voz a questões que pareciam silenciadas, ávidas por um lugar onde pudessem emergir. Minha percepção da redundância, cruzada com o entusiasmo das(os) participantes ao abordar o tema, me fez enxergar a ausência de debates acerca do mote contemplado.

O que pareceu para mim uma falta de capacidade geral em conjugar experiências pessoais com panoramas macropolíticos me frustrou em algum nível, mas a urgência em apresentar um trabalho que cumprisse as exigências do PPD-Esdi, conjugada com minha vontade pessoal de inserir o corpo discente no curso da pesquisa, me fizeram rascunhar mais oficinas que funcionassem da mesma forma, e após a realização desta primeira atividade, propus à minha banca de qualificação que faria mais 4 atividades como esta, e que a etapa final da pesquisa consistiria em narrar os resultados obtidos após este ciclo de encontros. As condições materiais da pesquisa na época, no entanto, não permitiram que tal ciclo acontecesse. Sem recursos financeiros e na urgência de me dedicar mais ao trabalho de *freelancer* do que ao exercício acadêmico, o ciclo proposto não aconteceu, me fazendo perceber com outros olhos o percurso do meu corpo pesquisador, e mais uma vez me lançando para uma metodologia da urgência/vivência/sobrevivência.

## 2.2 O novo corpo da pesquisa

Em paralelo ao andamento da pesquisa, eu já havia decidido por retornar à atividade do estágio docência e continuava acompanhando as aulas da professora Helena de Barros, desta vez na disciplina de Análise dos Elementos da Comunicação Visual II. Durante esta inserção, educava minha atenção a observar as conduções da professora e me atentar às demandas e urgências do corpo discente no desenvolver de cada exercício proposto. Aliás, observar as demandas e urgências do corpo discente, junto com a liberdade proposta pela professora, foram o ponto chave que impulsionaram meu desejo em continuar a atividade a partir de julho, quando este acompanhamento já não seria mais compulsório para mim. Minha postura em sala de aula ao longo de ambos os semestres buscou ser acessível.

Logo nas primeiras semanas de realização da atividade, busquei me aproximar

de cada um(a) com perguntas informais sobre a realização dos trabalhos, sempre tentando estabelecer uma relação horizontal, em pé de igualdade. Em muitos momentos, pelo teor das conversas ocorridas em paralelo à aula, a sensação que eu tinha é que eu era como eles, um aluno da turma. Em alguns momentos, me via ponderando sobre soluções gráficas e buscando formas de realizar o trabalho proposto. Em tantas conversas ocorridas entre a turma e eu, cresceu entre nós a sensação de confiança. Minha linguagem verbal, acessível e permeada por gírias, se aliava ao meu olhar material para as questões práticas de cada exercício e causava, em parte da turma, a sensação de que podiam se abrir comigo sobre questões delicadas, e não só sobre as atividades propostas. Em uma destas conversas, ouvi de uma aluna que não havia feito o trabalho por falta de dinheiro para a impressão. Em outros momentos, ouvi sobre a dificuldade da turma em conciliar a realização semanal de trabalhos para a disciplina com o grande volume de trabalho também proposto por outros professores. E foi em uma destas conversas que, em caráter totalmente informal, ouvi de Alice (nome fictício) uma pergunta que me fez repensar os caminhos que minha pesquisa trilhava. Durante uma aula, ao perguntá-la como estava a realização do trabalho proposto, ela sinalizou que estava tudo sob controle e me questionou sobre qual modelo de iPad ela deveria comprar. Desprovido de conhecimentos técnicos sobre este tipo de tecnologia, perguntei a ela qual seria a finalidade do eletrônico para que pudéssemos, juntas, pesquisar um modelo que atendesse bem às necessidades dela. Foi então que uma informação valiosa se colocou diante de mim, contida em sua resposta. Alice me informou que, por fazer muitos trabalhos de ilustração como *freelancer* e por passar as tardes na Esdi realizando os trabalhos das disciplinas da grade curricular, muitas vezes se via cercada por seus clientes que, ao solicitarem alterações em suas ilustrações, o faziam sempre em caráter de urgência. Desta forma, seria interessante para ela ter um iPad, ou algum outro dispositivo eletrônico, no qual ela pudesse realizar as alterações de forma mais célere, trabalhando até mesmo em transportes públicos, durante o deslocamento pela cidade, sem que precisasse estar em casa para fazer as modificações, de forma que seus clientes não precisassem esperar para receber o material alterado. Esta forma de trabalho praticada por Alice me despertou para uma série de questões relacionadas à atuação autônoma do designer no mercado de trabalho; questionei-a: “no seu contrato com os clientes está especificado que você precisa entregar as alterações com toda essa urgência?”, e, para minha ingênua

surpresa, Alice me informou que não trabalhava com contratos. O caráter emergencial percebido por ela se configurava entre o discurso de urgência do cliente, a necessidade material de manter o trabalho e o medo de perdê-lo por falta de agilidade. Aqui vale ressaltar que Alice é uma jovem de 22 anos que cursava o segundo semestre da faculdade.

Paralelo a este caso, outros exemplos similares, colhidos em conversas informais pelos corredores da Escola, me fizeram perceber que a realidade socioeconômica de algumas e alguns tornava a execução de trabalhos *freelancer* necessária para a obtenção imediata de recursos financeiros, que, muitas vezes, era o que viabiliza sua permanência no curso. O caráter deste serviço prestado, no entanto, se dava sempre informalmente e sem respaldos trabalhistas, conforme apontavam estes relatos. Diante desta situação, me ocorreram algumas questões pragmáticas sobre nossa relação, enquanto designers, com o mercado de trabalho.

Ora, a classe de designers atua em projetos de caráter *freelancer* há décadas. E, como sabemos, não é de hoje que prestamos trabalho em caráter esporádico sem a previsão de uma contratação a curto ou médio prazo, tanto para empresas quanto para a classe empreendedora. No entanto, o projeto docente do currículo de design da Esdi (e de outras instituições) parece apresentar uma defasagem em relação a esta realidade do mercado. O curso não prepara adequadamente seus alunos para buscarem a necessária proteção trabalhista ao ingressarem no mercado informal, nem mesmo com os recursos mínimos necessários para uma atuação resguardada de abusos.

Não se trata aqui de propor a naturalização do trabalho informal como a melhor forma de reproduzir a vida material. Mas de assumir que, se ele é uma realidade para a classe de designers, que seja prestado de maneira protegida.

Embora observe que o currículo de design da Esdi proponha uma disciplina voltada para o estágio supervisionado, na qual – deduzo pela ementa – algumas dessas questões são abordadas, a disciplina só ocorre no 6º período, muito distante da realidade dos estudantes com que tive contato.

Além dos abusos relatados por alunos de design da Esdi, eu mesmo, durante o desenvolvimento desta pesquisa, passei por uma situação aviltante, eco de um trabalho feito sem contrato, ainda na época em que me graduava em Design Gráfico (na Faculdade de Tecnologia do SENAC – RJ). Para constar, resumo aqui a situação ocorrida: uma antiga cliente advogada, me solicitou em 2015 que fizesse algumas

peças gráficas para lançar seu escritório no mercado. Peças como cartão de visitas, pasta A4, assinatura de e-mail etc.

Como ela não possuía uma Identidade Visual e se recusou a pagar o valor que cobrei para que criasse uma, me vi, por inexperiência e despreparo, impelido a criar gratuitamente um logotipo para ter o que aplicar nas peças encomendadas e pagas por ela.

Recentemente, em 2019, anos após a entrega do trabalho feito sem qualquer respaldo contratual, a cliente ameaçou me acionar judicialmente caso eu não lhe enviasse o logotipo que criei gratuitamente.

Coagido e acuado, acabei decidindo por enviar os arquivos, mesmo sem ter sido justamente remunerado por eles. No entanto, a injustiça e o açoitamento que sofri neste episódio se somaram aos relatos de situações parecidas colhidas por mim com o corpo discente da Esdi, e a partir disso, me propus a articular um workshop gratuito na Escola para abordar questões referentes a relações trabalhistas em prestação de serviços autônomos de design gráfico. Esta atividade visava *hackear* as condições precárias de trabalho que permitiram que este tipo de abuso ocorresse com folga, na intenção de evitar que os futuros formandos em design viessem a passar por violências similares às que passei.

Com essa decisão em mente, criei um evento público no Facebook e mobilizei meus contatos nesta plataforma para conseguir um(a) advogado(a) voluntário(a) que pudesse auxiliar com a parte jurídica. Intitulado “Proteja seu Freela – Contratos e Relações Trabalhistas para Designers Autônomos”, o evento ocorreu em 08 de novembro de 2019, com a presença voluntária de uma advogada trabalhista e um advogado ambiental. Juntos, tratamos de como conduzir relações trabalhistas em casos de prestação de serviços de design e fizemos a leitura de um contrato adaptável que tinha como finalidade resguardar a prestação de serviços autônomos das alunas e alunos presentes no evento (43 pessoas, ao todo).

Figura 12 – Imagens do Workshop “Proteja seu Freela”



Fonte: o autor (2019).

O evento teve boa repercussão nas mídias sociais onde foi divulgado (Facebook e Instagram), totalizando mais de 300 interessados na página virtual criada para sua divulgação, além de diversos compartilhamentos e solicitações de que ocorresse também em outro dia e turno, fora do horário comercial – o que me fez perceber o quanto o horário no qual foi realizado, das 14 às 17 horas, excluiu os(as) designers que estavam empregados(as) em regimes integrais de trabalho. A segunda edição do evento não chegou a ocorrer. No entanto, o sucesso e a repercussão da primeira (que teve parte de seu público composto por pessoas que não eram alunas da Esdi) me fez enxergar o quanto o tema ainda é pouco abordado pelos currículos das escolas de design.



Após, portanto, vivenciar algumas das questões ligadas à precarização do trabalho como designer *freelancer* e observar nos estudantes sua vulnerabilidade trabalhista, fosse nas aulas como estagiário docente ou no *workshop* como pesquisador-propositor, passei a compreender que precisava ampliar e modificar o escopo inicial desta pesquisa. As situações narradas me atravessaram de modo que não pude deixar de incluí-las ao lado das questões previamente discutidas sobre a heteronormia. Isto porque, se por um lado, eu reconhecia como o design é capaz de produzir objetos e dar forma aos discursos da heteronormia, por outro lado, reconhecia na realidade material dos profissionais de design e nas formas de precarização de seu trabalho elementos que não poderiam ser ignorados em uma perspectiva crítica sobre o tema.

### 2.3 Entrevistas com estudantes

Diante da ampliação da proposta inicial da pesquisa e tendo assumido que as relações de trabalho do corpo discente com o mercado também faziam, agora, parte do meu objeto de estudo, me propus, junto ao meu orientador, a entrevistar o corpo discente da escola no intuito de trazer depoimentos que ilustrassem algumas das realidades ouvidas por mim ao longo do meu exercício acadêmico. Realidades que falavam sobre heteronormatividade, papéis sociais de gênero, raça e condições de trabalho. Para conferir à amostra de entrevistas um caráter representativo, busquei no portal Data Uerj as estatísticas do corpo discente da escola e, a partir destes dados, cheguei a uma amostra reduzida de sete pessoas.

Estas sete pessoas representavam um recorte do corpo discente da Escola tanto na graduação quanto na pós-graduação. Cada uma destas sete pessoas representa, em porcentagem aproximada, este corpo. Sendo três pessoas do gênero feminino na graduação. Destas três, uma cotista. Duas pessoas do gênero masculino também na graduação, sendo um cotista. Na pós-graduação não existem cotistas e a porcentagem de homens é muito próxima à de mulheres, logo, entrevistei uma pessoa de cada gênero. Estranhei o fato de não termos cotistas na pós-graduação, já que o edital também prevê cotas nesta modalidade de ensino (este tema aparece posteriormente problematizado na fala de uma das entrevistadas).

De algum modo, a análise das entrevistas delineou que, como nos indica Silvio Almeida (2019), as estruturas que constroem nossa sociedade precedem as instituições e que, logo, estas estarão construídas sobre aquelas. Racismo, machismo e classismo foram temas recorrentes nas falas das(os) entrevistadas(os), me obrigando a perceber que estes temas urgem em ser abordados.

No corpo docente da Esdi – segundo o site da instituição, consultado em janeiro de 2020 – dos 25 professores, 7 são mulheres. Todas e todos são brancos. Não é possível determinar a classe social de onde se originam estes professores por falta de dados concretos. Mas a percepção do corpo discente sobre a classe de professores é quase unânime neste sentido, sintetizada na fala de um dos entrevistados, Moby Dick (nome fictício), de 23 anos: “a gente não tem nenhum professor negro, e nenhum professor vindo de classes sociais mais baixas”.

As entrevistas foram realizadas por mim, gravadas em meu aparelho celular e posteriormente transcritas também por mim. Cada entrevistada(o) teve a oportunidade de se nomear com um nome fictício de sua preferência, para manter o sigilo de seus depoimentos.

Devo admitir que assumir o novo caminho da pesquisa na reta final de seu percurso foi um tanto quanto oneroso. Isso porque o volume total de 7 entrevistados, com suas respectivas transcrições, trouxe à materialidade da pesquisa um trabalho adicional que eu não esperava até então. No entanto, a oportunidade de ouvir o corpo discente e registrar suas falas, oferecendo à escola a documentação destes relatos, me pareceu uma boa contrapartida para a empreitada e eu me empenhei em construir essa documentação com comprometimento.

A elaboração do questionário a ser aplicado se deu junto ao orientador desta pesquisa. Juntos, conversamos sobre os temas que a entrevista deveria mapear e chegamos aos eixos que deveriam ser contemplados. Em um primeiro momento da entrevista, decidi por aplicar um breve questionário de registro, que pedia informações como nome, idade, naturalidade, vínculo com a Esdi e se a pessoa era ou não cotista.

A partir deste registro, partíamos então para as perguntas abertas, onde eu indicava às pessoas entrevistadas que poderiam responder livremente sobre cada uma delas, não havendo um certo ou errado para nenhuma. As perguntas foram elaboradas com base em quatro eixos iniciais: gênero e heteronormatividade, questões de classe social, questões de raça, condições e precarização do trabalho. Estes eixos buscavam entender a relação deste recorte restrito de estudantes com os

temas em questão, percebidos por mim como urgentes por permearem constantemente as falas do corpo discente pelos corredores da escola. O objetivo das entrevistas era ouvir este corpo, bem como registrar suas percepções.

As perguntas feitas seguiram o roteiro abaixo, e, ao longo da aplicação do questionário, eu reforçava ou explicava melhor alguma delas, caso a(o) entrevistada(o) não mostrasse entendimento nítido da questão.

1. Com quem você mora? Como é feito o trabalho doméstico na sua casa? (Faz sozinho(a), divide com o grupo, contrata terceiros...?)
2. Você recebe alguma ajuda de custo da Universidade? (Bolsa, auxílio, etc)
3. Você exerce algum trabalho remunerado fora da Esdi? Se sim, em que condições trabalhistas ele se dá? (CLT, Contrato de Prestação de Serviços, etc?)
4. Você se sente à vontade ou destoante nos lugares que você frequenta? Em algumas situações você se sente naturalmente constrangido(a)? Em quais?
5. Como você se declara quanto ao seu gênero e à sua orientação sexual? Acredita que isso interfere nas suas relações dentro da Esdi? E fora? Se sim, como e por quê?
6. Como você se declara quanto à cor da sua pele? Acredita que isso interfere nas suas relações dentro da Esdi? E fora? Se sim, como e por quê?
7. Quando você compra coisas para você (o que inclui roupas, acessórios, sapatos, utensílios para a casa, material escolar, etc) você reflete ou se preocupa sobre que imagem essas coisas vão transmitir sobre você ou não?
8. Como você se percebe e como você acha que é percebida(o) socialmente? Acredita que a maneira como você se vê é diferente ou parecida com a maneira como as pessoas te enxergam? Poderia explicar?
9. Gostaria de acrescentar algo sobre sua vivência na Universidade ou fora dela que não tenha sido perguntado...?

A partir de agora, explorarei as respostas das pessoas entrevistadas ao longo, buscando apreender os possíveis estreitamentos e os distanciamentos entre elas. A substância fornecida por estas falas, como perceberemos, foi densa e sintomática. Ao longo das próximas páginas, cada nome vem sucedido dos marcadores sociais que interessam a esta pesquisa, exatamente da forma como cada pessoa se declarou. Desta forma, se uma pessoa se declarou “mulher, negra, bissexual”, é desta maneira que ela será citada após a transcrição de sua fala.

## **2.4 Os corpos que falam**

Para que as análises possam ser lidas de maneira ordenada, organizei-as ao longo de cinco eixos. São eles: questões de gênero e heteronormatividade, questões de classe social, questões de raça, questões de condições e precarização do trabalho e, por fim, uma sessão que foi acrescentada: questões do cotidiano em uma escola de design (nesse contexto, falamos da Esdi). De antemão, no entanto, vale ressaltar que o grupo de pessoas entrevistadas representam uma amostra muito específica, sendo todas elas estudantes matriculadas na Esdi. Isso, por si só, já as coloca em uma posição particular em relação a outros grupos sociais. Assinalar isto significa dizer que as falas aqui transcritas não têm qualquer intenção de generalizar os conteúdos que as sustentam como verdades absolutas. Elas são, antes, pistas de como as estruturas sociais se manifestam dentro de um recorte sociogeográfico localizado materialmente.

### **2.4.1 Questões de gênero e heteronormatividade**

Inicialmente, busquei entender como anda a divisão sexual do trabalho no âmbito doméstico. No caso de uma entrevistada moradora do Leme, zona sul carioca, que reside com sua mãe e padrasto, este trabalho é realizado por uma funcionária mulher contratada. Do restante das pessoas, três que residem com amigos ou companheiros relataram dividir as tarefas domésticas, e das três entrevistadas que

residem com seu núcleo familiar (pai e mãe), duas apontaram para um costume que relega a mulher ao papel de mantenedora da organização domiciliar.

Atualmente meu pai tá desempregado, a minha mãe sempre foi dona de casa, por um tempo ela até chegou a estagiar numa escola quando ela fez graduação em Pedagogia, é o costume né, cara, ela voltou a ser dona de casa mesmo (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Me chamou atenção a resposta de um outro entrevistado, que relatou que, ainda que sua mãe esteja regularmente empregada e exercendo uma tarefa remunerada fora de casa, também recai sobre ela a responsabilidade de execução das tarefas domiciliares.

Quem cuida da parte doméstica é mais minha mãe... ela é mais responsável por essa área. E aí se fosse estipular uma hierarquia seria ela, meu padrasto e eu. Eu cuido mais das minhas coisas pessoais, assim... meu quarto, minhas roupas, mais os meus pertences. Enquanto minha mãe cuida mais da limpeza geral da casa, alimentação... (Gustavo, 20 anos, pardo, graduando, cotista, heterossexual).

Ao longo da execução das entrevistas, as questões relativas ao gênero e à heteronormatividade se mostraram, naturalmente, centrais nas falas das pessoas entrevistadas. Das respostas colhidas, busquei apreender de que forma e em que medida o design de produtos e acessórios utilizados no dia-a-dia cria uma narrativa visual que se conecta com camadas do comportamento e da identidade. Vamos começar esta imersão analisando o que nos diz Sol, uma doutoranda da Escola.

Eu não tenho um visual que as lésbicas curtem muito, te falei, né? Eu tenho um visual super hétero, né... Eu acho que tem essa coisa de usar saia, de às vezes usar maquiagem mas não muita... só aquele *make* natural... (risos). O fato de eu ter o cabelo comprido, um corte que é um corte bem padrão... não tenho nada muito diferente... acho que tem uma visualidade do mundo LGBT que rola, assim, um reconhecimento... as mulheres tão usando bastante cabelos angulares, assim... porque acho também que a gente quebrou um pouco aquele estereótipo da lésbica mais parruda... tipo, “vou usar só camiseta, e jeans...”, acho que a gente tá construindo um horizonte em que uma lésbica feminina é ok... mas eu entendo também que existem performances, tanto da vestimenta quanto do estilo... quanto do próprio jeito, né... de tratar e de estar... que são jeitos que performam LGBT, mais nesse horizonte... eu sou completamente padrão binário, sabe? Completamente padrão... nem sou tão colorida, assim... sou mais branco, preto e tons de cinza... mas não sinto que isso é algo que transparece na minha personalidade, nunca ninguém me perguntou algo sobre isso, sabe... por que eu acho que não é algo que eu represente muito, assim... acho que eu tenho um estilo bem binariozinho, padrãozinho.” (Sol, 31 anos, branca, doutoranda, não cotista, “hétero

meio bi”).

Interessante notar que, logo de início, a fala de Sol nos indica que a visualidade que ela utiliza para se vestir é, para ela, “super hétero”. Ela é capaz, ainda, de exemplificar os itens que criam aquilo que pode ser entendido como um visual feminino mais hétero: usar saia, maquiagem e cabelo comprido. Sol cita também que está ciente da existência de “jeitos” que “performam LGBT”, o que nos leva a crer que, para ela, existe um código comportamental e estético que caracterizam especificamente as pessoas hetero-desviantes.

Ainda problematizando sobre esta questão, explicitando que é uma moeda de troca social que pode ser usada para melhor inserção em determinados grupos, Sol nos declara:

Tem um código até de tipo “ai, eu vou tá muito menininha no meio delas [amigas lésbicas que se vestem com um padrão considerado masculino], não vai dar certo...”, sabe?... E não vai dar certo não é nem por elas, mas é por que eu vou me sentir mais à vontade com elas, entendeu? E acho que elas vão se sentir mais à vontade comigo... e aí rola uma linha tênue, né? Entre tu deixar ser de quem você é pra encaixar num grupo... ou de tu entender que tu também tem uma coisa meio camaleão que tu pode frequentar... “quero tá com essa galera – vou assim, quero tá com aquela galera – vou assado...” E eu acho que não é me despir de mim mesma... é assumir que eu posso ser todas essas pessoas... e que é legal eu tá andando com todas essas pessoas e que bom que essas pessoas me aceitam nesses grupos, sabe? (Sol, 31 anos, branca, doutoranda, não cotista, “hétero meio bi”).

Ainda sobre a existência de visualidades que caracterizam identidades em função de suas orientações, outra entrevistada nos diz que

Eu gostaria que não... mas eu acho que existe sim... acho que não tem como a gente dizer que não existe, por que existe... [uma visualidade hétero-desviante] (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual).

Ou seja, concordando ou não com o estabelecimento destes padrões, Joana nos diz que algumas pessoas poderão ser identificadas no espaço urbano através de uma visualidade que informará sobre sua concordância ou não com o padrão heteronormativo. O que também permeia a fala de Mariana:

Eu acho que talvez... é o conjunto, né... a forma que você se porta, a roupa que você usa... eu não sei... é foda, né... porque a gente falando da forma visual... é muito estereotipada, né... a gente acaba lidando... eu falo sobre isso, mas eu não necessariamente concordo... só que... existe isso, a gente não pode fingir que isso não existe (Mariana, 23 anos, branca, graduanda, não cotista, bissexual).

Ainda nesse sentido, um outro entrevistado, Moby Dick, um jovem de 23 anos que se identifica como heterossexual, também nos traz uma vivência que nos indica que a heteronorma é um padrão que poderá ser cobrado de todos, inclusive de pessoas que se consideram heterossexuais, expondo-as a sanções ou violências em função de seu descumprimento da norma.

Eu lembro uma vez que eu cheguei num supermercado que tinha aqui perto, e... não sei por que... provavelmente porque eu tava com um brinco maior de argola e talvez por causa disso o repositor de estoque de prateleira achou que eu fosse gay, e eu acho que ele achou que eu tava dando em cima dele... e eu tava tipo, viajando pra determinada direção, e por acaso ele tava lá, tá ligado? E aí ele tinha falado umas duas coisas assim, meio pejorativo... eu não lembro exatamente o que, mas meio que criticando, tá ligado? Eu não sei o que na aparência... eu não me sentia, tipo, com trejeitos homossexuais, ou qualquer coisa do tipo... e que fosse aparente, tá ligado? Além do brinco... (Moby Dick, 23 anos, branco, graduando, não cotista, heterossexual)

Neste trecho, Moby Dick nos coloca em contato, ainda que indiretamente, com suas noções do que seriam “trejeitos homossexuais”. Apesar de não explorar melhor que trejeitos seriam estes, o entrevistado sugere a existência de comportamentos que, para ele, estariam ligados a uma orientação homosexual. No entanto, por não se considerar performando dentro desse comportamento, Moby Dick atribui ao design de um acessório (neste caso, ao “brinco maior de argola”) a responsabilidade pela adjetivação pejorativa que sofreu na situação experimentada.

A expectativa social depositada sobre as performances de gênero foi recorrente nas respostas, assim como a existência de estereótipos também foi sinalizada e problematizada:

Eu acho muito fácil cair em estereótipos... porque as pessoas esperam que quando você tem uma escolha sexual, que quando você quer gostar de outras mulheres, já te colocam: “então você quer ser homem, então você tem que agir mais no que seria uma estética masculina... masculinizada...”, é... eu acho que sempre acaba caindo bastante pra isso... o que não quer dizer que o estereótipo é uma mentira, as vezes né... acho que muitas vezes o estereótipo pode ser pra certas pessoas... tem muitas pessoas lésbicas que são assim, e tal... mas que isso não é uma verdade geral. A questão é que ela não é dada pra todo mundo... e eu acho que às vezes caem nessas visões... e talvez eu não seja tida com uma mulher bi por que eu sou feminina... o que é uma questão ainda muito mais complicada também, né... pelas coisas que eu falo, pelas coisas que eu gosto... (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual).

Alice, uma entrevistada de 22 anos, também refletiu sobre a existência desses

estereótipos, reforçando o que Sol havia dito anteriormente sobre uma visualidade através da qual se identificam os corpos desviantes, podendo-se, a partir de então, destinar sanções àqueles que desviam. Observei como o comprimento do cabelo expõe Alice a diferentes tipos de assédio no espaço urbano. Ao longo da entrevista, ela relatou sofrer muito assédio masculino por se encaixar no padrão que ela denominou, entre aspas, como “mulata exportação”. O comprimento do cabelo, no entanto, será decisivo para definir a natureza destes assédios.

Porque são os signos do feminino, né? Cabelo grande... é... saia, roupas leves... esse tipo de coisa, né? Então, eu sinto uma grande diferença quando eu tô com trança, por exemplo... Agora que eu tô sem trança, com o cabelo assim curto, é ok, é ok... tranquilo. Depende da roupa que eu tô. Agora, se eu tô de trança, foda-se a roupa que eu tô. É muito... chega a ser engraçado... chega a ser cômico... foi bem na *infanciazinha* que isso começou a me incomodar [o assédio masculino]... E, cara, os olhares não mudam. É a mesma coisa até hoje, não mudam. Não mudam. Eu fiquei muito feliz quando eu raspei a cabeça porque ninguém me enchia o saco, só me chamavam de sapatão na rua (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Um outro entrevistado, Gabriel, mestrando de 32 anos, também falou sobre o assunto:

Eu me visto totalmente hétero. Eu não acho que eu tenho um estilo mais afeminado... porque não faz parte da minha personalidade, nada contra, mas realmente não faz parte da minha personalidade... como diz meu amigo, eu sou um “gay machinho” (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

O relato de Gabriel, que nos diz não sofrer retaliações no espaço público por não ser “reconhecido como homossexual”, me faz pensar na noção de passabilidade, abordada ainda na introdução deste estudo. Em oposição ao que ele nos diz, Joana nos traz a vivência de seus amigos gays afeminados, que a relatam a existência constante de expectativas em função de suas identidades:

Eu tenho muitos amigos que falam que é uma luta diária você ser, por exemplo, uma pessoa gay afeminada, por que já jogam 30 mil expectativas sobre você... e você tá muito mais apto a sofrer algum tipo de preconceito, alguma coisa assim... isso eu tô falando aqui mas não é minha vivência... mas que falam que, inclusive, dentro de certas comunidades, você ter alguma aparência ou algum certo maneirismo é visto como mais fraco, é visto como... talvez um pouco menor... e é uma luta pra você ser positivo... e ser quem você é até dentro desses espaços... Eu também não posso ser ingênua e falar tipo “não, eu não espero nada de ninguém, vamos esperar a pessoa...”, quando a gente tá num lugar onde isso acontece a cada 5 segundos em volta, sabe? Também tem que entender isso... e entender que eu tenho muitos privilégios por ser do jeito que eu sou e outras vezes não... e outras vezes sim... (Joana, 23 anos, negra, graduanda,



não cotista, bissexual).

Joana nos relata que, por ser bissexual e ter um estilo visual considerado feminino, seu desvio à heteronorma só será identificado nos casos em que ela esteja na companhia de uma mulher. É interessante notar também que, para Joana, algumas identidades poderão “andar tranquilamente”, enquanto outras não “talvez não tanto”. Joana, assim como Gabriel, nos coloca frente a questões relativas à passabilidade e aos melindres da adequação às normas (CAUGHIE, 2010).

Em relação à sexualidade, tipo... não sei se eu me sinto confortável falando pra qualquer pessoa... Por conta de algumas questões, principalmente em família... certos lados da família, mas eu também não sinto muita necessidade de trazer isso à tona. Mas se tiver que trazer, eventualmente, vou acabar tendo que passar por isso... Sei que dá medo às vezes, saber que em uma situação, por exemplo, você sendo bi, você vai passar despercebida, provavelmente... e em outra situação, por exemplo, eu vou ter medo de andar na rua, se eu tiver com alguma menina, não sei... então, ver esses dois lados... por um eu posso andar tranquilamente, por outro, talvez, não tanto (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual).

Após a exemplificação dos imaginários que rondam a construção da noção de heteronormatividade, me volto agora para uma fala de Alice, que, mesmo tendo problematizado as questões referentes ao binarismo destas visualidades, relatou ter anseios e desejos que se inclinam para esta direção direção, e nos trouxe um fator financeiro como impeditivo para se manter em um padrão considerado o de “beleza feminina”, atravessando as questões relativas à heteronormatividade com as condições de classe social.

...não dá pra eu sair de salto alto pra pintar uma parede, inclusive eu nem sei andar de salto alto. Ah, eu acho que... não sei... É... eu tenho um estilo mais esporte por que são roupas mais confortáveis, né... e que, assim, é pau pra toda obra, eu acho que é isso... Gostaria muito de ser mais arrumadinha, ter unha... adoraria botar unha de acrígel... Sabe quando você vai no shopping e você vê aquelas meninas usando roupa da Aquamar, Farm... então! Eu adoraria ser arrumadinha assim! Às vezes me dá vontade, sabe? (risos) Mas não tem como, é difícil... E as coisas que rondam a beleza feminina gastam muito dinheiro mensalmente. É depilação, é unha, é cabelo, é estética, é limpeza de pele... eu não faço nada disso! Várias coisas eu gostaria de fazer, mas também questão de dinheiro, né? O que pra mim é prioridade agora? Minhas prioridades são outras. Minhas prioridades não são colocar uma unha de acrígel e alongar os cílios – por mais que eu adorasse, adoraria! Meu sonho! Mas não é minha prioridade, entendeu? Eu prefiro guardar minha grana, investir nos meus estudos, comprar material de artes mesmo, pra poder exercitar o que eu quero... pra poder, sei

lá, um dia, quem sabe, fazer esse tipo de coisa... (risos) (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual)

Essa fala de Alice me parece bastante relevante para os pontos que este estudo visa abordar. Isto porque Alice, ainda que apresente consciência acerca de um padrão estrutural heteronormativo, nos indica que suas vontades, tanto de se vestir quanto de formatar seu corpo (unhas, cílios, pêlos etc.) são construídas igualmente por este mesmo padrão.

Vale ressaltar que, com relação ao corpo discente da Esdi, todas as pessoas entrevistadas disseram se sentir à vontade para usar e performar da forma como desejam, sugerindo que dentro da Escola existe, por parte dos alunos, um amplo respeito a questões relativas ao gênero e à diversidade de orientações sexuais. Fora dela, no entanto...

Fora da Esdi é um pouco mais complicado, porque lá fora a gente sabe que em algumas ocasiões as coisas não acontecem da forma que a gente gostaria que acontecesse... então acho que lá fora, essa questão do gênero é bem mais sombria, né... a reação das pessoas tem sido bem mais negativa... (Gustavo, 20 anos, pardo, graduando, cotista, heterossexual)

Todas as pessoas entrevistadas se mostraram conscientes a respeito da existência de um padrão estético/comportamental que as educa sobre como viver e performar em suas vidas cotidianas. Este padrão, reforço, se dá com base na apreensão do gênero que lhes foi atribuído ainda antes de seus nascimentos, conforme discutimos no capítulo 2 deste trabalho.

Ao se mostrarem conscientes deste disciplinamento, algumas pessoas entrevistadas sugeriram, em algum nível, que sabem o que se espera delas e que podem estar sujeitas a sanções caso desviem destas previsões normativas. Uma entrevistada em especial, Alice, me forneceu relatos dos quais extraio uma constatação especialmente interessante: saber da existência e da imposição das normas não a livra de construir seus desejos a partir delas. Isso significa dizer que, em algum nível, nossas projeções para nós mesmas (sejam elas estéticas ou comportamentais) partirão também dos padrões que nos foram ensinados, independentemente de estarmos cientes da artificialidade e arbitrariedade destes.

Isso me faz questionar se meu movimento em busca do que seria uma passabilidade heteronormativa ainda na infância (narrado por mim na introdução desta pesquisa) foi um caso isolado, ou se parte da comunidade adulta que hoje se identifica

como homens gays também fez movimentos muito similares.

#### 2.4.2 Questões de classe

Explorar as questões de classe ao longo desse trabalho me parece urgente e ao mesmo tempo capcioso. Isto porque, ao longo do exercício de pesquisa, entendi a classe como algo central na construção do sujeito. Com isso, não pretendo criar hierarquias onde este critério econômico seja anterior aos outros filtros de análise, (como, por exemplo, gênero ou raça). Apenas assinalo que ele se associa a todos os outros marcadores sociais em todas as experiências de vida. Assim, a seleção dos trechos em que somente as questões referentes à classe sejam aquelas que estejam em jogo é uma árdua missão. No entanto, tentarei me apegar a algumas falas onde este fator parece ter sido decisivo.

Alguns trabalhos que eu vou fazer, eles são em lugares que, tipo assim, eu não sou de lá, entendeu? No sentido de que... lugares ricos, entende? Não sei como explicar muito isso, mas, por exemplo... eu fui fazer um trabalho numa zona *nobríssíssima* de São Paulo, jamais ia me imaginar lá, e a primeira coisa que eu fiquei sentindo foi: “caraca, olha minha roupa!”, sabe...? Gera uns constrangimentos assim, porque eu sinto que as pessoas olham pra mim, tipo assim “olha que bonita, ela é criativa! Olha que liiiindo!”, sabe? Mas... ai, isso é tão difícil... sei lá, é como se a minha aparência fosse antes do que eu sou, entendeu? E por conta da minha aparência, por conta de como eu sou, e por conta de várias coisas, eles podem baratear meu trabalho, entende? Eu sinto muito isso... (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Alice, uma jovem mulher negra, nos relata que a maneira como se veste é percebida como um indicativo de sua condição social, em alguns momentos indicando pertencimento, ou não, a determinados espaços. O que encontra eco na fala de outra pessoa entrevistada. Desta vez, um jovem homem branco, Moby Dick, sugere sentir uma espécie de destacamento, tanto em bairros considerados nobres quanto em regiões periféricas, posicionando-se em um “meio termo” social, o que compreendi como uma declaração de pertencimento à classe média brasileira. Moby Dick destaca ainda que, apesar da sensação de destacamento, sua aparência não é o suficiente para que ele sofra “coerções sociais” (e aqui vale destacar os outros marcadores sociais que o caracterizam: Moby Dick se autodeclara branco e

heterossexual/heteronormativo).

Destoando eu me sinto tanto em determinados espaços como, enfim, tipo o Leblon, mais por causa da vestimenta... eu cago um pouco pra isso. Ou se for um ambiente muito empresarial também... ou se eu tô perto de uma periferia eu me sinto também um pouco destacado com as pessoas me observando pela outra ótica que não seja a do Leblon, um meio termo dos dois... é... as pessoas, quando eu tô na periferia, sabem que eu não sou de lá, e as pessoas, quando eu tô no Leblon, sabem que eu não sou de lá também. Um pouco isso daí... mas a maioria dos lugares eu me sinto bem tranquilo, bem confortável, não sinto coerções sociais por estar neles não... (Moby Dick, 23 anos, branco, graduando, não cotista, heterossexual).

Alice, que além de estudante de design é também artista e ilustradora, nos traz uma reflexão que sugere a romantização, por parte das camadas sociais mais ricas, do estilo de vida e da estética do subúrbio:

...quando elas [pessoas em exposições onde estou exibindo um trabalho] me perguntam o que que é aquilo ali e eu explico, eu vejo na cara delas que aquilo ali tá uma névoa, assim, sabe? Me dá até preguiça de explicar pra falar a verdade... por que... eu sinto que às vezes eu poderia tá fazendo muito mais em outros lugares com pessoas que não tem acesso a aquilo ali, e são as pessoas que eu quero atingir... são as pessoas que eu quero falar, pessoas como eu, como meus familiares, pessoas suburbanas, pessoas periféricas... mas, não é nesse lugar que eu vou ganhar dinheiro imediato pra conseguir viver, entendeu? Eu faço arte falando da minha vivência, falando do subúrbio, falando de periferia, mas eu não vendo pra essas pessoas. Eu vendo pra quem não é desse meio, sabe? Porque eles gostam. Eles gostam (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Um outro trecho que me chamou a atenção foi dito por Sol, que indicou o quanto a situação financeira da família na qual nasceu foi decisiva para o tipo de trajetória de vida que ela experimentaria:

Os meus pais, os dois têm ensino superior e pós graduação, pra mim nunca foi uma questão se eu ia fazer faculdade ou não... pra mim só seria "qual?"... então eu tive ainda a oportunidade de me entender e saber qual o curso que eu queria fazer... isso era minha preocupação com toda minha família, nunca tive que disputar isso... na minha infância toda, na minha infância e adolescência convivi com pouquíssimas pessoas de outras classes, que não tivessem os pais com o ensino superior completo, que não fossem brancos, que não fossem todo ano viajar pra curtir as férias... isso era uma realidade pra mim... (Sol, 31 anos, branca, doutoranda, não cotista, "hétero meio bi").

Da análise das entrevistas como um todo, me chamou a atenção o fato de a

classe social à qual pertenciam as pessoas entrevistadas ser sempre um fator constitutivo de suas experiências de vida associado aos demais demarcadores que as caracterizavam. Isto significa dizer que as experiências relatadas por cada pessoa sempre passavam por esse filtro de análise, não podendo ser dissociadas ou encaixadas apenas nesta categoria. Desta forma, através da comparação de pessoas com marcadores sociais similares de raça, gênero e enquadramento (ou desvio) à heteronorma, teremos que a classe social, caso seja o único fator de diferenciação, terá impactos peculiares sobre as experiências (ou violências) que estas pessoas sofrerão. A classe social se mostrou, também, dentro deste recorte de pessoas entrevistadas, um fator de delineamento de estilos de vida possíveis, onde cada pessoa entrevistada relatou, conscientemente ou não, que as vidas que viviam se projetavam através desta condição.

#### 2.4.3 Questões de raça

Como vimos anteriormente, vivemos em uma sociedade onde o racismo é estrutural (ALMEIDA, 2017), logo, as questões referentes ao conceito de raça, demarcador apreendido imediatamente através da cor da pele, foram contempladas em falas onde este fator era nitidamente central:

...fisicamente eu não me encaixava nas profissões que eu via na televisão, por exemplo, entendeu? “Ah, o que que você quer ser quando crescer?”, ah, eu ficava assim “eu não sei!”, e hoje eu sei porque eu não sei, porque eu não me via em nenhum lugar, sabe? Minha mãe dona de casa, minha vó era costureira mas a maior parte do tempo dona de casa, a minha outra vó era empregada, sabe? Então, assim, pra mim era o referencial... entendeu? Uma vez... isso foi durante um acampamento... e a gente tinha feito comida e tal e eu peguei as panelas pra lavar porque ninguém lavava direito. Daí um amigo meu falou assim: “Nossa, você lava tão bem... Pô, quando eu crescer eu super te contrataria como empregada minha...”, e eu fiquei feliz, sabe? Tipo, “porra, que bom, né... por que se nada der certo pelo menos empregada eu posso ser.” Eu tenho certeza que qualquer outra criança com outro tipo de criação não iria pensar isso, sabe? “Como assim eu ser a empregada? Meu pai é médico!”. Mas pra mim era normal, minha vó era empregada, eu ia com ela pro trabalho dela, achava aquilo normal... (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Aqui, Alice nos indica o quanto a cor de sua pele, associada à condição

econômica, foi decisiva para a construção do seu imaginário acerca de seu futuro profissional. E segue dando exemplos de como o tom específico da pele também será um demarcador social:

Cara, é muito ruim, né, porque, tem vezes que a gente escuta uma coisa que não se refere à gente, mas a gente também se sente atingido. Porque... se refere aos nossos. Eu por exemplo tenho pele clara, em muitos lugares eu passo batido, em outros não. Depende do lugar... eu, por exemplo, no Norte Shopping não vou ser seguida por um segurança dentro da Lojas Americanas, mas se eu tô no Village Mall eu vou ser seguida pelo segurança, como eu fui, dentro do shopping, não precisou nem ser dentro de uma loja, foi dentro do shopping. É... ao mesmo tempo, é preocupante também... (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Aqui Alice nos indica como o fator geográfico associado ao demarcador racial também interfere em sua fluência pelo espaço urbano, relatando como são diferentes suas passagens por shoppings de diferentes áreas da cidade (Norte Shopping, no Cachambi, bairro periférico e outro em um bairro nobre, Village Mall, na Barra da Tijuca). Outro trecho presente na fala de Alice, longo e denso, exemplifica também como o racismo se manifesta de diferentes formas a partir do tom específico da pele negra:

O que eu mais me sinto afetada não é a questão do meu tom de pele... Não, não é que não seja isso, é isso sim, só que tem outras coisas... É o lance da “negra exportação”, entendeu? Mulheres negras, peitão, bundão, cinturinha fina, coxa, tudo isso... hipersexualização do corpo negro. Isso eu sinto presente em mim o tempo todo. O tempo todo. Inegavelmente, sabe? E isso é muito chato. Isso interfere muito na forma como eu me porto pra tudo... eu, por exemplo, evito usar roupas curtas, acho que você nunca me viu de short, por exemplo... E eu evito usar roupas curtas por que eu não aguento, é uma coisa que me faz muito mal. E eu me sinto muito limitada por conta disso... É... apesar de não ter pele escura, uma coisa que eu escuto corriqueiramente, inclusive até de namorado eu já escutei, foi “eu acho você muito bonita, porque você tem o corpo de uma mulher negra, mas você não é escura.” Sabe...? E assim, muitas garotas como eu achariam isso um elogio... “Nossa, que bom! Eu não sou escura!”. Mas pra mim isso não é um elogio, sabe? Pra mim isso é uma extrema ofensa, entendeu? Porque, mano, tá depreciando, entendeu? É depreciativo. A minha irmã é igualzinha a mim, só que ela é escura. É muito depreciativo isso. E eu vejo nela o reflexo de várias coisas que me atingem como elogio mas não são, entendeu? Uma vez, no elevador de casa, a Poliana (irmã mais nova) tinha acabado de nascer, e uma vizinha falou assim “Nossa, que bom, né? Ela nasceu da cor da mais velha”. A mais nova é da minha cor, enquanto que a Mariana – que é a do meio – é escura. Ela falou isso na nossa cara, a Mariana tava ali, minha mãe tava ali. Ninguém soube o que falar,

entendeu? Aí a gente chegou em casa e a Mariana desabou em choro, obviamente. O sonho da Mariana, até um tempo atrás, era ser da minha cor, entendeu? Enquanto o meu sonho era não ter peito nem bunda. Porque eu com 12 anos era assediada em transporte público, indo pra escola, sabe? Eu estudei no Pedro II e eu não tive a oportunidade de, em dias absurdos de calor, usar saia curta, porque os caras não se controlam. Então isso me marcou muito e eu sinto que me marca até hoje na forma como eu me visto, como eu me comporto, com quem eu me relaciono... Eu demorei muito pra entender que meu corpo não é um problema, também não é uma solução, mas não é um problema. E eu ainda tenho problemas hoje em aceitar ele. Tem pessoas que olham e falam “Nossa, como você reclama? Você tem um corpo tipo escul... tipo, bonito, sabe? Corpinho de violão.” E eu fico “Gente, eu reclamo por que é chato, é um peso, entendeu? É um peso que eu carrego todo santo dia e me limita de várias formas, sabe? Eu podia muito bem tacar o foda-se e sair na rua de short curto sim, ouvir “gostosa”, “fiu-fiu”, “vem aqui” sim, mas... eu não aguento. Eu não tenho... eu não consigo! Isso é uma coisa que eu não consigo, me deixa mal. Do início ao fim do dia. E eu não entendo muito porque, eu ainda não achei essa resposta. Eu... eu acho que realmente foram os assédios que eu recebi quando muito novinha. Daí uma coisa associa a outra e não bate bem... (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

O mesmo tema, abordado de forma parecida, encontra eco na fala de Joana, também graduanda, de 23 anos, que declara ter entendido ao longo dos seus anos como estudante da Esdi como se dão as diferentes formas de manifestação do racismo em função do tom específico de pele, indicando também que, por ser considerada uma negra de pele clara, percebe como a opressão racial se volta contra ela de uma forma ardilosa:

...ao longo do tempo eu tive que crescer muito essa noção dos meus privilégios por conta dessa mestiçagem... de ser vista como “não, mas ela é interessante... ela tá bem no limiar de interessante... ela é negra, mas não é tanto...” (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual)

Mariana, uma graduanda branca, também demonstra consciência em relação aos tratamentos que recebe socialmente, atribuindo-os à cor de sua pele.

...a forma como as pessoas me tratam com certeza é muito diferente de outras cores, né... pessoas de outras cores... eu tenho privilégios, eu sei que ninguém nunca vai desconfiar de mim. Eu sei que as pessoas vão me tratar melhor por causa da minha cor, e isso não tem como negar (Mariana, 23 anos, branca, graduanda, não cotista, bissexual).

Ainda sobre a autopercepção das reações externas à cor da pele, o que chamo

aqui de “questões raciais”, Sol forneceu um relato no qual sinaliza a sensação de personificação de um sistema estruturalmente racista e o quanto isso a deixa desconfortável. Segundo ela, isto se dá por ela ser uma mulher branca e loira, dentro do padrão considerado europeu, e com sotaque sulista.

Acho que eu, como uma mulher branca, uma mulher dentro do padrão do que se considera o padrão estético europeu, assim... eu posso ser uma pessoa opressora sem abrir a minha boca, sabe? Eu posso chegar no lugar e sem abrir a minha boca já ser considerada uma figura opressora... pra muitas mulheres que são consideradas fora desse padrão... pra mulheres que sofreram muita discriminação de mulheres como eu... então assim, não é de mim que elas tão se sentindo acuadas... é de toda uma sociedade que reproduz pessoas como eu de um jeito, sabe? Nós somos socializados de um jeito... e provavelmente essas mulheres já sofreram barbaridades, opressões e violências de mulheres como eu, sabe? E reconhecer isso é muito dolorido... (Sol, 31 anos, branca, doutoranda, não cotista, “hétero meio bi”).

Sobre a autodeclaração racial, encontrei uma dissidência na fala de duas pessoas. Uma delas, Joana, graduanda de 23 anos, disse recusar o título de parda e problematizou como é ser “mestiça dentro da comunidade negra”. Outra pessoa, Gustavo, graduando de 20 anos, disse se entender pardo e não demonstrou desconforto com a palavra.

Então, eu sempre me declarei pardo. Minha família é bem mesclada em relação a cores... tem brancos, negros... mas eu sempre me declarei pardo (Gustavo, 20 anos, graduando, cotista, pardo, heterossexual).

Uma das pessoas entrevistadas me forneceu relatos que me pareceram um tanto quanto conflitantes, tanto com o restante das entrevistas (que em sua maioria pareciam concordar com as noções propostas pelo referencial teórico), quanto entre suas próprias falas.

Cara, o meu bisavô foi liberado no período quando a criança nasce livre...[Lei do Ventre Livre, 1871] Ou seja, minha tataravô foi escrava e aí ele nasceu e foi livre... então o meu vô era negão... então... só que minha vó era espanhola, olho azul... e eu sou uma mistura... as pessoas dizem que eu sou branco. No meu documento tá pardo, eu acho que eu sou o Gabriel. Eu... pra mim... a cor da pele pra mim é indiferente... Eu não sofro com isso. Nem fora do país... (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

Gabriel sugere, em algum nível, que sua identidade pessoal está, para ele, acima da cor de sua pele. No entanto, ao falar mais sobre o assunto, ele fornece pistas que parecem contradizer sua posição, como nos trechos abaixo:



...eu vou dar um exemplo. Um dia, eu tava subindo, quando eu morava em Santa Teresa ainda, tava subindo o escadão pra chegar na minha rua... já era noite, dez, onze horas da noite... e eu olhei pra trás tava vindo um carinha subindo a escada atrás... aí eu olhei pra trás e o carinha subindo a escada de novo... e era um neguinho gostoso... aí eu pensei “carai, que muleque bunito, cara!”... continuei subindo, subindo a escada... aí eu comecei a subir mais devagar... pensei “vai que o cara dá bola pra mim, né...”, aí sabe o que ele falou no final? Ele pegou e falou assim pra mim: “eu não vou te roubar não, tá!”, e eu falei “eu sei que você não vai me roubar... eu sei que você mora no prédio ali da esquina... mas sabe qual que é a real mesmo? Te achei gostoso pra carai!”, aí ele falou assim “tá maluco!”... ou seja, ele tinha a visão que eu tava, por ele ser negro, no escuro, que eu tava imaginando que ele ia me roubar... e na verdade eu tava com tesão no cara. E quando eu falei isso, quebrou as expectativas do cara... eu não tava pensando em nada de roubo... primeiro que eu não tinha o que roubar, a não ser a minha virgindade hahahaha... então cara, sabe? (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

Neste trecho, Gabriel relata como o estigma social gerado pelo racismo se manifesta na expectativa de seu interlocutor. E quando eu o questiono sobre os possíveis porquês da reação desse rapaz, ele reflete:

Ah, é baseado em várias coisas, né... você liga a TV e... “mais um negro morto...”, sabe? As pessoas vão internalizando isso... (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

No entanto, a recorrência da narrativa racista na mídia, bem como outros discursos que trabalham no mesmo sentido, não parecem ser, para Gabriel, justificativas legítimas para a internalização de uma visão de si forjada também pelo preconceito racial:

Negros, gays... quando a pessoa pega os problemas que sociedade impõe sobre elas e assume, internaliza isso, ela sofre... e aí atrapalha minha relação com eles. Porque eu quero que elas se sintam bem... e eu sempre tô vendo eles reclamando e se sentindo mal com isso... e eu também tenho problemas (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

Com esses relatos, Gabriel parece ilustrar uma dificuldade brasileira de entender que a questão estrutural do racismo se coloca como um fator determinante na história de vida das pessoas, deslocando o centro da questão estrutural para o âmbito pessoal, individualizado, uma forma que escamoteia o fator histórico por trás da construção desta estrutura.

...quando o pessoal, que é negro, começa a se vitimizar, eu não aceito que eles se vitimizem, porque eu acho que eles têm que superar isso e serem mais fortes que isso...

porque eu superei tantos preconceitos da minha vida... e eu não quero aceitar que eles vão ficar se vitimizando, eu quero que eles superem. Porque esse vitimizar faz com que eles sofram, e eu não gosto de ver ninguém sofrendo... então eu tento... eu tenho um amigo que ele vivia falando “ah, você é o branco da zona sul...”, então, ou seja, não é que eu sofro com isso, mas eu sofro porque os meus amigos sofrem, as pessoas com quem eu me relaciono sofrem... e aí isso me causa sofrimento também, porque eu vejo eles sofrendo... eles chegam ao ponto de ser tão pessimistas com a situação de pele, que faz eles sofrerem, faz eles se sentirem mal. E eu percebo isso, e eu não gosto de perceber isso... eu tento fingir que... “cara, vamos ressignificar isso... você é mais forte do que isso...” Então não é que eu não aceite que eles sofram, é que eu não gostaria que eles sofressem... e quando eles levam isso ao extremo atrapalha minha relação com eles... (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

É interessante observar que Gabriel aparenta se preocupar com o bem-estar dos outros ao não querer que aquelas pessoas sofram, ao mesmo tempo que entende a questão racial por um viés meramente individual. Nesse sentido, ele não reconhece aquilo que Silvio de Almeida (2019) denomina como uma estrutura social. Para Gabriel, a responsabilidade por “se sentir mal” vêm apenas dos próprios sujeitos, desconsiderando as violências que vêm de fora do âmbito pessoal.

Cabe lembrar que, na concepção de Almeida, o racismo é *sempre estrutural* (ALMEIDA, 2019 p. 15). Assim, volto aos depoimentos dos entrevistados e percebo diferentes percepções e contrastes nos entendimentos acerca de como o racismo opera na sociedade. Nas falas de Gabriel (que se entende como branco), identifico uma concepção de racismo individualista, na qual, para o entrevistado, a solução para superar os problemas deveriam ocorrer no âmbito da superação individual e no esforço por melhorar a própria autoestima. Contrastando com essa perspectiva, as falas de Alice (que se entende como negra) apontam para uma concepção mais estrutural ao reconhecer que as violências ocorridas no âmbito individual são desdobramentos dos discursos e estereótipos em curso na sociedade. Alice relatou sentir as pressões exercidas pelos outros através de múltiplas situações de assédio, desprezo, hipersexualização e expectativas sobre seu comportamento. Relatos, estes, que se conectam com o conceito de racismo estrutural proposto por Almeida (2019).

#### 2.4.4 Questões de precarização e condições de trabalho

Sobre as questões relativas às condições atuais de trabalho dos designers, alguns depoimentos chamaram a atenção por apontarem para a naturalização de práticas desprotegidas.

É... muitas vezes eles (os clientes) demoram muito a pagar... ficam enrolando... e isso gera um baita dum estresse... e eu nunca tinha trabalhado com nenhum tipo de contrato para questões de grafitti. É *whatsapp*, boca-a-boca... então eu sinto que se eu acordasse isso de uma forma mais formal, eu poderia estar mais resguardada caso qualquer coisa acontecesse... E-mail... papel... (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Alice, além de trabalhar fazendo *freelances* de ilustração, também é graffiteira. Apesar da distinção entre as ferramentas de trabalho, ela observa uma proximidade entre as práticas trabalhistas de ambas as atuações.

...com ilustração eu trabalho de *freelancer*, que também foi no boca-a-boca, rola esses atrasos sim, porque não tem o dia certo pra eu receber, não tem o dia certo pra eu receber nem o trabalho nem o dinheiro... é tipo assim: “olha só, eu preciso desse trabalho!”, “Ok, mas é pra quando?”, “Tem como ser pra amanhã?”, Pô, não tem como ser pra amanhã, sabe? E o dinheiro, assim, eu só recebo depois que eu faço... E as vezes ele demora... aí a pessoa fala que teve que fazer isso, que teve que fazer aquilo... que não pôde depositar, é complicado...” (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Gustavo e Mariana, ambos graduandos, também reforçam o coro de como a prestação de serviços *freelancer* em design é refém da informalidade:

Então, no primeiro deles [trabalho *freelancer*], que foi pra uma arquiteta, esse não teve, ele foi mais apalavrado mesmo... foi no boca-a-boca... e o outro teve um pouco de formalidade, mas não teve um contrato assinado... (Gustavo, 20 anos, pardo, graduando, cotista, heterossexual)

[em um trabalho de *freelancer*] eu não sabia quanto cobrar, eu não sabia como falar com o meu cliente... e às vezes ficava uma coisa muito informal... “ah, cê tem como fazer aquele negócio ali pra mim, aproveitando?”, aí eu já ficava naquela sabe “como é que eu digo não?”, como é que eu boto limites ali, sabe? (Mariana, 23 anos, graduanda, não cotista, branca, bissexual).

Essa informalidade se reflete em uma preocupação constante por parte do prestador de serviço, já abordada anteriormente por Alice, e verbalizada por Joana no trecho a seguir:

...eu ficava assim “Nossa, se algumas dessas pessoas quiser dar um perdido”... eu não tive sinal, sabe? Eu não tive aqueles 50% do trabalho... (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual).

Ainda na entrevista de Alice, o retorno à história do iPad me pareceu um ponto importante a ser transcrito nesta dissertação, isto porque o diálogo que tive com ela sobre a compra deste eletrônico foi o *insight* que me despertou para a normalização de uma mentalidade de subserviência bem articulada e introjetada na forma de perceber o trabalho da nova geração de designers. Alice, vale lembrar, é uma jovem mulher de 22 anos.

Eu queria muito [comprar um iPad] porque eu não tava dando conta de fazer tudo em casa... Os freelas que eu tinha que fazer, eu não tava dando conta, porque como a faculdade é integral muitas vezes eu tava lá, e eu queria ficar lá a tarde fazendo o trabalho... Isso, às vezes a aula ser de manhã e não ter à tarde, até é ok, mas é uma quantidade tão absurda de trabalho... que a gente fica até cinco horas lá fazendo trabalho de vez em quando... de vez em muito na real. Então muitas vezes eu marcava grupo com os meus amigos pra fazer os trabalhos e no meio da parada cliente pedia, tipo, alteração em alguma coisa... aí eu olhava assim e falava “galera, vou ter que meter o pé, porque eu tenho que fazer isso pra entregar hoje”. Alteração de ilustração... alteração de qualquer coisa... e daí eu fiquei nessa... poxa, se eu tivesse um Notebook, ou um iPad que eu pudesse trazer pra faculdade, eu poderia estar aqui estudando e trabalhando ao mesmo tempo. Só que isso é loucura, isso é loucura... Não ia render nem um nem outro (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Outro ponto, desta vez presente na fala de Joana, me apontou para a naturalização do registro de Microempreendedor Individual (MEI) como forma de contratação para trabalhos e estágios alocados dentro de empresas de design:

Eu era MEI no meu antigo estágio, ela fazia o estágio por conta do MEI, e ainda assim... E ainda assim eu tenho algumas dúvidas, até de como cobrar, de como deixar isso mais... contrato, uma coisa mais certa e tudo mais... acho que eu tô aprendendo ainda também... mas foram boas essas experiências [os trabalhos como *freelancer*] pra aprender que eu não tô só com esse pé no estágio, que eu consigo criar outras conexões e fazer outras coisas diferentes... acho que é isso. e aí eu acho que a partir de agora, até se eu for contratada, eu vou acabar continuando no MEI... porque eu acho que hoje em dia é o que até as pessoas que estão sendo contratadas tão usando mais... mais do que a CLT...[contrato respeitando a Consolidação das Leis do Trabalho]

a minha chefe acho que ela vai perguntar qual que eu prefiro, mas acho que como eu já tenho essa conta, não sei... tenho dúvidas ainda... Eu não tenho carteira de trabalho... não tenho... eu acho que eu ainda vou ter que dar uma averiguada ainda... eu acho que por questões de imposto, a nossa previdência já mudou muita coisa, então talvez eu só continuaria com o MEI... e seguiria assim, que é uma coisa que eu já domino um pouco... toda a plataforma, todas os passos, né, que tem que fazer... eu acho que talvez eu acabe ficando mesmo no MEI... (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual).

Em primeiro lugar, chama atenção que Joana tenha feito seu estágio em situação de profissional autônoma como microempreendedora individual (MEI) sem um contrato. Essa situação contraria claramente a Lei Federal 11.788 de 25 de setembro de 2008, que dispõe sobre os estágios de estudantes. A lei prevê o estabelecimento de um contrato que deve reger, embora sem estabelecer vínculo empregatício, as relações de estágio por meio de um termo de compromisso (Art. 3º). A lei também enfatiza que o descumprimento da legislação implicaria em vínculo empregatício, conforme definido no Artigo 3º e parágrafo 2º:

§ 2o - O descumprimento de qualquer dos incisos deste artigo ou de qualquer obrigação contida no termo de compromisso caracteriza vínculo de emprego do educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária (BRASIL, 2008 p. 3).

Ao longo de sua entrevista, Joana conectou suas vivências pessoais com o MEI com um cenário macro que me pareceu sintomático da agenda neoliberal que vivemos, em que se propõe a desregulamentação radical do trabalho e dos direitos trabalhistas:

Eu acho que todas as pessoas que eu falei, assim, que já foram contratadas até em estágio, tão indo pelo MEI... É... acho que talvez tá valendo mais a pena... pela isenção de impostos... mas eu tenho visto muito isso... o que é bom e ruim, porque você não tem assegurado certos direitos e acaba ficando uma coisa mais entre você e sua chefe... se sua chefe quiser cumprir com certas questões, tipo férias, outros direitos assim... aí se ela for uma pessoa legal, aí ela vai... mas eu acho que fica muito incerto... acho que o MEI é um pouco inseguro nessa questão... não tem tantas certezas, certezas entre muitas aspas, não tem certos deveres que a CLT ainda assegura... mas acho que é isso (Joana, 23 anos, negra, graduanda, não cotista, bissexual).

Joana destaca que não apenas ela, mas diversos conhecidos, estão em situação irregular ao realizar estágio através do MEI. Isso reforça uma tendência neoliberal de apropriação do estágio como um trabalho precarizado e remete ao

conflito que supostamente estaria superado entre interesses do mercado e da educação com o advento da lei de estágio. Conforme nos informam Irineu Colombo e Carmen Ballão (2014), o conflito entre empresas e escolas marcou o debate acerca das funções do estágio de estudantes ao longo do século XX e início do século XXI no Brasil. No artigo, os autores discutem o processo histórico acerca da legislação sobre estágio e como a ambiguidade das definições permitiam, muitas vezes, que “as empresas driblassem a legislação trabalhista, desvinculassem a atividade dos interesses educacionais” (COLOMBO & BALAO, 2014, p. 176). De acordo com os autores, a atual lei que rege os estágios (Lei Federal nº 11.788/08 – cf. BRASIL, 2008) busca enquadrar o estágio de estudantes como uma ação educacional, possibilitando que, caso se trabalhe nessa direção, o estágio de estudantes possa deixar de ser uma forma de trabalho precarizado (COLOMBO e BALLÃO, 2014 p.184).

Destoando das demais pessoas entrevistadas, por empreender seu próprio negócio (duas gráficas de pré-impressão), Gabriel relatou suas experiências pessoais como empreendedor e sobre como é gerir seu próprio negócio:

Bom, eu tenho 2 gráficas e 1 sex shop. Então eu trabalho praticamente 24 horas...  
(Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”)

No trecho acima, Gabriel relata uma realidade de trabalho contínuo, por meio do qual compreendi que, por administrar sozinho (apenas com a ajuda de seu companheiro), 3 negócios, o tempo que lhe sobra para lazer ou atividades pessoais é escasso. Na sequência, Gabriel falou um pouco sobre como se constitui sua visão política e como isso se conecta com seu trabalho de designer.

A gente começou com *bottons* personalizados, aqueles brochinhas, a gente vendia em manifestação, “fora temer”, “volta Dilma”, “eu apoio Bolsonaro”, “eu odeio Bolsonaro”, “Lula preso”, “Lula livre”, sem partido político, sem viés nenhum... parada gay, marcha da maconha... todas as manifestações populares onde havia grande concentração de pessoas a gente ia... show... porta de estádio em dia de jogo... show da Katy Perry, Rock In Rio, Sambódromo no dia das escolas de samba... a gente fica na entrada como ambulante mesmo... plaquinha na mão... botton pendurado... 1 é 5, 3 por 12 (Gabriel, 32 anos, branco, mestrando, não cotista, “homossexual com exceções”).

A partir do relato de Gabriel, me conectei com vivências pessoais minhas, onde, por necessidade financeira, não pude selecionar os trabalhos que gostaria de fazer, levando em consideração meu alinhamento político com o do projeto solicitado. Realidade esta que me parece ser a vigente para os designers provenientes das classes sociais mais baixas. Cabe destacar também o conflito entre trabalho e a

vivência escolar. Tanto estudantes de graduação como de pós-graduação evidenciaram como o trabalho ocorre em simultaneidade e, às vezes, em contrariedade, à sua vivência acadêmica, por vezes atrapalhando os estudos. Seja na fala de Alice, que tem dificuldade em conciliar o tempo de trabalho com o tempo de estudos, seja na fala de Joana, que vivencia uma experiência precarizada de trabalho a partir da qual precisa negociar e flexibilizar para que possa subsistir. No relato de Gabriel, embora se veja como um empreendedor, ele reconhece que o trabalho o consome “24 horas” e, portanto, deve interferir, concorrer e até se sobrepor a suas múltiplas obrigações no curso de pós-graduação.

#### 2.4.5 Questões do cotidiano em uma escola de design

Como as perguntas feitas na entrevista abordavam algumas reações sociais a características pessoais dentro e fora da Esdi, naturalmente alguns relatos referentes à escola surgiram ao longo das entrevistas. Selecionei os que me pareceram mais sintomáticos e os transcrevo abaixo. Um ponto comum em todas as falas apontou para a análise da homogeneidade do corpo docente, no que diz respeito à raça e à classe social. Essa percepção generalizada acerca destes temas nos dá indícios para pensar o projeto de currículo da escola a partir de suas cabeças formulantes.

...a gente não tem nenhum professor negro, tem? a gente não tem nenhum professor que vem de uma origem financeira baixa também... todos eles acho que eram no mínimo classe média... mas a maior parte era de uma classe de grana mais rica... (Moby Dick, 23 anos, branco, graduando, não cotista, heterossexual).

Ainda sobre o corpo docente, Mariana acrescenta uma informação que vai ao encontro aos relatos colhidos por mim nos corredores da escola ao longo dos últimos anos.

Tipo, tem muitos professores na Esdi que são preconceituosos, né... que são homofóbicos e tratam homens gays e mulheres gays de outra forma... e eu nunca fui tratada dessa forma... tem racista também... tem machista... tem de tudo... (Mariana, 23 anos, branca, graduanda, não cotista, bissexual).

As questões raciais foram assinaladas também na fala de Moby Dick, que entende que o fator racial é, em algum nível, um critério para ser tratado melhor em

alguns casos dentro da escola:

Eu acredito que os professores num inconsciente aí, não todos, talvez os mais velhos, me tratem como melhor de alguma maneira, do que outros que não são brancos... não-brancos ou cotistas, até... por que eu acho que as discussões elas estão juntas também... essas duas discussões também andam em paralelo... da cota... e como que eu me sinto na Esdi... e também a relação dos professores com os cotistas e não-cotistas... Tipo, já teve professor na Esdi que veio falar abertamente que cotista era pior do que não cotista. Eu não vejo isso aí na minha sala, por exemplo. Na minha sala, enfim... tem cotista dando banho em muita gente que não é cotista... e, enfim... em vários aspectos... e... é... eu acho que no sub-consciente de alguns professores... acho que eu me sinto melhor tratado sim (Moby Dick, 23 anos, branco, graduando, não cotista, héterossexual).

A doutoranda da escola entrevistada, Sol, uma mulher branca de 31 anos, se mostrou sensível às questões relativas ao corpo discente na pós-graduação, bem como às dificuldades de acesso no PPD-Esdi.

A Esdi, como várias escolas de pós-graduação e várias escolas de design, é uma escola branca, mesmo com as políticas de cotas. Na pós-graduação, por exemplo, a gente não tem alunos cotistas, apesar disso ser previsto em edital... então eu acho que a gente pode fazer uma leitura que a acessibilidade da pós graduação mesmo com edital de cotas ainda é muito restrita... ou por falta do conhecimento de que existe, ou por que a documentação que precisa pra fazer o negócio é extensa e as pessoas não cumprem essa regulamentação... ou por que as provas são provas com um grande rigor e as vezes não conseguem dar conta... a gente tem tido, né, o número de aprovados menores do que o número de vagas... (Sol, 31 anos, branca, doutoranda, não cotista, "hétero meio bi").

Ainda demonstrando atenção às questões relativas ao acesso ao programa, Sol pontuou o quanto o discurso de igualdade se coloca como uma falácia que escamoteia as possibilidades reais de determinadas pessoas acessarem ao ensino da escola:

A gente acha que as oportunidades estão dadas, a gente acha que todo mundo se sente da mesma forma que a gente nos ambientes... "ah, mas o ambiente é tão inclusivo...", mas não é, né... os ambientes não são inclusivos... não é todo mundo que tem a mesma facilidade... ou que tem a mesma percepção, ou que tem o mesmo tratamento... por mais que esse tratamento não seja explícito, e eu acho que esse deslocamento é importante se a gente quer construir qualquer coisa diferente do que tá dado hoje, sabe? Se as pessoas que tão nessa hegemonia não conseguirem fazer esse deslocamento a gente tem pouquíssimas chances de desestabilizar o sistema, sabe? Então, eu acho que a gente precisa questionar essas coisas aí... e sair um pouco



da zona de conforto e parar de achar que a gente tá fazendo mais do que deveria... ou achando que a gente já tá sendo muito justo... porque as vezes dar oportunidades iguais pras pessoas é extremamente injusto... porque as pessoas não chegam lá com a mesma oportunidade, entendeu? De um lado pra cá tu pode tá dando a mesma oportunidade, mas as pessoas chegam de jeitos completamente diferentes... tem gente que chega com colete, com chapéu, com a melhor lupa que já inventaram pra pesquisar... e tem gente que chega como? De pé descalço e morrendo de sede. E a gente quer que essas pessoas.... a gente tá dizendo que elas tem a mesma oportunidade? Sabe? Então são coisas pra gente pensar também... e como é que é o nosso papel nisso tudo... acho que é isso... (Sol, 31 anos, branca, doutoranda, não cotista, “hétero meio bi”).

A fala de Sol evoca a discussão acerca do racismo estrutural reproduzido pelas instituições, conforme trazida por Silvio Almeida. O autor destaca que a dimensão institucional do racismo é responsável por criar regras e normas para manter os privilégios aos brancos ou grupos raciais específicos. Almeida (2019 p. 35) destaca que, por exemplo, nas vagas de empregos as exigências de “boa aparência” são associadas às “características estéticas próprias de pessoas brancas”. Isso garante que, de modo deliberado ou não, um grupo racial é beneficiário desses padrões e normas.

Para fechar esta seção, trago um trecho da entrevista de Alice, que me concedeu pouco mais de uma hora de seu tempo em uma entrevista feita na Uerj, campus Maracanã – local escolhido por ela por ser próximo à sua casa. Alice refletiu sobre os impactos da Esdi ficar fisicamente destacada do campus Maracanã, sugerindo o quanto isso torna o corpo discente e a vivência da escola mais isolados e distantes da realidade de alunos que trabalham durante o dia e estudam em cursos noturnos (situação comum no campus Maracanã). Para além dessa análise, Alice também nos trouxe uma reflexão sintomática, com uma substância que me pareceu a chave para futuros projetos que possam borrar a fronteira entre a Universidade e a cidade ao seu redor, como há tanto sonhamos.

Relacionado à Esdi... Eu acho que é muito fechado pro exterior... eu sinto os alunos muito fechados pro que tá acontecendo ao redor... entendeu? Olha a lapa, sabe? Tem sempre moradores de rua na frente da Esdi, jogados, dormindo, e às vezes até mortos, em frente à nossa faculdade, entendeu? E daí a gente passa do portão e fica “Nossa, que mundo lindo! Belo! Foda-se o que tá acontecendo ao redor...”. Eu acho isso meio estranho.... muitos dos alunos que estudam lá sequer andam por ali, entendeu? Muitos deles não conhecem... não conhecem o centro do Rio de Janeiro, não andam por lá...

e tem medo inclusive... eu acho que falta um pouco... eu não sei como isso, mas a faculdade se abrir um pouco pro que tá acontecendo em volta, entende? Porque tem muita informação, tem muita fonte de inspiração também... As pessoas que passam por ali... Cara, o centro é um mundo, sabe? De gente que vai e vem. Um mundo de informações, de vivências, de referências, sabe? De ideias também... e eu sinto que a faculdade ela quebra tanto isso, isso é tão triste, sabe? Sei lá, isso me deixa um pouquinho triste... É... também... o fato de ser destacado da Uerj acho que interfere, né... a gente não tem muito contato com outros cursos, com outras pessoas... também tem essa questão... o meu ex-namorado ele estuda aqui [campus Maracanã], ele faz a noite, né, porque ele trabalha de dia... e ele tava comentando como a Uerj muda do turno da manhã e tarde pro turno da noite. Assim, muda, sabe? Completamente... você vê em grande massa pessoas negras, pessoas que trabalham durante o dia, você vê em grande massa uma galera cansada. Tipo assim, é outra Uerj... outra Uerj. E isso não tem na Esdi, entendeu? Não tem... e talvez se a gente fosse daqui junto, algumas coisas, algumas visões mudariam... (Alice, 22 anos, negra, graduanda, cotista, heterossexual).

Essa reflexão de Alice acerca do distanciamento dos campi e do quanto isso interfere no funcionamento da escola me fizeram pensar quais seriam os ônus e bônus de uma Esdi mais integrada, tanto com o campus Maracanã quanto com o seu entorno.

Vale lembrar que essa discussão sobre a Esdi e sua inserção no cenário brasileiro é contraditória e discutida desde sua fundação, nos anos 60. Pedro Luiz Pereira de Souza (1996), mostra as pretensões do corpo discente em incluir questões ligadas à cultura de massa e em dialogar com a população brasileira, ao mesmo tempo que esse corpo discente vinha de uma elite econômica. Souza exemplifica essa contradição a partir da declaração de um estudante ao *Jornal do Brasil* em junho de 1968 sobre a Esdi.

Apesar de dizerem que a nossa escola visa a comunicação com a massa, isto é uma escola de elite. Você vê a gente aqui todo mundo bonitinho, bem vestido e com carro. Isto aqui é uma PUC requintada (SOUZA, 1996 p. 176).

Mais recentemente, vale destacar que o estado do Rio de Janeiro foi pioneiro em ações afirmativas para as universidades estaduais fluminenses e que, no ano 2000, a Alerj aprovou a Lei nº 3.524/2000 que assegurava 50% das vagas universitárias a estudantes advindos de escolas públicas. Em 2001, com a Lei nº 3.708/2001, passou a se destinar 40% das vagas para candidatos autodeclarados negros e pardos. Já em 2003, essas leis foram modificadas e substituídas pela Lei nº

4.151/2003. Atualmente, essa política está balizada pela Lei nº 8.121, de 27 de setembro de 2018, que define as porcentagens em 20% das vagas reservadas a negros, indígenas e alunos oriundos de comunidades quilombolas; 20% das vagas reservadas a alunos oriundos de ensino médio da rede pública, seja municipal, estadual ou federal e 5% das vagas reservadas a estudantes com deficiência, e filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão de serviço (cf. CAIAC, ca. 2018).

Por força das leis de reserva de vaga, vemos que, a partir de 2003, o espaço da Uerj e, mais especificamente da Esdi, passa a contar com mais diversidade de estudantes, oriundos de outras raças e classes sociais. Isso estabelece uma mudança entre o cenário contemporâneo dessa pesquisa e aquele apresentado pelo estudante de 1968 que definia a escola como uma “PUC requintada”. Todavia, apesar das mudanças no corpo discente, as falas dos entrevistados dão conta da falta de transformações no corpo docente, ainda predominantemente branco e de classe média. Isso implica que as decisões e normas estabelecidas dentro da escola são tomadas por um grupo que difere em cor e em classe social de uma porcentagem significativa dos estudantes.

Também dentro dos termos do racismo estrutural, cabe refletir sobre as falas trazidas pela doutoranda Sol acerca do acesso à pós-graduação – modalidade na qual o uso das cotas ainda não é efetivo. Isso aponta para o questionamento dos valores envolvidos no dito “rigor” do processo seletivo. Também mencionado por Sol foram as questões acerca do mercado de trabalho, no qual os valores racistas ainda operam nos processos de seleção de candidatos às vagas de trabalho, tensionando a relação entre o acesso à universidade e a inserção no mercado profissional.

Ou seja, embora a Esdi vivencie hoje um ambiente mais diverso que o de sua fundação, especialmente em função das reservas de vagas, observo que ainda há um certo isolamento da escola em relação ao entorno, conforme nos falou Alice. Esse isolamento ocorre de diversas maneiras, seja nas relações e tensões entre professores e alunos, seja na percepção das possibilidades de atuação do design e eventual incapacidade de lidar com o entorno, seja nos assuntos e temas tratados na escola, que pouco dizem sobre a realidade dos alunos, ou entre várias outras questões que consigo imaginar a partir da noção de isolamento da escola em relação ao seu entorno e ao campus da Uerj no Maracanã.

Vale destacar outra observação mencionada pela estudante Alice, pois apesar da reserva de vagas, o horário de ensino consome um tempo integral, com aulas de manhã e trabalhos de tarde. Essas condições de ensino impedem que estudantes que trabalham em tempo integral possam frequentar a escola, devido à ausência de um horário noturno. Portanto, a única opção dessas pessoas é recorrer a outros cursos profissionalizantes capazes de oferecer a formação em design no horário noturno, contrariando, assim, um discurso de democratização do acesso ao ensino que ainda se mostra muito limitado, frente às condições materiais de estudantes advindos das classes sociais mais baixas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos capítulos anteriores, busquei entender como o design, percebido aqui como um aparato do estágio industrial do capitalismo (FORTY, 1987), foi – e ainda é – utilizado para difundir discursos em massa. Estes discursos, se observados sob uma perspectiva das narrativas normativas de gênero, se mostram bastante eficazes quando examinamos o papel que eles exercem no funcionamento da engrenagem capitalista. Isto porque é também na manutenção da heteronorma que essa engrenagem garante seu funcionamento.

Analisando as sugestões comportamentais das narrativas visuais de peças de roupa infantis em uma coleção de moda da loja de departamentos C&A, busquei esmiuçar os efeitos das materialidades e visualidades através das quais o design industrial produz identidades conformadas dentro de um padrão binário de gênero.

Sem perder de vista, porém, as condições de trabalho às quais são submetidos os e as designers no recorte temporal desta pesquisa, busquei entender como a precarização do trabalho se conecta diretamente com a manutenção de um *status quo* heteronormativo. Desta forma, não pretendo tratar a classe de designers, o que me inclui por também sê-lo, de maneira abstrata ou equivocadamente glamourosa. Fujo das análises internas a esta classe que se contentam em delinear uma identidade profissional abstrata. E não fujo à toa. Ao longo dos últimos anos, muitas vezes percebi alguns grupos de pessoas, designers ou não, demandarem energia ostensiva em discussões sobre o que é ou não o ofício de fazer design. Em muitas destas discussões, identifiquei egos ávidos pelo reconhecimento do caráter artístico e/ou autoral presente em seus trabalhos. Em outras, percebi um esforço de distanciar o design de seu caráter mercadológico como uma tentativa de higienização do trabalho que fazemos.

Portanto, recusando estes partidos, pretendo traçar aqui um retrato material da classe trabalhadora à qual pertenço. E se esse retrato não parece tão sedutor quanto gostaríamos, paciência. Me recuso também a mobilizar artifícios retóricos de linguagem que poderiam vir a funcionar como um *Photoshop* na imagem do designer contemporâneo. Se aquela ou aquele profissional é considerado designer ou artista, essa discussão, para mim, não vem ao caso, visto que a própria classe autointitulada artista também se vê em situações de negociação precarizada com os domínios do

capital. Logo, não vejo sentido em investir esforços para revisar o que podemos conceitualmente ser, quando, na prática, estamos todos reféns de condições tão aviltantes de prestação de serviço, como nos aponta a entrevistada Joana, que o MEI é uma nova realidade até para aquelas e aqueles que são contratadas e contratados em empregos fixos.

Tendo em mente o caráter materializador do design e as condições de trabalho precarizadas, busquei conjugar como esses panoramas se entrelaçam. Entendo, portanto, que ambos os temas abordados neste trabalho estão diretamente relacionados. Pois, se o design faz tão bem o papel de incentivar as identidades binárias necessárias para a manutenção da estrutura capitalista heteronormativa, é também porque as condições de trabalho desta classe dificultam qualquer recurso àquilo que chamei, inicialmente, de *hackeamento*.

O controle exercido pelo capitalismo e pela heteronorma sobre os corpos afeta as formas de reprodução da vida que se diferenciam do padrão heteronormativo. Se por um lado, por meio dos artefatos do design, reforçam o discurso de dominação que prescreve os usos dos corpos e seus enquadramentos e oprimem suas possibilidades, por outro lado, fazem uso de uma mão de obra cada vez mais precarizada em suas relações de trabalho, que, por falta de opções, são instrumentalizadas para produzir essa realidade material que, por sua vez, subsidia formas de opressão.

Aliás, no que se refere à produção material desses valores, por meio de objetos e sistemas, considero importante reconhecer que isso ocorre em diferentes esferas da cadeia produtiva: seja no projeto (designers, estilistas etc.), seja na confecção (operários, costureiras etc.), na distribuição (motoristas, empilhadores etc.) na venda (lojistas, comerciantes) seja no descarte (lixeiros, catadores etc.).

Talvez soe um pouco frustrante perceber que chegamos a este final sem uma proposição ou sem um aforismo que sobre como um vento motivador de fé no ofício do design industrial ou em seu potencial revolucionário. Isso porque, entendendo as limitações da atuação do designer dentro das cadeias produtivas, acredito que seu potencial revolucionário pressuponha uma autonomia da qual esta classe trabalhadora, em si, não goza.

Tomemos um exemplo recente. No início de 2020, a rede varejista de roupas Riachuelo lançou uma campanha com o tema “Vogue” – um estilo de dança surgido em guetos de gays e travestis norte-americanas na década de 70. Tal campanha, que trazia dançarinas e dançarinos performando o Vogue e vestindo as roupas da marca,

foi ovacionada pela comunidade de dissidentes sexuais. “Representatividade importa”, disseram alguns. Isto por considerarem importante que corpos fora do padrão branco e heteronormativo protagonizassem campanhas publicitárias e passassem a integrar também o rol das identidades que vendem e consomem. Até aí tudo bem.

Tal campanha não seria tão problemática, no entanto, se a própria marca em questão não tivesse apoiado a eleição do então presidente da república, Jair Bolsonaro, em sua campanha presidencial de 2018. É uma equação simples, mas é preciso deixá-la nítida: a marca que apoia a eleição de um presidente declaradamente homofóbico e de extrema-direita é a mesma que criará campanhas voltadas para o nicho de consumo heterodesviante (englobo aqui todos que desviam do padrão heteronormativo de gênero e orientação sexual). Entendo, com esse exemplo, que o jogo do capital não esgotou, até então, sua capacidade de ser ardiloso. E enquanto mata, através do apoio político a projetos desumanos e negligentes com a parcela heterodesviante, também lucra a partir dela.

Não quero, com isso, deslegitimar os discursos que clamam por representatividade na publicidade ou em cargos de poder. Assinalo, porém, que se estas representatividades não estiverem associadas a um projeto de políticas públicas que de fato assegurem direitos e segurança às parcelas as quais representam, pouco importará. É como, por exemplo, alegando representatividade, eleja-se um homem declaradamente gay à um cargo público, sendo que este homem não esteja comprometido com a segurança e com a geração de políticas públicas para aquelas e aqueles, também dissidentes sexuais, que não gozam, no entanto, dos domínios e respaldos do capital. A quem essa representatividade atende? Certamente não amim nem à parcela socialmente vulnerável dos dissidentes sexuais.

Este final talvez te faça questionar se chegou até aqui para ver um desfecho tão abrupto e desconcertante. Pois é pena que, além de inacabada e inconclusiva, esta dissertação não possa também ter cheiro. Pois se pudesse, escolheria que cheirasse muito mal. Como cheiram algumas das velas do “Quarto de despejo” (1960), esquecido pelas políticas públicas sempre comprometidas em cuidar das “partes nobres da casa”. E, se pudesse este projeto ter cor, escolheria o amarelo, a cor que, para Carolina Maria de Jesus, é a cor da fome, à qual podem vir a frequentar tantas trabalhadoras e trabalhadores de nossa classe profissional impelidas e impelidos a uma agenda de trabalho tão insegura e desleal.



Minha intenção ao atribuir tais características materiais a este texto não deve ser lida como uma simples provocação. Desejo, antes, que estas características pudessem aumentar o efeito das denúncias que tentei empreender ao longo destas páginas. Portanto, seria ingênuo (ou de mau caráter?) terminar este estudo com um sorriso dissimulado e uma frase motivacional que conjugasse as noções de design com as nossas expectativas de um futuro melhor. Não o farei. Prefiro que você termine esta leitura com muita raiva de tudo aquilo que refletimos, com a “legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo” (FREIRE, 2019, p. 16). E que este desconforto nos deixe inquietas, incansavelmente dispostas a escrever outras narrativas, subverter os sistemas vigentes que não nos contemplam e pleitear, com força e gana, um horizonte de igualdade que nos permita experimentar vidas verdadeiramente gozosas.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANASTASSAKIS, Zoy.; SZANIECKI, Barbara. **Conversation Dispositifs: Towards a Transdisciplinary Design Anthropological Approach.** In: Design Anthropological Futures. London: Bloomsbury, 2016.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

BARTHES, Roland. **Retórica da imagem.** 1964, Communications. pp. 27-45

BRASIL, **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2008. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=26/09/2008&jornal=1&pagina=3&totalAr>>. Acesso em: 30 de fev 2020

CAIAC - COORDENADORIA DE ARTICULAÇÃO E INICIAÇÃO ACADÊMICAS (Rio de Janeiro). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Programa de Ação Afirmativa.** ca. 2018. Disponível em: <<http://www.caiac.uerj.br/index.php/programa-de-acao-afirmativa/>>. Acesso em: 30 fev. 2020.

CAUGHIE, Pamela L. “**Passing’ and Identity: A Literary Perspective on Gender and Sexual Diversity.**” God, Science, Sex, Gender: An Interdisciplinary Approach to Christian Ethics. Ed. Patricia Jung & Aana Vigen. University of Illinois Press, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia.** 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

COLOMBO, Irineu Mario; BALLAO, Carmen Mazepa. **Histórico e aplicação da legislação de estágio no Brasil.** Educar em revista, Curitiba , n. 53, p. 171-186, Set. 2014 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 30 Fev. 2020

EMANUEL, Bárbara; CARVALHO, Ricardo Artur Pereira. **Linguagem e Design: a sobre impossibilidade de neutralidade da informação.** Camara (Eds). Anais [Oral] do 7º Congresso Internacional de Design da Informação. São Paulo: Blucher, 2015.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Primeira edição. Editora Elefante. Tradução Coletivo Sycorax. 2017.

FORTY, Adrian. **Objeto de desejo: Design e Sociedade desde 1750.** São Paulo: COSAC NAIF, 2007. 352p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

GONZÁLEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS, 1983.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.

HACK. In: DICTIONARY by Merriam-Webster. Springfield: **Merriam-Webster**, 1996. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/hack>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960. São Paulo: Ática, 2001.

KINROSS, Robin. **The Rhetoric of Neutrality**. JSTOR. The MIT Press, 1985. Web. 15 de Setembro de 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOMBAÇA, Jota. **Desmontando a Caravela Queer**. Belo Horizonte: Catálogo do Fórum Doc BH. Festival do filme, documentário e etnográfico, fórum de antropologia e cinema. 2016. pp. 195-201.

PELÚCIO, Larissa. **Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 395-418.

PEREIRA, Pedro Paulo. **Queer nos trópicos**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 371-394.

PORTINARI, Denise. **Queerizar o design**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Edição especial Seminário Design.Com, Outubro 2017. pp. 1-19. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>>. Acesso em: 8 mar. 2019.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual. Políticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo**. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Quinta Edição. Editora UFRF. 2013

SOUZA, Pedro Luiz Pereira de. **ESDI: biografia de uma ideia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

VIEIRA, Amiel Modesto. **Reflexões sobre corpos dissidentes sob olhar feminista decolonial-queer**. In. DIAS, Maria Berenice (org.). Intersexo, São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2018.

**APÊNDICE A – Entrevista Alice****Entrevistado(a):** Alice**Data:** 13/12/2019**Local:** UERJ**Entrevistador:** Então, primeiro eu tenho umas perguntinhas que são bem básicas, só tipo um formulário pra saber quem é você exatamente. Qual a sua idade?**Alice:** Eu tenho 22.**Entrevistador:** 22? Massa. Você é cotista?**Alice:** Sou.**Entrevistador:** Tá, e você é de onde?**Alice:** Eu sou daqui do Rio de Janeiro mesmo.**Entrevistador:** Ok, massa. E o seu vínculo com a Esdi?**Alice:** Eu sou estudante faz um ano, entrei em março de 2019.1.**Entrevistador:** De graduação?**Alice:** Isso.**Entrevistador:** Com quem que você mora, Alice?**Alice:** Eu moro com minha mãe, meu pai e minhas duas irmãs.**Entrevistador:** Massa, e você mora aqui no Rio?**Alice:** Sim.**Entrevistador:** E como é que vocês dividem o trabalho doméstico da casa lá?**Alice:** Então, atualmente meu pai tá desempregado, a minha mãe sempre foi dona de casa, por um tempo ela até chegou a estagiar numa escola quando ela fez graduação em Pedagogia, é o costume né, cara, ela voltou a ser dona de casa mesmo. Eu hoje trabalho, mas sou eu, assim, que custeio minha própria vida, lá em casa não chega a ter necessidade d'eu ajudar nas contas, mas se tivesse teria que ajudar e seria isso aí mesmo, mas... É isso. Meu pai tá, tipo, na situação de seguro desemprego ainda...**Entrevistador:** Aham... E assim, esse trabalho doméstico de arrumação e manutenção da casa?**Alice:** É todo mundo junto...**Entrevistador:** Todo mundo faz?**Alice:** Aham, mas é mais minha mãe e meu pai mesmo. Também por eu estar o dia todo fora...**Entrevistador:** Aham... E suas irmãs?**Alice:** Uma tem 16 anos, a outra tem 4... A de 16 não faz muita coisa não, adolescente é foda. Não faz não, é difícil. Tem que pedir, tem que ficar em cima.

**Entrevistador:** Tendi... Tá... E você recebe alguma ajuda de custo da Esdi?

**Alice:** Sim, em relação à bolsa.

**Entrevistador:** É uma bolsa de manutenção?

**Alice:** Sim, é uma bolsa de manutenção. Praticamente tudo que eu necessito na faculdade, transporte, alimentação e material é por conta da bolsa.

**Entrevistador:** Então é uma bolsa que custeia todo esse deslocamento e essa manutenção?

**Alice:** No meu caso dá conta, porque assim, eu não moro tão longe, sabe? Eu não pego 2 transportes ida e 2 transportes volta, como a maioria das pessoas pega, entendeu? Eu moro dentro do estado, e relativamente próxima da Faculdade... Então eu não tenho grandes custos com transportes como as pessoas que moram fora tem. Fora do município...

**Entrevistador:** Você mora aqui no Maracanã, que você falou...

**Alice:** Exatamente... Perto da Esdi. É 1 ônibus, 247, ida e volta.

**Entrevistador:** E você exerce algum trabalho remunerado fora da Esdi?

**Alice:** Exerço. Eu sou freelancer, trabalho com ilustração, com grafitti e com mídia digital, pra... Rede social de uma loja.

**Entrevistador:** E como é que é feito esse trabalho em termos trabalhistas? Como que é feita essa oficialização desse trabalho, assim... Dessas relações?

**Alice:** É muito... Tem sido muito no boca-a-boca. O trabalho que eu faço de mídias digitais pra esse loja, é uma loja de umas de umas amigas minhas... Então nunca tive nenhum problema relacionado a nada... Porque é muito no amor mesmo que a gente faz... Porque a gente quer ver a loja crescer... E fomentar O... O... O rolê nosso, né... Das meninas... Mas... Agora em relação à ilustração e grafitti, já são outros quinhentos, porque são sempre pra terceiros e pra pessoas que eu não conheço. E muitas vezes é primeiro aquela batalha de conseguir o cliente, depois a batalha do cliente aceitar o seu valor. Geralmente a gente sempre abaixa bastante, né... Nem sempre o cliente aceita pagar (uma parte) antes... Pra depois pagar o resto... E daí a gente sempre acaba cedendo, porque aí a gente tem 2 trabalhos, de pintar e de comprar o material, né? Que é o pré... A gente tem que ir na procura do material, procurar os materiais mais baratos... Pô, aí entra valor de Uber pra levar as tintas... Depois entra valor de Uber de novo pra levar as tintas até o local... Se sobrar tinta, levar a tinta que sobrou do local até a minha casa... E às vezes explicar isso pro cliente é muito difícil, ele não entende que tudo isso tem um valor... E pra gente faz toda diferença. É... Muitas vezes eles demoram muito a pagar... Ficam enrolando... E isso gera um baita dum estresse... E eu nunca tinha trabalhado com nenhum tipo de contrato para questões de grafitti.

**Entrevistador:** Então é tudo muito... Como é que é acordado, assim, essas questões, assim, no grafitti?

**Alice:** É WhatsApp, boca-a-boca...

**Entrevistador:** Entendi...

**Alice:** E "Ah, vamo fazer, vamo fazer!"

**Entrevistador:** Entendi... E geralmente você passa o seu valor... Como que é isso?

**Alice:** Sim, eu passo meu valor, com o orçamento do material, o orçamento da minha mão de obra... Eu explico que dentro do orçamento do material, cada lata tem um certo valor que é alto, né... Em média 18 reais cada lata... Isso é um valor alto de material, e que, assim, se ele se responsabilizar de comprar um material mais barato, ok, beleza! Mas eu não posso garantir que o resultado vai ser o mesmo do que o da tinta que eu vou comprar, por exemplo... Nesse sentido eu já tiro o meu da reta. Se ele quiser comprar uma tinta ruim, beleza, eu faço o mesmo trabalho, mas não vai ter a mesma durabilidade... Então eu sinto que se eu acordasse isso de uma forma mais formal, eu poderia estar mais resguardada caso qualquer coisa acontecesse...

**Entrevistador:** De uma forma mais formal tipo como?

**Alice:** E-mail... Papel... Aquela conversa que a gente teve sobre contrato mesmo... Porque nem por e-mail essas coisas eu trato... É WhatsApp mesmo... Porque não são empresas grandes, não é nada disso, é tipo, o tio de uma lojinha que abriu um hortifrutti daí quer que eu pinte na frente umas frutas... São coisas desse gênero, entendeu? Ou alguém que quer em casa que eu faça algum desenho... São coisas desse tipo. E também tem o realmente pra empresas, né... Não digo empresas, mas... Pessoas jurídicas, melhor dizer assim. E sempre são os mesmos estresses. Eles pedem pra gente comprar tinta de um dia pro outro, e cara, comprar às vezes 10 latas de tinta de um dia pro outro da cor que eles querem... Eu não vou achar em qualquer loja, sabe? Não é tão fácil assim... Então eles, eu sinto que eles não tem noção, e por eles não terem noção, eles não respeitam o meu tempo, o tempo do grafiteiro, né? Agora eu tô falando como graffiteira e não como ilustradora, que são outros quinhentos... Eles não respeitam o nosso tempo, não sabem que tem que ter um preparo, sabe? Eu não tô disponível a qualquer momento pra eles, entendeu? Não é, tipo assim, “ah, quero um grafitti amanhã!” e eu vou ter lata na minha casa, sempre... Porque eu não sou estoque de tinta, sabe? Entendeu? Tem isso... E sem contar que sempre rola um atraso depois, sabe? Depois que a pintura tá linda, todo mundo elogia à beça, absurdos, mas o dinheiro sempre atrasa no fim...

**Entrevistador:** Atrasa em relação ao combinado?

**Alice:** Exatamente, em relação ao combinado...

**Entrevistador:** Isso com grafitti, e com ilustração também é assim?

**Alice:** Com ilustração... Com ilustração eu trabalho de freelancer, que também foi no boca-a-boca, rola esses atrasos sim, porque não tem o dia certo pra eu receber, não tem o dia certo pra eu receber nem o trabalho nem o dinheiro... É tipo assim: “olha só, eu preciso desse trabalho!”, “Ok, mas é pra quando?”, “Tem como ser pra amanhã?”, Pô, não tem como ser pra amanhã, sabe? E o dinheiro, assim, eu só recebo depois que eu faço... E às vezes ele demora... Aí a pessoa fala que teve que fazer isso, que teve que fazer aquilo... Que não pôde depositar, é complicado...

**Entrevistador:** E aí não tem nenhum respaldo, assim, que te garanta?

**Alice:** Nenhum, nenhum...

**Entrevistador:** Você já tentou trabalhar com algum contrato alguma dessas vezes, assim?

**Alice:** É, eu já trabalhei, com ilustração, já trabalhei sim com contrato, mas não eu passando o contrato pro outro... Era pra empresas grandes mesmo...

**Entrevistador:** Entendi... A empresa que te forneceu?

**Alice:** Exatamente.

**Entrevistador:** Entendi... E no caso da conta fixa que você comentou que faz de mídias... Você tem um controle das horas trabalhadas, semanais, mensais?

**Alice:** Não, nem um pouco... Tem vezes que tipo, em um mês, tem 3 semanas que eu não trabalho, e aí em uma eu faço alguma coisa... Tem vezes que toda semana eu faço alguma coisinha, varia muito...

**Entrevistador:** Entendi... E você tem um salário fixo nessa conta?

**Alice:** Sim, tenho.

**Entrevistador:** Sim, entendi... E a demanda que varia um pouco...

**Alice:** É, sim, a demanda que varia um pouco... É porque realmente, tipo, foi um acordo com a loja, entendeu? São amigas minhas... Eu não tenho nenhum problema com isso, e como se... É como não! Eu FAÇO parte da loja também, e eu ajudo, eu fomento dessa forma. Eu recebo uma graninha por conta disso, claro né, mas eu faço um valor muito tranquilo... Porque dá pra fazer, e porque eu quero ver a loja crescer.

**Entrevistador:** Entendi, você vê como um projeto que também é seu?

**Alice:** Exatamente.

**Entrevistador:** E de um modo geral os trabalhos que você faz como ilustradora, sem ser os trabalhos que você faz de grafitti, eles são feitos onde? Com grafitti geralmente você tem que ir ao local, né, onde vai ficar o grafitti... E como ilustradora?

**Alice:** É, exatamente...

**Entrevistador:** É, e no geral os trabalhos que são mais de design, de ilustração... Você faz onde?

**Alice:** Eu faço em casa... No computador, em casa... E é isso.

**Entrevistador:** Sim, beleza... Tem uma outra pergunta aqui que é interessante, aí já sai um pouco dessa esfera da Esdi, de trabalho... A gente tá entrando num outro setor da entrevista, mas você pode ficar à vontade pra falar o que você quiser, o que você sentir de acordo com as suas experiências, tá? Sociais e urbanas, assim... Você se sente à vontade ou destoante nos lugares que você frequenta? Tem alguma situação em que geralmente você se sente constrangida?

**Alice:** Nossa, essa pergunta é complicada...

**Entrevistador:** É, né?

**Alice:** Nossa, é um grande "depende"...

**Entrevistador:** Depende de que?

**Alice:** Depende de como tá o meu astral no dia... E em muitos lugares eu não me sinto confortável.

**Entrevistador:** É? E você consegue entender por quê? Assim...

**Alice:** Porque eu não me sinto parte daquele lugar, entende? Alguns trabalhos que eu vou fazer, eles são em lugares que tipo assim, eu não sou de lá, entendeu? No sentido de que... Lugares ricos, entende? Não sei como explicar muito isso, mas, por



exemplo... Eu fui fazer um trabalho numa zona nobrissíssima de São Paulo, jamais ia me imaginar lá, e a primeira coisa que eu sentindo foi: “caraca, olha minha roupa!”, sabe? Gera uns constrangimentos assim, porque eu sinto que as pessoas olham pra mim, tipo assim “olha que bonita, ela é criativa! Olha que liiindo!”, sabe? Mas... Ai, isso é tão difícil... Sei lá, é como se a minha aparência fosse antes do que eu sou, entendeu? E por conta da minha aparência, por conta de como eu sou, e por conta de várias coisas, eles podem baratear meu trabalho, entende? Eu sinto muito isso, entende? Ou é como se meu trabalho fosse fácil, entende? Eu não tô vestida como... Pra homem a gente usa “engravatado”, pra mulher a gente usaria o que?

**Entrevistador:** Eu entendo o que você tá querendo dizer...

**Alice:** É, eu não tô, tipo, “engravatada” ali, então parece que eu não trabalho sério... Entendeu? A forma como eu me visto, quase sempre eu tô suja de tinta... Isso tudo gera um desconforto nos lugares onde eu vou trabalhar... Porque passa a sensação de que meu trabalho é fácil, é só eu chegar e fazer... E não é isso... Não é isso! Tem muita gestão atrás disso! Hã... Agora, pelo fato d’eu ser grafiteira, ilustradora, e consequentemente artista também, muitas vezes eu exponho em lugares que eu não costumo frequentar também, isso também gera um desconforto, né... Eu tô ali... Expondo a minha arte... Mas gera um desconforto porque eu sinto que as pessoas que estão ali não entendem o que que é aquilo ali de verdade. Sabe?

**Entrevistador:** Como assim não entendem?

**Alice:** Aquilo ali não é a realidade delas...

**Entrevistador:** Aquilo ali que é o seu trabalho?

**Alice:** É! Exatamente. Então quando elas me perguntam o que que é aquilo ali e eu explico, eu vejo na cara delas que aquilo ali tá tão uma névoa, assim, sabe? Me dá até preguiça de explicar pra falar a verdade... Porque... Eu sinto que às vezes eu poderia tá fazendo muito mais em outros lugares com pessoas que não tem acesso àquilo ali, e são as pessoas que eu quero atingir... São as pessoas que eu quero falar, mas não é nesse lugar que eu vou ganhar o dinheiro.

**Entrevistador:** E que pessoas são essas que você quer atingir, que você quer falar?

**Alice:** Pessoas como eu, como meus familiares, pessoas suburbanas, pessoas periféricas... Mas, não é nesse lugar que eu vou ganhar dinheiro imediato pra conseguir viver, entendeu? Eu tenho, infelizmente... Eu faço arte falando da minha vivência, falando do subúrbio, falando de periferia, mas eu não vendo pra essas pessoas. Eu vendo pra quem não é desse meio, sabe? Porque eles gostam. Eles gostam.

**Entrevistador:** E tirando isso, na Esdi... Como que você se sente de um modo geral, transitando, ocupando o espaço... Como que é isso pra você... Você se sente bem, se sente à vontade?

**Alice:** Eu hoje me sinto bem, mas acho que se eu tivesse entrado direto na Esdi, eu provavelmente não me sentiria... Da mesma forma como eu não me sentia à vontade na UFRJ, eu passei 4 anos na UFRJ e eu não me sentia nem um pouco à vontade lá, sabe?

**Entrevistador:** Por quê?

**Alice:** Porque aquilo tudo pra mim parecia um bicho de sete cabeças, eu não sabia onde que era nada, eu não sabia nem a quem perguntar as minhas dúvidas, era completamente confuso... E eu perguntava coisas aos meus amigos de classe, todo

mundo sabia onde era tudo e eu ficava perdida... Não sabia nem onde era a coordenação, sabe? Aí as pessoas falavam “a coordenação é ali!”, e eu ficava “mas ali onde gente?”, “ali, ali!”... Na família... Pô, cara, a única coisa que meus familiares sabem do fundão é onde fica o Hospital, porque é público. Mas ninguém sabe onde fica o Centro Tecnológico, onde fica a reitoria, e eu também não sabia... Mas quando eu chego lá e me deparo com as pessoas, e todo mundo sabe onde fica tudo, porque tios, pais, avós, estudaram... Sabe? É outra coisa... É muito estranho isso, porque parece que eu... Eu me sentia burra lá dentro. Eu não sabia como fazer nada, eu não conhecia as referências, no caso eu fazia Artes, né? Então tinham muitas referências... Isso e aquilo... Já viajou pra museu na Alemanha... Pra isso e p’aquilo... E eu ficava assim “Gente... E eu achava que saber de Artes era CCBB, né? Pra vocês CCBB não é nada...”, e realmente não era nada pra eles.

**Entrevistador:** Então tem uns códigos?

**Alice:** Exato! São os códigos. Na Esdi não me sinto tanto... Eu não me sinto desconfortável pra falar a verdade... Porque eu já desencanei disso, de tanto levar porrada na Belas Artes, na EBA, eu sei hoje como me portar, o que fazer, o que procurar... E sendo bem sincera, eu acho a estrutura da UERJ muito mais simples que da UFRJ.

**Entrevistador:** Em que sentido mais simples?

**Alice:** Ela é mais acessível... Eu acho que...

**Entrevistador:** Em termos de burocracia que você diz?

**Alice:** É... Em termos de informação mesmo... Eu posso tá errada, porque na UFRJ foi foda, sabe? Então eu tô comparando um chefão, com um chefe, sabe?

**Entrevistador:** E são vivências muito emocionais pra você também, né?

**Alice:** Exatamente...

**Entrevistador:** Tudo bem, e como que você percebe isso? porque a UERJ é mais acessível?

**Alice:** É... Eu acho a UERJ mais acessível... Por exemplo... Pra UFRJ a gente entra pelo ENEM, e tá lá né... Se você entra por cota, de colégio público, negro e tal... Você tem direito à bolsa. E em quatro anos de UFRJ eu nunca consegui bolsa. Todo ano eu tentava, e era uma burocracia louca... Mas sempre faltava documento, sendo que eu verificava que nem uma louca, e eu chegava lá e falavam “tá faltando tal documento.”, e eu ficava “como assim tá faltando tal documento?”, e aí eu nunca consegui pegar bolsa lá... Isso foi o que me dificultou também bastante, porque pra lá já eram 2 ônibus que eu precisava pegar, eu ficava o dia inteiro em uma ilha, eu tinha que comer lá... Se eu perdesse o horário do bandeirão eu tinha que comer em outro lugar e aí já gastava mais dinheiro... Tudo isso. Enquanto aqui na UERJ, aqui tem um setor, que eu esqueci o nome, que você entra, você conversa, e eles são receptivos, é um ambiente confortável – em comparação à UFRJ, se você envia um e-mail eles respondem... Eu acho aqui muito muito mais acessível... Pra quem é cotista mesmo, até mesmo pra conseguir a cota [a bolsa], eu fiquei assim “ué, mas eu já tenho direito?”, sabe? Eu só fui e passei a minha conta, eu não tive que levar nenhum documento... Quer dizer, eu tive que levar documentos no momento da minha inscrição, mas depois eu só tive que levar a minha conta. Como assim, sabe? Levei minha conta e caiu o dinheiro. Muito doido... Eu achei isso muito doido... E fiquei muito feliz porque, sem ser os atrasos que acontecem, de resto eu nunca tive o que reclamar...

**Entrevistador:** O dinheiro cai?

**Alice:** O dinheiro cai e eu fico feliz, tranquila e contente... Foda é quando atrasa e você depende dele... E acontece corriqueiramente isso...

**Entrevistador:** E costuma atrasar?

**Alice:** Costuma, costuma sim... Vira e mexe rola uns atrasos, uma galera fica, tipo, muito boladona, entendeu?

**Entrevistador:** Entendi... E como seria pra você fazer a faculdade sem o auxílio da bolsa?

**Alice:** Cara, seria bem diferente...

**Entrevistador:** Seria possível?

**Alice:** Possível seria sim... Não minto, seria possível... Mas ele me dá uma ajuda, um aparato bem grande, porque se eu não tivesse, eu provavelmente teria que pedir ajuda ao meu pai, como eu pedia antes, durante a UFRJ. Ele que custeava minha passagem de metrô por exemplo. Não ia ser a mesma coisa... Ainda mais na Esdi que a gente tem muito xerox, muita cópia, muitas coisas... Às vezes vem uns materiais um tanto quanto mais cabulosos, tipo a resina, por exemplo. Seria possível sim, mas seria um aperto.

**Entrevistador:** Entendi, Alice. E como você se declara quanto ao seu gênero e à sua orientação sexual?

**Alice:** O meu gênero, me considero mulher, do sexo feminino... Gênero feminino, né... Apesar d'eu não acreditar em gênero, né?

**Entrevistador:** Tudo bem...

**Alice:** E a orientação sexual é um pouco complicada... Eu acho que eu sou hétero mas eu não tenho certeza... (Risos)

**Entrevistador:** Tudo bem também, sem problemas (risos)... E você acha que isso interfere diretamente nas suas relações interpessoais na Esdi?

**Alice:** Poxa, acho que sim... Acho não! Tenho certeza que sim. É, não só não Esdi, como eu qualquer lugar, né... Interfere porque a gente sabe que o tratamento sempre vai ser diferente... Sempre vai ser um pouquinho diferente... Eu nunca senti de fato nada alarmante, até então nada... Não, já senti sim! Teve uma época que a Esdi tava tendo umas obras, e era bem chato, porque os caras mexiam pra caralho comigo... Isso foi bem no início da faculdade. Foram obras bem rápidas, muito curtas... No corpo docente, não... Nada... Agora, em relação à minha orientação sexual, não, né... Porque... Hétero. Hétero...

**Entrevistador:** E fora da Esdi? Fora da Esdi, como que é isso?

**Alice:** Fora da Esdi, em questões de trabalho, é complicado... Pro grafitti é um reduzinho bem machista, sendo bem sincera...

**Entrevistador:** Sério?

**Alice:** Muito! Muito mesmo! Porque a grande maioria são homens, e são homens que já tão na lida há anos, tá ligado? E sempre que eu sou chamada é pra ficar, tipo, no papel da cota... Eu sou uma menina, eu sou nova, eu pinto bem... Tô descobrindo tudo, então assim, eu sou uma pessoa que eles vão dar aquele pedacinho, e vai ser aquele "calaboquita", eu não vou falar nada, e ao mesmo tempo eles vão tá saindo

como benfeitores, porque olha só: eles tão dando chance pra uma garota nova, não sei o quê... Girl power... Sabe? Mas não é bem assim, que a gente sabe que não é. Todos os trabalhos que eu fiz em relação à ilustração, se não foi porque eu era mulher, foi porque eu era mulher e era negra. Então mais uma vez, não é pelo que eu faço, é pelo que eu sou. E isso me incomoda um pouco... Eu sei que eu consigo entrar nos lugares por conta disso, é isso né... A gente tem que entrar, escavando, escavando, puxando os outros, e abrindo novos caminhos... Mas ao mesmo tempo é muito chato a gente ver que... Às vezes eu sinto um “foda-se o seu trabalho, você precisa botar sua carinha aqui pra eles verem que a gente é legal, a gente chama diversidade...”

**Entrevistador:** A gente quem?

**Alice:** Grandes empresas... Ou então...

**Entrevistador:** E que grandes empresas são essas que você fez?

**Alice:** A Google, a Cartoon, recentemente eu fiz um trabalho para a Sociedade Híptica do Rio de Janeiro, junto com a Montana Colors, onde eles chamaram vários artistas fodas, tipo, da primeira geração de grafiti do Rio de Janeiro, que é anos 80/90 mais ou menos... E eu fiquei pensando “cara, por que eles chamaram todos esses caras, e não chamaram mulheres também que estão desde o início? Por que foram chamar eu que sou nova? Porque eu não iria reclamar... Eu não tenho porte suficiente pra poder reclamar de algo, enquanto tiveram outras mulheres que reclamaram...”

**Entrevistador:** Reclamaram de que?

**Alice:** Por não ter muitas mulheres no meio... Foi isso...

**Entrevistador:** Hmn... E eram trabalhos de grafitti, esses que você citou?

**Alice:** Sim, todos eles, todos eles trabalhos de grafitti... Ao mesmo tempo isso é uma questão complicada... Porque ao mesmo tempo que a gente tem que denunciar, é difícil denunciar algumas coisas do meio do grafitti... Porque ao mesmo tempo que a gente sofre por ser mulher, a gente também sofre por tá fazendo uma arte marginal... E a gente sofre por tá fazendo uma arte marginal e os caras também... Mas o fato é, se não fosse por eles fazendo a arte marginal a gente hoje não conseguiria tá nela também... Entendeu? Eles abriram portas, a gente entrou também, mas agora a gente tá tentando competir com eles pra abrir as portas juntos... Acho que ao mesmo tempo que a gente denuncia, a gente também não pode “Ah, não sei quê! Isso e aquilo!”, apontando dedo na cara, porque mano, se não fosse por eles a gente não ia tá ali também. Isso é um fato...

**Entrevistador:** Então são vários pesos, né?

**Alice:** Muitos pesos... Muitos pesos... É muito difícil tomar uma frente... Bastante...

**Entrevistador:** E Alice, como você se declara quanto à cor da sua pele?

**Alice:** A cor da minha pele eu não sei dizer qual é a cor da minha pele não... Mas assim, eu me considero negra.

**Entrevistador:** Aham, você se considera negra...

**Alice:** Sim, alguns diriam “negra de pele clara”... Negra.

**Entrevistador:** Sim... E você considera que isso interfere nas suas relações interpessoais na Esdi?

**Alice:** Então, pelo fato d'eu ser clara, eu acho que nem sempre interferiria... Mas o que acontece é que eu reforço isso o tempo todo. Eu tenho um discurso que sempre traz isso... Então, se alguém falar alguma coisa, eu vou rebater. Até então eu também nunca vi nada demais... Nada, ninguém falar nada... Nada do tipo... Eu já vi sobre outras coisas... Mas não em relação à cor de pele... Ou qualquer fala que possa ser considerada racista, ou preconceituosa...

**Entrevistador:** Dentro da Esdi?

**Alice:** Ainda não. Eu imagino que deva rolar, claro, em todo lugar rola, mas eu nunca presenciei.

**Entrevistador:** E fora da Esdi?

**Alice:** (Risos)... Aí são outros quinhentos... Sim, sempre. De todo tipo de coisa...

**Entrevistador:** E como você acha que isso interfere? Como você percebe, né, que isso interfere?

**Alice:** No meu trabalho?

**Entrevistador:** É, no seu trabalho, na sua vida social, urbana...

**Alice:** Cara, é muito ruim, né, porque, tem vezes que a gente escuta uma coisa que não se refere à gente, mas a gente também se sente atingido. Porque... Se refere aos nossos. Eu por exemplo tenho pele clara, em muitos lugares eu passo batido, em outros não. Depende do lugar... Eu, por exemplo, no Norte Shopping não vou ser seguida por um segurança dentro da Lojas Americanas, mas se eu tô no Village Mall eu vou ser seguida pelo segurança, como eu fui, dentro do shopping, não precisou nem ser dentro de uma loja, foi dentro do shopping. É... Ao mesmo tempo, é preocupante também... Nossa, essa pergunta é complicada... Complicada não, tem muitas...

**Entrevistador:** É densa, né?

**Alice:** É densa...!

**Entrevistador:** Sim, mas fica à vontade... Quer tomar uma água?

**Alice:** Quero!

**Entrevistador:** Tá quente aqui, né?

**Alice:** Acho que talvez... Nossa, nossa, essa pergunta é tão densa que eu lembrei até de outras coisas...

**Entrevistador:** Pode lembrar...

**Alice:** O que eu mais me sinto afetada, não é a questão do meu tom de pele... Não, não é que não seja isso, é isso sim, só que tem outras coisas... É o lance da "negra exportação", entendeu?

**Entrevistador:** E como que é isso?

**Alice:** Mulheres negras, peitão, bundão, cinturinha fina, coxa, tudo isso... Hipersexualização do corpo negro. Isso eu sinto presente em mim o tempo todo. O tempo todo. Inegavelmente, sabe? E isso é muito chato. Isso interfere muito na forma como eu me porto pra tudo... Eu, por exemplo, evito usar roupas curtas, acho que você

nunca me viu de short, por exemplo... E eu evito usar roupas curtas porque eu não aguento, é uma coisa que me faz muito mal. E eu me sinto muito limitada por conta disso... É... Apesar de não ter pele escura, uma coisa que eu escuto corriqueiramente, inclusive até de namorado eu já escutei, foi “eu acho você muito bonita, porque você tem o corpo de uma mulher negra, mas você não é escura.” Sabe? E assim, muitas garotas como eu achariam isso um elogio... “Nossa, que bom! Eu não sou escura!”. Mas pra mim isso não é um elogio, sabe? Pra mim isso é uma extrema ofensa, entendeu? Porque, mano, tá depreciando, entendeu? É depreciativo. A minha irmã é igualzinha a mim, só que ela é escura. E é muito depreciativo isso. E eu vejo nela o reflexo de várias coisas que me atingem como elogio mas não são, entendeu? Uma vez, no elevador de casa, a P. [nome omitido, irmã mais nova] tinha acabado de nascer, e uma vizinha falou assim “Nossa, que bom, né? Ela nasceu da cor da mais velha”. A mais nova é da minha cor, enquanto que a M. [nome omitido] – que é a do meio – é escura. Ela falou isso na nossa cara, a M. tava ali, minha mãe tava ali. Ninguém soube o que falar, entendeu? Aí a gente chegou em casa e a M. desabou em choro, obviamente. O sonho da M., até um tempo atrás, era ser da minha cor, entendeu? Enquanto o meu sonho era não ter peito nem bunda. Porque eu com 12 anos era assediada em transporte público, indo pra escola, sabe? Eu estudei no Pedro II e eu não tive a oportunidade de, em dias absurdos de calor, usar saia curta, porque os caras não se controlam. Então isso me marcou muito e eu sinto que me marca até hoje na forma como eu me visto, como eu me comporto, com quem eu me relaciono... É... Eu me relacionei com homens muito mais velhos, quando eu era muito nova, com 15 eu namorava um cara de 25 – 10 anos mais velho do que eu – e eu achava que eu era madura pra isso, mas obviamente que eu não era, eu tinha 15 anos. E foi um relacionamento muito ruim pra mim, mas eu achava que eu só merecia ele. Porque desde novinha eram os caras mais velhos que me cantavam, eram sempre os caras mais velhos que ficavam, tipo, falando coisas, me chamando de gostosa, disso e daquilo, e eu pensava assim “Ah, mano! São sempre os caras velhos que olham pra mim, então eu acho que meu destino é namorar pessoas velhas.” E daí me relacionei com esse cara 10 anos mais velho que eu, e foi uma merda atrás da outra, entendeu? Eu demorei muito pra entender que meu corpo não é um problema, também não é uma solução, mas não é um problema. E eu ainda tenho problemas hoje em aceitar ele. Tem pessoas que olham e falam “Nossa, como você reclama? Você tem um corpo tipo escul... Tipo, bonito, sabe? Corpinho de violão.” E eu fico “Gente, eu reclamo porque é chato, é um peso, entendeu? É um peso que eu carrego todo santo dia e me limita de várias formas, sabe? Eu podia muito bem tacar o foda-se e sair na rua de short curto sim, ouvir “gostosa”, “fiu-fiu”, “vem aqui” sim, mas... Eu não aguento. Eu não tenho... Eu não consigo! Isso é uma coisa que eu não consigo, me deixa mal. Do início ao fim do dia. E eu não entendo muito porque, eu ainda não achei essa resposta.

**Entrevistador:** Eu ia te perguntar isso... Você sabe o que te incomoda nesse assédio?

**Alice:** Eu não sei...

**Entrevistador:** Claro que não é agradável, né, mas?

**Alice:** Eu... Eu acho que realmente foram os assédios que eu recebi quando muito novinha. Daí uma coisa associa a outra e não bate bem...

**Entrevistador:** E você se sentia mal quando era muito nova, né?

**Alice:** Pô, eu me sentia... Eu não entendia. Eu não entendia por que eu me sentia mal. Entendeu?

**Entrevistador:** Mas já se sentia?

**Alice:** Já, muito... Nossa, demais, demais, demais...

**Entrevistador:** Você tem uma memória de quando foram essas primeiras experiências assim?

**Alice:** Cara, foi comigo muito nova... A criançada na piscina, entendeu? Aí... Eu lembro de uma vez que eu fui pra um churrasco com um pessoal de um curso técnico que a minha mãe fez há muito tempo, e daí alguém me puxou, me puxou, tipo, da piscina, eu tava de biquini... Cara, eu devia ter... Não sei, acho que menos de 10 anos, a pessoa me virou de costas e falou "Olha o tamanho da bunda dessa criança. Olha só! Vai virar uma Beyoncé quando crescer!". E gente, aquilo ali me deixou tão envergonhada, que na hora eu saí da piscina, troquei de roupa e fiquei quietinha na minha, sabe? Na hora. Nossa, várias vezes aconteceram... Nossa, várias, várias. Eu não podia deitar de costas... Sabe? Quando, quando... Na minha casa isso nunca aconteceu... Meus pais não fazem isso comigo, nada desse tipo. Mas meu tio é chato, fica fazendo, minha vó fica comentando umas coisinhas... Então, assim, sempre que eu ia pra encontros em família, eu evitava, por exemplo, deitar de bruços – risos – ir de shortinho, eu evitava às vezes até mesmo entrar na piscina. Meu avô teve piscina um tempo na casa dele, eu evitava também isso. Quando tinha muita gente, principalmente os amigos do meu tio... Os amigos do meu tio eram um saco, porque eles olhavam e olhavam mesmo, descaradamente. Eu não sei como meus pais nunca perceberam isso. Porque eles olhavam descaradamente. E... Então eu acredito que, assim, foi bem na infanciuzinha que isso começou a me incomodar... E, cara, os olhares não mudam. É a mesma coisa até hoje, não mudam. Não mudam. Eu fiquei muito feliz quando eu raspei a cabeça porque ninguém me enchia o saco, só me chamavam de sapatão na rua.

**Entrevistador:** É? Sério?

**Alice:** Sério!

**Entrevistador:** E o assédio deu uma cessada?

**Alice:** Deu uma cessada total! To-tal. Total, entendeu? Total mesmo...

**Entrevistador:** E você atribui totalmente ao fato de ter raspado?

**Alice:** Sim, porque são os signos do feminino, né? Cabelo grande... É... Saia, roupas leves... Esse tipo de coisa, né? Então, eu sinto uma grande diferença quando eu tô com trança, por exemplo... Agora que eu tô sem trança, com o cabelo assim curto, é ok, é ok... Tranquilo. Depende da roupa que eu tô. Agora, se eu tô de trança, foda-se a roupa que eu tô. É muito... Chega a ser engraçado... Chega a ser cômico...

**Entrevistador:** E a trança fica mais comprida?

**Alice:** Sim, bate na cintura, sabe? Acho que porque também entra a questão do exótico... Um pouco, entendeu? Entra a questão do exótico...

**Entrevistador:** E aí o assédio volta com a trança?

**Alice:** O assédio volta com a trança.

**Entrevistador:** O assédio masculino mesmo?

**Alice:** Sim. Nunca recebi assédio feminino nenhum.

**Entrevistador:** É?

**Alice:** Não, nem quando tava com a cabeça raspada... As meninas davam em cima, claro, mas nada pesado.

**Entrevistador:** É diferente?

**Alice:** Muito diferente?

**Entrevistador:** É mais sutil?

**Alice:** É respeitoso. É respeitoso... É diferente...

**Entrevistador:** Como é que é ser respeitoso? Que linha é essa que separa uma cantada ok de um assédio? Você consegue fazer essa diferenciação? Dá pra pensar sobre isso?

**Alice:** Hmnnn... Sim, um pouco...

**Entrevistador:** Existe isso que eu disse? Uma cantada respeitosa? É possível algo nesse sentido?

**Alice:** Sim... Eu acredito que sim. Eu acho que tem também a questão dos ambientes, né? Eu não vou fazer uma cantada para alguém no ambiente de trabalho, acho que nada a ver, né... Acho que tá relacionado com ambientes um tanto mais descontraídos...

**Entrevistador:** E já aconteceu com você em ambientes de trabalho?

**Alice:** Sim... Já... Quando eu tava na loja trabalhando, tipo, de lojista, o que mais acontecia era isso... Era bem chato também... Sabe? Nada a ver, entendeu? Eu tava ali a trabalho, sabe? Mano, sei lá... Pede meu instagram pra alguém e sei lá, vem trocar ideia no Instagram, sabe? E se eu falar "não", então não, que pena. Mas... Isso de trabalho também é bem chato. Ainda mais quando é na frente de outros clientes, foi na frente de outro cliente, sabe? Como assim, entendeu? E eu fiquei com aquela cara de tacho, fingindo que eu não tinha ouvido... Foi isso... É... O que eu tava falando? Ah! Eu acho que é possível sim cantar e ser respeitoso, porque eu já recebi cantadas que não foram nem um pouco, que eu não me senti intimidada, que eu não me senti coagida a aceitar... Eu acho que o problema é esse, entendeu? Quando rola ali uma coação, um olhar malicioso, que já é como se você fosse uma presa, entendeu? Quando eu me sinto uma presa, porra, é horrível, entendeu? É horrível... Ou eu posso não me sentir uma presa mas a pessoa é extremamente insistente a ponto de querer que eu desista do meu não pra fazer o sim dele. Isso também é chato porém corriqueiro.

**Entrevistador:** Tendi... E quando você compra coisas pra você, isso, tipo, coisas de um modo geral, né... Roupas, acessórios... Material, coisas gerais, assim... Você se preocupa se essas coisas vão transmitir algum tipo de imagem sobre você? Ou não? Ou você nem para pra pensar sobre isso?

**Alice:** Nossa...

**Entrevistador:** Tipo uma roupa?

**Alice:** Então, eu tenho muito problema com camisa estampada...

**Entrevistador:** É? Por quê?



**Alice:** Com o que vai tá escrito na estampa... Eu acho que você tá se comunicando... Independente, sabe, do que tá... A estampa pode falar de, sei lá, campeonato do surf 1984, entendeu? Desculpa, mas eu não fui pro campeonato do surf de 1984, por que eu vou comprar essa camisa? Entendeu? Mas ao mesmo tempo como é que eu vou comprar uma camisa, sei lá, com o Bolsonaro na frente? Eu tô dando um exemplo muito extremo, mas não é uma camisa, aquilo ali carrega um peso... Que quer dizer alguma coisa, ou pode ser algo que não diga absolutamente nada, como o campeonato do surf 1984, uma camisa qualquer da South... Eu normalmente compro o que me agrada. Eu sou uma pessoa muito básica, eu gosto de calça preta, de blusa branca, às vezes alguma coisa estampada...

**Entrevistador:** Mas você não usa qualquer coisa, ou você usaria qualquer coisa, assim?

**Alice:** Eu sou muito do “uso qualquer coisa”, porém adoro Adidas... (Risos)

**Entrevistador:** A camisa do Bolsonaro não?

**Alice:** A camisa do Bolsonaro não. Só os tênis da Adidas porque eles são muito confortáveis... Mas, não... Eu não me preocupo muito com o que eu consumo... É claro que eu gosto de umas marcas porque eu me sinto represen... Não! Eu acho que “me sentir representada” é muito ruim falar, mas assim, a estética daquilo me agrada. Entendeu? É mais a questão disso... Se eu olhei, gostei, me agradou, tô comprando... É isso. Às vezes é engraçado... Eu sou muito básica, é quase sempre calça preta e blusa branca, e daí quando eu uso alguma coisa diferente todo mundo fica assim “caraaalho, eu nunca te vi usando isso!”, e eu fico “gente, não é que eu não goste ou que eu não use, é por que, sei lá gente, às vezes eu quero às vezes não.” Meu visual muda muito... E eu não me importo com isso, nem um pouco...

**Entrevistador:** Aham... E você acha que as coisas que você usa transmitem alguma imagem sobre você?

**Alice:** Ah, sim! Sem dúvidas... Sempre transmite! Se eu não quiser transmitir vai tá transmitindo ainda assim...

**Entrevistador:** É?

**Alice:** Vai... Transmite bastante... Corriqueiramente eu escuto que eu pareço uma Missy Elliott... Missy Elliott é uma rapper americana, que costuma usar, tipo, o traje todo da Adidas, sabe? Aqueles tenizão, aquela parada meio old school... As pessoas geralmente falam que eu passo essa imagem... Por causa das argolas, do tipo de cabelo, meu jeito de falar, eu gesticulo muito com a mão... É... O fato de eu gostar muito hip hop, trajar através das minhas roupas aquilo... Eu gosto, acho maneiro e talz, mas... Sustentar uma imagem de algo que vai além de mim é muito difícil... Não ligo tanto assim pra isso.

**Entrevistador:** E em termos de personalidade... A forma como as pessoas te enxergam, você acha que bate como a forma como você se vê?

**Alice:** Porra, não mesmo! Não mesmo...

**Entrevistador:** Como assim, você consegue apreender, mais ou menos, o que muda? Como você é percebida socialmente e como você se percebe?

**Alice:** Corriqueiramente eu escuto das pessoas que elas me acham uma pessoa supertranquila, de bem com a vida... E eu fico assim “gente, é porque vocês nunca me viram puta, entendeu? Vocês nunca tiveram que trabalhar comigo, acho que é por

isso...”. E... Eu não sei exatamente por que elas têm essa visão quando me veem. Já me falaram que eu tinha cara de nojenta, sabe? Tipo assim, “Nossa, eu achei que você fosse super grosseira...” e metida até te conhecer, e eu assim “não sei por que, não sei por que... Realmente não sei.” Mas na grande maioria as pessoas me acham fofa.

**Entrevistador:** E você é fofa?

**Alice:** Acho que sou, né... (Risos)

**Entrevistador:** Mas você se considera fofa?

**Alice:** Não, não... Eu sou muito amável, carinhosa, isso tudo... Mas, fofa? Parece meio infantil...

**Entrevistador:** E você acha que isso tem a ver... Essa percepção que as pessoas tem de você pode estar relacionada com a sua imagem, com as coisas que você usa, ou não tem nada a ver?

**Alice:** Ah... Eu não sei... Não sei... Não sei mesmo...

**Entrevistador:** Você tem sempre um estilo mais esporte, mais urbano?

**Alice:** Sim, sempre... Por conta do meu cotidiano mesmo, né... Eu por exemplo nunca sei quando eu vou, do nada, pintar uma parede.

**Entrevistador:** (Risos)

**Alice:** E não dá pra eu sair de salto alto pra pintar uma parede, inclusive eu nem sei andar de salto alto. Ah, eu acho que... Não sei... É... Eu tenho um estilo mais esporte porque são roupas mais confortáveis, né... E que, assim, é pau pra toda obra, eu acho que é isso... Gostaria muito de ser mais arrumadinha, ter unha... Adoraria botar unha de acrígel...

**Entrevistador:** O que é ser mais arrumadinha?

**Alice:** Ai, como é que eu vou explicar? Sabe quando você vai no shopping e você vê aquelas meninas usando roupa da Aquamar, Farm... Então! Eu adoraria ser arrumadinha assim!

**Entrevistador:** É? Sério? Eu não imaginava isso... (Risos)

**Alice:** É! Sério! Às vezes me dá vontade, sabe? (Risos)

**Entrevistador:** Gente, eu não imaginava isso... Você adoraria ter unha de acrígel? Sério?

**Alice:** AHAM! Meu sonho! (Risos)

**Entrevistador:** Sério? É um sonho real?

**Alice:** De dedinho! (Risos) Meu sonho ter unha de acrígel...

**Entrevistador:** Mas não rola?

**Alice:** Não rola, como é que eu vou ter unha de acrígel tendo que que apertar o Spray?

**Entrevistador:** Entendi...

**Alice:** Não tem como, é difícil... E as coisas que rondam a beleza feminina gastam muito dinheiro, mensalmente. É depilação, é unha, é cabelo, é estética, é limpeza de pele... Eu não faço nada disso! No máximo eu fazia quando eu ia no barbeiro, só. Eu

adorava... Eu adoro ir no barbeiro, eu não vou porque eu quero deixar meu cabelo crescer... Mas no máximo era isso. Mas, eu não sinto necessidade pra mim de ter isso hoje em dia, sabe? Várias coisas eu gostaria de fazer, mas também questão de dinheiro, né? O que pra mim é prioridade agora? Minhas prioridades são outras. Minhas prioridades não são colocar uma unha de acrígel e alongar os cílios – por mais que eu adorasse, adoraria! Meu sonho – mas não é minha prioridade, entendeu? Eu prefiro guardar minha grana, investir nos meus estudos, comprar material de Artes mesmo, pra poder exercitar o que eu quero... Pra poder, sei lá, um dia, quem sabe? Fazer esse tipo de coisa... (Risos)

**Entrevistador:** Sim... Tem alguma coisa...a gente comentou bastante coisa, né? Nesse pouco tempo... Mas, assim, você sente falta de conversar sobre algum outro ponto, que a gente não tenha tocado... Tem alguma coisa que a gente falou e que você acha que passou um pouco batido e que a gente poderia falar um pouco mais, assim? Você gostaria de acrescentar alguma coisa? É livre, assim, é bem livre... Você pode falar o que você quiser...

Alice: É?

**Entrevistador:** Sim, pode.

**Alice:** Hmnnnn....

**Entrevistador:** A gente falou muito de identidade, de trabalho, a gente falou um pouco da Esdi... Mas você pode falar do assunto que você quiser... Não precisa ser sobre esses assuntos...

**Alice:** Eu lembro daquela oficina que você falou sobre heteronormatividade, eu achei muito legal a palavra “normatividade”, eu nunca tinha usado isso, nunca nem tinha ouvido falar de “heteronormatividade”, e... Eu acho legal porque praticamente tudo que a gente falou são coisas que fogem à norma, né? À norma esperada, ao padrão esperado... Tipo, eu recebi assédio quando eu era pequena... Eu recebo assédio, corriqueiramente – (risos) as meninas tão dançando funk ali! (risos) – porque eu fujo muito da norma esperada em certos lugares... Por exemplo, eu ando na Tijuca de uma forma que eu não ando em Madureira. Em Madureira é normal, é padrão mulheres como eu de corpo, então assim, eu posso andar de shortinho curto lá que não vai ser o mesmo tipo de assédio, entendeu? Inclusive eu nem ligo pra quem me assedia lá, realmente não me afeta em nada, enquanto aqui é diferente, porque as meninas daqui tem um outro biotipo completamente diferente do meu...

**Entrevistador:** Então tem um biotipo diferente por bairros, assim?

**Alice:** Pô, eu sinto muito... Sinto muito mesmo, demais, demais... Eu vejo isso pela minha escola... Eu estudei aqui na Tijuca, né? Aqui no Pedro II, sabe? Eu vejo minhas fotos de pequena eu fico “cara, por que eu era sequelada achando que eu era gorda? E eu não era!” Porque as meninas na minha sala eram uns palitinhos... Enquanto eu realmente... Gente, eu não era! Não era... Eu era uma criança normal. Mas eu me achava enorme, porque eu me comparava às outras, porque eu quando ia com o short do colégio um pouco mais acima eu era parada, mas as outras não. Por que eu, com 12 anos, com um short curto do colégio igual as outras meninas magérrimas, eu era considerada vulgar, e as outras não, entendeu? O problema não era o short curto, o problema era o meu corpo. E isso sempre me incomodou muito por causa da norma, por causa do padrão que ali era esperado. Na EBA também sentia a mesma coisa, inegavelmente eu me comparava aos outros artistas dali, né? O estereótipo de artista é o que? Aquela pessoa magra, que... Sei lá, gente... Eu não

sei explicar... Tudo tem um estereótipo, entendeu? Da mesma forma que você vai falar do estudante de design, você vai imaginar a pessoa com um oclinhos redondo e uma camisa listrada. Você falava do estereótipo de artista você já imaginava uma coisa... E quando eu falava que era artista as pessoas ficavam tipo: “sério?” “Sim.”, “Você é artista?”, “Sou!”, porque as pessoas olham pra mim e não veem isso, entendeu? Elas podem olhar pra mim e ver qualquer outra coisa... Mas eu sinto que com a minha imagem eu não passo esse estereótipo, e eu fico feliz por isso na verdade, porque eu já fui em exposição minha que ninguém sabia que eu era a própria artista, (risos), então eu meio que passo batido. Eu acho isso legal, mas ao mesmo tempo um pouco preocupante, né? Porque eu não me via nesse lugar... Eu não achava que eu pudesse ser porque fisicamente eu não me encaixava naquilo. Como fisicamente eu não me encaixava nas profissões que eu via na televisão, por exemplo, entendeu? “Ah, o que que você quer ser quando crescer?”, ah, eu ficava assim “eu não sei!”, e hoje eu sei porque eu não sei, porque eu não me via em nenhum lugar, sabe? Minha mãe dona de casa, minha vó era costureira mas a maior parte do tempo dona de casa, a minha outra vó era empregada, sabe? Então, assim, pra mim era o referencial... Entendeu? Uma vez eu fui na casa de um amigo... Não! Não foi na casa de um amigo não, isso foi durante um acampamento... E a gente tinha feito comida e tal, não sei o que lá... Lavar as panelas... Peguei as panelas pra lavar porque ninguém lavava direito. E eu não queria comer comida estragada depois, e daí um amigo meu falou assim: “Nossa, você lava tão bem... Pô, quando eu crescer eu super te contrataria como empregada minha...”, e eu fiquei feliz, sabe? Tipo, “porra, que bom, né... Porque se nada der certo pelo menos empregada eu posso ser.” Eu tenho certeza que qualquer outra criança com outro tipo de criação não iria pensar isso, sabe? “Como assim eu ser a empregada? Meu pai é médico!”. Mas pra mim era normal, minha vó era empregada, eu ia com ela pro trabalho dela, achava aquilo normal...

**Entrevistador:** Então você vê que tem algumas normas?

**Alice:** Sim! E, cara, é muito importante quando a gente passa a não acreditar nelas... Quando a gente passa a ignorar, simplesmente ignorar. É o que eu faço, entendeu? Quando eu entro na Esdi eu ignoro. E eu ignoro porque eu bati muita cabeça na EBA... Eu ignoro que ali é um ambiente elitizado, eu ignoro que a maior parte dos meus amigos de classe, os pais são formados... Alguns estrangeiros são... Tem uma menina da minha sala que a avó dela estudou na Esdi, sabe? Mano, a minha vó nem sabe o que é Esdi! (Risos) Ela só sabe o que é o Passeio Público... Ela não sabe o que é Esdi! Entendeu? Então eu entro ali e eu ignoro... Mas ao mesmo tempo eu acho legal conviver com isso, claro, porque o mundo é diversidade. Eu não posso ignorar essas pessoas... Mas eu ignoro o fato... As normas! Entendeu? Eu não posso achar que porque 90% da minha classe é isso, que eu não possa tá lá porque eu não sou isso. Entendeu? Muitas coisas... A melhor coisa a se fazer é você fingir que não existe.

**Entrevistador:** Essas normas?

**Alice:** Exatamente. E você seguir sua vida porque sim, você é capaz. De estar em qualquer lugar... Tô tentando pensar em mais alguma coisa... Hmmmn, não sei... Acho que nada... Acho que nada... Eu acho que eu já tive que lidar com tanta coisa que a Esdi não é mais um bicho de sete cabeças pra mim.

**Entrevistador:** Não é?

**Alice:** Não é... Não é...

**Entrevistador:** A EBA talvez tenha sido?

**Alice:** Com certeza foi... Até mesmo porque eu saí direto do ensino médio pra lá, né... Aquela pressão de que tem que entrar numa faculdade... Cara, calma... Vai com calma... Entendeu?

**Entrevistador:** E você fazia design lá também?

**Alice:** Não, fazia Artes... Artes.

**Entrevistador:** Sim... Teve uma vez que você conversou comigo sobre um iPad que você queria comprar...

**Alice:** Ah, sim...

**Entrevistador:** E como que ficou essa história?

**Alice:** Ainda quero, na real. Então... Eu queria muito (comprar um iPad) porque eu não tava dando conta de fazer tudo em casa...

**Entrevistador:** Tudo o quê?

**Alice:** Os freelas que eu tinha que fazer, eu não tava dando conta, porque como a faculdade é integral muitas vezes eu tava lá, e eu queria ficar lá a tarde fazendo o trabalho...

**Entrevistador:** A Esdi é integral ainda?

**Alice:** É.

**Entrevistador:** Tem algumas aulas a tarde?

**Alice:** Tem.

**Entrevistador:** De manhã e de tarde?

**Alice:** Exatamente. Isso, às vezes a aula ser de manhã e não ter a tarde, até é ok, mas é uma quantidade tão absurda de trabalho... Que a gente fica até cinco horas lá fazendo trabalho de vez em quando... De vez em muito na real. Então muitas vezes eu marcava grupo com os meus amigos pra fazer os trabalhos e no meio da parada cliente pedia, tipo, alteração em alguma coisa... Aí eu olhava assim e falava “galera, vou ter que meter o pé, porque eu tenho que fazer isso pra entregar hoje.”

**Entrevistador:** Alteração de trabalho?

**Alice:** É... Alteração de ilustração... Alteração de qualquer coisa... E daí eu fiquei nessa... Poxa, se eu tivesse um Notebook, ou um iPad que eu pudesse trazer pra faculdade eu poderia estar aqui estudando e trabalhando ao mesmo tempo. Só que isso é loucura, isso é loucura, isso é loucura. Não ia render nem um nem outro.

**Entrevistador:** Você acha seria possível fazer isso?

**Alice:** Pra pequenas alterações sim...

**Entrevistador:** Mas essas pessoas que pedem essas alterações elas tem muita urgência?

**Alice:** Pra elas sim, né... Pra mim não...

**Entrevistador:** Pra elas é muito urgente?

**Alice:** É... Mas... Foi também... Não é inocência... Não é inocência nem imaturidade, mas eu não sabia lidar com isso... Eu não sabia chegar e falar “olha, agora não dá, eu entrego isso daqui a tanto tempo...”, foi questão disso também... Me emocionei,

me emocionei... Mas... Quero comprar ainda o iPad... Em um momento possível estarei com ele... Mas realmente pra exercitar desenho... Ilustração digital mesmo... Eu acho que é uma nova plataforma... É interessante... Inclusive dá pra animar nela... E é gostosinho... É isso. Se eu não boto unha de acrígel pelo menos um iPad eu acho que eu mereço, né...

**Entrevistador:** Você merece muito mais...

**Alice:** (Risos)

**Entrevistador:** Legal... Bom, Alice... Muito bom conversar com você... Você quer falar mais alguma coisa?

**Alice:** Acho que não...

**Entrevistador:** É isso? Tá satisfeita? Fica à vontade... Pode falar o que você quiser... Eu tô aqui pensando se ainda tem alguma coisa que eu queria te perguntar... Dentro dessas perguntas que eu tinha mais ou menos planejado, acho que deu pra atender bem, acho que você conseguiu falar bem sobre todas elas... E as coisas que eu tive dúvida também eu perguntei, né? E aí... Mais algum coments?

**Alice:** Relacionado à Esdi...

**Entrevistador:** Sim...

**Alice:** Eu acho que é muito fechado pro exterior...

**Entrevistador:** Que exterior exatamente?

**Alice:** Exterior ao redor mesmo... Sabe?

**Entrevistador:** Fechada de que forma?

**Alice:** Cara, parece que... Ao mesmo tempo que isso é bom, é ruim... Assim, eu acho bom o fato... Não, vamo lá, vamo começar pelo ruim... Eu sinto os alunos muito fechados pro que tá acontecendo ao redor... Entendeu? Olha a lapa, sabe? Tem sempre moradores de rua na frente da Esdi, jogados, dormindo, e às vezes até mortos, em frente à nossa faculdade, entendeu? E daí a gente passa do portão e fica "Nossa, que mundo lindo! Belo! Foda-se o que tá acontecendo ao redor...". Eu acho isso meio estranho... Muitos dos alunos que estudam lá sequer andam por ali, entendeu? Sei lá de onde eles vem, pra faculdade, da faculdade pra sabe-se pra onde eles vão... Muitos deles não conhecem... não conhecem o centro do Rio de Janeiro, não andam por lá... E têm medo inclusive... Geralmente quando, é muito engraçado isso, às vezes a gente faz tipo um happy hour, sei lá se pode se chamar disso, e aí a gente vai no depósito, compra uma cervejas e tal... E normalmente o pessoal pede pra gente comprar porque eles tem medo de andar na Lapa...

**Entrevistador:** Sério? Algumas pessoas da turma?

**Alice:** Sério! Sim...! E eu acho isso muito engraçado... Eu rio porque eu acho engraçado...

**Entrevistador:** E vocês fazem esse happy hour na Esdi?

**Alice:** Na Esdi... Na Esdi, exato. E... Cara, sei lá... Eu acho que falta um pouco... Eu não sei como isso, mas a faculdade se abrir um pouco pro que tá acontecendo em volta, entende? Porque tem muita informação, tem muita fonte de inspiração também...

**Entrevistador:** Inspiração tipo o que?

**Alice:** É... Tudo, sabe? As pessoas que passam por ali... Cara, o centro é um mundo, sabe? De gente que vai e vem. Um mundo de informações, de vivências, de referências, sabe? De ideias também...

**Entrevistador:** Referências visuais também, né?

**Alice:** Sim, e eu sinto que a faculdade ela quebra tanto isso, isso é tão triste, sabe? Sei lá, isso me deixa um pouquinho triste...

**Entrevistador:** Esse destacamento da unidade, né? Do entorno...

**Alice:** É... Também... O fato de ser destacado da UERJ acho que interfere, né... A gente não tem muito contato com outros cursos, com outras pessoas... Também tem essa questão... O meu ex-namorado ele estuda aqui, ele fez pré-vestibular comigo, entrou, ele faz alguma coisa a noite, não lembro o que era... Relações Públicas! Mas é muito engraçado... Porque ele falou o seguinte... Ele faz a noite, né, porque ele trabalha de dia... E ele tava comentando como a UERJ muda do turno da manhã e tarde pro turno da noite. Assim, muda, sabe? Completamente... Você vê em grande massa pessoas negras, pessoas que trabalham durante o dia, você vê em grande massa uma galera cansada. Tipo assim, é outra UERJ... Outra UERJ. E isso não tem na Esdi, entendeu? Não tem... E talvez se a gente fosse daqui junto, algumas coisas, algumas visões mudariam... Muita gente lá brinca e fica "Eu tô cansado! Porque eu trabalho e estudo..." Mas, cara... Você não trabalha, você estagia... Você não sabe o que é trabalhar pra sustentar uma família e estudar, entendeu? Às vezes eu sinto a galera reclamar muito... E eu fico só olhando... Eu também não posso dizer nada de fora... Mas às vezes fico assim "porra, mano. Se você passasse de cinco horas na UERJ Maracanã e ouvisse algumas coisas, você não iria reclamar tanto...". Entendeu? Eu vejo muito a galera atrasar trabalho, sabe? Sem necessidade... Sei lá eu acho desnecessário isso... Eu realmente não posso ficar julgando os outros sem conhecer a vida dos outros... Mas às vezes eu sinto muito reclamar de barriga cheia. Entende? E isso é o que me incomoda... Porque cara, mano, se eu tô lá e eu gosto de lá, eu vou fazer, entendeu? É claro que tem vezes que eu não vou conseguir, é claro que tem vezes que eu vou atrasar trabalho, mas puta que pariu... Atrasar sempre? Sabe? Sei lá... Acho meio estranho isso... Eu não sei... Como você lidava com isso na sua pós, por exemplo? Com certeza essas coisas aconteciam, né? Sei lá, a galera só reclamar e sei lá... Tipo "que faculdade chata!"... Porra, por que você tá aqui então, entendeu? Você tinha isso também?

**Entrevistador:** É, acontece... A pós é um mundo um pouco diferente do mundo da graduação... A gente tem um fluxo diferente de trabalhos pra entregar...

**Alice:** É mais tranquilo? Não! Claro que não! Porque é a pós, né?

**Entrevistador:** Eu não diria que é mais tranquilo, a natureza dos trabalhos é diferente... A gente não faz tanta coisa prática quanto a graduação e a gente tem um fluxo de leitura muito mais alto e os trabalhos são um pouco mais teóricos... É um pouco diferente... A pegada as demandas...

**Alice:** Nossa, eu prefiro mil vezes as coisas práticas, sério mesmo! Ah mano, mas é o que você gosta! Você tá feliz?

**Entrevistador:** É... Não sei se é o que eu gosto, não... Mas é o que eu tô fazendo...

**Alice:** É o que é necessário pro momento...

**Entrevistador:** Eu acho importante disputar algumas coisas na pós-graduação... A gente até já conversou sobre isso, sobre essa questão do academicismo... Dessa linguagem muito inacessível, dessa teorização toda da academia... Como isso é chato, como isso é excludente... Mas ao mesmo tempo é um espaço de poder, né? E é um espaço onde muitas vezes se criam documentos que vão se base para políticas públicas, que é no final das contas o que eu e algumas outras pessoas estamos tentando disputar, né... Uma vida mais materialmente digna, mais honesta, mais pacífica para algumas identidades específicas... Algumas pessoas específicas, né, da população... Que são sempre depredadas... E é um espaço que é dominado em sua maioria por um estereótipo ou por um arquétipo que não é o meu e nem é o seu, sabe? Então eu vejo isso como uma tentativa política de trazer uma outra narrativa pra dentro desse espaço... E uma narrativa que se não for eu trazendo, se não for você, não vão ser eles...

**Alice:** É, com certeza não...

**Entrevistador:** Então é um pouco isso... Mas não sei se é o que eu gosto também não, sabe? Eu tô tentando fazer essa disputa, assim...

**Alice:** Aham...

**Entrevistador:** Vamo ver em que que isso vai dar, né...

**Alice:** É cara, a vida também não é feita do que a gente gosta, do que a gente ama... Tem caminhos que vão fazer a gente chegar no que a gente gosta, no que a gente ama... Mas nem sempre é o melhor.

**Entrevistador:** Nossa, enquanto eu tô aqui conversando com você meu chinelo acabou de arrebentar... (Risos)

**Alice:** (Risos)

**Entrevistador:** Você quer fazer mais algum comentário?

**Alice:** Eu acho que não... (Risos)

**Entrevistador:** Então eu acho que a gente termina com meu chinelo arrebentando?

**Alice:** Sim... (Risos) ela arrebentou onde?

**Entrevistador:** Ele já estava... Como você pode perceber... Mas eu vou consertar ele...



**APÊNDICE B** – Entrevista Gabriel**Entrevistado(a):** Gabriel**Data:** 19/12/2019**Local:** Residência do entrevistado**Entrevistador:** Então vamos lá... Você precisa falar algumas coisas básicas pra mim, só pra ficar registrado...**Gabriel:** Beleza...**Entrevistador:** Fala seu nome pra mim...**Gabriel:** [nome omitido]**Entrevistador:** A sua idade?**Gabriel:** 32 anos.**Entrevistador:** E você é natural de onde?**Gabriel:** São Paulo.**Entrevistador:** E qual que é seu vínculo com a Esdi?**Gabriel:** Sou aluno de mestrado.**Entrevistador:** Tá, e você é cotista?**Gabriel:** Não.**Entrevistador:** Tá... o nome fictício você não precisa falar agora, tá? Você pode falar depois...**Gabriel:** Tá bom, tá bom...**Entrevistador:** E... Você mora com quem, Gabriel?**Gabriel:** Moro com meu companheiro...**Entrevistador:** Tá... E como é que vocês fazem o trabalho doméstico em casa? A manutenção, assim?**Gabriel:** A gente faz quando a gente tem vontade... Quando a gente não tem vontade a gente simplesmente deixa sem fazer.**Entrevistador:** Aham... Quando dá tempo também?**Gabriel:** Vontade e tempo, porque as vezes é questão de prioridade mesmo...**Entrevistador:** E quando vocês fazem... Quem faz, assim?**Gabriel:** Quando ele tá a fim de fazer, ele faz; quando eu tô eu faço... E assim cada um faz o que tem vontade... Às vezes fica sujo mesmo...**Entrevistador:** Sim... Entendi... E você recebe alguma ajuda de custo da Esdi?**Gabriel:** Não...**Entrevistador:** Não? Você não tem bolsa?**Gabriel:** Não.

**Entrevistador:** Tá... E tirando isso, você exerce algum trabalho remunerado fora da Esdi?

**Gabriel:** Vários...

**Entrevistador:** É? Fala um pouquinho sobre isso pra mim...

**Gabriel:** Bom, eu tenho 2 gráficas e 1 sex shop. Então eu trabalho praticamente 24 horas...

**Entrevistador:** Então você empreende, então?

**Gabriel:** Sim.

**Entrevistador:** E essas 2 gráficas são a mesma gráfica com 2 pontos?

**Gabriel:** 2 pontos diferentes, ambos no centro.

**Entrevistador:** Conta um pouquinho pra mim desse trabalho, como que foi isso?

**Gabriel:** A gente começou com bottons personalizados, aqueles brochinhas, a gente vendia em manifestação, "Fora Temer", "Volta Dilma", "Eu apoio Bolsonaro", "Eu odeio Bolsonaro", "Lula preso", "Lula livre", sem partido político, sem viés nenhum... Parada gay, marcha da maconha... Todas as manifestações populares onde havia grande concentração de pessoas a gente ia... Show... Porta de estádio em dia de jogo... Show da Katy Perry, Rock In Rio, Sambódromo no dia das escolas de samba... A gente fica na entrada como ambulante mesmo... Plaquinha na mão... Botton pendurado... 1 é 5, 3 por 12. E aí depois a gente teve oportunidade de alugar um ponto, um box, dentro de uma galeria, era o primeiro box... Era uma galeria que tinha muitos problemas de convívio entre as pessoas porque esse box ficava dentro de uma barbearia... Então era cabelo voando pra um lado, eu tentando atender o cliente do outro... E os clientes vinham e falavam assim: "gente, mas aqui é um ambiente masculino, né?", e eu falava "Não, é um ambiente unissex! Pode entrar!", e aí aos poucos foi melhorando esse ponto... Dividimos o espaço... E conseguimos nosso primeiro ponto de frente pra rua... Que é esse que continua sendo um box, mas independente... Com ar-condicionado, com porta fechada...

**Entrevistador:** Que é na [endereço omitido]?

**Gabriel:** Na [endereço omitido]. E com isso os clientes já começaram a entender a gente não com um box, mas sim como uma gráfica, apesar de uma pequenininha gráfica... O nosso primeiro box tinha 1 metro por 3 metros... Depois a gente ampliou um pouquinho pro lado, pôs a lateral, pôs vidro na frente, fez uma vitrine, pôs ar condicionado... E aí ficou o primeiro ponto... E aí continuamos vendendo (como) ambulante na rua... Vamos pra parada gay em São Paulo, quando é necessário chamamos parentes pra ajudar como vendedores... E aí surgiu recentemente uma oportunidade de alugar um prédio na [endereço omitido], numa rua com muitos problemas sociais, por isso o aluguel tava mais em conta... E a gente montou o segundo ponto da gráfica, fizemos o investimento no financiamento e uma plotter... E abrimos no segundo andar um sex shop e mudamos pro andar de cima pra poder diminuir o custo com aluguel residencial... Então já junto tudo e faz um só. Não é o local ideal pra se morar, mas é o que dá pra pagar considerando todo o conjunto... Então tem dado certo...

**Entrevistador:** Sim... E que tipo de trabalho vocês realizam na gráfica?

**Gabriel:** Diferente da maioria das gráficas aqui no Rio que chamam de gráfica rápida, a gente trabalha principalmente com pré-impressão... Ou seja, a gente trabalha

com criação de arte, fechamento de arquivo, tem cliente que chega aqui com arte no Canva e fala “que lindo meu cartão!”, mas eu não consigo produzir... Então a gente converte isso pra uma maneira que seja produtivo em diferentes setores... No início a gente era Gráfica [nome omitido], e aí a gente foi vendo que as pessoas tem outras demandas, e que a gente pode atender essas demandas pensando como designer... Então virou Gráfica e Soluções em Design [nome omitido]. E hoje a gente faz reforma de loja, faz criação de arte, de cartão de visita à pasta, a gente faz... Qualquer problema que a pessoa tenha e que tenha que se materializar...

**Entrevistador:** Aham, gráfico?

**Gabriel:** Não, qualquer problema mesmo... Que tenha que se materializar em algum produto a gente vai correr atrás pra produzir. Se a gente não produz a gente indica onde, se a gente não puder terceirizar sem a pessoa saber. Se der muito trabalho pra terceirizar, eu indico ela onde... E nessa forma de indicar as pessoas pra fazer os serviços fora daqui elas sempre nos indicam... E isso tem gerado um retorno muito grande... Esses dias a gente vendeu um tripé, pra um rapaz... E a gente nem reparou... E mandamos o tripé errado, com uma medida diferente. Ele voltou louco! Porque era um gringo e ele achou que eu tinha enganado ele porque ele é gringo, mania de perseguição de gringo... E quando chegou aqui a gente explicou pra ele e a gente trouxe o outro tripé da outra unidade... “não, tá aqui ó... Eu só mandei errado, desculpa, tá aqui!”, aí ele falou “Não, pode deixar... Onde que eu consigo um cara que vende alumínio, porque eu quero estender e tal...”, e eu já tinha lá na minha caixinha de cartão de visita um cara que fornece alumínio, tubos de alumínio no centro... Passei o contato pra ele... E ele fechou mais dois banner... Ou seja, pra mim tem dado certo essa ideia de “o que eu não faço, eu te indico onde faz”, se eu não puder terceirizar. E isso tem dado retorno...

**Entrevistador:** Sim... E vocês tem funcionário na gráfica?

**Gabriel:** Hmn... Não. Trabalho eu em uma gráfica, meu companheiro em outra... E a gente tem uma parceira, que é a C. [nome omitido]...

**Entrevistador:** Ele é designer também?

**Gabriel:** Não, ele é engenheiro civil... Mas como a gente já tá há 2 anos e meio no mercado ele já sabe como vender o design. Ele não sabe produzir a arte mas ele sabe vender o design. Então ele vende e depois a gente dá um jeito de finalizar...

**Entrevistador:** Então essa parte de produção de arte fica mais com você?

**Gabriel:** A parte de criação de arte, de finalização de arquivo é mais comigo mesmo... A gente teve por um tempo alguns funcionários... Inclusive uma estagiária da Esdi... Enquanto designer muito boa, não tenho do que reclamar... Ficou 6 meses com a gente fazendo estágio... Depois a gente contratou mais 2 funcionários... São bons mas não são tão atentos aos detalhes... E aí...

**Entrevistador:** Designers?

**Gabriel:** Um tinha pós-graduação em comunicação... E o outro era designer, tinha trabalhado muito tempo numa gráfica na França, a gente achou que ia dar certo, mas parece que eles não são tão atentos a alguns detalhes na criação de artes...

**Entrevistador:** Detalhes técnicos... Ou detalhes de?

**Gabriel:** Alinhamento... Eu não preciso que as pessoas saibam mexer no software, eu preciso que elas sejam atentas aos detalhes... “Não, isso aqui não tá alinhado...”

O preto tá de uma cor no fundo e o contorno tá em outro preto...”, não aparece na tela, mas na impressão vai aparecer... Sabe? São detalhes poucos que na impressão a pessoa percebe... Vou dar um exemplo: esses dias eu tava na gráfica e chegou um cara de uma outra gráfica, que tinha dado quebrado a impressora dele e ele veio imprimir com a gente... E eu tava refileando uns papéis... Eu tava refileando bem detalhe pra não ficar nenhum pontinho da marca de corte. E ele falou assim “Nossa, mas pra que que você faz isso? As pessoas não percebem isso não... Só se a pessoa for designer”, aí eu peguei e falei assim pra ele “olha, a pessoa pode não perceber isso agora, mas se alguém que é designer ver, vai perceber...”. Digamos que não tenha ninguém de design que vá perceber, quando ela for pra uma outra gráfica e fizer ela vai lembrar que a nossa é melhor. “Pô, por que que não fez? Aquela gráfica é melhor, realmente...”, e eles voltam. Já teve clientes que fizeram o serviço... Eu dei o preço e eles não quiseram fechar. Foi lá e fez em outra gráfica... E depois voltaram e tiveram que pagar todo o serviço de novo. E não era um serviço barato. Era um serviço de uma lona pro [omitido], de um tabuleiro gigante pras crianças subirem e pularem em cima. Teve que fazer de novo...

**Entrevistador:** Por conta da qualidade?

**Gabriel:** Por conta da qualidade das outras gráficas, porque eles não são atentos aos detalhes... É camada que ficou pra cima, camada que ficou pra baixo... Nó que não linka com nó... E aí eu tenho tido um problema desses designers que eu tenho trabalhado que é isso... Eles não são atentos aos detalhes... Ou... Que é uma hipótese que eu acredito, como eu sou designer responsável pela finalização da arte, eles esperam que eu faça a finalização, mas eu não preciso de gente que me dê mais trabalho... Eu preciso de gente que consiga fazer um serviço e concluir o serviço com os detalhes que a gente tem de padrão de qualidade que a gente tem. Porque se for pra gente fazer uma coisa e depois você manda pra mim e eu tenho que ficar até meia noite, 2 horas da manhã concluindo o serviço... Não adianta. Então essa tem sido uma dificuldade que eu tenho pra encontrar profissional aqui no Rio. Agora... É isso... Ou eu que sou muito exigente... Tem gente que diz que eu sou preciosista demais...

**Entrevistador:** (Risos) só porque você quer um gerenciamento cromático, né?

**Gabriel:** Mas eu posso ser preciosista... Cara, eu olho tudo... Detalhe por detalhe... Eu dou zoom...

**Entrevistador:** Mas alguns detalhes são bem básicos, né?

**Gabriel:** Eu fico carundinha de tanto fica zoom e volta, zoom e volta... Mas eu olho... Tem clientes que fecham nesses sites online por aí... [omitido]... E eles mandam o arquivo... Ficam refugando, refugando, refugando... E eles não sabem fechar... Aí eles vem aqui e eles querem pagar... Aí eu falo “tudo bem, você não fechou a arte comigo, agora o mesmo preço que você fecharia, agora você vai ter que pagar a diferença...”, então a arte sai muito mais cara. E eles pagam porque eles não conseguem fechar um arquivo com hot stamp... E é aí que eu vou pegando cada vez mais, mais e mais mercado... Por exemplo, se você considerar que a gente abriu a gráfica... Faz 2 anos que a gente abriu a unidade na [endereço omitido], em 2 anos a gente comprou uma plotter de impressão com boca de 1,60, uma impressora a laser, uma xerox de impressora a laser, montamos toda uma estrutura, alugamos um prédio de 4 andares com contrato de 10 anos, ou seja, você tem tempo de explorar o negócio... É um crescimento muito grande... E a gente nunca teve muitos funcionários não... Sabe? Eu acho que tem a ver com a qualidade do serviço que a

gente presta... É nesse sentido. E eu não abro mão dessa qualidade. Os nossos clientes, no Google, eles dizem o seguinte: que a gente não é a gráfica mais barata, mas a gente tem 5 estrelas... No Google. E aí quando o cliente vem aqui e fala: "ah, eu preciso disso pra ontem", eu falo "olha, se você quer uma coisa rápida, tem um monte de gráfica rápida por aí. A gente não é gráfica rápida, a gente é gráfica de pré-impressão"... E se você tá procurando uma gráfica e você vai ter o seu serviço de qualidade, entregue e materializado, não só a ideia, porque você precisa imprimir isso, e ter isso pronto... Você precisa ter o papel... Você precisa distribuir isso pras pessoas, então você achou a gráfica certa. Se você só quer imprimir um papelzinho, não é aqui. Você quer desconto, também não é aqui. Eu tenho meu preço, meu preço é esse. Se você não tá disposto a pagar, outros estão, porque a fila tá grande.

**Entrevistador:** E tem bastante demanda?

Gabriel: Tem...

**Entrevistador:** As pessoas precisam?

**Gabriel:** É um serviço que as pessoas precisam. Não é impressão, você não precisa de maquinário... Mesmo sem ter plotter eu já fazia muito, eu terceirizava por mês, em média, 1500, 2000 reais de vinil. E agora já não preciso mais terceirizar. Porque com esse custo que eu terceirizava eu já pagava a prestação da plotter, e porque eu vou ficar terceirizando se eu posso comprar uma? Então eu faço a dívida e vou pagando... E eu busco soluções, por exemplo... O pessoal da Marinha, a gente faz, hoje em dia, o comando da Marinha, a gente faz adesivos pros navios, só que eles precisam de um adesivo que eles consigam escrever, aí mudou o dono do armário, eles têm que apagar. Em vinil. Só que eles têm que apagar muitas vezes...

**Entrevistador:** Álcool...

**Gabriel:** Álcool, só que álcool estraga a tinta que tá sobre o vinil, então o que que eu faço? Eu faço uma laminação com vinil transparente por cima e depois eu faço o recorte eletrônico... E aí eu explico... Então, assim, a gente tá adesivando quase todos os navios da Marinha do Rio de Janeiro. Pedidos de 1000, 2000 unidades... A cada tanto a gente faz... E o nosso não é barato, nosso metro quadrado com essa laminação aí é 160 reais o metro quadrado, e a Marinha paga.

**Entrevistador:** E aí você dá uma assistência que é um pouco mais completa também, né?

**Gabriel:** É, eu... Quando o cliente chega aqui na gráfica, ele vem com uma ideia... E eu vou tentando lapidar essa ideia... "o que que você precisa? Mas você vai fazer o que com isso? Você quer imprimir esse logo como? Você só quer imprimir esse logo ou você só quer fazer um recorte eletrônico? Você vai querer fazer um letreiro com recorte a laser no futuro? Então não adianta eu criar um logo pra você que você não vai conseguir fazer... Não adianta eu por um sombreado dourado, se depois você não vai conseguir fazer o dourado no recorte a laser... Então como é que você vai querer fazer isso? Cê só vai imprimir? Não... Cê só vai por na sua página de Facebook? Cê vai por na página do Facebook ou cê vai por no Instagram também? Cê vai por no Twitter? São formatos diferentes..."

**Entrevistador:** Tem uma maldade técnica...

**Gabriel:** Tem um repertório técnico, mas tem que entender o que que o cliente precisa... Porque nem ele sabe o que que ele precisa. Ele sabe que ele quer um cartão de visitas... Mas ele não sabe que pode ter cantos arredondados que combina mais

com a arte dele... Esses detalhes... Faça... Acabamentos... Por exemplo, eu tive um problema com o designer que trabalhou com a gente, ele criava artes muito bonitas, em compensação artes muito pesadas, que davam muito problema no fechamento do arquivo... Que a gente não conseguia mandar, não conseguia fechar o arquivo... Porque ele fazia clip arte... Luz, sombra, brilho... E eu falei “cara, simplifica isso. É melhor você fazer um clip arte ou você cortar isso aqui? A gente tem o arquivo... Corta! Vai ficar mais leve o arquivo...”, um arquivo de 10 gigas vai passar a 50 se você por um clip arte... Então, não adianta porque a gente não vai conseguir produzir isso com esse tamanho de arquivo, porque a gente precisa enviar... E a internet no Rio de Janeiro é uma porcaria... Então a gente não tem uma estrutura de internet com alta velocidade... Então a gente precisa que você faça um arquivo que a gente consiga enviar pra alguém produzir, senão não vai ter como. Tem que saber lidar com fornecedores, por exemplo, eu tenho fornecedores que não adianta eu ligar, não adianta eu mandar e-mail, tenho que pegar a bicicleta do Itaú, pedalar... Chegar lá “bom dia, seu Gilson! Seu Gilsooon, preciso de 300 bolsas com sublimação, costuradas assim... Tá vendo esse fechamento aqui? É assado... Essa costura...”, “tá, então vai lá falar com a costureira...”, tá... Eu vou lá, falo com a costureira... E aí dá certo... E ele entrega exatamente como foi pedido. É esse tipo de trabalho que a gente presta.

**Entrevistador:** Sim, bastante cuidadoso, né...

**Gabriel:** Já aconteceu de um cliente de uma lan house que queria fazer toda a reformulação da lan house, a lan house dele lá no prédio Menezes Cortes... A lan house dele era chamada de “a favela do shopping”... E quando eu entrei o pessoal falou “ah, você vai arrumar a favela?”, “Vou!”. Ele veio com a ideia de adesivar as portas, eu peguei e falei “do que que é essa porta?”, “Ah, é mdf... Não era nem mdf, era compensado...”, e aí eu falei “Não adianta você por adesivo sobre compensado. A hora que você por o adesivo sobre compensado você vai pegar toda aquela textura. E ele não vai grudar direito. É isso que você quer? Não... Então tem que pintar. Essa área onde tem compensado vai ter que ser pintada com tinta esmalte. A gente pode fazer a compensação de alguns adesivos em algumas áreas, fazer uma placa pra frente...”, e aí a gente fechou a lan house dele toda, colocamos letreiro de led...

**Entrevistador:** E aí arrumou a favela?

**Gabriel:** Arrumou a favela. Não é mais a favela do shopping.

**Entrevistador:** Bom... Tá. E agora a gente tá entrando num outro eixo da entrevista...

**Gabriel:** Beleza...

**Entrevistador:** E eu tinha comentado com você que são eixos diferentes em função dos caminhos, né? E você vai perceber um pouco que o teor das perguntas muda um pouco, mas você pode continuar responde à vontade... E se tiver alguma dúvida... Ou alguma pergunta não te fizer se sentir à vontade, você pode falar também... Ou não... Tá?

**Gabriel:** Uhum...

**Entrevistador:** De um modo geral, Gabriel, nos lugares que você frequenta aqui no Rio, fora da Esdi, você se sente à vontade neles ou você se sente destoante em algum lugar?

**Gabriel:** Totalmente destoante...

**Entrevistador:** É? Por quê?

**Gabriel:** Ah... Porque eu vejo o mundo... Eu gosto de ver a gentileza das pessoas... E o carioca não é muito gentil... A “gentileza gera gentileza” só tá debaixo da ponte mesmo...

**Entrevistador:** No slogan...

**Gabriel:** Não tá no dia-a-dia das pessoas... Aqui no Rio é “qual foi? Qual é?” E isso me faz me sentir distante... Me faz me afastar da sociedade carioca, porque eu tenho a ideia de... Eu sou paulistano, cara... A gente é gentileza, assim... Por mais que você não tá ali pra prestar um serviço, a pessoa tem que ser gentil... “pois não, muito obrigado, gratidão...”, e aqui o carioca a primeira pergunta é “qual foi?”... “onde tem o chip da tim?”, “Láááá”, ao invés de “vira a segunda prateleira a esquerda, e você vai encontrar o que o senhor tá procurando...”, não precisa nem chamar de senhor... “o que você está procurando”, e aqui você vai numa loja e “láááá”, sabe? Essas coisas... O primeiro impacto... Se você reparar... Todos os comércios que você vai, e isso eu trago pro meu negócio o oposto disso, eles só te tratam bem depois que eles viram que você já foi várias vezes e que você já virou cliente, quando eles te reconhecem. Aí você é bem atendido... Senão, você é mais um no meio da multidão... Diferente do paulistano, o paulistano quanto ao atendimento em comércio a gente trata todo mundo muito bem... E aqui eu não percebo muito isso não... É só depois que eles realmente te conhecem.

**Entrevistador:** Sim, mas tirando essa questão do tratamento das pessoas, assim, você pessoalmente, se sente à vontade quando você anda pelo espaço urbano? Ou você se sente diferente... Destoando da galera? Ou constrangido em alguma situação?

**Gabriel:** Se eu não falo com ninguém... Tô tranquilo.

**Entrevistador:** Se você não fala com ninguém tá tranquilo... Então é mais um contato mesmo? Se não você sente que você tá passando ali batido nos lugares?

**Gabriel:** É... Eu prefiro... Não ligo não. Eu prefiro passar despercebido...

**Entrevistador:** Mas você não sente que você chama atenção?

**Gabriel:** No dia-a-dia?

**Entrevistador:** É... Andando na cidade... As pessoas te abordam?

**Gabriel:** Ah, eu acho que eu chamo atenção pela minha maneira de caminhar... Eu ando muito rápido... Paulistano anda rápido... Já viu Avenida Paulista na hora do almoço, como as pessoas andam rápido?

**Entrevistador:** Sim, sim...

**Gabriel:** É o mesmo que eu... Eu dava aula na Febem e os meus alunos me chamavam de ligeirinho. E eu sou elétrico, é meu natural, e eu tremo. Quando eu tô agitado eu tremo, e as pessoas acham que eu tô tremendo porque eu tô com medo... Hoje eu fui tirar o papel da maquininha, passou o cartão, fui tirar um, passou e eu fui tirar o outro... E o cliente falou “calma, não precisa tremer não...”, eu falei assim “eu tremo naturalmente, cara. Meu avô teve Parkinson, só que o Parkinson dele é o que travava, talvez o meu seja o de tremer...”, é natural... Eu não tô com medo, não tô com nada... Eu só tremo... E eu sou elétrico, eu ando rápido... Um dia eu fui na Americanas, a gente foi comprar um negócio, aí eu tava saindo da Americanas e eu entrei na Hering... O policial disfarçado entrou atrás de mim e falou assim “você não

pegou nada lá na Americanas não, né?”, eu falei assim “peraí moço, vamos voltar lá, eu vou abrir a bolsa lá dentro, e você vai ver se eu peguei alguma coisa”. E aí depois eu perguntei “o que que foi?”, e ele disse “Não, porque seu jeito foi meio suspeito...”, e eu disse “o que que foi suspeito?”, e ele “não, é porque você anda muito rápido...”, eu falei “cara, eu sou paulistano!”, eu andava na Avenida Paulista, eu ficava 6 horas dentro do transporte público, eu dormia no transporte público porque o resto do dia eu tava trabalhando ou estudando... Então, assim, eu ando rápido, eu falo rápido, e eu tremo. É meu jeito de ser. Eu não tremo porque eu tô com medo, e eu não ando rápido porque eu tô fugindo, é minha maneira de ser... É meu jeito de ser normal... Eu não gosto que eles fiquem “por que tá tremendo?”, “por que tá andando rápido?”, isso eu não gosto... Isso me incomoda...

**Entrevistador:** Tá. Gabriel, e como você declara em relação ao seu gênero?

**Gabriel:** Masculino.

**Entrevistador:** Sim. E a sua orientação sexual?

**Gabriel:** Homossexual, com exceções.

**Entrevistador:** Tá, e você acredita que o fato de você ser um homem homossexual interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Gabriel:** Pras pessoas ou pra mim mesmo?

**Entrevistador:** No geral... Pode falar geralmente...

**Gabriel:** Eu acho que pras pessoas eu acho que não. Pra mim mesmo eu acho que sim.

**Entrevistador:** Por que interfere?

**Gabriel:** Ah, meu... Eu acho que eu me sinto mais à vontade com mulheres...

**Entrevistador:** E por que isso?

**Gabriel:** Não sei... É uma coisa de... Sei lá... Eu me sinto mais à vontade com mulheres. Coisa de viado mesmo...

**Entrevistador:** De um modo geral na vida ou só na Esdi?

**Gabriel:** Na vida. Mas na Esdi eu sinto isso também... Eu prefiro que as minhas orientadoras sejam mulheres, por exemplo...

**Entrevistador:** Do que homens ou do que homens héteros?

**Gabriel:** Do que homens...

**Entrevistador:** Tanto homens gays quanto homens héteros?

**Gabriel:** Tanto faz... Eu prefiro... Quanto tem que ter um afeto... Um contato maior... Que não seja de amizade, que seja de trabalho constante... Eu prefiro ter contatos maiores com mulheres... De permanecer em contato... Com mulheres...

**Entrevistador:** Entendi... E você atribui isso a qualquer tipo de trauma... Com alguma figura de homem, assim? Alguma experiência negativa? Ou nada específico?

**Gabriel:** Não sei dizer... Eu só me sinto mais à vontade para me relacionar com mulheres...

**Entrevistador:** Tendi. E quanto à cor da sua pele, como você se declara, Gabriel?



**Gabriel:** Cara, o meu bisavô foi liberado no período quando a criança nasce livre... Ou seja, minha tataravô foi escrava e aí ele nasceu e foi livre... Então o meu vô era negão... Então... Só que minha vó era espanhola, olho azul... E eu sou uma mistura... As pessoas dizem que eu sou branco. No meu documento tá pardo, eu acho que eu sou o Gabriel. Eu... Pra mim... A cor da pele pra mim é indiferente... Eu não sofro com isso. Nem fora do país...

**Entrevistador:** Tá. Então você acha que isso não interfere nas suas relações dentro da Eski? E nem fora?

**Gabriel:** Interfere quando o pessoal, que é negro, começa a ser vitimizar, e eu não aceito que eles se vitimizem, porque eu acho que eles têm que superar isso e serem mais fortes que isso... Porque eu superei tantos preconceitos da minha vida... E eu não quero aceitar que eles vão ficar se vitimizando, eu quero que eles superem. Porque esse vitimizar faz com que eles sofram, e eu não gosto de ver ninguém sofrendo... Então eu tento... Eu tenho um amigo que ele vivia falando “ah, você é o branco da zona sul...”, então, ou seja, não é que eu sofro com isso, mas eu sofro porque os meus amigos sofrem, as pessoas com quem eu me relaciono sofrem... E aí isso me causa sofrimento também, porque eu vejo eles sofrendo... Eles chegam ao ponto de ser tão pessimistas com a situação de pele, que faz eles sofrerem, faz eles se sentirem mal. E eu percebo isso, e eu não gosto de perceber isso... Eu tento fingir que... “cara, vamos ressignificar isso... Você é mais forte do que isso.”, porque eu sou ex-presidiário, e sou tantas outras coisas e nem por isso me sinto menos... pelo contrário, de certa forma, se você for ver toda merda que eu sou, ou que eu já fui... E que eu ainda sou, as merdas que eu continuo fazendo e ninguém sabe... Cara, eu era pra tá aí “ai meu deus... Eu não sirvo pra nada...”, caralho, cara! Eu sou um vencedor... Superei tanta coisa e vou continuar superando as merdas que eu fiz ontem... E eu queria que eles vissem isso. Então não é que eu não aceite que eles sofram, é que eu não gostaria que eles sofressem... E quando eles levam isso ao extremo atrapalha minha relação com eles...

**Entrevistador:** Com eles, os negros, especificamente?

**Gabriel:** Negros, homossexuais, HIV positivos, gay... Quem tiver... Quando a pessoa pega os problemas que sociedade impõe sobre elas e assume, internaliza isso, ela sofre... E aí atrapalha minha relação com eles. Porque eu quero que elas se sintam bem... E eu sempre tô vendo eles reclamando e se sentindo mal com isso... E eu também tenho problemas.

**Entrevistador:** Sim... E quando você compra as coisas pra você, essas coisas sejam elas quais forem... Sejam elas roupas, sapato, caderno, caneta, qualquer coisa que você compra que você vai usar... Você para pra pensar o que que essas coisas podem transmitir a seu respeito pras outras pessoas... Se essas coisas vão criar uma imagem a seu respeito, ou você nem para pra pensar nisso?

**Gabriel:** Com relação às coisas que eu compro?

**Entrevistador:** É... Pra você usar... Coisas que você pode sair na rua... Ou podem ser objetos, né...

**Gabriel:** Eu num... Cara, eu compro tão pouca coisa pra mim...

**Entrevistador:** E quando você escolhe as coisas que você tem pra usar pra sair na rua, você para pra pensar se essas coisas podem criar uma imagem a seu respeito?

**Gabriel:** Eu sei que elas criam, eu sei que elas criam, mas eu não fico muito parando pra pensar nisso não... Eu gosto disso e... Cara, eu uso cueca infantil GG, porque eu gosto das cuecas coloridas e com desenho, sabe? E as vezes eu saio na rua de cueca gritando pro cara não jogar entulho aí na frente... E todo mundo vê minha cuequinha colorida infantil... Tô nem aí... Entendeu? Eu gosto de cueca colorida... E não tem pra adulto...

**Entrevistador:** Sim... (risos)

**Gabriel:** (risos)

**Entrevistador:** Tá... E de um modo geral assim, o modo como você se veste, você acredita que pode ser... Que dá algum indício da sua orientação sexual?

**Gabriel:** Ah, eu me visto totalmente hétero. Eu não acho que eu tenho um estilo mais afeminado... Porque não faz parte da minha personalidade, nada contra, mas realmente não faz parte da minha personalidade... Como diz meu amigo, eu sou um "gay machinho".

**Entrevistador:** Você é um gay machinho?

**Gabriel:** Sou um gay machinho.

**Entrevistador:** Então isso não te coloca na posição de ser reconhecido como gay na rua, né?

**Gabriel:** Não, até preferia que eu fosse reconhecido, dependendo do boy. Mas não rola... Eles não percebem.

**Entrevistador:** Não percebem?

**Gabriel:** Não. As mulheres dão em cima de mim... Aqui na gráfica... Nossa, elas não se tocam...

**Entrevistador:** As pessoas não percebem que você é gay?

**Gabriel:** Não se tocam. Às vezes elas começam a perceber quando eu falo "meu sócio... Meu companheiro...", "mora com quem? Com o sócio?" ... Aí eles já começam a identificar... Mas nem sempre, é muito difícil...

**Entrevistador:** Tá... E você acha, então, que existe alguma visualidade, alguma estética... Que indica mais que uma pessoa pode ser gay ou não?

**Gabriel:** Enquanto vestimenta ou estilo de ser?

**Entrevistador:** É... Vestimenta... Aspectos de design...

**Gabriel:** Eu acho assim, que as pessoas... Elas têm uma visão do que é ser gay. Têm.

**Entrevistador:** E essa visão aponta pro que, assim? Você conseguiria dizer?

**Gabriel:** Depende da pessoa... Por exemplo, pro meu pai gola V é coisa de viado. É uma coisa tão simples... Pra mim e pra muita gente não seria...

**Entrevistador:** Uhum...

**Gabriel:** Por exemplo, tem gente que fala "Barba é coisa de homem", e as vezes o cara é viado e usa barba...

**Entrevistador:** A maioria? (Risos)

**Gabriel:** É... Mas não, eu quero dizer assim... É tão variável a percepção de cada um...eu vou dar um exemplo. Um dia, eu tava subindo, quando eu morava em Santa Teresa ainda, tava subindo o escadão pra chegar na minha rua... Já era noite, dez, onze horas da noite... E eu olhei pra trás tava vindo um carinha subindo a escada atrás... Aí eu olhei pra trás e o carinha subindo a escada de novo... E era um neguinho gostoso... Aí eu pensei “carai, que muleque bunito, cara!”... Continuei subindo, subindo a escada... Aí eu comecei a subir mais devagar... Pensei “vai que o cara dá bola pra mim, né...”, aí sabe o que ele falou no final? Ele pegou e falou assim pra mim: “eu não vou te roubar não, tá!”, e eu falei “eu sei que você não vai me roubar... Eu sei que você mora no prédio ali da esquina... Mas sabe qual que é a real mesmo? Te achei gostoso pra carai”, aí ele falou assim “tá maluco!” Ou seja, ele tinha a visão que eu tava, por ele ser negro, no escuro, que eu tava imaginando que ele ia me roubar... E na verdade eu tava com tesão no cara. E quando eu falei isso, quebrou as expectativas do cara... Eu não tava pensando em nada de roubo... Primeiro que eu não tinha o que roubar, a não ser a minha virgindade (risos)... Então cara, sabe?

**Entrevistador:** (Risos)

**Gabriel:** “Você viajou numa coisa que eu tava viajando outra... E eu já quebrei a sua viagem ali... Já que cê deu brecha... Então... Cê num perguntou? Eu não tava com preconceito nenhum... Eu tava era com tesão em você...” Pronto... Aí mudou de assunto... Ficou com vergonha. Nunca mais ele falou “não tava indo te roubar não”, talvez pra um outro branco ele não fale isso de novo... Porque nem todo branco que vê um negro tá pensando que vai ser roubado. Às vezes o cara tem tesão em neguinho... Por que não? Eu tenho...

**Entrevistador:** Sim, pode acontecer, né...

**Gabriel:** Exatamente. Mas o que eu quero dizer é que as pessoas... Às vezes elas têm a ideia de que os outros tão pensando delas alguma coisa...

**Entrevistador:** Mas você acha que isso é baseado em experiências anteriores?

**Gabriel:** Ah, é baseado em várias coisas, né... Você liga a TV e... “mais um negro morto...”, sabe? As pessoas vão internalizando isso... Eu não assisto TV, eu não ligo... Eu não assisto noticiário... Eu não leio notícias... Dia de jogo, o dia que o Flamengo ganhou, sabe como que eu fiquei sabendo que o Flamengo tinha ganhado? O dia que começou a encher um monte de gente aqui na rua, fazer xixi atrás dos carros... Eu comecei a escutar o barulho dos fogos, eu falei “cara, que que tá acontecendo?”, comecei a ver flamenguista, flamenguista... Falei “carai, o Flamengo ganhou!”, saí ali na rua e falei “caralho! Eles tão em cima da banca de jornal!”, “uhul, o Flamengo ganhou!”, e eu não tô nem sabendo... “Lula foi livre...”, eu fiquei sabendo porque o povo postou no grupo... Do LaDA... Mas eu me afasto de notícias... A minha notícia é o olho no olho... Você quer falar comigo? Vem me visitar.

**Entrevistador:** Tendi... E você atribui esse afastamento das notícias, das da circulação midiática... A algum motivo?

**Gabriel:** Ter uma vida mais confortável. É escolha... Ainda hoje o gari falou que eu sou um analfabeto político... E eu falei assim “isso é escolha política, cara. É diferente”. Eu posso descobrir... Eu posso ler sobre a política, posso ler o que eu quiser sobre a política... Se eu quiser, mas eu não quero. O seu orientador, o Ricardo, uma vez ele falou assim pra mim “as pessoas que não sabem... Precisariam saber... To-

mar a política como parte da vida delas, se não as coisas não mudam...”, e aí eu falei assim: “a mulher, a mãe do meu companheiro, ela mora no interior da Bahia, não sabe ler, não sabe escrever... Mal-e-mal tem uma TV em casa... Pode ter certeza que ela é muito mais feliz do que a gente que fica sabendo de todas essas notícias ruins”. Aqui na rua, se eu souber todas as notícias ruins que realmente rola aqui, eu não pisava nem mais o pé na rua... Porque eu ia ficar com medo... Eu não teria alugado esse prédio... Porque essa rua aqui é famosa, depois que eu vim pra cá que eu fiquei sabendo lá em Petrópolis, os problemas sociais que essa rua tem... Os problemas sociais não, os problemas de milícia... Que eu finjo até hoje que eu não sei... Quando vem um senhorzinho me dar umas indiretas de que é milícia, é milícia... Sabe o que eu falo pra ele? “Pra mim o senhor é o senhorzinho aqui da rua... O tiozinho mais velho que tem aqui na rua...”, pronto, fiquei amigo dele. Não enche mais meu saco... Me ajuda a tapar os buracos do piche na rua... Eu não vejo ninguém com maldade, mesmo que ela queira se mostrar com maldade... Eu me nego conscientemente a enxergar as pessoas pelo lado ruim delas... É sério...

**Entrevistador:** Eu te conheço, eu acredito... (Risos)

**Gabriel:** Eu não vou! Não vou! Nem quando a milícia quis que eu enxergasse eles como milícia pra poder pagar caixinha... Eu me neguei, e me nego até hoje. O segurança que falou algum dia pra mim aí: “Ah, não sei que, não sei quê... Se você não pagar, cuidado pra você não ser prejudicado...”, entrou por um ouvido e saiu pelo outro... Hoje sabe o que eu fiz? Chamei ele aqui na gráfica e dei uma caixa de bom-bom pra ele... Falei “Ô Alex, obrigado! Obrigado por ajudar a gente aqui na rua...”, “pode contar comigo, amigo, tamo junto! Você é meu parceiro.”, mesmo quando elas se mostram de uma maneira que é ruim, as vezes isso é só autodefesa, eu prefiro pensar que é autodefesa... Eu não vou aceitar que elas sejam assim... Pra mim elas sempre vão ser pessoas boas... Que tem o seu lado bom. E que não vão me fazer mal... Tem dado certo.

**Entrevistador:** Tá... E ainda nessa questão, relativa a como você acha que as pessoas te veem... E a forma como você se vê... A maneira como você se percebe, e a maneira como você acha que você é percebido socialmente batem... Ou você acha que tem uma diferença?

**Gabriel:** Eu acho que as pessoas me veem, aos poucos elas acabam me vendo como eu realmente sou... Que é essa pessoa que não quer ver coisa ruim em ninguém nem em nada... Eu me nego, é consciente. E elas acabam aceitando isso... E vendo isso como uma coisa fofinha e bonitinha... Mas algumas veem como um deficiência psicológica e mental minha... E eu não ligo. Alguns já me falaram que eu sou autista... Uma mãe de autista já me disse que eu tenho um grau de autismo... E aí depois eu fui conversando com ela e ela me disse que autista não se preocupa com o que os outros falam... E eu falei assim “então eu não sou autista, porque as vezes eu me preocupo...”, e ela “não, mas você tem um grau leve de autismo...”, as vezes tem gente que fala que eu sou meio paranóico... Meio esquizofrênico... Cara, tem gente que vai achar que isso é um problema psicológico... Sabe as bestas do Daniel? [em menção ao livro “As bestas dentro de nós”, de Daniel Portugal], ou você tem um problema psicológico e por isso você não se encaixa na sociedade, logo você tem um problema... Eu só acho que eu sou assim mesmo... Talvez isso seja um problema psicológico... Talvez não, talvez seja só a minha maneira de ser. E talvez quem tenha problema psicológico seja a sociedade e não eu... Eu não sei. Mas eu sei que com o tempo as pessoas sempre me veem como eu realmente sou, elas reconhecem... Mas isso não é de cara. O L. [nome omitido], por exemplo, uma vez

eu tava tentando fazer uma atividade sobre extensão na Esdi, e eu não tive muito retorno das pessoas pra participar... E eles me colocaram num grupo de sacanagem, não entendi por que que eles me colocaram naquele grupo, mas enfim...

**Entrevistador:** Grupo de WhatsApp?

**Gabriel:** Eu mandava as mensagens e ninguém me respondia... Aí sabe o quê? Eu fiquei frustrado... Aí eu postei assim no grupo: “estou saindo do grupo, porque aqui ninguém me responde mesmo, vou tentar outra forma de me comunicar com os esdi-anos. Durante uma semana eu vou dedicar uma hora do meu almoço, vou sair daqui da gráfica e vou levar minha quentinha pra almoçar lá na Esdi.

**Entrevistador:** Tá... Qual grupo que eles te colocaram, [nome omitido]?

**Gabriel:** [nome omitido].

**Entrevistador:** Aham.

**Gabriel:** Aí depois que eu postei que eu postei a mensagem e saí do grupo logo em seguida, o L. veio falar comigo, a B. [nome omitido] veio falar comigo, várias pessoas que não me respondiam vieram falar comigo... Aí o L. depois, a gente ficou maior tempão conversando no WhatsApp e ele falou assim “o que você acha que é pior? As pessoas não interagirem com você de cara, com a sua proposta, ou não interagirem depois...”, eu falei “eu acho que é pior elas não interagirem de cara... Porque significa que elas não tão nem me dando oportunidade... Porque se elas não interagem depois eu posso pensar que é por falta de tempo, aconteceu algum imprevisto... Mas se elas não interagem de cara, eu entendo que elas não entenderam, ou que eu não soube me expressar... Aí eu fico mais frustrado ainda... Eu não ligo que elas não venham na atividade, mas eu fico muito chateado de elas nem sequer demonstrarem interesse... Porque as veze eu acho que... Quando você fala na faculdade Esdi que você quer trabalhar com participação, a primeira coisa que você ouve é: “você vai ter que aprender a lidar com a não participação.”, mas será que você não quer participar de alguma coisa porque você quer provar que a pessoa consegue lidar com a não participação ou porque você realmente não tem interesse nisso? Não sei... Fico na dúvida.

**Entrevistador:** Sim... Entendo... É bem complexo, né. De um modo geral eu acho que... Eu acho que... Assim, é um palpite meu, tá? Eu sinto que as pessoas trazem consigo um desinteresse nato, sabe? Eu não tô passando pano, é porque eu também já propus algumas coisas, já mandei mensagem em alguns grupos, até coisas que eu tenho certeza que eram super relevantes, assim como você também tinha, né... Que eram coisas relevantes, propostas inclusivas, e assim... Eu sinto as pessoas muito apáticas, de um modo geral...

**Gabriel:** Já me falaram isso também...

**Entrevistador:** E eu não tomei pra mim...

**Gabriel:** Mas sabe, aí entra aquela questão, que as pessoas da faculdade falam que as críticas, ou a apatia não é com você... É geral... É da pesquisa... É da vida... Pode ser.

**Entrevistador:** Eu acho...

**Gabriel:** Mas nem sempre... Na aula de metodologia eu fiz e apresentei aquele projeto final de método de pesquisa, metodologia de pesquisa... E no meio dessa apresentação eu incluí o meu tema de pesquisa... Que era extensão... Pra poder linkar

as duas coisas... E depois no final eu falei pros alunos escreverem o que que eles tinham entendido sobre extensão... Uma das coisas que tava escrito lá era “você é um egoísta, porque a gente veio aqui pra aprender metodologia de pesquisa, e não pra ver você falar sobre extensão.”, isso não é uma crítica pessoal e direta? Lógico que é... Então a todo momento as pessoas negam que fazem críticas pessoais, mas elas estão criticando pessoalmente você...

**Entrevistador:** Acho que a todo momento não... Em alguns casos...

**Gabriel:** Ah mas eu não sei se é só... Não pode dizer se é só a ciência... E que o nosso trabalho é criticar... Não sei se o nosso trabalho enquanto pesquisador é criticar...

**Entrevistador:** Mas eu tô falando mais da apatia do que da resposta negativa... A apatia... Eu acho que ela é o estado natural das pessoas, sabe? E eu acho que quando elas se colocam a criticar, aí sim pode ser algo pessoal... Mas eu acho que o fato de você chegar aqui e falar uma super coisa e eu fico cagando... Aí chega a B. [nome omitido] e fala também uma super coisa e eu fico também cagando... Sabe? Tô cagando pra todos...

**Gabriel:** Mas também tem a ver um pouco assim... O que que você pode dar em troca? As pessoas tão sempre esperando o que que você pode dar em troca... Eu tenho uma vantagem dentro da Esdi, todo mundo me vê como uma chave de troca, porque eu tenho a gráfica. Todo mundo quando precisa imprimir alguma coisa, é o Gabriel. E eu não montei a gráfica à toa. Foi também pra me tornar... Ser útil... Eu preciso me tornar útil dentro da Esdi... Se eu tiver que montar uma gráfica, duas gráficas, uma incubadora... Eu vou montar pra continuar ser útil e acabar o meu doutorado...

**Entrevistador:** Uhum... Bom, uma boa estratégia... E... A gente falou sobre eixos da entrevista, né... E de um modo geral eu entendo que quando uma entrevista é agendada com um entrevistado, ela pode criar com o entrevistado, alguma expectativa de tocar em algum assunto... E poder ser que eu como entrevistador ou a minha pesquisa como objeto não te dê a oportunidade de falar de coisas que você acha importante... Ainda que essas coisas sejam as mais aleatórias... Então é importante que a gente abra no final um momento pra que você fale sobre algo, se você achar importante, que a gente não tenha mencionado. Então se você quiser falar sobre alguma coisa, fazer algum comentário... Pode ser sobre a Esdi, pode ser sobre design, pode ser sobre fora da Esdi...

**Gabriel:** Sim, eu gostaria que... Pode ser sobre a Esdi... Uma coisa que eu gostaria de falar pra Esdi, assim, deixar claro que eu tô ali pra colaborar com o que as pessoas precisarem. Não sou aluno da PUC. Sou aluno da Faculdade São Judas, particular lá de São Paulo, então assim... Não sou metido e tô sempre aberto... Quando os alunos, ou as pessoas me pedem pra fazer um trabalho... “imprime um adesivo pra mim?”, imprimo! Faço preço de revenda pra alunos da Esdi, se for pra coisa da Esdi... Se for pra coisa pessoal é... 20% de desconto, qualquer esdiano. É... Aí eu falo assim.... Beleza, eu sempre dou a oportunidade, eu falo “se vocês quiserem gastar menos, vocês vêm aqui me ajudar a fazer os acabamentos...”, senão vocês vão pagar mais caro... E sabe quantas pessoas vieram me ajudar a fazer os acabamentos? Uma. A maioria das pessoas prefere pagar do que vir me ajudar. E isso é uma coisa que assim... Eles querem preço mais barato, mas não querem me ajudar... Então, assim, eu tenho que cobrar mais caro. Eu sou aberto... Se vocês quise-

rem vir, fazer qualquer coisa pra Esdi... Pros projetos de vocês, eu tô aberto, a gráfica tá aberta. Mas eu quero vocês aqui. Se vocês não vierem, é um cliente como qualquer outro, com 20% de desconto, porque vocês são esdianos como eu. Só. Porque senão eles abusam... Eu sou útil... Mas também não abusa... Porque eu também sou empresário e preciso de dinheiro.

**Entrevistador:** Você é um super empresário né... Agora tá com várias frentes...

**Gabriel:** Continuo sendo ambulante, tá... Continuo vendendo os broches na rua...

**Entrevistador:** Muito trabalho, né amigo?

**Gabriel:** Muito, graças a Deus... Não sei se Deus... Não sei se eu acredito em Deus...

**Entrevistador:** Pronto, agora a gente vai discutir...

**Gabriel:** É só coisa da minha mãe... Minha mãe que sempre falava "Graças a Deus", "Graças a Deus..."

**Entrevistador:** Eu vou pausar então... Ou você quer fazer mais algum comentário?

**Gabriel:** Não, tá de boa...

**APÊNDICE C** – Entrevista Gustavo**Entrevistado(a):** Gustavo**Data:** 19/12/2019**Local:** Esdi, auditório da pós-graduação**Entrevistador:** Então, Gustavo... tem algumas perguntas básicas só pra ficarem registradas... beleza? Um questionarizinho que é inicial... aí você fala seu nome pra mim, Gustavo.**Patrick:** [nome omitido]**Entrevistador:** E o seu nome fictício...? Quer falar agora, ou quer falar depois? Pode ser depois também, se você preferir... Prefere?**Patrick:** Ah... pode ser agora então, vai... Gustavo...**Entrevistador:** Beleza... E qual sua idade, Gustavo?**Gustavo:** Eu tenho 20 anos.**Entrevistador:** Blz... E a sua procedência... Você é natural daqui do Rio?**Gustavo:** Sim, sou natural do Rio. Nasci em São João de Meriti, um município da baixada fluminense.**Entrevistador:** E você é cotista?**Gustavo:** Sou cotista, eu sou cotista por escola pública.**Entrevistador:** Tá, e o seu vínculo com a Esdi... Você é aluno da graduação?**Gustavo:** Sim, sou aluno da graduação...**Entrevistador:** Sim, da turma?**Gustavo:** Da turma 55... Atualmente tô no quinto período.**Entrevistador:** Sim, o segundo currículo já é por período de 6 meses, né?**Gustavo:** Segundo currículo?**Entrevistador:** É... O currículo que você entrou... O currículo novo...**Gustavo:** Ah, sim! Sim...**Entrevistador:** Ele já é de 6 em 6 meses, né?**Gustavo:** Sim, sim... Ele já é semestral...**Entrevistador:** Antes era tudo anual, né... Era mais estranho, né? Bom... O que que você achou dessa mudança. Você chegou a conhecer o currículo antigo?**Gustavo:** Então, eu só ouvi por falar mesmo, assim... Eu não tive a experiência de me poder me submeter a esse currículo, ver ele na prática, mas em teoria observando, tendo algumas informações sobre ele sim, mas nada de trabalho prático.**Entrevistador:** Beleza. E Gustavo, você mora com quem?**Gustavo:** Eu moro, assim... É um quintal bem amplo, assim... Ao todo tem 3 casas... Aí lá, em uma das casas vive minha avó e meu avô... E na segunda casa vive minha tia e meus primos... E na casa onde eu moro, mora eu, minha mãe e meu padrasto.



**Entrevistador:** Entendi... E como é que você... Na sua casa, que mora você, sua mãe e seu padrasto, como é que vocês fazem o trabalho, da casa, assim... O trabalho doméstico?

**Gustavo:** Então, quem cuida da parte doméstica é mais minha mãe... Ela é mais responsável por essa área. E aí se fosse estipular uma hierarquia seria ela, meu padrasto e eu. Eu cuido mais das minhas coisas pessoais, assim... Meu quarto, minhas roupas, mais os meus pertences. Enquanto minha mãe cuida mais da limpeza geral da casa, alimentação...

**Entrevistador:** Aham, e eles trabalham fora?

**Gustavo:** Trabalham. Minha mãe tem um emprego de carteira assinada, e meu padrasto trabalha fazendo bicos.

**Entrevistador:** E você recebe alguma ajuda de custo da Universidade?

**Gustavo:** Recebo, recebo duas ajudas. No caso recebo uma bolsa de cotista da Uerj, e a outra, como eu sou estagiário, daqui da Esdi, aí eu recebo também uma bolsa pelo estágio.

**Entrevistador:** Você é estagiário da Esdi, né?

**Gustavo:** Eu sou.

**Entrevistador:** E você faz o quê?

**Gustavo:** Eu fico mais cuidando do setor de comunicação da Esdi, o Esdi LAB, né... Que é o laboratório de comunicação. Mais cuidando da rede social, do site, atualizando informações... Tudo a respeito da Universidade em relação à comunicação, eu sou um dos responsáveis...

**Entrevistador:** E você tá curtindo?

**Gustavo:** Cara, eu tô gostando... Tá bem legal...

**Entrevistador:** E você começou quando?

**Gustavo:** Cara, eu comecei em setembro...

**Entrevistador:** Então tem uns meses já, né.

**Gustavo:** Tem 3 meses.

**Entrevistador:** Massa. E tirando isso, você tem alguma outra atividade remunerada fora da Esdi?

**Gustavo:** Não, não tenho... Só o estágio...

**Entrevistador:** Uhum... E você trabalho já, na área, fora daqui? Fez algum freela, alguma coisa assim?

**Gustavo:** Então, eu fiz um freela, só que foi numa outra área, foi no design de interiores, como eu fiz um curso técnico nessa área, aí eu fiz dois freelas... Um foi um trabalho só de renderizar imagens... Que eu recebi as imagens da arquiteta, aí eu trabalhava nesse projeto da maquete dela, maquete 3D... E o outro já fiz como projetista mesmo, foi num espaço lá em Niterói, numa sala de aula... Onde eu fiz o projeto da sala, escolhi os móveis, trabalhei na planta baixa... Aí esse foi um trabalho mais como projetista...

**Entrevistador:** E quando você fez esses 2 freelas, você... Como é que foi a questão trabalhista, assim? Esse contato... Vocês tiveram um contrato... A empresa disponibilizou alguma coisa?

**Gustavo:** Então, no primeiro deles, que foi pra uma arquiteta, esse não teve, ele foi mais apalavrado mesmo... Foi no boca-a-boca... E o outro teve um pouco de formalidade, mas não teve um contrato assinado...

**Entrevistador:** E vocês formalizaram como?

**Gustavo:** Ela depois me deu um documento comprovando que eu tinha feito o trabalho, e aí eu só assinei, mas não era um contrato... Não necessariamente era um contrato, até porque foi feito depois que o projeto foi entregue.

**Entrevistador:** Sim. E como é que ficou assim, essa questão de negociação de dinheiro, de data... Essas coisas... Como é que vocês desenrolaram isso?

**Gustavo:** Então, antes de começar os dois trabalhos, teve uma conversa... E aí nessa conversa que foi definido questão de... Foi definido algumas coisas... Eu estipulei um valor, aí no primeiro, que foi pra arquiteta, ela aceitou de boa... Eu falei que era X valor e ele falou "tudo bem", aí foi combinado isso, depois ela me pagou, tudo certo... E o segundo trabalho, que foi em Niterói, esse a gente sentou pra se reunir, eu falei um valor, e ela falou "Olha, esse valor eu não posso te pagar, mas eu posso te pagar tal valor.", e aí a partir disso a gente chegou num acordo, né. Eu ofereci uma proposta, ela me ofereceu uma contraproposta... E eu vi que tava ok. E fechou o acordo.

**Entrevistador:** Sim. Tá, e eles foram confiáveis ao longo do trato, cumpriram tudo direitinho... Conforme vocês combinaram?

**Gustavo:** Sim, sim, cumpriram...

**Entrevistador:** Tá, e vocês... Essa negociação foi feita pessoalmente, que você tá falando?

**Gustavo:** Foi, foi... Foi pessoalmente.

**Entrevistador:** E isso não ficou registrado por e-mail, alguma coisa assim?

**Gustavo:** Então, teve, ao longo do processo de trabalho, eu enviava algumas coisas por e-mail... Até porque eles queriam ver como tava o andamento do trabalho, então algumas coisas foram por e-mail. Teve conversa por WhatsApp também... Mas o foco mesmo, onde as coisas foram centradas foram mais pessoalmente.

**Entrevistador:** Sim, sei como que é... Você fez técnico de quê?

**Gustavo:** Design de Interiores. Pelo Senac. No Senac de Madureira.

**Entrevistador:** Que massa. Eu fiz técnico em móveis.

**Gustavo:** Hmn, legal! A gente viu bastante coisa sobre móveis, mas a gente não viu a parte mais prática que seria de projetar...

**Entrevistador:** De desenhar, de marcenaria, assim?

**Gustavo:** É... De ir pra oficina, de construir modelos reais... Mas a gente projetou, desenhou...

**Entrevistador:** Que legal! E aí você usava o quê?

**Gustavo:** Em relação a programa de computador?

**Entrevistador:** Aham.

**Gustavo:** Eu usava AutoCad, SketchUp...

**Entrevistador:** E essas freelas que você fez foram com Sketch?

**Gustavo:** Sim, sim, eu usei bastante o SketchUp.

**Entrevistador:** O Sketch funciona bem, né?

**Gustavo:** Sim, sim, quebrou maior galho...

**Entrevistador:** Maneiro, eu também cheguei a usar o Sketch algumas vezes... Gustavo, agora a gente vai entrar num outro eixo, que é o segundo, e você vai sentir uma diferença nas perguntas, e você pode continuar respondendo normalmente também, tá?

**Gustavo:** Tá bom, beleza...

**Entrevistador:** Como que você se sente, assim, nos lugares que você frequenta, fora da Esdi... De um modo geral você se sente à vontade ou destoante na maioria dos lugares?

**Gustavo:** Então, acho que depende do lugar e da ocasião... Assim, eu digo um pouco por causa da minha personalidade, né... Eu tenho uma personalidade um pouco mais fechada... Eu sou uma pessoa um pouco mais reclusa.

**Entrevistador:** Introspectivo?

**Gustavo:** Acho que sim... Mas assim, se eu estiver em um lugar que eu conheço muitas pessoas e tem uma afinidade com elas, essa coisa vai cair um pouco, porque eu vou ter mais liberdade pra conversar com elas, até porque eu já conheço elas, então tem uma certa relação ali, então eu vou tá bem mais aberto... Mas em lugares, assim, que eu conheço poucas pessoas ou que a ocasião não tá, eu não tô me sentindo muito agradável eu vou ter um posicionamento mais fechado, mais recluso.

**Entrevistador:** Sim. E tem algumas situações em que você se sente constrangido, naturalmente constrangido?

**Gustavo:** Então, tem... É mais quando uma pessoa tá sendo, tá sendo responsável... Peraí... Deixa eu pensar a palavra certa...

**Entrevistador:** Pode pensar...

**Gustavo:** Acho que seria o momento em que uma pessoa tá tomando uma dura de uma forma mais ríspida.

**Entrevistador:** Como assim tomando uma dura de uma forma mais ríspida?

**Gustavo:** Ela tá sendo responsabilizada por algo mas de uma forma um pouco grosseira, sabe?

**Entrevistador:** Humn...

**Gustavo:** A pessoa cometeu um erro... Digamos que ela cometeu um erro... Ela cometeu um erro... Só que aí a pessoa que descobriu que ela cometeu um erro chegou nela e falou "ah, pô... Você não pode fazer isso, isso e isso..."

**Entrevistador:** Esculachou?

**Gustavo:** É... Tipo um esculacho... De uma forma mais ríspida... E aí nesse sentido essa é uma situação que eu ficaria um pouco constrangido...

**Entrevistador:** Não ficaria à vontade né? É chato, né...

**Gustavo:** É, pois é... É meio desagradável...

**Entrevistador:** Eu te entendo, eu também fico... É... Gustavo... E como você se declara em relação ao seu gênero?

**Gustavo:** Então, eu me declaro heterossexual, assim... Eu acho que praticamente desde sempre... É, mas cara, eu respeito muito... Eu sei que a gente tá vivendo um momento que tá havendo mais liberdade, as pessoas tão se sentindo, tão assumindo, né... Eu acho... Eu respeito bastante... Cada um tem que ter seu espaço, seu direito, e é uma coisa que eu respeito.

**Entrevistador:** E você acredita que o fato de você ser hétero interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Gustavo:** Eu acho que não. Não, não... Eu creio que não... Porque aqui eu sei que também cada um tem sua escolha, e as pessoas respeitam as escolhas de cada um... Então acho que a Esdi, no geral, independente se a pessoa for A, B ou C, ela respeita cada o espaço da outra... Então eu acho que nesse sentido aqui na Esdi, é um ambiente bem aberto e principalmente nesse sentido é um ambiente bem respeitoso.

**Entrevistador:** E fora da Esdi?

**Gustavo:** Então, fora da Esdi é um pouco mais complicado, porque lá fora a gente sabe que em algumas ocasiões as coisas não acontecem da forma que a gente gostaria que acontecesse... Então acho que lá fora, essa questão do gênero é bem mais sombria, né... A reação das pessoas tem sido bem mais negativa...

**Entrevistador:** Mas e pra você, você acha que interfere você ser hétero fora da Esdi?

**Gustavo:** Não, não... No meu caso não...

**Entrevistador:** No seu caso individualmente?

**Gustavo:** Individualmente não...

**Entrevistador:** Fica de boa?

**Gustavo:** Sim.

**Entrevistador:** E como você se declara quanto à cor da sua pele, Gustavo?

**Gustavo:** Então, eu sempre me declarei pardo. Eu tenho, minha família é bem mesclada em relação a cores... Tem brancos, negros... Mas eu sempre me declarei pardo.

**Entrevistador:** E você acredita que isso interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Gustavo:** Não, também não... Assim como a questão do gênero, a questão da cor aqui é uma questão bem respeitosa, bem aberta... As pessoas entendem...

**Entrevistador:** E fora da Esdi?

**Gustavo:** Fora da Esdi ainda há muitos casos, assim... Em relação a mim, sendo pardo eu acho que não... Mas em relação a outras raças eu acho que ainda tem um preconceito muito grande. Mas não em relação à minha situação.

**Entrevistador:** E assim, de um modo geral, quando você compra as coisas pra você, assim, sejam essas coisas quais forem, assim... Roupas, material, ou qualquer

coisa que você compra pra você, pra sua utilização pessoal, você para pra pensar o que que essas coisas vão parecer pra outras pessoas, vão dizer a seu respeito... Se essas coisas vão criar uma imagem sobre você?

**Gustavo:** Cara, eu penso... Eu penso... Eu sempre penso nos benefícios e nas consequências, assim... Mas o que pesa mais nas minhas decisões finais são mais os benefícios... Porque eu acho que é difícil agradar a todo mundo... Mas eu penso naquilo que vai mais me agradar do que me chatear... Então sempre quando eu penso, seja qualquer produto, eu penso sempre nos benefícios e nos malefícios... Mas o que pesa mais na decisão são os benefícios...

**Entrevistador:** E quando você tá falando de benefícios e malefícios seria o que, assim, de função desse produto?

**Gustavo:** Também, a função, a durabilidade... A usabilidade... Isso em produtos mais... No geral mesmo...

**Entrevistador:** E você acredita que as roupas que você usa, tanto roupas quanto material ou qualquer outro tipo de produto, elas criam uma imagem sobre você... Pra quem te vê de fora?

**Gustavo:** Acho que cria, acho que cria um pouco... Acho que porque também... Depende muito da forma como a pessoa vai usar, né... Isso é uma forma de transmitir até a própria personalidade...

**Entrevistador:** O que, os utensílios que você usa... As coisas que você usa?

**Gustavo:** Também... Também... Sim, eu acho que mais isso, até. Porque transmite um pouco do que você é, né... Do que você gosta... Sobre o que você prefere... Eu acho que de certa forma isso passa pras outras pessoas uma ideia do que você é...

**Entrevistador:** Tá, então quando você compra uma roupa, um caderno, uma coisa que você vá usar diretamente... Você escolhe que produto é esse, você não compra qualquer um?

**Gustavo:** Eu acho que depende da ocasião... Depende da ocasião sim, mas na grande maioria das coisas eu procuro escolher...

**Entrevistador:** É? E aí você escolhe, como você disse, em função desses malefícios ou benefícios, né? E a questão estética tem alguma interferência na sua escolha?

**Gustavo:** Ah, sim... Tem, tem...

**Entrevistador:** De um modo geral você prefere coisas com alguma característica visual específica?

**Gustavo:** Eu prefiro... Vou te dar um exemplo mais específico, mais em questão de roupa... Cara, eu acho que eu tenho um estilo bem simples, eu gosto de roupa sem estampa... Se tiver estampa, sei lá... Só linhas... Umas coisas bem geométricas, bem simplificadas. Acho que o meu gosto é mais pra esse lado, assim...

**Entrevistador:** E como é que é sua relação com cores?

**Gustavo:** Com cores eu também não tenho tanta, tanta reclusão em relação a cores também não... Assim, eu sou bem aberto... Mas assim, eu tenho uma cor favorita, eu gosto muito de verde.

**Entrevistador:** É, você tá com uma bermuda verde, né...

**Gustavo:** É, pois é... Eu adoro verde, cara... Mas assim, eu sou bem aberto a outras cores também, eu não tenho preconceito com uma cor ou com outra cor...

**Entrevistador:** Sim, sim... E quando você vai comprar... E eu reparo muito agora que tem umas lojas que eu frequento, tipo C&A, e algumas outras lojas assim que às vezes eu compro roupa, que tem umas coleções específicas, assim, de nichos, sabe?

**Gustavo:** Aham...

**Entrevistador:** E uma coleção que me chamou atenção, teve um mês do orgulho gay, né... E eu fiquei vendo que tinham várias camisas de bandeira do arco-íris... Você tem alguma camisa assim?

**Gustavo:** Cara, não. Não tenho.

**Entrevistador:** E você usaria uma camisa assim?

**Gustavo:** Cara, eu acho que sim. Não vejo problema em usar...

**Entrevistador:** Você compraria uma camisa assim?

**Gustavo:** Acho que compraria, cara... Compraria...

**Entrevistador:** E, Gustavo... A forma como você se vê, assim, a sua personalidade... Você acha que bate com a forma como as pessoas te veem socialmente, as pessoas que você convive... O que as pessoas falam de você pra você, parece com o que você acha de você?

**Gustavo:** Eu acho que sim... Parece um pouco.

**Entrevistador:** O que que as pessoas geralmente falam, que você acha que faz sentido ou que não faz sentido?

**Gustavo:** Elas falam que eu sou uma pessoa bem tímida...

**Entrevistador:** E você se acha tímido?

**Gustavo:** Acho, acho... Apesar que eu era muito mais tímido... Mas eu acho que ao longo do tempo eu tenho vencido isso... Elas falam que eu sou um pouco tímido, sou bem tranquilo, sou uma pessoa mais na minha... Eu acho que no geral eu sou isso, assim... Em relação à tranquilidade, às vezes eu tenho alguns momentos de agitação... Mas no geral mesmo a tranquilidade acho que é uma das coisas que me define... E é o que as pessoas falam bastante de mim...

**Entrevistador:** Você fica puto?

**Gustavo:** Cara, fico.

**Entrevistador:** É?

**Gustavo:** (Risos) às vezes eu fico.

**Entrevistador:** (Risos) tava tentando te imaginar, assim, com muita raiva... Por que realmente você parece tranquilo...

**Gustavo:** Pô, eu fico cara... Mas são coisas, sei lá...

**Entrevistador:** É raro...

**Gustavo:** É... Muito raro...

**Entrevistador:** Aham... Entendi. Bom, essas foram as perguntas que passavam pelos 3 eixos que eu tento investigar na pesquisa... E agora você tem uma última pergunta, que na verdade não é uma pergunta... É um espaço aberto, onde eu tento deixar aberto pro entrevistado ou pra entrevistada, se você gostaria de acrescentar alguma coisa da sua vivência dentro da Universidade... Ou fora da Universidade...

**Gustavo:** ...

**Entrevistador:** Alguma coisa que a gente não tenha conversado... Tenha alguma coisa que você acha importa de falar e que a gente não tenha tocado...

**Gustavo:** ...

**Entrevistador:** Aí você pode ficar à vontade... Falar o que você quiser...

**Gustavo:** Eu acho que não... Eu acredito que não...

**Entrevistador:** Ou fora também... É sobre qualquer coisa... Essa hora é eu tento deixar bem aberto mesmo porque às vezes a entrevista cria na pessoa a expectativa de falar sobre alguma coisa... E às vezes a entrevista não chega naquela coisa... E aí a pessoa sai meio frustrada... Porque não tocou naquele assunto...

**Gustavo:** Eu gostaria de falar, então, mais a respeito da entrevista... Por que eu gostei bastante, cara...

**Entrevistador:** Gostou da entrevista?

**Gustavo:** Sim, sim... Eu acho que assim, desde o momento que você mandou a mensagem, eu fiquei na ideia "pô cara, eu vou topar porque é uma experiência, né... E como isso tá envolvido com a Universidade, não deixa de ser uma forma de aprendizado, não deixa de ser uma vivência, né... Eu acho que não só, acho que a entrevista é um exemplo, mas tem outras coisas também... Teve a semana de design... Que eu até queria ter participado, mas eu acabei não participando, porque eu acho que essas situações, elas fazem com que a gente tenha um campo de visão maior, em relação a pensamentos, ideias, eu acho legal a iniciativa... De tanto rolar a entrevista pra saber a nossa opinião a respeito de um projeto, ou de uma vivência dentro da universidade...ou até participando de oficinas... De eventos maiores que integram pessoas de outros lugares... Que tenham uma situação parecida com a sua em relação à vida profissional... Em relação ao curso que faz... Pô, eu acho essas iniciativas bacanas, cara... Eu acho legal. Tanto que me estimulou a participar da entrevista contigo agora... E até outras oportunidades, né... Sabe? De ter mais semanas de design e aí sim eu poder participar... Ou ter outras entrevistas, eu achei bem legal essa iniciativa... Acho que meu comentário no geral seria em relação à isso...

**Entrevistador:** Bom, obrigado... Fico feliz que você tenha...

**Gustavo:** Valeu...

**Entrevistador:** Eu fico feliz que você tenha gostado... A gente conversou por 25 minutos...

**APÊNDICE D** – Entrevista Joana**Entrevistado(a):** Joana**Data:** 13/12/2019**Local:** Esdi, Lab Info**Entrevistador:** Inicialmente tem umas perguntas de registro, só pra eu saber quem são cada um dos entrevistados... E nesse momento você fala o seu nome...**Joana:** Tá... meu nome é [nome omitido].**Entrevistador:** Tá. E a sua idade...?**Joana:** Eu tenho 23 anos.**Entrevistador:** E a sua naturalidade? Você é do Rio mesmo?**Joana:** Sou do Rio.**Entrevistador:** E o seu vínculo com a Esdi? Você é estudante de graduação?**Joana:** Isso, graduação.**Entrevistador:** Tá... E você é cotista?**Joana:** Não.**Entrevistador:** Joana, e com quem você mora?**Joana:** Eu moro com meus pais.**Entrevistador:** Seus pais? Seu pai e sua mãe?**Joana:** Isso.**Entrevistador:** Tá. E como é que é feito o trabalho doméstico na sua casa?**Joana:** Hmm... O trabalho doméstico?**Entrevistador:** É, a manutenção...**Joana:** Normalmente, como a minha mãe tem ficado mais em casa, acaba ela fazendo mais... Mas até nos últimos anos a gente tem parado um pouco pra tentar dividir mais as tarefas... Porque a gente não se sente mais confortável com, tipo, chamando terceiros... Mas por questões de outras experiências passadas... Mas geralmente quem faz a manutenção das coisas no apartamento é o meu pai, ou a gente chama outras pessoas, e fica meio nessa divisão... Mas eu acho que cai mais pra minha mãe...**Entrevistador:** E seus pais trabalham?**Joana:** Minha mãe agora não tá trabalhando, e meu pai é professor da UFF, e ele é pesquisador, e ele que tá mais aí.... E minha mãe também é pesquisadora...

[Ainda no início da entrevista, meu celular – com o qual gravava a entrevista - apresentou algum problema técnico inédito, que não havia ocorrido na gravação das entrevistas anteriores. A gravação da entrevista parava a cada 30 segundos. Por sorte, fui socorrido pela entrevistada, que ofereceu seu celular para fazer a gravação, que, a partir de 2 minutos de entrevista – momento equivalente a este trecho em diante – foi gravada pelo celular dela.]



**Entrevistador:** Poxa, super obrigado por me socorrer! E me desculpa por esse problema técnico.

**Joana:** (Risos), tá.

**Entrevistador:** Tá gravando mesmo?

**Joana:** Tá, tá!

**Entrevistador:** Beleza! Joana, e você recebe alguma ajuda de custo da universidade?

**Joana:** Não.

**Entrevistador:** Não? Tá. E você exerce algum trabalho remunerado fora da Esdi?

**Joana:** Sim, eu estagio 4 horas, nesse escritório de design, e eu já tô lá faz mais de um ano, e a gente faz muitos trabalhos institucionais... E acho que eu tenho sorte de não trabalhar só com venda e com... A gente faz muito trabalhos pra ONGs, até governo, assim, a gente já trabalhou... Mas é isso... Eu tô lá já há mais de um ano, trabalho 4 horas, e se tudo der certo eu espero ser contratada.

**Entrevistador:** Tá, e tirando o estágio, você já fez algum freela, fora da faculdade?

**Joana:** Sim, na verdade o freela aconteceu mais no final do ano passado, assim, ao mesmo tempo que eu tava começando o TCC, mas ainda é uma coisa muito nova pra mim...

**Entrevistador:** E você fez freela de quê? De gráfico?

**Joana:** Eu fiz, é... Eu fiz um de cenografia... Mas que foi um freela mais pra ajudar uma amiga num show, e os outros foram mais gráficos mesmo, assim... De diagramação, de apresentação... Ou identidade de marca, assim... E também tive bastante dificuldade de entender como... Essas questões... Eu dou um contrato? Ou como que eu faço? Porque eu sou MEI...

**Entrevistador:** Você é MEI?

**Joana:** Sim, eu era MEI no meu antigo estágio, ela fazia o estágio por conta do MEI, e ainda assim...

**Entrevistador:** Fazia o estágio através do MEI?

**Joana:** É. E ainda assim eu tenho algumas dúvidas, até de como cobrar, de como deixar isso mais... Contrato, uma coisa mais certa e tudo mais... Acho que eu tô aprendendo ainda também... Mas foram boas essas experiências pra aprender que eu não tô só com esse pé no estágio, que eu consigo criar outras conexões e fazer outras coisas diferentes... Acho que é isso.

**Entrevistador:** Sim. E como é que foi, nesses freelas que você fez, como é que foram os acordos, as questões mais burocráticas, trabalhistas... Teve algum contrato? Como é que foram essas questões?

**Joana:** É... O do cenário acho que foi o mais complicado porque o do cenário não teve nem remuneração.

**Entrevistador:** Aham...

**Joana:** Então foi realmente só trabalhar com orçamento, porque eu também não tenho experiência nenhuma, então foi um trabalho em equipe... E os outros, dois deles

eu cheguei a fazer nota fiscal do MEI, foi mais certinho, assim... E o outro foi meio que no acordo, era um trabalho pequeno... Então ela virou e falou “preciso de ajuda nisso, sei que você tem experiência nisso...”, porque eu faço animação, às vezes, de apresentação... Pra quem vai fazer palestra e tudo mais... E aí ela pediu ajuda porque ela não sabia mexer com isso então foi uma coisa bem pontual... Então não fiz... Não cheguei a fazer nenhum contrato ou coisa assim... Então cada um foi meio que um jeito diferente... Eu acho que eu tive sorte porque com essa questão do MEI...eu fiz MEI, assim... Na minha turma quase não se falava disso, quase ninguém tinha. Então eu tive um pouco dessa experiência, já no terceiro ou segundo ano, de trabalhar antes com MEI... E eu me senti um pouco mais calma em relação a fazer esses trabalhos, assim... E aí depois, acho que num dos últimos anos, acho que foi no final do ano passado, que o Wandyr começou a falar bastante sobre o MEI, deu umas dicas... E aí até ele falando sobre o MEI, eu fiquei pensando “ih, acho que eu fiz isso errado... Acho que eu não devia ter feito assim...”, e ainda tenho que ajeitar ainda muita coisa, mesmo tendo experiência eu ainda tô descobrindo certas questões em relação ao MEI... E aí eu acho que a partir de agora, até se eu for contratada, eu vou acabar continuando no MEI... Porque eu acho que hoje em dia é o que até as pessoas que estão sendo contratadas tão usando mais... Mais do que a CLT... A minha chefe acho que ela vai perguntar qual que eu prefiro, mas acho que como eu já tenho essa conta, não sei... Tenho dúvidas ainda...

**Entrevistador:** E o que que você prefere?

**Joana:** Não sei...

**Entrevistador:** Você chegou a ter CLT?

**Joana:** Não, não tenho carteira... Não tenho... Eu acho que eu ainda vou ter que dar uma averiguada ainda... Eu acho que por questões de imposto, a nossa previdência já mudou muita coisa, então talvez eu só continuaria com o MEI... E seguiria assim, que é uma coisa que eu já domino um pouco... Toda a plataforma, todas os passos, né, que tem que fazer... Eu acho que talvez eu acabe ficando mesmo no MEI...

**Entrevistador:** E você acha que... Você percebeu que isso é uma tendência do mercado?

**Joana:** Eu acho que todas as pessoas que eu falei, assim, que já foram contratadas até em estágio, tão indo pelo MEI... É... Acho que talvez tá valendo mais a pena... Pela isenção de impostos... Mas eu tenho visto muito isso... O que é bom e ruim, porque você não tem assegurado certos direitos e acaba ficando uma coisa mais entre você e sua chefe... Se sua chefe quiser cumprir com certas questões, tipo férias, outros direitos assim... Aí se ela for uma pessoa legal, aí ela vai... Mas eu acho que fica muito incerto... Acho que o MEI é um pouco inseguro nessa questão... Não tem tantas certezas, certezas entre muitas aspas, não tem certos deveres que a CLT ainda assegura... Mas acho que é isso.

**Entrevistador:** E nesses freelas que você fez, como é que ficava a sua garantia de remuneração? Era mais apalavrado ou tinha alguma outra garantia de que você ia receber?

**Joana:** Era mais na troca mesmo...

**Entrevistador:** Na troca de quê?

**Joana:** Na troca de palavras, no acordo mesmo...

**Entrevistador:** Informal?

**Joana:** É... E até quando eu tava marcando, eu ficava assim “Nossa, se algumas dessas pessoas quiser dar um perdido”... Eu não tive sinal, sabe? Eu não tive aqueles 50% do trabalho... É porque sempre foram pessoas que... Não que eu já conhecia, mas sempre alguma recomendação... Que tinha alguma segunda pessoa ali que se desse algum problema, pelo menos eu tinha alguém que eu poderia recorrer nesse meio do caminho, já que foi recomendação... Mas eu vejo que no futuro vou repensar essas questões de assegurar, assim... O dinheiro, assim... Acho que é isso.

**Entrevistador:** Tá. A entrevista tem alguns eixos diferentes... Então você vai perceber que de vez em quando muda um pouco o teor das perguntas, tipo agora. (Risos) mas você pode continuar respondendo normal... Tá?

**Joana:** Aham!

**Entrevistador:** E de um modo geral, Joana, você se sente à vontade nos lugares que você frequenta fora da Esdi, ou você se sente, em alguns desses lugares destoante, naturalmente constrangida... Ou você passa bem em todos os lugares? Como que é isso pra você?

**Joana:** É... Complicado... Acho que desde... Não desde sempre, mas desde o meu ensino médio... Porque eu estudei em escola particular desde sempre. E é uma coisa que eu até tenho conversado com uma outra amida minha que também tava nesse espaço, e ela também é mestiça que nem eu, e a gente sempre se sentiu... As pessoas do nosso colégio sempre foram tranquilas, nunca teve nada bizarro, mas era uma escola da zona sul, e elas sempre colocavam a gente nunca caixinha, tipo “nossa, mas vocês são iguais. Vocês são gêmeas...”, essas coisas assim... E a gente sempre se apoiava porque a gente tinha essa questão sempre muito complicada de não se enxergar nesses espaços... E aí a gente foi percebendo, depois que a gente entrou na Faculdade que a gente começou a encontrar pessoas mais diversas, eu até falo um pouco disso também no meu TCC, é aquele momento que a gente se expande e a gente percebe que aquele desconforto era por certas questões... Mais específicas... E eu acho que tem muito isso de... Toda vez que eu entro num espaço, numa sala, entro no museu ou num restaurante... Eu sempre dou aquela avaliada em volta... E isso foi até uma coisa que eu aprendi com meu pai... Tipo, “quantas pessoas parecidas comigo tem aqui? Essas pessoas estão se divertindo ou elas estão trabalhando?”, e aí às vezes eu fico... Aquela coisa, né... Eu também não vou me retirar daqui, porque eu acho que a minha presença aqui é importante... Mas também eu quero que isso mude, eu quero que tenha mais gente de outras formas, pessoas mais diversas... E essa questão de entrar em espaços é bem comum... De você parar e... Principalmente em design, eu acho, né... Que a gente vai pra um workshop... Ou um curso que você vai fazer... Você fica “caraca, nenhuma outra perspectiva aqui? A gente não tá trabalhando com nada de pessoas diferentes...”, eu acho que isso é bem comum...

**Entrevistador:** Diferentes do quê?

**Joana:** É porque, vamos supor, um workshop de design... Eu fiz alguns cursos no Polo Criativo, uma época... E aí o professor falava uma linha, assim... E parece que essa linha era seguida por todo mundo na sala... E eu ficava “hmm, ninguém achou isso estranho? Ninguém tá a fim de questionar isso, não?”, e aí trazia alguns questionamentos... E aí ficava “ai, deixa... Não é meu momento de lutar por isso agora...”,

e por isso que eu acho importante de ter essas diversas perspectivas que você consegue ver uma questão de vários pontos... Eu acho que, enfim, essa questão de avaliar quem tá a sua volta é uma coisa que eu faço em todo lugar que eu vou... Acho que isso já é natural no processo de pensamento nosso... De olhar em volta...

**Entrevistador:** E o que que você percebe dessas avaliações?

**Joana:** Ah, as estruturas da sociedade, né... São espaços... Eu acho que tem até uma entrevista com a Elisa Lucinda que ela fala isso: “toda vez que você entrar num espaço, perceba como as coisas são separadas... Perceba quem são as pessoas que estão trabalhando ali... Quem são as pessoas que parecem com você... Quem são as pessoas...”, é aquela coisa que eu falei, né... Quem são as pessoas que estão se divertindo no momento de se divertir, pra você ver como esses espaços são, às vezes, meio apartados... Às vezes em festa... O que é você ir num espaço de uma festa fechada, e o que é você ir numa festa na rua, num bar... E olhar em volta e ver quem são essas pessoas... E é essa avaliação que eu acho importante a gente ver... Porque eu acho que ela denuncia muita coisa, assim... Parece que não, mas denuncia sim. Enfim, eu faço bastante sim...

**Entrevistador:** Então de um modo geral você tá sempre incomodada prestando atenção nesse corpo frequentador, né?

**Joana:** É... Assim, eu não fico, também... É uma coisa bem natural... Eu não fico assim: “Nossa, eu não tô anotando e marcando...”, mas eu acho que é bom a gente entender isso porque fala muito... Entrar, dar uma olhada, ver quem são aquelas pessoas, às vezes eu me sinto confortável, às vezes não...

**Entrevistador:** Às vezes destoante?

**Joana:** Às vezes destoante... E isso com os meus pais eu sinto bastante, assim... Porque, tendo um casamento, dos meus pais, entre duas raças, sempre que a gente entra num lugar rola aquela coisa assim, tipo: “caraca!...”, e aí a gente sempre dá aquela olhada em volta, e a gente vê se a gente se sente bem ali ou não... Mas é bem normal isso... Principalmente, a gente vai muito no cinema... E as vezes o filme trata de uma questão, e eu acho interessante ver quem que tá assistindo isso... Quem são as pessoas que estão na sala... E eu acho que é uma coisa que a gente faz sempre... Talvez por conta de já ter puxado isso da minha família, assim... Porque os dois permearam lugares onde eles eram únicos... Onde eles eram as exceções... Então eu acho que eu puxei um pouco desse hábito deles... De lutar contra isso... E não querer mais ser a exceção.

**Entrevistador:** As exceções em que sentido, você diz?

**Joana:** Eu digo, assim... Por exemplo, meus dois pais frequentaram a Universidade, o que já é bem raro pra história deles... Eles sempre foram aquelas pessoas que destoaram um pouco da família... Por exemplo, meu pai, ele foi o primeiro da família a ter uma graduação, e a minha mãe também, a primeira da família. E aí o meu pai sempre fala: “eu sempre era o único preto na sala, sempre era o único preto no doutorado, o único preto no mestrado”, e não que isso fosse... Não chegou a ser uma barreira pra ele, mas ele notava. E a minha mãe também, ela trabalhou como secretária durante a época da graduação... Teve que trabalhar pra pagar a faculdade... Então tinha sempre isso de “eu batalhei muito pra tá aqui... Então eu tenho que pegar essa oportunidade e sugar o máximo que eu puder dela”... Então, eu acho que esses dois acabaram resultando em eu ter essa perspectiva sobre educação, de que

muda a vida, de valorizar bastante a educação que eu tô recebendo... E sempre valorizar também o que eles tiveram que passar pra eu poder tá aqui... Sabe? Então essas histórias de perseguir o seu caminho, assim... Eu nem sei mais qual era a pergunta...

**Entrevistador:** (Risos) tá tranquilo... Tudo faz parte...

**Joana:** (Risos)

**Entrevistador:** E seu pai fez doutorado há quanto tempo?

**Joana:** Ih já faz 30 anos... Meus pais são mais velhos... Ele já tem 60... E a minha mãe também fez doutorado, um em física o outro em biologia... E por exemplo, até hoje, o meu pai como pesquisador, ele tem ainda que lutar com certas questões de tipo, sempre se impor um pouco mais... Lutar um pouco pra manter o laboratório dele... Ele teve sempre que ser o melhor da turma pra ir ganhando as vagas... Eu sempre fico vendo como isso me afetou ao longo da minha trajetória... Em relação à Esdi... E essa questão dos espaços também vem muito deles...

**Entrevistador:** E você, Joana, como que você se declara em relação ao seu gênero?

**Joana:** Gênero? Eu me vejo como uma mulher cis e...

**Entrevistador:** E a sua orientação sexual?

**Joana:** Eu sou bi, e eu acho interessante porque eu não tive uma “saída do armário”, mas foi um processo um pouco gradual de tipo “ah é, né... Eu acho que eu sou, né...”, e começou muito cedo, também... Nunca foi uma coisa muito disruptiva, na minha escola isso sempre foi mais aberto, em relação à essas questões... E foi mais um momento tipo “ih é, eu sou assim, né... E tem um nome pra isso!”, mas eu ainda me incomodo um pouco com esse termo, porque você tá supondo uma dualidade, né... Entre 2 tipos de gênero... Mas, eu acho que se tivesse um termo mais certo... Talvez seria pan... Ou sei lá... Esses termos me dão um pouco de nervoso... Mas é isso.

**Entrevistador:** Ok, e você sente que o fato de você ser uma mulher cis bi interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Joana:** Acho que sim... É porque também... Eu fico pensando se não fosse o caso como que isso ia afetar... Eu acho que sendo mulher cis já vem junto aí certos privilégios... Algumas questões que eu nunca tive que questionar aqui dentro da faculdade... E a questão daqui, eu acho que a Esdi, por mais que tenha muitas questões em relação ao design, mas em relação às pessoas e em relação aos alunos, ela sempre foi muito confortável... Sempre foi uma certa bolha, assim... De que eu nunca tive que me esconder... Ou sofrer algum tipo de preconceito... Não por parte dos alunos... Dos professores aí já é outra questão... É... Mas eu acho que aqui na Esdi eu nunca tive nenhum problema em relação a isso... Inclusive acho que me ajudou aqui dentro da Esdi, que foi um momento, assim, que mudou tanto a minha vida aqui dentro, que foi um processo de entender como eu quero atuar no mundo, o que que eu quero ser... Passar pelos espaços... Passar pelo mundo... E eu gostei muito do meu processo aqui...

**Entrevistador:** Seu processo como aluna da graduação?

**Joana:** É... De conhecer as pessoas que eu conheci... Entender outras realidades do jeito que eu entendi... E... Eu acho que isso me ajudou bastante, estar aqui dentro...

**Entrevistador:** Tá. E o fato de você ser uma mulher cis bi fora da Esdi, interfere em alguma coisa? Como que é pra você?

**Joana:** Hmmmm... Interfere, acho que... Um pouco em relação à sexualidade, tipo... Não sei se eu me sinto confortável falando pra qualquer pessoa... Por conta de algumas questões, principalmente em família... Certos lados da família, mas eu também não sinto muita necessidade de trazer isso à tona. Mas se tiver que trazer, eventualmente, vou acabar tendo que passar por isso... Sei que dá medo às vezes, saber que em uma situação, por exemplo, você sendo bi, você vai passar despercebida, provavelmente... E em outra situação, por exemplo, eu vou ter medo de andar na rua, se eu tiver com alguma menina, não sei... Então, ver esses dois lados... Por um eu posso andar tranquilamente, por outro, talvez, não tanto. Mas eu tenho sorte, também, porque eu vou pra lugares que eu vejo que isso não é uma questão, sabe? Eu tenho amigos e pessoas à minha volta que não se importam, e eu acho que a questão é a pessoa, é o outro que eu possa encontrar... E aí é uma coisa mais, que eu posso dizer, não que seja aleatório, mas que eu não tenho tanto controle... Mas talvez possa acontecer... Na rua... Em algum espaço mais público, talvez... Acho que... Em relação à lugares... Então, inclusive até ao meu trabalho... Eu me sinto muito confortável, porque eu sei que tem outras pessoas que também vieram da Esdi... Então eu sei também que tem essa cabeça, assim, de mais aceitação, em relação à essas coisas... Então eu acho que eu tenho muita sorte, assim, de estar nesses meios, que não tem uma questão tão complicado com relação à isso. Mas, acho que é isso...

**Entrevistador:** Tá, mas e você, quando você tá sozinha, quando você não tá nem com o que a gente chama de homem, nem com o que a gente chama de mulher... Como é que é o seu trânsito pelo espaço urbano? Você acha que você é percebida como uma mulher bi?

**Joana:** Acho que não...

**Entrevistador:** Você acha que não? Acha que você é percebida como o quê?

**Joana:** Eu acho que eu sou percebida, pelo menos, eu vejo assim... Em situações de... Tipo, o que alguém espera de mim... As pessoas sempre vão chutar que hétero. Não sei... Eu tento nunca colocar, antes de conhecer uma pessoa, nunca colocar ela em nenhuma caixa, antes dela mesma se pronunciar, ou alguma coisa assim... Mas eu não sei como é que é, por exemplo, que tipo de julgamento que as pessoas fazem, antes de conhecer uma pessoa... “não, você tem cara de que é isso ou aquilo...”, isso pra mim é meio estranho... Mas eu sinto que, pelo que as pessoas me falam... Ou o que as pessoas vem falar comigo nas situações... Acho que tem essa sensação de que não esperam, talvez, que eu seja... Mas, enfim...

**Entrevistador:** E você parece hétero?

**Joana:** É. Eu acho que é isso, sim...

**Entrevistador:** E o que é parecer hétero?

**Joana:** Pois é, por isso que eu tô falando que eu acho estranho esse negócio de você parecer uma coisa ou parecer outra. Eu tô falando que isso é o que eu já vi falarem de mim... E isso pra mim é estranho.

**Entrevistador:** E quando você olha pra outras pessoas... Você falou que não faz isso, né?

**Joana:** É, eu tento não... Assim, ao longo do tempo, acho que a gente vai parando de fazer isso porque a gente percebe que não tem como... Não tem jeito de você olhar pra uma pessoa, pelo menos ao meu ver, você nunca vai entender 100% o que que é aquela pessoa... Você tem que esperar ela... Sabe? Quem sou eu pra querer virar e enfiar alguma coisa... Um "pin" nela... "você é isso, você é aquilo..."

**Entrevistador:** Uma tag?

**Joana:** É, uma tag! Não... "você parece, você é isso!"... Porque as pessoas são muito mais complexas do que a gente imagina... E às vezes a gente tende a reduzir as pessoas pra tentar encaixar elas nas coisas... Então, não sei... É uma coisa que eu me policio muito para tentar não fazer isso...

**Entrevistador:** Mas você se policia por que seria uma coisa natural de fazer?

**Joana:** Não... Eu não chego a me policiar tanto, porque eu acho que não tenho essa tendência... Porque eu acho que é uma coisa que há muito tempo eu já não faço... Mas também se eu faço, eu também fico assim... Eu acho que é uma tendência como sociedade nossa, a gente criar expectativas sobre certas pessoas... Então eu acho que se eu crio, eu fico assim "parou! Deixa a pessoa falar o que ela é...", às vezes acerto, às vezes não... Mas vamos deixar as coisas acontecerem... Dá uma preguiça também de ficar "ai, acho que essa pessoa é isso... Ai acho que essa pessoa é aquilo...", "não, mas ela tá usando tal coisa...", preguiça de ficar tentando adivinhar... Pergunta logo! Não sei... Eu sou meio assim... Não falar de ninguém... Deixa as pessoas falarem o que elas querem... O que elas são... Eu tento ser... Também não vir com julgamento pra cima de ninguém... Acho que já tem demais disso, e eu não quero ser essa pessoa.

**Entrevistador:** Legal... E eu pareço hétero?

**Joana:** (Risos) essa frase é muito estranha...

**Entrevistador:** É uma pergunta. Não é uma frase, não...

**Joana:** Eu acho que não... Porque essa pergunta ela meio que não existe, assim...

**Entrevistador:** Não existe?

**Joana:** É... "Eu pareço isso?", "eu pareço aquilo?"

**Entrevistador:** Você acha que não tem um padrão, assim?

**Joana:** É, eu acho que as pessoas são tão plurais, sabe...

**Entrevistador:** Sei... E você acha que algumas pessoas são reconhecidas na rua através da orientação?

**Joana:** Ah, eu acho que sim. É... Esperaria que não... Mas acredito que sim. Eu tenho muitos amigos gays e... Eles mesmos falam: "cara, não tem como, sendo do jeito que eu sou... Se eu sou afeminado, se eu uso uma coisa assim... Não tem como fugir dessa crença que as pessoas vão ter de mim..."

**Entrevistador:** De que crença?

**Joana:** Eu tenho muitos amigos que falam que é uma luta diária você ser, por exemplo, uma pessoa gay afeminada, porque já jogam 30 mil expectativas sobre você... E você tá muito mais apto a sofrer algum tipo de preconceito, alguma coisa assim...

Isso eu tô falando aqui mas não é minha vivência... Mas que falam que, inclusive, dentro de certas comunidades, você ter alguma aparência ou algum certo maneirismo é visto como mais fraco, é visto como... Talvez um pouco menor... E é uma luta pra você ser positivo... E ser quem você é até dentro desses espaços... Eu tava... Foi até a entrevista que eu fiz com o Z. [nome omitido], ele falou que essa questão da vivência... De você ter o ativismo como sua vida, sua roupa, seu trabalho... E ele fala que ele sendo, se sentindo como um homem negro gay, parece que é uma posição que ele tem o dia inteiro... Que a própria existência dele já é um ativismo porque ele não sabe também como os espaços reagem à ele... Mas que ele tem que usar aquilo... Tem que ser ele mesmo... Tem que ser orgulhoso disso... Mas eu acho que tem... Essas expectativas do outro, eu acho que a gente tem que se acostumar com elas, mas não pode deixar elas meio que te dominar, assim... Entender que a gente tá numa sociedade que vai ver isso, sabe? Eu também não posso ser ingênua e falar tipo “não, eu não espero nada de ninguém, vamos esperar a pessoa...”, quando a gente tá num lugar onde isso acontece a cada 5 segundos em volta, sabe? Também tem que entender isso... E entender que eu tenho muitos privilégios por ser do jeito que eu sou e outras vezes não, e outras vezes sim... Também não posso achar que “não, eu não vejo nada”, sabe?... Acho um pouco ingênuo também pensar nisso... Já me perdi aqui já... (Risos)

**Entrevistador:** E... Esses amigos seus... Que você disse que são afeminados... Como que essa característica se manifesta neles? O que faz eles serem afeminados?

**Joana:** Eles falam que é muito uma questão de gestos... Tipo: “eu tenho esses meus trejeitos... O jeito como eu falo... O jeito como eu me visto... Eu uso acessório...”, tem um que usa maquiagem... E assim, às vezes rola até um medo, tipo “pra onde que a gente vai? Pra saber se eu vou usar maquiagem ou não...”, “mas fodasse, eu vou usar...”, e eu acho que são várias coisas... Desde umas coisas mais físicas, de gestos... Do jeito como a pessoa passa pelos espaços... E também esses objetos, uma questão de estética mesmo, talvez... Acho que é isso...

**Entrevistador:** Tá. E Joana, como você se declara quanto à cor da sua pele?

**Joana:** Eu já tive muito problema em relação a isso, assim... De pessoal... De tentar me entender... Mas por conta da questão da mestiçagem na sociedade brasileira... Eu tive sempre muitas questões em relação a isso. Quase que eu fiz o meu TCC sobre isso... Mas aí é uma ferida que eu não queria abrir, sabe? Não queria mexer muito nisso... Mas por muito tempo eu evitava me denominar como uma mulher negra... Mas eu odeio a palavra “pardo”, a palavra “pardo” me dá um nervoso... “Mulata” me dá um arrepio, assim... Porque eu sei que o fruto dessas visões e dessas palavras eu sinto que não se encaixa com quem eu sou, nem com a minha história... E aí até, por exemplo, quando eu entrei aqui na Esdi eu comecei a entrar em contato com a comunidade negra... E o que que é ser mestiça dentro da comunidade negra... E eu me senti mais confortável em denominar, tipo: “eu sou uma mulher negra”, e eu sei que isso implica também em entender minha posição como mestiça até dentro da comunidade negra... Eu sei que tem certas questões que eu tenho muito mais privilégios de não sofrer com certos ataques racistas... Eu sou muito mais aceita em certos espaços por conta disso... E eu sei que eu não posso tocar em certas questões de preconceitos... Ao longo do tempo eu tive que crescer muito essa noção dos meus privilégios por conta dessa mestiçagem... De ser vista como “não, mas ela é interessante... Ela tá bem no limiar de interessante... Ela é negra, mas não é tanto...”, entender como que isso é visto por certas pessoas, mas isso foi uma



coisa que eu fui construindo, assim... E acho que agora isso já tá um pouco mais claro na minha cabeça... Mas isso também tá sempre em construção... A gente se entender, né... E... Enfim, me vejo agora... Consigo me ver com confiança como uma mulher negra, mas entendendo esses outros aspectos... Afirmar isso vem com muitos aspectos... Também não posso só jogar isso no mundo e ter como dado. Mas acho que... Ficou meio assim.

**Entrevistador:** E você acha que isso interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Joana:** A relação de eu ser mestiça?

**Entrevistador:** Sim, o fato.

**Joana:** Eu acho que inclusive, inclusive com meu TCC, d'eu tratar desse tema, vem de uma posição privilegiada de eu me sentir confortável de falar sobre isso... Porque eu sei que...

**Entrevistador:** Desculpa, não entendi...

**Joana:** Por exemplo, eu falar sobre ativismo, sobre racismo dentro de um sistema, né... De uma Esdi ou de uma sociedade... D'eu me sentir confortável de trabalhar pensando 6 meses sobre isso, sobre a estética como pode denunciar isso... Eu sei que é porque eu tô num lugar de conforto que eu vou falar isso... Porque eu sei que tem amigos meus que... Amigas minhas que vivem... E que ficam "Cara, eu já vivo isso tanto... Eu já tô tão cansada disso... Tô tão... Eu não tenho forças pra lidar com isso, além do que eu já tô vivendo... Mas valorizo o que você tá fazendo... Então se você quiser conversar sobre qualquer coisa... Estamos aqui...", mas eu conseguir falar disso vem muito também de eu estar nessa posição... De certo privilégio de conseguir falar sobre isso... Por exemplo, eu não moro em periferia, eu não sou cotista... Então eu não posso tocar nesses pontos, então eu tenho que incluir essas pessoas de certa forma na minha pesquisa... E eu sei que é bem complexo de trabalhar com esses temas... Por isso que eu faço questão de trazer essas perspectivas pro meu trabalho... É... Mas aqui na Esdi... Eu acho que dei sorte de ter várias pessoas que estão conectadas com estas questões... Que estão sempre abertas pra conversar... E eu acho que foi ao longo da Esdi inteira que eu fiquei vendo essas questões, sabe?... Acho que esse trabalho foi uma... A gente tá num contexto que isso foi crescendo muito tempo, sabe? D'eu tratar sobre essas questões e de me sentir confiante de falar sobre isso...

**Entrevistador:** E fora da Esdi? Você acha que isso interfere em algo, nas suas relações sociais?

**Joana:** É... Acho que de certa forma sim, acho que não tem como não influenciar... Mas eu, não sei... Eu tento muito não... Não levar isso em conta... Influencia no tipo de expectativa... As pessoas têm certos tipos de expectativas... É aquela questão que eu tinha falado aqui, eu acho que a gente tem que dar uma silenciada nisso e talvez tentar só seguir o que você tá querendo ouvir... Não sei. Eu acho que não tem como não influenciar... Mas também você escolhe como isso te afeta.

**Entrevistador:** Você acha que dá pra escolher?

**Joana:** É... Eu acho que não é todo mundo que consegue escolher como isso te afeta, tem questões que são um pouco mais complicadas... Mas o que isso me afeta um pouco... Eu acho que você acaba se acostumando também com certas questões... Certas estranhezas... Você acaba já meio se acostumando com isso... Por exemplo, eu sempre morei em lugares que... Por exemplo, eu moro na tijuca e lá

tem muita gente mais velha... Então todo lugar que a gente mora e tudo mais, tem sempre aquela questão de... Parece meio “que que você tá fazendo aqui?”, meio estranheza... Mas eu tô acostumada meio que quebrar isso... Meus pais também. Eu sempre permeio pelos lugares meio que assim, tipo, sabe? Eu vou me impor e eu vou falar o que eu sou, não vou deixar a opinião dessa pessoa me sufocar, sabe? A opinião de outra pessoa sobre eu mesmo... Mas não sei... A gente vai analisando aos poucos cada lugar que a gente vai e vou vendo como que isso... Mas eu sinto que é o que eu falei, eu sinto que eu tenho muito privilégio de não sentir tanto...

**Entrevistador:** Você mora onde na tijuca?

**Joana:** Moro perto da saída do Uruguai...

**Entrevistador:** Eu moro na tijuca também...

**Joana:** Ah, é? Aonde?

**Entrevistador:** Eu moro perto do buxixo...

**Joana:** Ahhhhh, nossa, eu morava perto ali... É que eu me mudei ano passado... Mas eu morava do lado do Shopping Tijuca ali...

**Entrevistador:** Uhum... Vizinhos.

**Joana:** Mas eu morava, tipo... Era Vila Isabel, na verdade...

**Entrevistador:** É porque ali é tudo bagunçado... Vila Isabel, Grajaú, Meier... Tem todos os CEPs (risos)

**Joana:** Isso! Exatamente! Andaraí... E aí agora eu tô legalmente na tijuca... No cartãozinho vem escrito tijuca...

**Entrevistador:** Sim, sim... Aonde eu moro é Maracanã, na verdade...

**Joana:** É, nossa... Então a gente morava muito perto... Porque a gente ia andando pro Maracanã... Aí agora a gente foi pra Uruguai, que é um pouco mais movimentado... Na Conde Bonfim mesmo... Mas a gente mora pros fundos, graças a Deus... E aí a gente foi pra um prédio que é dos anos 60... E todos os moradores são muito velhinhos... E o nosso vizinho, tipo, de corredor... Eu não sei, ele encara muito a gente... Ele fecha a cara... E não fala muito com a gente, assim... E meus pais são muito simpáticos... Acho que porque são professores e tal... São muito sociáveis... Então quando uma pessoa não gosta, é porque não quer contato mesmo... Porque eles geralmente conseguem quebrar essas barreiras... Mas também pelo costume, de sempre tentar ser extra simpático... Né... E são essas questões, sabe? Essas questões do dia-a-dia que a gente vai lidando... Que a gente via quebrando essas barreiras... É isso...

**Entrevistador:** Tá, Joana... E quando você compra as coisas pra você... Qualquer coisa... Roupas, caderno, material, acessório... Quaisquer coisas... Você para pra pensar se essas coisas criam uma imagem ao seu respeito, ou você passa batido sobre isso... E você só compra?

**Joana:** Não, eu penso sim... Eu tenho pensado bastante sobre isso.

**Entrevistador:** É?

**Joana:** É... Eu acho que nos últimos anos eu tenho repensado bastante o meu consumo... Uma coisa que eu decidi ter... Eu acho que a gente tendo noção como que

as coisas tão acontecendo no mundo, eu tô revendo várias coisas... Inclusive alimentação, tudo isso eu tenho revisto, assim... E aí quando você faz uma decisão de uma compra, eu tento não passar por uma etapa só, de tipo “quero comprar, preciso comprar”... E aí pronto, já passa pro outro lado... Tento passar por algumas outras etapas de tipo: “é isso? eu realmente preciso disso?”... Eu tô num momento que daqui a pouca eu provavelmente more sozinha, ou saia da casa dos meus pais... Então eu tenho pensado muito em como lidar com o consumo... E a gente tá numa sociedade que parece que joga isso na nossa cara às vezes... “você precisa consumir, você precisa consumir”... E aí, por exemplo, acho que com roupa eu sou um pouco mais assim... Eu tô conseguindo ver que tem tanta coisa nova surgindo, tem tantas marcas pequenas... Tem tantas coisas novas surgindo... E eu posso levar mais coisa em conta, sabe? Quem que tá fazendo esse material... Da onde que isso tá vindo... Como que isso reflete a minha pessoa... Eu acho que eu sempre passei por essas fases quando se trata de consumo...

**Entrevistador:** Pré-consumo?

**Joana:** É... E... Mas eu acho que é saudável a gente parar e rever um pouco a forma como a gente tá fazendo as coisas... Eu acho que esse é o momento que a gente tá... De novo aquele contexto de rever as coisas, né... Até pra ver que não tá dando muito certo... Eu acho que a gente tá repensando tudo que a gente tá fazendo, assim... E o consumo é uma dessas coisas...

**Entrevistador:** E você acha que essas coisas criam uma imagem a seu respeito?

**Joana:** Acho que sim... Porque, por exemplo, eu gosto muito de, sei lá... Eu vou comprar uma coisa... Um sapato de uma marca X que sei que a pessoa, tipo sei lá, que foi ela que costurou... Eu sei que essas coisas têm uma estética, eu sei que você comprando com essa marca você tá comprando muito mais que isso... E também acho que é bem diferente de você virar e falar... É porque eu tenho pensando bastante nisso... Eu sei que é uma questão muito forte você poder escolher o que você vai consumir... É uma coisa muito boa você tá nessa situação de conseguir falar “não, eu quero comprar de um produtor pequeno.”, porque eu sei que isso não é uma realidade pra todo mundo... Às vezes a sua prioridade é só “eu preciso disso agora, e tem que ser o mais barato possível, senão eu não vou conseguir achar essas outras questões...”... É... Então eu sempre tento ver isso, e não tentar julgar as pessoas, também, pelo que elas consomem... Porque eu acho que cada um tem seu parâmetro pra comprar as coisas... Enfim... Eu nem sei onde eu tava mais com essa resposta... Mas eu acho que enfim, influencia bastante, assim... Acho que influencia esteticamente... Acho que quando você não quer comprar muito você acaba achando maneiras de rever as coisas, de usar de maneiras diferentes... De fazer um propósito novo daquilo... Tentar comprar as coisas a longo prazo... E quando você tem uma coisa a longo prazo você sabe que você não vai seguir uma ordem de tendências... Você não vai seguir uma ordem que é proposta... Então você tem que rever também como que eu vou escolher essa estética pra mim... De usar as coisas... Tentar usar mais a longo prazo... Mas essas questões que eu tô tendo agora em relação ao consumo... Pensando bastante nisso...

**Entrevistador:** Você disse que, de um modo geral, você acha que é percebida como uma mulher hétero? Você tinha comentado isso, né...

**Joana:** Sim... Uhum...

**Entrevistador:** Você acha, então, que existe uma estética da mulher hétero? E uma estética da mulher sapatão?

**Joana:** Aham... Eu acho que...

**Entrevistador:** Ou da mulher bi...

**Joana:** Eu acho que... Acho que ao olhar dos outros, acho que sim...

**Entrevistador:** É? Tem um inconsciente sobre isso?

**Joana:** Eu não sei... Eu não entendo muito... É... Eu acho que tem... Tudo depende de quem tá te julgando, né...

**Entrevistador:** Você não gostaria que existisse, mas você acha que existe?

**Joana:** É, eu gostaria que não... Mas eu acho que existe sim... Acho que não tem como a gente dizer que não existe, porque existe...

**Entrevistador:** É? E você conseguiria me descrever, assim, uma visualidade sapatão?

**Joana:** Ai, (risos)...

**Entrevistador:** (Risos)

**Joana:** Ai, eu acho muito fácil cair em estereótipos... Porque as pessoas esperam que quando você tem uma escolha sexual, que quando você quer gostar de outras mulheres, já te colocam: “então você quer ser homem, então você tem que agir mais no que seria uma estética masculina... Masculinizada...”, é... Eu acho que sempre acaba caindo bastante pra isso... O que não quer dizer que o estereótipo é uma mentira, às vezes né... Acho que muitas vezes o estereótipo pode ser pra certas pessoas... Tem muitas pessoas lésbicas que são assim, e tal... Mas que isso não é uma verdade geral. A questão é que ela não é dada pra todo mundo... E eu acho que às vezes caem nessas visões... E talvez eu não seja tida com uma mulher bi porque eu sou feminina... O que é uma questão ainda muito mais complicada também, né... Pelas coisas que eu falo, pelas coisas que eu gosto...

**Entrevistador:** Existe uma cultura feminina então?

**Joana:** Eu acho que sim... Porque...

**Entrevistador:** Que tá relacionada com o que, você acha?

**Joana:** É... Eu acho que pelo menos a gente tá conseguindo quebrar isso um pouco... Mas eu acho que você ser feminina tem muito... Tá muito atrelado a questões de vaidade... De “nossa, mas você age de certo jeito...”, eu acho que... Eu não sei também direito... Porque eu acho isso tudo muito estranho, assim... de falar “você é uma pessoa que...” sei lá... Mas eu acho que são essas questões... Tem muito uma questão de aparências... Não sei... É...

**Entrevistador:** É estranho falar sobre essas coisas...

**Joana:** É muito estranho porque pra mim é muito... Ai, que preguiça... (Risos)

**Entrevistador:** Eu sinto que eu tô te agredindo... (Risos)

**Joana:** (Risos) não, mas é porque eu acho isso estranho, sabe? Falar que alguém é feminino. Porque o que é ser feminino, sabe? Por quê? Acho que são estereótipos que... Ai, cansada já disso... De ter que falar disso...

**Entrevistador:** Mas você acha que existem?

**Joana:** Eu acho que existem. E como eu disse, eu acho que eu tive sorte de estar em espaços onde essas coisas não são reforçadas... Impostas... Mas eu vejo que tem essa atitude de tipo “eu tenho que ter essa atitude, porque isso é uma coisa mais masculina...”, de pegar e fazer... E de ter essa auto confiança masculina... E o lado feminino seria essa coisa, assim, mais passiva, tipo “deixa... Eu vou ficar quieta... Vou deixar as coisas passarem... Eu vou olhar pro meu físico... Eu vou olhar pra essas coisas assim...”, e ai... Enfim... Nervoso com isso tudo... Pra mim, enfim... As pessoas são muito mais complexas do que essas duas coisinhas, sabe?

**Entrevistador:** Esses encaixotamentos?

**Joana:** É... Enfim... Sei lá, eu acho... Acho que já deu, já deu desse negócio todo aí. Mas eu entendo que... Eu acho que sim... Também não posso falar que “não, isso não existe na sociedade”, sabe? Eu sei que eu tô vivendo nessa minha bolhinha aqui, e que eu posso trabalhar isso...

**Entrevistador:** Beleza... (Risos)... Você quer falar mais?

**Joana:** Não... (Risos)

**Entrevistador:** Tá. A gente tá quase acabando, tá?

**Joana:** Ai, difícil... Eu nem sei o que eu tô falando aqui...

**Entrevistador:** O celular sabe... (Risos)

**Joana:** Ai, o celular sabe! (Risos) Quando você for rever isso, pensa que eu tava... Releva umas questões aí...

**Entrevistador:** Ah, eu acho que tá ótimo... Eu tô te achando super consciente... Eu tenho consciência que não é uma entrevista fácil... E eu tenho consciência que é uma entrevista desconfortável...

**Joana:** É porque você vai lá embaixo, assim, pergunta umas coisas...

**Entrevistador:** É... Eu coloco as pessoas numas situações que... Enfim, são situações muito estruturais... E que pra mim estão muito confortáveis porque eu tô tratando destas questões... Mas pras pessoas não... Porque às vezes elas estão tratando de outras agendas e eu chego...

**Joana:** E pá!

**Entrevistador:** É... (Risos) mas tá super tranquilo... Não tem certo e errado...

**Joana:** Eu tenho dificuldade também de falar de mim porque...

**Entrevistador:** É... Pois é... Também tem isso na entrevista... É uma entrevista muito pessoal... Então eu fico me sentindo às vezes meio cretino, sabe? De perguntar umas coisas que são muito pessoais... Mas eu também, de algum forma, estou comprometido... Eu identifico que existem estruturas que nos constroem socialmente e que consequentemente a sociedade constrói as instituições, como é o caso da Esdi. Então as estruturas que constroem a nossa sociedade são as estruturas sobre as quais a Esdi é fundada. Identificando essas estruturas eu estou minimamente comprometido em tentar hackeá-las... Então por isso eu acho importante ouvir vocês... E trazer essa substância mais sólida pro projeto...

**Joana:** E também um pouco mais profunda, né...

**Entrevistador:** É? Você tá achando profunda? Às vezes eu fico achando tudo tão raso... (Risos)

**Joana:** Sério? (Risos)

**Entrevistador:** Mas porque eu sou muito auto crítico (Risos)

**Joana:** (Risos) é porque são questões que... Sei lá... 23 anos na cara... E eu trabalhei essas questões por muitos anos... Sabe? Tanto que é até difícil dar uma resposta mais concisa... Tipo: “eu acho que é isso, isso e isso.”... Sei lá... Acho que tem tanta coisa...

**Entrevistador:** É complexo demais né...

**Joana:** É!

**Entrevistador:** Joana... E...como que você se percebe... Como pessoa, a sua personalidade, você acha que bate com a forma como você é percebida pelas pessoas socialmente? Isso faz sentido ou as pessoas falam algo de você que não bate? Como que é isso?

**Joana:** Eu percebo que... Acho que eu e outras pessoas também a minha volta... Eu tento passar um pouco de... Não sei se é uma coisa consciente, eu tento passar um pouco de... Não sei se uma seriedade, assim... Mas eu gosto de entender que as pessoas confiam em mim pra certas coisas... Talvez essa questão de confiança... De ser aquela pessoa que outras pessoas se sintam confortáveis... Eu percebia, principalmente quando eu comecei a trabalhar, que eu queria passar seriedade... E o que que é passar seriedade também, né? Enfim... Tentar passar esse profissionalismo... Tipo: “eu sou séria... Eu vou fazer isso do melhor jeito possível...”, e eu sinto que as pessoas têm uma resposta boa com isso... Que elas confiam em mim pras coisas... E se você tá me pedindo lealdade, eu vou ser leal... É... E eu percebo isso porque eu acabo passando isso pelo meu jeito, aparências... Então... E eu gosto muito de... Ao mesmo tempo eu sinto que eu preciso dos meus momentos de fuga, assim... Na Esdi eu tento ser um pouco mais séria... E aí no trabalho eu tento passar responsabilidade e tudo mais... Mas aí por exemplo, adoro um carnaval... Que aí você pode tipo “ai, deixa eu só tacar um glitter nas coisas... Porque eu quero que as pessoas brilhem... Sejam bonitas”, sabe?

**Entrevistador:** Você adora carnaval?

**Joana:** É, eu gosto de, tipo, brilho... O carnaval em si eu acho que tem que tomar uns cuidados aí porque... Pode te cansar muito... Mas tipo, vamos tacar um brilho... Vamos usar uma coisa...

**Entrevistador:** Você bebe?

**Joana:** Aham. E eu gosto de sair... Eu gosto de estar com as pessoas... Então eu sinto que você tem que trabalhar essas suas personas nos espaços... Mas eu acho bom essa...

**Entrevistador:** Então de um modo geral você acha que bate?

**Joana:** É... E eu acho que no geral também não tô me forçando a nada, sabe? Se eu quisesse ser uma pessoa muito mais brilhante... Ou sei lá o quê... Eu ia tentar ser assim o máximo possível. Mas eu me sinto confortável tendo eu... E tendo meu espaço de tipo “agora eu vou dançar...”, e tendo meu espaço, de tipo “peraí... Agora deixa eu focar aqui no que eu quero ser...”, acho que vem disso de querer ser levada a sério, assim... E eu acho que, de novo, isso eu puxei um pouco dos meus pais de:

“eu tive que lutar muito pra tá nesse espaço, então eu quero minha credibilidade aqui, que eu mereço por estar aqui.”... Enfim, e eu também me ponho nesses desafios de tipo... No TCC... “o que que eu tô querendo falar com esse TCC?”, tratar de outras questões também... Porque se eu tô tratando desse tema é porque eu tô me dando esse desafio, então eu quero que as pessoas confiem em mim também pra tocar nisso... Eu acho que é assim que eu tento me identificar, sabe... Desse jeito.

**Entrevistador:** E você acha que essa imagem que as pessoas têm de você, de alguma forma tem a ver com as coisas que você usa, as coisas que você compra, roupa, material? Isso ajuda a construir?

**Joana:** Acho que ajuda sim... Por exemplo, eu virar e falar que “putz, não gostando muito de... Não vamos entrar numa...”, sei lá... Até com consumo de alimentação, assim... Eu virar e falar “putz, não. Isso aqui vai fazer mal pro meu corpo...”, “Isso aqui vai servir pra mim...”, “não, mas você acha que você realmente quer esse negócio?”, acho que só d’eu parar e conversar com as pessoas, tipo “eu vou parar e pensar melhor antes de comprar tal coisa”, acho que elas já vão ficar “ai, pronto... Você já pensa em 30 mil coisas antes de fazer uma coisa simples, sabe?”, e eu acho que consumo reflete... Querendo ou não a gente tem expectativa com todas as mínimas coisas que a gente tem. É... Eu acho que faz parte, mas também que não é completo... Não vou virar e falar pra uma pessoa que compra certas coisas que ela é isso, porque também não sei que outras coisas estão envolvidas, né... Mas eu acho que tem a ver sim... Querendo ou não, a gente acaba indo pra isso... Enfim... Acho que passa sim... Essas coisas... É isso?

**Entrevistador:** Tá... E aí, quer falar mais alguma coisa?

**Joana:** Ai... Não sei... (Risos)

**Entrevistador:** Tá... Então eu vou agora pra essa parte final... Que na verdade não é uma pergunta, agora você pode dar uma respirada (Risos)

**Joana:** (Risos)

**Entrevistador:** Na verdade é uma parte que eu deixo em aberto pra entrevista, ou entrevistado falar o que quiser, sobre um dos eixos que a gente tocou na entrevista, ou sobre qualquer outro assunto, que não tenha nada a ver com a entrevista e que você venha pensando sobre... E que de repente eu não tenha te dado a oportunidade de acessar... Então esse é um momento totalmente aberto e você pode falar o que você quiser... Mas também não é obrigado... Você também não precisa falar sobre nada... Tem pessoas que falaram horrores nesse momento... E teve pessoas que falaram “ah, não quero falar nada...”... Então é bem tranquilo...

**Joana:** Ah...

**Entrevistador:** Você pode me perguntar alguma coisa... Você pode se perguntar alguma coisa... É totalmente aberto... Quer tomar uma água?

**Joana:** (Risos) tá, deixa eu respirar... Ai fiquei curiosa pra saber o que que estas pessoas tão falando... Sei lá... Às vezes eu fico respondendo essas coisas e eu fico tipo “ah, sei lá... Amanhã eu posso não querer nada disso que eu acabei de falar...”

**Entrevistador:** Esses somos nós, a gente tá em constante...

**Joana:** E eu ficar “Não, cara! Por que eu falei disso!?”... E eu ficar revendo isso na minha cabeça...

**Entrevistador:** Não, mas fica tranquila... Você não falou nada que eu ficasse “OHH-HHH!”... (Risos)

**Joana:** (Risos) ai, eu não sei... Eu acho que a gente... A identidade é um negócio muito complexo, né? Que a gente vai aos poucos construindo essas questões, assim, e eu acho que isso tá muito atrelado a essa experiência de Esdi... Porque você fala muito dessas coisas que a gente passa aqui na Esdi... Principalmente você conversando com os alunos da graduação você deve ter até isso um pouco mais claro... Mas que foi muito importante pra mim... Toda essa trajetória da Esdi... De conhecer essas pessoas... Porque eu conheço muita gente na minha turma que, tipo, não que não valorize... Mas que cospe um pouco no prato, sabe? Eu não sei... Mas eu acho muito importante ter esse espaço como público ainda... Ter o design como ferramenta de uma faculdade que eu possa entender... E achar um jeito de entender o mundo... Acho que todas essas coisas que você perguntou ainda estão muito em transformação dentro de mim e eu vejo isso ao longo de toda a Esdi, sabe? Como que isso foi se traduzindo, como que isso foi passando... Fico feliz que tenham mais pessoas mais diversas aqui pra gente poder, sabe? Porque eu vários momentos você quebra sua cara, mas quebra sua cara de um jeito bom... “caraca, o mundo é assim! As coisas são assim!”... De você se surpreender com quem tá à sua volta... E eu acho que isso é muito bom... Eu me sinto mais completa, assim, de ter passado por tantas experiências, conhecer tantas pessoas... E eu queria saber como é que, quando você conversou com os alunos do primeiro ano? Como é que foi essa troca assim? Eles são muito abertos, assim?

**Entrevistador:** São. Qual troca especificamente?

**Joana:** Que você tinha falado... Quando você ficou trabalhando com a H. [nome omitido], que você conversava bastante sobre essas questões... Porque eu acho que eu vou ter que chegar nesse momento agora, talvez, com a minha pesquisa, de planejar esse momento de troca... E eu conheço bastante gente das turmas que estão mais próximas de mim, mas o primeiro e segundo ano eu fico assim... Porque eu gostava bastante de ir nas sociais... Pra conhecer as pessoas... Só que nos últimos anos deu uma diminuída bastante... E aí eu já não conheço bastante as pessoas do primeiro ano...

**Entrevistador:** Mas é super tranquilo... Assim, eu tenho uma vivência específica de ter passado muito tempo com eles, com o pessoal do primeiro ano, e aí nesse caso especificamente eu participava das aulas de uma maneira muito, assim... Não hierárquica... Muito horizontal... Eu tava ali entre eles tentando ajudar nos trabalhos, tentando ouvir as dúvidas e os dramas de cada um... E os dramas não só em relação aos trabalhos, não só em relação às demandas da disciplina, mas os dramas também mais pessoais... E eu tentava não fazer nenhum julgamento, sabe? Eu falava “e aí, fez o trabalho? Conseguiu? Não?”, e aí a pessoa falava “não consegui...”, eu já entrava junto numas de “Pô, mas por quê? Que que rolou? Me conta... E aí... Nossa... Foda, né?”, tentando muito ver o lado humano... Mas porque eu sou essa pessoa, e acredito que você também... Eu tenho esse lado humano muito aguçado, sabe? Então eu ficava realmente tentando entender qual era o drama dessas pessoas e isso que criou essa... Essa abertura mesmo... E aí com as pessoas de outros anos, que não são as do primeiro ano... De um modo geral a minha estratégia é tentar levar todo mundo para um mesmo lugar, pra nesse lugar a gente ter uma conversa... E esse lugar para o qual eu geralmente eu chamo e convoco as pessoas a estarem, é a vida material. Que é a vida que é comum a todos nós... Porque as vidas outras, elas vão variar... Vão variar pra mim, vão variar pra você e tal... A vida



material, no entanto, é a vida onde a gente come, a vida onde a gente dorme. E todos nós comemos e dormimos. E aí falar sobre isso eu acho que nivela um pouco...

**Joana:** Cria essa ponte, assim?

**Entrevistador:** É... Geralmente é essa minha estratégia... E aí eu faço um movimento de inversão de valores, também, dentro da Universidade... Que pode ser visto como romantização da pobreza, mas não é... Eu coloco como um favorecimento das situações financeiras adversas como uma vantagem para o debate. Sabe? Ainda mais a Esdi, que é um espaço com uma herança elitista muito grande, às vezes eu me sinto muito... É até estranho falar isso, mas eu me sinto num certo espaço de privilégio por ter sido uma pessoa que passou todos os perrengues e chegou até aqui... Então eu me sinto à vontade pra tocar em certos assuntos e propor certos debates... E às vezes eu sinto que outras pessoas ficam meio assim e tal... Mas todo mundo vai concordando, sabe? E outra estratégia que eu fiz com alunos que eu não conhecia foi de marcar a entrevista explicando minimamente as questões do trabalho... E explicando que não tem um certo e um errado... E que é uma oportunidade dela abrir as experiências dela, mesmo... E ser ouvida de uma maneira horizontal...

**Joana:** Entendi. É estranho porque a gente não se acostuma tanto a falar sobre nós mesmos...

**Entrevistador:** É estranho, né?

**Joana:** É...

**Entrevistador:** Você quer falar mais alguma coisa... Sobre esses eixos... Ou algum outro assunto?

**Joana:** Acho que não... Porque eu sempre fui uma pessoa mais de escutar as outras pessoas do que de falar...

**Entrevistador:** (Risos) e aí eu chego aqui, né... Tipo: "fala tudooo!", quase com uma arma, né... (Risos)

**Joana:** (Risos) é... E eu tenho muita dificuldade mesmo...

**Entrevistador:** Tá, eu vou pausar então a nossa entrevista.

**Joana:** Tá!

**APÊNDICE E – Entrevista Mariana****Entrevistado(a):** Mariana**Data:** 16/12/2019**Local:** Esdi, auditório da pós-graduação**Entrevistador:** Beleza, Mariana... Então vamos lá... Tem algumas perguntinhas primeiras... Só pra deixar registrado quem é cada entrevistada... Beleza? Fala pra mim seu nome por favor...**Mariana:** [nome omitido]**Entrevistador** Beleza... sua idade?**Mariana:** Eu tenho 23 anos, até onde eu me recordo... às vezes eu esqueço... (risos), acho que é 23 anos mesmo...**Entrevistador:** Ok. Você é cotista?**Mariana:** Não, não sou.**Entrevistador:** E qual a sua naturalidade, você é daqui do Rio?**Mariana:** Sou do Rio...**Entrevistador:** Tá. E o seu vínculo com a Esdi?**Mariana:** Eu sou aluna da graduação...**Entrevistador:** Beleza... E... A entrevista é separada em alguns eixos temáticos, assim... E talvez você perceba que de uma pergunta pra outra às vezes muda um pouco a vibe... Por conta dos eixos da pesquisa, né... Mas você pode responder livremente todas elas... E se tiver alguma dúvida pode me perguntar também... É tranquilo... A gente vai conversando... E não tem certo e errado pra nenhuma pergunta... É tudo bem de acordo com as suas vivências mesmo...**Mariana:** Tá bom...**Entrevistador:** Mariana, com quem que você mora?**Mariana:** Eu moro com minha mãe, meu padrasto e meu gato.**Entrevistador:** Uhum... Vocês moram onde?**Mariana:** A gente mora no Leme, num apartamento..**Entrevistador:** Uhum... Sim, e como é que vocês fazem o trabalho doméstico lá, assim, a manutenção da casa?**Mariana:** Realmente ninguém faz muito nada... A gente tem uma empregada doméstica, que fica lá...**Entrevistador:** Entendi... E ela vai lá todo dia, assim?**Mariana:** Todo dia.**Entrevistador:** Entendi... E da Universidade você recebe alguma ajuda de custo?**Mariana:** É... Eu recebo porque eu tô fazendo uma bolsa de iniciação científica... Com o D. [nome omitido]...

**Entrevistador:** Ah, que legal!

**Mariana:** Eu acabei ganhando essa bolsa...

**Entrevistador:** Legal! Massa, então você faz a iniciação científica na Esdi?

**Mariana:** Uhum...

**Entrevistador:** Massa... Parabéns.

**Mariana:** Há... Brigada.

**Entrevistador:** E você exerce algum trabalho remunerado fora da Esdi?

**Mariana:** Não, ainda mais com a iniciação científica...

**Entrevistador:** Com a iniciação científica dá uma sugada, um pouco, nisso?

**Mariana:** É, acho que não posso receber nenhum tipo de salário junto com a bolsa...

**Entrevistador:** Ah, entendi... Entendi... E você é do terceiro ano?

**Mariana:** Sou do... É... Tô indo pro terceiro ano.

**Entrevistador:** Tá... E... Você já fez algum freela, antes da bolsa... Alguma coisa assim?

**Mariana:** Cara, eu fiz... Mas, assim, foi um freela que não foi remunerado... E foi até um lançamento do livro do D. ... Com o A. [nome omitido] da... E que ele tava precisando de um... De uma coisa supersimples... Pra ser feita pro lançamento do livro dele... Aí ele perguntou quanto eu cobrava, e eu não tava muito habituada com essas questões, assim, do nada, e eu me senti muito... E aí eu falei "ah, me dá um livro teu...", sabe? Eu tô interessada no livro... Eu quero ler... Então eu faço isso, muito simples... A troco do livro...

**Entrevistador:** Aham... Sim... é uma ilustração? Você fez uma ilustração, né? Pra divulgação?

**Mariana:** É, mas isso aí eu não ganhei nada... É uma outra coisa que...

**Entrevistador:** Ah, era uma outra coisa? Essa ilustração você fez porque você fazia parte do grupo que organizou?

**Mariana:** É...

**Entrevistador:** Tá... Então já tava previsto isso... Como é que foi?

**Mariana:** É porque não foi só a coisa do grupo, tem a ver com o esdi.cult...

**Entrevistador:** Que você faz parte?

**Mariana:** Não que eu faço parte, mas que eu auxilio... Porque basicamente o projeto tá todo na mão do D. ... E tem toda essa coisa de tentar botar os alunos pra produzir coisa... E aí como eu tava dentro do grupo e tinha alguma ligação com o livro e com os autores e tava também com o esdi.cult, me colocaram lá e eu gostei...

**Entrevistador:** Aham... Entendi... Ficou lindo, parabéns...

**Mariana:** Brigada...

**Entrevistador:** E esse freela que você fez, foi uma outra coisa, então?

**Mariana:** Foi.

**Entrevistador:** Pra uma outra divulgação?

**Mariana:** Sim.

**Entrevistador:** E aí você fez o que exatamente?

**Mariana:** Cara, eu fiz um negócio que até agora eu nem sei exatamente o que que era, sinceramente... Mas acho que era pra ser colocado no site como divulgação do livre pelo e-books.

**Entrevistador:** Hmm... Mas era uma peça digital, então?

**Mariana:** Era...

**Entrevistador:** De 2 mil e pouco por 1080 pixels?

**Mariana:** Sim... E uma coisa, assim, que eu não entendi muito bem o que era... Era chamada de várias nomes, era usada de várias formas... Por fim ele queria imprimir aquilo...

**Entrevistador:** Uai, gente! Imprimir? (Risos)

**Mariana:** É porque assim, aquela coisa, a gente lidando com uma pessoa que não é de design, tá ligado? Caiu ali de para-quedas...

**Entrevistador:** Entendi... E você preparou em RGB?

**Mariana:** Prepa... Cara! Nem sei... Sabe, eu tava tão... Eu acho que sim, viu?

**Entrevistador:** (Risos)... E depois ele imprimiu em RGB mesmo?

**Mariana:** Não, depois eu passei pra um PDF, fiz umas alteraçõezinhas... Mas nem sei...

**Entrevistador:** Entendi... Então você teve contato com o D., mas que tava representando a Editora?

**Mariana:** Não, D. não tem nada a ver com isso. Foi do A.

**Entrevistador:** Ah, do A.!

**Mariana:** Isso, do A. ... D. foi só o lançamento do livro, que nem era freela, era só...

**Entrevistador:** Do esdi.cult...

**Mariana:** É... Mas o projeto dentro dos alunos, o D. quis dar uma forcinha e jogar o lançamento pro pessoal da esdi...

**Entrevistador:** Sim... E tirando isso você já fez algum outro freela? Algum outro trabalho, assim?

**Mariana:** Ah, mas assim pra pais e familiares, sabe? Só que eu realmente faço design... Sou o primo que...

**Entrevistador:** Você é a prima que faz as coisas.?

**Mariana:** Pra minha mãe...

**Entrevistador:** E você recebeu alguma coisa?

**Mariana:** Ah, não dá pra cobrar de mãe, né? Não dá... (Risos)

**Entrevistador:** Entendi... E mais alguém da família?

**Mariana:** Ai... Não, mas pra amigas... Pra amigas que tavam querendo começar um negócio de vender quentinha vegana... E aí, assim, muito por amizade, sabe? Eu

ganho uma quentinha, eu tô fazendo um negócio... Uma parceria, assim... Mas coisas assim, nada muito... Muito além...

**Entrevistador:** Uhum... Tá. Agora a gente vai entrar aqui em um outro eixo, mas você pode continuar respondendo livremente, tá? É... Em relação aos lugares que você frequenta, assim, os lugares sociais mesmo... Fora da Esdi... Você, de um modo geral, você se sente à vontade neles ou você sente que você destoa em algum lugar?

**Mariana:** Fora da Esdi? Caraca... é uma pergunta muito... Cara, é engraçado, assim... Vários ambientes sim, é... Sei lá, volta e meia, a gente vai em cada ambiente que, não sei... é natural, né... Tipo, eu fazia medicina no Souza Marques...

**Entrevistador:** Sério?!

**Mariana:** Cara, eu nunca sofri tanto na minha vida, assim, sabe?

**Entrevistador:** Você fez quantos períodos?

**Mariana:** Eu fiz dois anos...

**Entrevistador:** Uau!

**Mariana:** Lá é por ano... Cara, eu aguentei muita coisa lá... Assim... Uma galera muito bizarra... Muito elitista... Muito preconceituosa de todas as formas possíveis... É... Me colocavam muito, assim, como uma pessoa meio artista... Meio que não faz muito sentido lá... Que não sei como é que tá tirando aquelas notas ali... Mas também já tiveram outros ambientes, não só a Souza Marques... A Souza Marques foi uma coisa muito gritante, assim... Foi muito realmente absurda... Tinha gente lá que falava coisas tipo “Não vou trabalhar na clínica da família porque não atendo pobre”... Tipo, no trote já vinham com umas piadas meio racistas, que felizmente chegaram no Comitê de Ética, mas o pessoal lá geralmente é meio relapso com essas coisas... Mas é difícil, assim... Eu já me senti muitas vezes... Mas a primeira coisa que me vem à mente é isso...

**Entrevistador:** Uhum... O Souza Marques?

**Mariana:** Por que realmente foi o pior ambiente... Eu tinha que ficar de 8 horas da manhã às 5 horas da tarde com pessoas que eu detestava... Aí eu passava a maior parte do tempo dormindo durante o recreio, o almoço... E acordada durante as aulas... Dormia indo pra lá... Era uma coisa, assim... Super carregada, sabe? Estar lá, mas não estar lá, assim... Não participava de nada... Não ia aos jogos... Tinha medo de fazer amigos... Porque... Tudo que tinha de lá eu tinha aversão... Era uma coisa muito... Eu me vestia de uma forma diferente... Eu me vestia de uma forma pra invisibilizar... Eu usava as mesmas coisas que as outras pessoas usavam mas de um jeito... Mas do meu jeito, né...

**Entrevistador:** Que coisas que as pessoas usavam?

**Mariana:** Cara, é aquela coisa, por exemplo... Usar sainha... “ai, não... Você tá na faculdade...”, sabe?... “é desrespeito. Você não pode ir de saia, você tem que usar uma calça...”, sabe? Você também não pode aparecer muito, porque pega mal, né?... É uma instituição... Um respeito...

**Entrevistador:** Então tinha um código estético?

**Mariana:** Cara, de alguma forma sim... Tipo, pelo menos o grupo que eu andava julgava muito, sabe? Que era o pessoal da zona sul... Lá tinha muito essa coisa de blocos... Pessoal da barra anda junto... Pessoal que mora longe e estuda lá, tá de um jeito, Niterói de um jeito, zona sul de um jeito...

**Entrevistador:** Olha... E esses códigos são estéticos?

**Mariana:** Não, não tô dizendo que essas pessoas se vestiam de formas diferentes... Tipo, elas andavam juntas... E eu só tenho a percepção da zona sul... Que tinha essa coisa assim... Tipo... “aquela menina que se emperequeta...”, tentando falar esse negócio, não faz parte do meu vocabulário, mas tentando passar que... Ela já é uma patricinha... Pô cara, ela fica usando maquiagem... Sabe?... Tem um julgamento, assim, de você ir muito arrumado... Tem um julgamento de você, sei lá, usar saia, mas assim, não tem problema se você for menino e usar bermuda... é suave...

**Entrevistador:** Ah, é? Pode? Meninos iam de bermuda?

**Mariana:** Pode, claro! São meninos, né... O problema são as meninas, né...

**Entrevistador:** E as meninas usavam bermuda?

**Mariana:** Não... Mais calça... Tava um calor absurdo em Cascadura mas tava todo mundo de calça... Tinha uma menina ou outra de vestido, de saia... Mas aquela coisa, rola um julgamentozinho... Sabe, é um ambiente meio...

**Entrevistador:** Como se fosse inadequado?

**Mariana:** É... Parecia que tudo era muito desrespeitoso... Mas com quem? Com as pessoas, com os alunos? Quem que a gente tá desrespeitando, assim? Num sei, mas eu sentia que tinha muito disso... E qualquer detalhe, assim, já pode ser meio que usado pra definir uma pessoa...

**Entrevistador:** Sim... E tirando essas experiências da faculdade, de um modo geral, nos lugares outros que você frequenta você se sente de boa... A vontade? Ou você sente que você tá destacada, destoando da galera?

**Mariana:** Acho que depende muito... Acho que não é só de lugar, mas também das circunstâncias, acho que mudam as coisas, bastante... Sei lá... A noite tudo vira muito hostil, por exemplo...

**Entrevistador:** Hostil?

**Mariana:** É, tipo muito fácil de eu me sentir desconfortável de acordo com a roupa que eu tô, de acordo com as pessoas que estão ao meu redor... Eu acho que tem muito também uma coisa de circunstância... De inadequação ao motivo d'eu tá lá nesse ambiente... Mas, meio que independente de todas essas questões é o transporte público... Eu odeio... Que dizer, eu não odeio, até gosto de andar de ônibus, eu acho maneiro, mas tipo assim, eu fico muito assim, tipo, eu sento sempre na cadeira longe da janela porque eu não quero me sentir encurralada, eu tenho todo um jeito... Eu sento sempre perto de mulheres, nunca de homens... Tem todo um... Hábitos que eu sigo, assim, de proteção mesmo... Não me sinto muito à vontade em ônibus... Principalmente em transporte público lotado... Eu sei que é uma coisa meio “hãnn” (um gesto de tocar e cara de nojo), eu sei que não dá pra gravar gesto...

**Entrevistador:** Aquele coisa que seria um assédio?... Ou a possibilidade de um assédio?

**Mariana:** É... Acho que sim... Não gosto de gente muito próxima... Medo.

**Entrevistador:** E às vezes no ônibus é inevitável, né?

**Mariana:** Sim, claro...

**Entrevistador:** E aí tem uma linha que é difícil de entender, né?

**Mariana:** E quando você vê mulher você já fica... Ai, sabe? Aliviada... É outra realidade, né... A gente meio que se entende ali...

**Entrevistador:** Entendi...

**Mariana:** É... Acho que essa coisa... É uma pergunta que eu posso ir pensando e depois a gente volta, assim... Porque eu tenho muitos lugares desconfortáveis...

**Entrevistador:** Sim, sim...

**Mariana:** Na praia eu me sinto muito desconfortável...

**Entrevistador:** Desconfortável? Por quê?

**Mariana:** Sinto, às vezes... De acordo com a minha roupa... De acordo se eu me depilei ou não... Sabe, coisa assim, mais estética, assim...

**Entrevistador:** Aham...

**Mariana:** Às vezes eu me sinto mal de... Sabe? Eu sou a pessoa que fica o tempo todo no mar... E a caminhada até o mar eu acho horrível... Sabe? Cheio de gente ali... Eu não me sinto muito bem de biquini, assim... Muito à vontade...

**Entrevistador:** E você consegue entender um motivo pra isso?

**Mariana:** Claro, eu acho que é realmente desconforto com o corpo, né... Eu odeio me depilar, cara... Odeio. Porra, machuca... Sabe? É uma coisa que eu não sou obrigada... Mas às vezes eu me depilo... Mas quando eu não me depilo fica naquela coisa "ai, cara... Como que eu escondo esse pelos?" Sabe? A perna toda peluda... Axila... Sabe? Me sinto vulnerável, sabe... Porque eu tô exposta de alguma forma, né... E... Eu sei que é uma coisa muito irracional, eu tenho plena noção de que meus pelos são uma coisa natural, meu corpo é livre, mas... Eu não consigo muito fugir, sabe? Quebrar essa barreira...

**Entrevistador:** Mas por que essa barreira?

**Mariana:** Ah, porque... Como assim? (Risos)

**Entrevistador:** Você disse que é natural, né? Que o corpo e os pelos são algo natural que simplesmente acontece, né...

**Mariana:** Sim, sim... Cara, a barreira machista, né... Aquela coisa, né? O que você espera de uma mulher? Como você vê mulher? "Ah, geralmente elas são depiladas... Elas têm um tipo de corpo... E a partir do momento que eu sinto que eu tô ferindo, que eu tô destoando, que eu tô ganhando visibilidade por essa coisa eu me sinto um pouco desconfortável, apesar de saber que eu tenho todo direito do mundo de desfilhar meus pelinhos por aí... Por às vezes é difícil de lidar... Eu tenho um pai que é uma pessoa extremamente complicada... Ele é um amor, me ama muito, mas cara... Toda vez que eu vejo ele... Eu vou muito a praia com ele... Ele sempre vira pra mim em algum momento e fala "porra, filha, tá na hora de cê depilar isso aí, né?", sabe? Eu posso tá muito bem com meu corpo... Aí chega lá e tem essa avalanche, assim... Aí você fica meio estagnada...

**Entrevistador:** Sim, é... Então tem uma pressão externa pra manter a depilação em dia?

**Mariana:** Com certeza, principalmente dos pais, dos familiares... Tem muito disso...

**Entrevistador:** Olha... Que saco, né?

**Mariana:** Pois é... Ir pra praia com as amigas é outra coisa...

**Entrevistador:** É... Tá... Ao longo da nossa conversa, se você quiser voltar nessa questão, tá? Fica à vontade...

**Mariana:** Eu não sei se eu tô conseguindo me expressar muito bem...

**Entrevistador:** Tá, tá sim... Eu tô entendendo o que você tá falando... Não tô tendo nenhuma dúvida... As dúvidas que eu tive eu te perguntei... E se eu tiver outras eu vou continuar te perguntando... (risos)

**Mariana:** Não, tudo bem...

**Entrevistador:** E se eu fizer alguma pergunta invasiva você também pode me cortar, porque o caráter da entrevista... Eu tenho consciência de que não é a entrevista mais confortável do mundo... Sabe? Então, assim, mas ao mesmo tempo, uma coisa que você pode ficar tranquila é que eu não vou comentar nada com ninguém... E que essa gravação não vai ser ouvida por ninguém além de mim... E quando isso for passado pra dissertação você vai tá com um nome que você vai escolher, tá? E eu também sou muito sensível a todas essas questões... Então você não tá conversando com ninguém, assim, super idiota...

**Mariana:** Eu sei, claro... Acho que eu também topei por essa causa...

**Entrevistador:** Acho que por isso os entrevistados ficam tão à vontade comigo (Risos), todos, assim, que eu entrevistei até agora...

**Mariana:** Sim, claro!... (risos) é só, assim, de tentar ser articulada mesmo...

**Entrevistador:** Não, não... Mas isso é uma pressão modernista! (Risos) Não precisa! (Risos)

**Mariana:** Ah, então tá ótimo! (Risos)

**Entrevistador:** Mariana, como você se declara em relação ao seu gênero?

**Mariana:** É... Me sinto completamente dentro da caixinha, sei lá, de mulher... Me sinto realmente uma mulher...

**Entrevistador:** Uhum... Tá... E quanto à sua orientação sexual?

**Mariana:** Eu me sinto... Quer dizer, eu sou bissexual.

**Entrevistador:** Aham... E você acha que o fato de você ser mulher, e o fato de você ser bissexual interferem nas suas relações dentro da Esdi?

**Mariana:** Não, dentro da Esdi não...

**Entrevistador:** Não faz menor diferença você ser mulher ou bi?

**Mariana:** Mulher... É... É porque também depende de quem a gente tá falando... De quem a gente tá lidando... Se eu pensar nos estudantes, eu me sinto muito à vontade com as duas coisas... Com os professores nem sempre, mas sendo mulher porque eu sou uma mulher bissexual, mas passo muito fácil como uma mulher heterossexual...



**Entrevistador:** Por que você passa fácil como uma heterossexual?

**Mariana:** Acho que... Eu namoro um cara, né... Eu me visto de uma forma como mulheres normais se vestem... E a própria questão do bissexual é muito invisibilizada... Geralmente você tende a achar que uma pessoa é hétero ou não é, ela é gay, homossexual... Então o bi fica aquela coisa assim: “é meio mal resolvido, tá numa transição...”, pode ser um modismo... E aí tem várias explicações pra inexistência daquela coisa esquisita...

**Entrevistador:** Aham... Cê falou uma coisa que eu achei muito interessante... E eu fiquei pensando aqui, é... Você se veste como uma mulher heterossexual?

**Mariana:** Sim...

**Entrevistador:** E como é que é isso, assim? Tem esse estilo “Mulher hétero”?

**Mariana:** Acho que sim... Acho que tem essa coisa da feminilidade, né... Que eu acho que eu me visto de uma forma bem feminina... Eu tenho um cabelão também...

**Entrevistador:** Cabelão é o feminino?

**Mariana:** Eu acho que de certa forma é um pouco feminino, sabe? Eu acho que a forma que eu me visto é bem feminina...

**Entrevistador:** Entendi... Então tem materialidades que trazem códigos femininos, você acha?

**Mariana:** Sim... Eu acho que a saia é um vestuário que tá completamente associado às mulheres, né, tipo...

**Entrevistador:** E você usa saia?

**Mariana:** Uso saia, vestido, jardineira... Também uso calça, mas eu já me sinto “Pô, mas eu uso brincos, eu uso cabelão, sabe?”. Acaba sendo associado... E quando eu falo isso eu penso muito mais pessoas que me conhecem de longe, sabe? Tipo, sei lá... Os professores, os funcionários... Pessoas que à primeira vista já é algo que conta...

**Entrevistador:** Aham, sim... Essa estética, né...

**Mariana:** Tipo, tem muitos professores na Esdi que são preconceituosos, né... Que são homofóbicos e tratam homens gays e mulheres gays de outra forma... E eu nunca fui tratada dessa forma...

**Entrevistador:** Sério? Tem muitos professores que fazem isso?

**Mariana:** Tem...

**Entrevistador:** Sério? Mais de um?

**Mariana:** Sério, tem...

**Entrevistador:** Nossa, que situação...

**Mariana:** Ih, você não tá sabendo de nada... Tem racista também... Tem machista... Tem de tudo...

**Entrevistador:** Engraçado você falar sobre essas coisas... Eu tava pensando aqui então se existe uma “roupa da sapatão”?

**Mariana:** Acho que existe...

**Entrevistador:** Existe? Como é que seria?

**Mariana:** Quer dizer, eu não sei existe... Eu acho que talvez... é o conjunto, né... A forma que você se porta, a roupa que você usa... Eu não sei... É foda, né... Porque a gente falando da forma visual... é muito estereotipada, né... A gente acaba lidando... Eu falo sobre isso, mas eu não necessariamente concordo... Só que... Existe isso, a gente não pode fingir que isso não existe. E aí eu fico pensando... Acho que tem essa coisa da camisa de botão, da calça... De ser uma coisa um pouco mais fechada... Esconder mais o corpo... às vezes também o corte de cabelo... E acho também que é uma junção disso e também o comportamento... E acho que isso tudo junto pode dar uma impressão de uma pessoa... Da sexualidade da pessoa...

**Entrevistador:** E você acha que essas diferenças interferem socialmente?

**Mariana:** Com certeza...

**Entrevistador:** Fazem diferença?

**Mariana:** Com certeza.

**Entrevistador:** Tem uma pergunta que eu gosto bastante de fazer... E é essa agora. Quando você compra uma coisa pra você... Você para pra pensar se essas coisas vão transmitir alguma imagem... Ou que imagem essas coisas vão transmitir... Você chega a pensar nisso... Ou você sai comprando?

**Mariana:** Óbvio... óbvio... Eu acho que sim, cara... Eu não consigo não ver a roupa como uma forma de expressão... Acho totalmente, assim, tá super ligado... Sei lá... O tipo de roupa que eu compro também tá muito ligado com o meu humor do dia, sabe?... Eu tô numa fase mais assim... É, sei lá... Que não é tanto... É humor, mas também é pensado, sei lá... Se eu vi um filme, assim, sei lá... Aí eu achei máximo... Vi o filme do Jodorowsky... Achei as roupas maravilhosas... Aí já fico assim “poxa, essa camiseta aí de franjas é meio interessante...”, aí eu já associo essa coisa... Eu quero ser ligada, nem que só eu perceba eu quero tá pensando nesse filme, sabe? Às vezes, sei lá... Eu vejo uma menina com uma roupa que eu fico “cara, que linda!”, às vezes até mais da pessoa, mas eu associo a pessoa à essa roupa e eu fico “cara, eu quero ser igual ela”, aí eu vou lá e se eu vejo parecido eu até compro, sabe? Acho que, assim... Porra, totalmente...

**Entrevistador:** Você pensa, então... Na imagem que essas coisas vão transmitir?

**Mariana:** Com certeza... Sim. Acho muito difícil conseguir dizer o contrário...

**Entrevistador:** E você acha que transmite mesmo?

**Mariana:** Cara, não sei... Se transmite ou não já não sei...

**Entrevistador:** Mas você se preocupa com isso?

**Mariana:** Com certeza... Aí também tem a questão de tá adequado à situação... Ao lugar... Ao ambiente... Tem roupa que eu vou usar mais pra tal coisa... Com tais pessoas...

**Entrevistador:** E de um modo geral, assim, como você se percebe em relação à sua personalidade... Você acha que é a forma como as pessoas te percebem? A forma como você se percebe é próxima à forma como as pessoas te imaginam? Ou falam de você?

**Mariana:** Cara, essa pergunta é foda... Eu acho ela muito difícil...

**Entrevistador:** Só tem pergunta foda nessa entrevista, né... (Risos)

**Mariana:** Total, assim! É o tipo de coisa que eu penso toda vez que eu vou tomar banho... Eu sempre penso nisso, sabe...

**Entrevistador:** Que lega... Então eu fui muito, assim...

**Mariana:** Poxa... Total... É uma pergunta, assim... E eu não consegui responder ela não...

**Entrevistador:** Não conseguiu? (Risos)

**Mariana:** Não consegui... (Risos)

**Entrevistador:** Então agora você tem, assim, uma espécie de confronto aqui... (Risos)

**Mariana:** Pois é, né... Mas acho que eu vou tentar responder mais ou menos o que tá encaminhado...

**Entrevistador:** Não, é... Fica à vontade, é...

**Mariana:** Porque é meio complicado, assim... Eu acho realmente... Que eu tô constantemente mudando o que eu penso sobre mim... Eu acho que eu vou mudando... Quem sabe, eu espero... Evoluindo... E volta e meia a forma como eu me vejo entra totalmente, ou não, com o que as pessoas vêem de mim... Eu sinto que tem muito aquela coisa, assim, cara, eu posso ser a melhor pessoa do mundo pra tal pessoa, de acordo com essas situações, ou eu posso ser tipo, porra, uma pessoa escrota, sabe?... Isso pode ser um desentendimento nosso, pode ser da circunstância... Várias coisas, sabe? E a gente não tem controle, sabe? A gente não sabe da subjetividade dessa pessoa... é muito difícil, assim, às vezes a gente não tem nem contato suficiente... E às vezes é até muito difícil, porque é muito fácil você cair naquela de “eu sou o que as pessoas tão vendo”, sabe?... O que elas tão apontando... Às vezes é até um mecanismo de defesa... Entender que você não é isso. Principalmente quando te diminuem... E é uma coisa que eu entro muito em conflito, porque... às vezes eu sinto que eu sou exatamente o que as pessoas dizem... E infelizmente eu só penso nisso quando essas coisas são ruins... Que eu acho que é quando mais bate forte... E aí como autoproteção eu penso “Não, eu sou muito mais que isso...”. E acho que a situação de hoje (o episódio que a gente tava comentando antes da entrevista) reflete isso de alguma forma... Mas é muito complicado, assim... Eu não sei exatamente o que eu sou... Não saberia me descrever exatamente... E isso é uma coisa que eu me pergunto há muito tempo... Porque até com essa coisa de horóscopo, né... Que você vê aquilo e você fala “cara, eu sou muito aquela coisa...”, e depois você fica “mas eu também não sou tão isso...”, eu sou mais ou menos assim... E aí dependendo de uma pessoa eu posso falar que eu sou muito organizada... E aí dependendo de outra eu sou muito bagunçada... E isso também tem muito a ver com uma questão relativa, assim... Talvez eu seja muito organizada em relação a essa pessoa... Mas, em relação a essa outra não... E... é muito complicado... Eu não sei o que eu sou... Não sei... Acho que a realidade do que eu sou pras pessoas... Eu tô me embolando toda, mas...

**Entrevistador:** Não... Eu tô entendendo...

**Mariana:** Acho... Eu nem lembro qual era a pergunta... (Risos)

**Entrevistador:** Se a forma como você se vê é parecida... Ou bate... Com a forma como as pessoas te percebem.

**Mariana:** É, eu vou dizer que não, então... Depois dessa volta toda, acho que não... E acho que... Nem eu concordo comigo mesma, quem diria uma pessoa que vai ter aquela imagem...

**Entrevistador:** É... Quer falar mais alguma coisa?

**Mariana:** Não... Eu só vou me enrolar mais...

**Entrevistador:** E... Mariana, como você se percebe e como você se declara quanto à cor da sua pele?

**Mariana:** Eu... Me considero branca, mas muito mais por uma questão dos meus privilégios...

**Entrevistador:** Uhum... E você acredita que o fato de você ser, ou se considerar branca interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Mariana:** Acho que sim...

**Entrevistador:** É? Como?

**Mariana:** Eu acho que eu tenho me colocar um pouco no meu lugar, sabe? Tem essa coisa também... Eu sou muito... Não sei muito como falar, mas a gente sabe que o racismo existe, e tem pessoas que passam muito mais dificuldade em relação à cor e também saber como se posicionar, como se relacionar... E sem ofuscar essas questões dessas pessoas... Entender, assim... Tem certas coisas que eu nunca vou passar e nunca vou saber como que é... Acho que eu tenho também que saber como lidar e como falar... O mesmo se aplica à questão do elitismo, né? Tipo, tá muito uma bagunça? (Risos)

**Entrevistador:** Não, não... Tô entendendo... Pra mim tá tudo fazendo sentido...

**Mariana:** Ah, então tá bom...

**Entrevistador:** E fora da Esdi?

**Mariana:** Fora da Esdi?

**Entrevistador:** Você acha que faz diferença?

**Mariana:** Faz, com certeza... A forma como as pessoas me tratam com certeza é muito diferente de outras cores, né... Pessoas, né... De outras cores... Eu tenho privilégios, eu sei que ninguém nunca vai desconfiar de mim. Eu sei que as pessoas vão me tratar melhor por causa da minha cor, e isso não tem como negar.

**Entrevistador:** Han... Entendi... Então, ó... A gente conseguiu dar conta das perguntas principais... E eu acho que você conseguiu falar bem sobre todas elas... E eu deixei uma parte final, onde a pessoa pode falar livremente sobre qualquer coisa que você queira acrescentar... E essas coisas... Elas podem ter a ver com os eixos da entrevista, com as questões que a gente já respondeu e conversou hoje, ou elas podem não ter a ver também... é a hora pra você, tipo, falar o que você quiser... Pode ser referente à Esdi, pode ser referente a design... Pode ser referente às situações externas... à sociedade... Enfim... é uma hora bem livre mesmo...

**Mariana:** Ai, que liberdade horrorosa... (Risos)

**Entrevistador:** (Risos) "ai que liberdade horrorosa" é ótimo! (Risos)

**Mariana:** Poxa, tanta coisa...

**Entrevistador:** Tanta coisa pra ser dita, né? Mas assim, não é uma obrigação também... Você não precisa falar “ai, meu deus... Agora eu preciso revisar o mundo!”

**Mariana:** É porque assim, tem essas coisa também... Eu achei que as perguntas que você fez são muito boas... Eu acho que a sua pesquisa é muito boa, é muito interessante... E sabe? Eu me interesso por várias destas questões que você coloca... Tanto sobre design, tanto sobre a Esdi... O que é Esdi, o que não é Esdi... O que são os alunos, o que são os professores...

**Entrevistador:** Sim...

**Mariana:** Ai, num sei! Dá uma dica, aí! (Risos)

**Entrevistador:** Hmn... Deixa eu pensar... É mais porque eu considero que a entrevista ela é falha no sentido de que ela não consegue dar conta de tirar, é... Tirar não... Tirar pode ser uma palavra meio cretina, né... Mas de dar ao entrevistada, à entrevistada... Falar tudo que ela tem vontade. Sabe? Então nesse sentido... Sabe? Porque eu acho que uma entrevista tem que ser um pouco assim, também... Ela tem que ser gostosa pra quem tá sendo entrevistada, sabe?...

**Mariana:** Já tá sendo... (Risos)

**Entrevistador:** E aí nesse sentido... às vezes a pessoa tem ali algo pra dizer, e as perguntas não contemplam, não chegam nessa questão... E aí a pessoa vai embora com aquela sensação de frustrada... E aí eu fico “ai, mas eu queria tanto ter falado sobre essa coisa... Sobre essa questão que eu tenho pensado, que eu acho que é tão interessante... Mas ele não me deu essa oportunidade...”. Mas ao mesmo tempo, também, todo mundo fica um pouco com essa sensação de “ai, meu deus, o que falar?”... Mas aí é tranquilo... Pode falar o que você quiser... Você pode também não falar nada... Você pode me fazer uma pergunta... é livre, assim... é um momento que você... Porque também tem essa hierarquia, né? Eu tô aqui te entrevistando, eu sou dono do roteiro, sabe? Você tá aí, meio vendida...

**Mariana:** Mas é legal isso...

**Entrevistador:** É... Tem suas vantagens, né... Metodologicamente falando... Por outro lado também é meio estranho, né? Eu me sinto meio, sei lá... Quando alguém me entrevista eu me sinto meio com medo, sabe? Eu não sei se você se sentiu assim...

**Mariana:** Um pouco...

**Entrevistador:** Apreensiva... Pensando “ai, será que ele vai perguntar alguma coisa que eu vou ficar sem graça?”

**Mariana:** Não, é que eu fico pensando... A coisa que mais me bate é que eu fico pensando você escutando isso depois e eu fico “cara, coitado... Olha a bagunça que eu tô falando...”

**Entrevistador:** Ah, nada, relaxa... Relaxa... Isso é associação livre.

**Mariana:** Ai, tadinho... Vai ter que lidar com essa afobada aí, doida...

**Entrevistador:** Não, (risos) relaxa! Relaxa.

**Mariana:** (Risos)

**Entrevistador:** Não, eu achei que em alguns momentos você falou coisas muito interessantes... E essas horas que você tá considerando que foram bagunçadas é porque falar sem roteiro é isso, sabe? Mas tudo fez sentido, assim... E se não fizer também já é uma espécie de fazer sentido...

**Mariana:** É, tudo tem algum sentido, né... De alguma forma...

**Entrevistador:** Sim, claro! Exatamente...

**Mariana:** Acho até que a dificuldade em responder algumas perguntas tem a ver com isso... Tipo... Sobre a questão de ser branca, como as pessoas lidam com isso. Aí, já tem aquela coisa... Não tem como não falar de racismo, sabe? E eu já fico... Eu tenho dificuldades com isso... De realmente perceber... E saber lidar com essas questões... às vezes é difícil, assim, você afirmar seus privilégios e afirmar também que, cara, você tem algum preconceito... é uma coisa que a gente tava falando antes, né... Por exemplo, falar sobre a minha sexualidade, falar como mulher eu já me sinto muito mais à vontade, e acho que faz parte, também, né... Tem que aprender a lidar com isso... E acho interessante que durante sua entrevista você fez várias perguntas que eu senti que de alguma forma se juntam sobre essa questão de como é vista, e também como você se identifica... Se se identifica como mulher, se identifica quanto à sua sexualidade... Quanto à cor... E também assim, você se vê dessa forma... E como as pessoas te veem... E de acordo com essa forma como você se afirma... E tentar entender se isso tem alguma consequência... E mais que isso, não só se isso tem alguma consequência, mas se você é ciente, né... Se você é consciente...

**Entrevistador:** Uhum...

**Mariana:** E acho que realmente... Se parar pra pensar na Esdi, que é um ambiente de ensino superior, né... Ele é elitista, ele é mais intelectualizado... Ele tem tratamentos muito diferentes... Sabe? Das pessoas... Tanto dos alunos quanto professores... E quanto a gente pensa nos professores é até um pouco mais assustador... Eu não vou falar o nome de ninguém, obviamente... Mas cara, a gente vê professores que tratam negros de uma forma diferente. A gente vê professores que assediam mulheres, sabe? Mas assim, de uma forma muito silenciosa...

**Entrevistador:** Como assim, silenciosa?

**Mariana:** Tipo assim, ele vai ficar sempre rondando a menina... Tudo mundo pode tá querendo ajuda, mas essa menina vai a ser a primeira que ele vai atender... E ele vai falar não só de coisas relacionadas à matéria... às vezes coisas do tipo: “cortou o cabelo? Tá diferente...”, sabe? E de uma forma, assim, que não é dita... Mas tem uma postura de poder, sabe? Uma coisa meio... Não somente de poder, mas que você não se sente confortável e você não sabe exatamente dizer por que, é tudo aquilo ali, sabe? Eu soube de meninas que não se sentiram confortáveis sozinha em sala com um professor, e eu acho isso extremamente problemático. Isso não deveria existir. Então se existe, existe alguma coisa, algum assédio... Nem que ele seja muito silencioso... E existem professores muito machistas, que falam coisas muito absurdas... Que fala tipo: “Homens: estudem muito, se dediquem aos seus projetos para que vocês consigam as mulheres, consigam esposas, e consigam reconhecimento...”, “Mulheres: continuem da mesma forma”, tá ligado? “Foda-se”.

**Entrevistador:** Sério?

**Mariana:** É... Não que ele falou “Foda-se mulheres”, mas tipo, “Mulheres, só isso, continuem assim...”, sabe? E você fica naquela... Que que ele quis dizer com isso,

assim? Realmente é isso que eu tô pensando? E é. Tiveram vários casos, assim, de alunos se sentindo desconfortáveis e não souberam com quem falar. E é isso, acho legal que... Acho legal que... Ai, coitado de você ouvindo isso!

**Entrevistador:** Não, relaxa! Você tá com uma preocupação que não faz sentido... Isso não faz sentido... Isso é a única coisa que não faz sentido...

**Mariana:** Tendi... E uma coisa que eu penso que eu morro de vergonha, cara... Só na Esdi que eu tive contato com alunos negros. Eu nunca estudei com negros, nunca tive uma troca assim antes, sabe? E acho que isso me ajudou muito na desconstrução de certos preconceitos... Eu acho que a partir do momento que você convive com essas pessoas você naturaliza algumas coisas, sabe? É... Você tem mais empatia... Você muda, sabe? Você começa a questionar coisas que você não questionava... E às vezes, assim, a pessoa nem precisa se abrir tanto, mas só o fato dela estar lá já te transforma de alguma forma... Também, assim, de ver pessoas gays com mais frequência... Não só com frequência, mas também tanto livres pra se expressar, sabe? Usando a roupa que elas querem e agindo como elas são, sem precisar de certos filtros, sabe? Acho que isso muda... Acho que as pessoas existindo nesse espaço... Elas acabam mudando, transformando quem tá em volta... E eu acho que isso, por mais que as pessoas pequem de várias formas, eu acho que os alunos me ensinam muita coisa... E eu acho super... Uma experiência muito foda tá estudando aqui.

**Entrevistador:** Que legal...

**Mariana:** Poderia estar estudando na PUC... Mas eu fiz questão de tá aqui... E é isso...

**Entrevistador:** Que legal! Bom pensar essas questões, né... Que você trouxe, bem interessante... Você gostaria de fazer mais algum comentário sobre alguma das questões que a gente debateu... Alguma coisa que você tenha lembrado... Algum outro detalhe?

**Mariana:** Acho que talvez sobre o Workshop do freela... Que eu achei super legal você ter feito... Que até quando eu fiz esse “freela”, que foi meio esquisito, né... Foi mais até... Eu tava atordoada! Eu não sabia quanto cobrar, eu não sabia como falar com o meu cliente... E às vezes ficava uma coisa muito informal... “ah, cê tem como fazer aquele negócio ali pra mim, aproveitando?”, aí eu já ficava naquela sabe “como é que eu digo não?”, como é que eu boto limites ali, sabe? Eu acho super importante sim, você tá fazendo isso, e acho muito absurdo a gente não ter nada disso e na faculdade... E quando você fala que os alunos que estão começando tem muita dificuldade, não são só eles, sabe? São de todos os anos... E vários deles já entraram na faculdade com estágio, e eu fico vendo assim... A galera passa muito perrengue... Coisas bem absurdas, né?

**Entrevistador:** Passam.

**Mariana:** E eu acho super necessário. Por que realmente, às vezes a gente não tem noção do valor do nosso trabalho, a gente não é valorizado pelo mercado, e eu acho que a gente precisa bancar, tipo assim: “porra, eu sou designer, sabe? Porra, eu tô estudando pra isso e meu trabalho tem valor...”. E, também, assim, entender como lidar com o cliente, né... Porque, se deixar, assim... Eu senti nessa experiência muito curta eu poderia tá mudando aquilo ali o tempo todo... Eu não vou agradecer esse cara 100%, sabe? Tá meio exaustivo... Sabe? O cara falava: “Po, bota uma placa... Um LANÇAMENTO ali, bem bonito, de amarelo...”, sabe? Uma coisa meio exagerada,

eu falava “cara, que coisa brega... Sabe? Eu não quero tá associada a isso... E como é que eu falo com o cara que isso é brega? Que eu não vou fazer isso?”, e aí foi todo um jogo de cintura que eu não tive. Mas eu também não fiz o amarelo... (Risos) e... Ah... Acho que eu não tenho mais nada pra falar...

**Entrevistador:** É isso? Legal também você ter tocado nesses pontos... Interessante... A gente fica muito refém do cliente, às vezes, né...

**Mariana:** Totalmente, totalmente... E é meio embaraçoso... Até porque eu sinto que quanto mais eles veem que a gente tá ali todo atordoado, acho que mais eles se aproveitam disso... Sabe? “O cara não sabe o que fazer, né... Se eu mandar ele fazer um negócio ali acho que cola... Acho que ele vai, assim...”

**Entrevistador:** E você acha que no projeto docente, assim, na ementa, né... Tem alguma disciplina, ou faz falta alguma disciplina relaciona com postura profissional... Como que é isso pra você? Você já teve essa matéria? Vocês tem Estágio, né? Matéria de Estágio...

**Mariana:** A gente vai ter no próximo ano, que é um enigma, assim, nem o professor sabe exatamente como é que vai ser... Ninguém sabe... Tá uma coisa meio “ah, vamos jogar aqui um negócio ali que vai ser interessante...”, mas a Esdi também tem essas coisas assim, que pode ter tal nome a disciplina e não significar nada... Tipo, sei lá... A gente teve agora uma matéria... E nessa matéria a gente tinha que desenhar um bicho que a gente acha que poderia sobreviver a todos, e ser o mais forte de todos... Umas coisas assim que, sabe, não tem nada a ver...

**Entrevistador:** Um bicho?

**Mariana:** É... Tipo “desenha um bicho que você acha que sobreviveria ao apocalipse, que seja mais forte que todos... Que sobreviva... Projete um bicho”. E tudo bem se ele fizer isso e explicar o propósito...

**Entrevistador:** Sem explicar o propósito?

**Mariana:** É... Foi só jogado e foi isso...

**Entrevistador:** Ah tá... Tudo bem se tivesse um propósito? Foi isso que você disse, ou não?

**Mariana:** É, tipo assim, se ele desse algum propósito e a gente entendesse, e entendesse ele como legítimo, ok. Mas eu não entendi por que... Poderia ser uma ideia super foda, mas eu não entendi muito bem... E foi jogado ali... E ninguém entendeu nada, sabe?

**Entrevistador:** Você achou que ficou um pouco descolado da realidade, esse projeto?

**Mariana:** Acho que totalmente... E na verdade não foi um projeto, foi só um exercício... Tiveram vários exercícios aleatórios que a gente fez... Tipo, deverzinho... “ah, faz isso!”, “beleza, vou fazer...”, e todo mundo sabe que é absurdo... Inclusive outros professores sabem disso...

**Entrevistador:** Sabem o que?

**Mariana:** Sabem dessa matéria... Sabem que é meio escrachada... Todo mundo meio que sabe...

**Entrevistador:** Aham...



**Mariana:** Mas aí também é o que que a gente espera da matéria, e o que que ela é, né...

**Entrevistador:** É... Mas o que ela é também, né... Também é passível de ser criticado...

**Mariana:** Sim, acho que é digno uma apresentação do que que vai abordar e por que que é esse nome... Uma explicação, né... É... E eu acho que poderia ter... Falando sobre as questões trabalhistas... Acho que quando tocam nesse assunto é muito mais uma realidade que não existe... Tipo, “porque quando você sair daqui, você já vai sair ganhando 10 mil reais... Porque você já vai sair e já pode cobrar uma parada bizarra”... Umas noções, assim, absurdas... Umas coisas que talvez possam ter feito muito sentido pra esse professor, durante uma época passada, com os contatos tais, com o design sendo uma coisa, mas não é atualizado, sabe? É muito descolado, eles não têm essa noção real...

**Entrevistador:** Sei...

**Mariana:** Eu fico muito nessa nóia, assim, acho que se não tivesse gravado seria muito mais tranquilo... Eu sempre fico pensando “ai, meu deus...”

**Entrevistador:** Foi o gravar que te deixou nervosa?

**Mariana:** Me deixa nervosa...

**Entrevistador:** Eu te entendo... Eu também fico... Aliás, não comigo me gravando, né... Mas se fosse outra pessoa me gravando também talvez ficasse...

**Mariana:** Aham...

**Entrevistador:** Mas realmente não tem por quê... Porque ninguém vai ouvir esse áudio, além de mim... Eu só vou ouvir uma vez, depois isso vai virar um texto... Nesse negócio que transcreve automaticamente, ou seja, não vou ficar horas ouvindo, vai ser uma hora só... E... Depois eu vou ler o texto e vou pegar as partes que se conectam com as partes que eu tinha selecionado e vou fazer essas análises... é isso... Não precisa sofrer... (Risos), tranquilo?

**Mariana:** Tranquilo...

**Entrevistador:** Tranquilo por você? Você quer comentar mais alguma coisa?

**Mariana:** Eu acho que não... Porque às vezes eu demoro pra digerir algumas coisas... Então talvez depois eu te pare no Boulevard, e fale “pô, maneiro isso aí...”

**Entrevistador:** Pode, pode me parar sim... E o que você achou da entrevista? Achou muito densa?

**Mariana:** Densa em que sentido?

**Entrevistador:** Você achou ela difícil, assim? Chata?

**Mariana:** Não, eu até te falei... Gostei de várias perguntas... Achei muito interessante... Principalmente porque eu fico várias horas pensando no banho... (Risos)

**Entrevistador:** Beleza então, eu vou apertar aqui então.

[Parei de gravar e continuamos a conversar, a entrevistada e eu, como era de praxe após o término de todas as entrevistas. Essa conversa final era mais uma revisão

onde eu falava um pouco dos meus anseios e perspectivas sobre a pesquisa e os temas que abordamos. Nesse caso, no entanto, a entrevistada parece ter se sentido mais à vontade na ausência do gravador e continuou falando sobre temas que considere interessantes e considere que ainda caberia uma nova gravação. Ela mesma sugeriu que voltássemos a gravar e assim fiz.]

**Entrevistador:** Você tava falando sobre os botões... Da diferença dos botões...

**Mariana:** É que o botão... Que todos os objetos estão contaminados com uma certa mentalidade... Com certos preconceitos, né... E acho que a gente identificar eles, questionar eles, e reformular eles é uma forma da gente se posicionar como designer... às vezes a gente até tá hackeando, assim, a pessoa pode até não tá sabendo porque que isso funciona dessa forma, mas você sabe, você é consciente, pode ser uma possibilidade de...

**Entrevistador:** Aham... E qual que é o lance dos botões que você tinha dito?

**Mariana:** Que... é... Isso eu aprendi com uma professora minha de costura... Ela falava que você colocar o botão na esquerda ou na direita tem a ver com a facilidade de você abrir a sua calça ou outra pessoa abrir... Eu não lembro qual que é o lado, masculino e feminino... Mas o botão masculino, ele facilitava que o próprio homem conseguisse abrir a calça, já o da mulher é mais fácil de outra pessoa abrir... Em tese o marido... E não só o vestuário... Vestuário eu acho até que é um objeto muito fácil de ver, é muito visível... Mas existem vários outros objetos, né... Que eles têm essa forma, eles têm esse jeito... Essa estrutura... E que não é à toa... E a gente não questiona, deixa passar... Fica sempre naquela comodidade... “ah, não... Porque quando eu penso numa garrafa eu penso assim, logo todas as garrafas são assim.”, mas cara, porque que a garrafa tem esse formato, por que essa cadeira assim? Sabe? Acho que a gente se questionar e alterar elas silenciosamente ou não é uma forma da gente romper com determinados preconceitos... Ou até levantar questões, né... Acho que é bem importante... Mas tá contaminado, né... Nossa realidade toda. E os objetos... Eles são um reflexo da gente, da nossa cultura... Da nossa linguagem... Tá tudo contaminado...

**Entrevistador:** Aham...

**Mariana:** É... Acho que tem a ver heteronormatividade com relações trabalhistas tanto nos objetos, o produto que a gente tá lidando, e com o nosso posicionamento aceitando certos trabalhos ou, às vezes, sendo refém deles... Ou, sei lá... às vezes eu tô numa posição... Sei lá, fui muito bem-sucedida, dei muito certo... E sei lá, não seria interessante... Eu, nessa posição, dar abertura pra outras pessoas? Permitir que elas consigam trabalhar de uma forma digna, garantir direitos... Não tornar essa pessoa escrava ou simples empregado...

**Entrevistador:** Sim... E você tava falando sobre como a heteronormatividade tem a ver com as questões trabalhistas...

**Mariana:** Ahan... Sim... Também o ambiente trabalhista é um ambiente muito tóxico, né... Tipo... Também tem essa coisa que a gente falou sobre a existência... Você permitir que pessoas que não existem nesse ambiente também podem transformar esse ambiente, podem mudar as pessoas que tão ali... Eu acho superimportante, permitir isso... É... Realmente dá pra você atuar, infelizmente mais quando você tá numa posição favorável, mais privilegiada... Mais difícil quando você acaba sendo submisso, não de uma forma ativa, mas a circunstância faz com que você seja...

**Entrevistador:** A circunstância social, né?

**Mariana:** Sim... Tipo, eu fico imaginando, quer dizer, eu soube de várias histórias de pessoas que tinham tudo pra processar a empresa... Tinha tudo pra entrar com um caso, mas tinham medo de não pudessem ser contratadas em outras empresas... Tinha medo... Que isso poderia voltar de uma forma horrível contra elas... E isso é uma forma de silenciar as pessoas... E a gente tem que tá atento em como a gente atua como profissional e com base no que a gente é, ou pelo menos em como a gente se identifica... E como os outros veem a gente... Que é meio que... Encaminha de alguma forma com a sua entrevista...

**Entrevistador:** É... Nossa... Agora você foi longe, né... Nessa parte final... Quer falar mais alguma coisa?

**Mariana:** Não... Não quero não...

**APÊNDICE F – Entrevista Moby****Entrevistado(a):** Moby**Data:** 13/12/2019**Local:** Casa do entrevistado**Entrevistador:** Acabou que durante a minha pesquisa do mestrado teve uma coisa que começou a se mostrar muito importante que foram as questões de trabalho, relacionadas com as condições de trabalho do designer, sabe? E a precarização do nosso trabalho como designer... E as condições de trabalho mesmo...**Moby:** Aham...**Entrevistador:** Então... Essa entrevista vem pra trazer alguns exemplos de como são as nossas vidas ao longo do exercício acadêmico, estando na graduação e na pós-graduação também... Pra gente tentar fazer esse paralelo e tentar entender mais ou menos como funcionam essas coisas...**Moby:** Aham...**Entrevistador:** Se você tiver alguma dúvida ao longo da entrevista pode perguntar, pode parar... E a entrevista também não é algo engessado, então se você quiser falar algo além... Que não esteja sendo perguntado, ou se você quiser... Enfim, é algo muito livre, assim... Não tem um certo nem um errado... Sabe? Você pode responder o que você quiser... E... Pode abrir seu coração mesmo... É bem suave... No início tem algumas informações técnicas que não são perguntas, mas é só pra ficar...**Moby:** Ficar gravado...**Entrevistador:** Isso... Ficar registrado quem é cada entrevistado, tá?**Moby:** Aham...**Entrevistador:** Fala seu nome pra mim, Moby?**Moby:** Meu nome é... eu sou [nome omitido]. Idade: tenho 23 anos.**Entrevistador:** Você é de onde?**Moby:** Eu sou baiano de Porto Seguro, mas tanto minha mãe quanto meu pai são do sudeste, meu pai daqui do Rio e minha mãe mineira.**Entrevistador:** Aham... E qual seu vínculo com a Esdi?**Moby:** Eu sou estudante de graduação da turma 55, acabei de terminar o quinto período.**Entrevistador:** Sim, e você é cotista?**Moby:** Não, não sou cotista.**Entrevistador:** Eu vou começar então as perguntas que são mais abertas, e você pode falar livremente sobre elas, e pode ficar à vontade mesmo, tá?**Moby:** Aham...**Entrevistador:** Você mora com quem?**Moby:** Moro eu, G. [nome omitido] e a A. [nome omitido]. Somos amigos, conheci o G. na casa que eu morava antiga que a gente morava, que era, no meu caso era

meio que um *penhorato* que eu morava, era uma casa de família, mas... Em teoria não era pra ser assim, quando eu cheguei na casa parecia que seria algo bem mais livre, muito mais democrático do que realmente era naquela casa, e o G. ele morava numa parte separada da casa que era uma *kitnet*, e aí tinha o P. [nome omitido], que também morava lá, e aí a gente, e aí nos três tivemos problemas com a dona de lá e saímos juntos e alugamos essa casa daqui. A gente alugou de um libanês, sírio... Libanês, eu acho... É... Só que ele já morava no Rio há muito tempo, ele é formado em direito, e... Enfim... É... Ah, sim! A A. e aí o P. depois saiu da casa, e aí a A. que era amiga do G. veio morar aqui.

**Entrevistador:** Aham...

**Moby:** E aí moramos nós 3...

**Entrevistador:** Sim... E como é que vocês dividem o trabalho doméstico, assim, a parte de organização e manutenção da casa? Como vocês fazem isso?

**Moby:** A gente tenta fazer esquema de limpeza mas nunca dá muito certo... Tipo, no geral... Aí vai mesmo do que a pessoa acha que tá precisando de limpeza aí vai lá e dá uma limpeza, ou se tá dando uma limpeza vai lá e reclama com os outros e os outros fazem algum esforço pra poder...

**Entrevistador:** Entendi, mas são vocês, os moradores, que fazem esse trabalho?

**Moby:** Sim.

**Entrevistador:** Assim, teoricamente, dividido?

**Moby:** Sim. Sempre tem uma pessoa que limpa um pouco a mais alguma coisa... Ou alguma outra coisa... Por exemplo, eu sempre tô limpando mais a cozinha, mas eu acho que eu limpo menos o banheiro, por exemplo... E aí vai também do que que a pessoa se incomoda mais...

**Entrevistador:** Aham... Entendi. Beleza... E lá na Esdi você recebe alguma ajuda de custo da Universidade?

**Moby:** Não.

**Entrevistador:** Não, nenhuma?

**Moby:** Nenhuma.

**Entrevistador:** E fora da Esdi, você exerce algum trabalho... Ou alguma atividade que seja remunerada?

**Moby:** É... Eu vivo de aluguel de imóvel... Eu... Meu pai ele é falecido, e com o dinheiro que eu herdei dele eu comprei uma casa que ela é alugada na Bahia por uma administradora, e aí... Isso aí dá mais ou menos uma renda de R\$1.800,00 mensal, não é certo, mas... Porque tem épocas que aluga mais e tem épocas que aluga menos. Mas é uma média disso daí por mês... Que me mantém aqui no Rio.

**Entrevistador:** Tendi... E você faz algum trabalho aqui, tirando isso?

**Moby:** Trabalho, trabalho remunerado não. Vivo pensando em coisas que poderia ser feito, é... Até aquela mesma ideia que o... Também é da pós-graduação teve, que eu acho muito massa, de vender bottons e... Enfim, ele tem uma gráfica, eu acho...

**Entrevistador:** Sei...

**Moby:** E daria pra me inspirar nele em alguns aspectos... Pra começar algum negócio, mas... Ainda não faço não... Procuo estágio, mas também não tenho portfólio montado, e também vou ter agora no sexto período o estágio obrigatório... E eu vou ter que fazer isso aí já, então...

**Entrevistador:** Sim, sim... E você já fez algum freela? De design?

**Moby:** Não, não... Também não... Já fiz, assim, não remunerado pra amigos... Coisa pra amigos, tipo...

**Entrevistador:** E como é que foi essa experiência, assim?

**Moby:** Foi... Que uma amiga minha tava precisando de uma logo, eu nem cheguei a falar que faria ou que não faria, mas aí depois eu tava na aula, comecei a desenhar umas logos... Aí mandei umas opções de logo pra ela... Ela me falou quais ela mais gostava... E aí depois eu desenhei eles, tipo, dei uma vetorizada e mandei pra ela...

**Entrevistador:** E ela gostou e tá usando?

**Moby:** Aham...

**Entrevistador:** E como é que foi pra você? Você curtiu fazer esse trabalho?

**Moby:** Foi tranquilo, foi muito simples na verdade... Easy, tá ligado? Não foi nenhuma logo tipo... Nenhum lettering muito programado... Ou algo muito absurdo, então foi bem tranquilo... Fácil...

**Entrevistador:** Sim, e foi basicamente um logo... Não teve uma construção de linguagem, um sistema de identidade?

**Moby:** Acho que não... Foi... É, não foi um trabalho rebuscado não. Não teve uma grande pesquisa pra poder explicar aquela logo...

**Entrevistador:** Uhum... Sim, você conhecia ela... Conhecia a vibe do trabalho dela, né?

**Moby:** Sim.

**Entrevistador:** Massa. É... Essas primeiras perguntas elas dizem um pouco respeito sobre sua relação com a Esdi, com o lugar onde você fica, com a sua moradia e tal... A gente vai entrar em um outro eixo agora, e você vai perceber um pouco a diferença no tom das perguntas, mas também pode continuar respondendo o que você quiser e pode ficar à vontade. Tá?

**Moby:** Uhum...

**Entrevistador:** Você se sente à vontade na maioria dos lugares que você frequenta? Ou tem algum lugar que você sente que você tá destoando? Ou que você não fica exatamente à vontade? Constrangido?

**Moby:** Hmmmn... Tá. No geral acho que a maioria dos lugares eu me sinto à vontade. Destoando eu me sinto tanto em determinados espaços como, enfim, tipo o Leblon, mais por causa da vestimenta... Eu cago um pouco pra isso. Ou se for um ambiente muito empresarial também... Ou se eu tô perto de uma periferia eu me sinto também um pouco destacado com as pessoas me observando pela outra ótica que não seja a do Leblon, um meio termo dos dois... É... As pessoas, quando eu tô na periferia, sabem que eu não sou de lá, e as pessoas, quando eu tô no Leblon, sabem que eu não sou de lá também. Um pouco isso daí... Mas a maioria dos lugares

eu me sinto bem tranquilo, bem confortável, não sinto coerções sociais por estar nelas não... É... Só mais um exemplo nesse sentido... É... Quando eu cheguei no Rio eu andava muito de bicicleta pela cidade porque me amarro em fazer isso daí com a bike do Itaú pra conhecer a cidade mesmo, conhecer o mapa... Eu acho isso muito bom... Sempre que eu fui numa cidade nova eu andei muito por ela ou a pé ou de bicicleta ou de ônibus pra conhecer a cidade... E aí andando de bicicleta eu me perco na cidade... Enfim, já me encontrei perto de periferias que... Favelas mesmo, que na época eu fiquei com um certo cagaço, um certo medo de estar por ali... Só por estar... Um pouco de medo de quem não é do Rio chegando perto da famigerada favela...

**Entrevistador:** E como é que foi isso, assim? Conseguiu sair de boa?

**Moby:** Tipo, consegui me encontrar fácil, sabe... Só que em vários momentos ficava com uma certa tensãozinha, de existir ali...

**Entrevistador:** E por essa questão que você falou de sentir que as pessoas desses lugares sabiam que você não era dali por algum motivo...

**Moby:** Também... Acho que sim também. Mas também não me senti olhado torto nem nada... Um pouquinho só um estranho no ninho. De leve...

**Entrevistador:** Sim... E Moby, como você se declara quanto ao seu gênero?

**Moby:** Gênero é exatamente o que? É heterossexual?

**Entrevistador:** Hmmmm, é... Tem uma discussão muito longa sobre gênero, mas as pessoas...

**Moby:** Cis Hétero.

**Entrevistador:** Cis Hétero? (Risos) Tendi. Tá, então você já respondeu a segunda pergunta que seria qual a sua orientação sexual... Então você se considera homem?

**Moby:** Uhum...

**Entrevistador:** E heterossexual...

**Moby:** Uhum...

**Entrevistador:** E você acredita que a forma como você se entende... O seu gênero e a sua orientação sexual, interferem nas suas relações dentro da Esdi?

**Moby:** Dentro da Esdi?

**Entrevistador:** É.

**Moby:** Calma... Como assim?

**Entrevistador:** Se o fato de você ser homem cis hétero, né? Como você disse, interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Moby:** Não sei, pergunta complicada essa... Eu acho que sim, interfere, mas eu não vou saber dizer onde interfere e eu não tenho também algum ponto de comparação... Pra poder pensar...

**Entrevistador:** E fora da Esdi? Você conseguiria fazer alguma comparação?

**Moby:** Cara, assim... Eu acho que a Esdi... Ela é bem mais aberta... E democrática... Bem mais bem vinda às diversidades do que a sociedade como um todo... Então, assim... Não percebo também tanto, mas com certeza tenho muito benefício por ser cis hétero, nessa sociedade... Por ter maior poder de fala e as pessoas... Enfim, ser

ouvido... Não sei... É... O que... É... Acho que é isso aí... Fora da Esdi... Sabe dar algum exemplo pra eu poder me pontuar melhor?

**Entrevistador:** Fora da Esdi é fora da Esdi mesmo... Na Lapa, nos outros locais que você frequenta... Tipo supermercado... Outros ambientes sociais... Assim, tipo, rolé... Qualquer tipo de rolé mesmo... É porque fora da Esdi é muito amplo, né? Mas é porque é muito amplo mesmo... E inclui tudo que está do portão pra fora... Que seria tipo a vida real fora desse ambiente da Universidade, que acaba sendo um espaço meio simulado...

**Moby:** Eu lembro uma vez que eu cheguei num supermercado que tinha aqui perto, e... Não sei por que, provavelmente... Não sei por que, mas provavelmente porque eu tava com um brinco maior de argola e talvez por causa disso o repositor de estoque de prateleira, ele achou que eu fosse gay, e aí ele foi lá e ficou... Eu acho que ele achou que eu tava dando em cima dele... E eu tava tipo, viajando pra determinada direção, e por acaso ele tava lá, tá ligado?... E aí ele tinha falado umas duas coisas assim, meio que... É... Meio pejorativo, assim... Eu não lembro exatamente o que, mas meio que criticando, tá ligado?...

**Entrevistador:** Te reprovando de alguma forma?

**Moby:** É, me reprovando, exato.

**Entrevistador:** Sim, aí você fez essa associação com o brinco?

**Moby:** Cara, eu acredito que seja... Porque... Eu não sei o que na aparência... Eu não me sentia, tipo, com trejeitos homossexuais, ou qualquer coisa do tipo... E que fosse aparente, tá ligado? Além do brinco...

**Entrevistador:** Aham... Sim, e você tava vestido como você tá vestido hoje (bermuda larga lisa e camisa t-shirt lisa)?

**Moby:** Eu tava vestido... Eu lembro da roupa... Eu tava com uma camisa regata que eu tinha cortado e uma bermuda normal. Aqui... No joelho. Não era nem acima do joelho, era no joelho.

**Entrevistador:** Sim... Aham... É interessante, né, notar como tem essas nuances do que é considerado hétero e do que é considerado gay...

**Moby:** Sim...

**Entrevistador:** Sim, eu acho engraçado isso...

**Moby:** Eu não sei se isso é o certo a se falar, mas que nem um amigo meu, eu já ouvi essa palavra com essa referência... "gay heteronormativo", no sentido que ele se veste parecendo feito um homem hétero.

**Entrevistador:** Uhum...

**Moby:** E... E um amigo meu... Ele é muito assim, na verdade.

**Entrevistador:** Heteronormativo?

**Moby:** Se você não conhece ele, você não vai perceber de jeito nenhum que ele é gay.

**Entrevistador:** Sim... E você acha que eu sou um gay heteronormativo?

**Moby:** Cara, conversando contigo acho que não... Mas, antes de... Só te olhando passar eu acho que não ia imaginar você, tá ligado?



**Entrevistador:** Então eu sou heteronormativo?

**Moby:** Acho que sim.

**Entrevistador:** (Risos)... E ser heteronormativo... Você acha que dá pra definir o que caracteriza a heteronormatividade?

**Moby:** O que caracteriza? Ué... Isso que é foda, né... Porque...

**Entrevistador:** Pode falar...

**Moby:** Não, porque eu acho que as pessoas, elas não se caracterizam em si por nada, mas os grupos, existe um padrão que erra na maior parte dos casos... Erra não, sempre tem erros nos padrões... O padrão é sempre uma generalização... Eu acho que os heteronormativos... Tem roupas que são ditas gays, talvez por serem mais curtas, ou serem mais sensuais, ou mais coladas... Não que isso aí seja porque também tem um monte de marombeiro que usa um monte de roupa curta e colada e podem ou não serem gays... Enfim...

**Entrevistador:** É difícil, né?

**Moby:** É... A nuance humana, ela varia, tá ligado? É... O que caracteriza, eu acho que se for colocar no geral é isso daí... Ao todo parecer mais com um grupo de homens héteros do que um grupo de homens não héteros. Ou de pessoas não héteras...

**Entrevistador:** E o brinco, por exemplo... A argola um pouco maior... Não é algo heteronormativo?

**Moby:** Eu acho que não, só que por outro lado... No meu caso acho que a grande influência disso daí é porque eu cresci numa cidade muito hippie, então as pessoas tem uma outra relação com o corpo, com brinco, tipo, adornos no geral... E piercings... Enfim, eu acho que é um pouco essa influência, só que eu acho que vários aspectos hippies que eu pegava de brinco, pulseira ou sei lá... Piercing... Fora daquela bolha lá um pouco mais hippie era tido como gay aqui no Rio de Janeiro, por exemplo... Em outros lugares, tanto faz, tá ligado? Por exemplo, São Paulo tem uma onda de homens héteros pintarem as unhas... Que é mais comum lá dado o rolê alternativo, que eles são e que eles se representam...

**Entrevistador:** Então tem uma variação regional também do que é heteronormativo ou não?

**Moby:** Sim, eu vejo isso daí sim...

**Entrevistador:** Interessante você falar sobre essa relação que vocês têm com o corpo aonde você cresceu, e como é diferente aqui no Rio, né... Você lembra de alguma outra situação, assim, que tenha te confrontado, com esse tipo de pensamento?

**Moby:** Hmn... Boa pergunta...

**Entrevistador:** Você falou sobre esse seu amigo, né... Achei interessante o caso dele. Do seu amigo que é heteronormativo...

**Moby:** Então, ele... Então, tem dois em especial. Um mora em São Paulo e o outro mora em Goiás. Esse daí que mora em Goiás eu acho que ele só se assumiu hétero.. hétero, não! Gay... Se assumiu gay depois que ele tava em Goiás, enfim... Dentro de uma outra galera, dentro de um outro rolê... Onde ele se sentia bem mais suave... Pra, enfim, ser o que ele é... Do que na mesma galera dele em Arraial

d'Ajuda, que ele é muito amigo até hoje, que é um grupo de amigos que se conhece desde os 2 anos de idade... E que tem outras pessoas também que são gay além dele... Mas ele se sentiu melhor lá... Pra depois se apresentar pra Arraial d'Ajuda e na região como gay... Não sei se isso aí vem ao caso...

**Entrevistador:** Vem, vem sim...

**Moby:** Enquanto o outro... É... O outro acho que foi o mesmo rolê... Os dois... Tá ligado? Tipo, os dois saíram da cidade... Também numa fase de mais experiências... Os dois com cerca de 18, 19 anos... Pra faculdade... Que vieram a se assumir, ou se declarar, não sei... Gay... Abertamente.

**Entrevistador:** Sim... Entendi... Interessante estes exemplos... Tô aqui pensando como realmente tem isso, né, das pessoas passarem por estas questões... E quanto à cor da sua pele, Moby... Como você se entende? Como você se declara?

**Moby:** Branco. Fora do Brasil acho que latino... Mas... Não é uma cor de pele, mas mesmo assim, não sou branco fora do Brasil.

**Entrevistador:** Uhum... E como é que é isso aqui na Esdi pra você? Você acha que ser branco na Esdi interfere em alguma coisa?

**Moby:** Eu acredito que sim, viu? Principalmente com relação aos professores...

**Entrevistador:** É?

**Moby:** É... Eu acredito que os professores num inconsciente aí, não todos, talvez os mais velhos, me tratem como melhor de alguma maneira, do que outros que não são brancos... Não-brancos ou cotistas, até... Porque eu acho que as discussões elas estão juntas também... Essas duas discussões também andam em paralelo... Da cota... E como que eu me sinto na Esdi... E também a relação dos professores com os cotistas e não-cotistas... Tipo, já teve professor na Esdi que veio falar abertamente que cotista era pior do que não cotista. Eu não vejo isso aí na minha sala, por exemplo. Na minha sala, enfim... Tem cotista dando banho em muita gente que não e cotista... E, enfim... Em vários aspectos... E... É... Eu acho que no subconsciente de alguns professores... Acho que eu me sinto melhor tratado sim.

**Entrevistador:** Uhum... E fora da Esdi... Como que é isso? Como é ser branco pra você?

**Moby:** Fora da Esdi?

**Entrevistador:** É...

**Moby:** Fora da Esdi só eu tá com um baseado no bolso e passar de boa na frente da polícia enquanto, sei lá, um amigo meu negro de dread fica com medo pra caralho e, sei lá, anda pro outro lado da rua... Pra passar naquela mesma rua...

**Entrevistador:** Alguém já te relatou isso?

**Moby:** Já... Um amigo meu mesmo que...

**Entrevistador:** Ah, esse caso é real?

**Moby:** Aham... O L. [nome omitido]... Ele não gostava não, de passar perto de policial, estando ele com um flagrante...

**Entrevistador:** Sim... E você fica de boa?

**Moby:** Sim, eu sim... Eu fico de boa, assim... Na Lapa... Super tranquilo... Nunca tive nenhum problema, nunca fui abordado... Tranquilamente, assim... É...

**Entrevistador:** Hmmnn.?

**Moby:** É... Não sei o que mais... Na Lapa, né... Tem muita população de rua... Tem muita gente em situação de vulnerabilidade social...

**Entrevistador:** Sim...

**Moby:** É... 99% deles negros... 90% pelo menos, a maior parte, e sei lá... Por outro lado os donos dos estabelecimentos... A maior parte são homens brancos... Que tão por trás dos bares, de todos os bares da Lapa, na verdade... Acho que eu nunca vi uma mulher... A maior parte são homens... Tô meio pensativo com essa pergunta... Risos.

**Entrevistador:** É? E você não quer falar mais nada?

**Moby:** Não sei... Acho que não...

**Entrevistador:** Beleza... É... Tem algumas coisas que a gente pensa em relação ao design, né... E aí quando você compra alguma coisa pra você, e essas coisas incluem tudo, assim, é... Roupa, material... Sei lá... Mochila... Qualquer coisa que você compra pra você... Você de um modo geral pra pra pensar se essas coisas vão criar uma imagem sobre você... Socialmente falando?

**Moby:** Cara, antigamente eu cagava, eu era muito utilitarista das coisas... Foda-se se eu tô saindo com uma coisa muito cafona ou qualquer coisa do tipo, eu não ligava, foda-se... Muito anticonsumista no geral... Ainda tento ser e comprar a maior parte de roupa em brechó... Tem umas coisas que eu até compro, sei lá, tênis eu parei de comprar usado porque eu tive experiência só ruim com tênis usado... Mas a maior parte das coisas ainda prefiro comprar em brechó ou usado, mas antes era bem mais anticonsumista... Mas também depois comecei a perceber que algumas coisas que eu usava dava uns retornos estranhos de outras pessoas com relação àquilo ali que eu tava. Uma roupa muito estranha... Uma combinação de roupas meio esquisita... E aí eu acho que as coisas que hoje em dia eu compro são melhor planejadas com relação ao que eu vou receber de feedback das pessoas que me olham e estão ao meu redor...

**Entrevistador:** Ah, é? As pessoas dão feedbacks em relação a?

**Moby:** Ah, as pessoas sempre dão feedback, né? Tipo, seja um olhar diferente, seja chamar a atenção na rua de determinadas pessoas, de mais pessoas ou de menos pessoas... Então, hoje eu dia eu tenho certo planejamento em relação a isso, a mais...

**Entrevistador:** Então você se preocupa de alguma forma que imagem as suas roupas vão transmitir sobre você?

**Moby:** Mas eu acho que aqui no Rio talvez mais do que na Bahia... Por exemplo, aqui no Rio eu tenho mais cueca do que na Bahia, porque lá eu só saia sem cueca pra tudo quanto é lugar, só de bermuda... Enfim, tanto faz...

**Entrevistador:** É normal?

**Moby:** Era ok, era tranquilo, não tinha nenhum problema... E eu também acho que era até por uma questão de limpeza da cidade... A cidade lá é menos poluída como um todo... Aqui eu sinto uma maior necessidade, por exemplo, de andar de tênis...

De usar as roupas como utensílios de proteção com relação ao corpo do que eu tinha lá... Então lá acho que era ainda mais de boa, mais tranquilo ainda em relação à roupa... Até porque lá eu acho que a questão da roupa muda um pouco, porque o Rio é praiano, é, mas lá é mais praiano ainda, porque lá você tem a maior parte das casas perto da praia do que no Rio... Aqui no Rio pra você chegar na praia em muitos lugares é horas de viagem, e seria tanto quanto uma pessoa de outra cidade chegar na praia, enfim... E aí acaba que... A roupa lá... Ou muito do que você é com relação às outras pessoas não é sua roupa, é o seu corpo mesmo porque você tá usando menos roupa... O Rio de Janeiro também tem muito isso, tá ligado? As pessoas aqui têm uma questão com o corpo, se preocupa mais com o corpo, do que, sei lá, São Paulo ou BH, talvez, porque lá usam mais roupa enquanto aqui estão mais de biquini... E mais perto da praia... Tá certo que isso aí não é uma realidade do carioca como um todo, mas mesmo assim é uma realidade de boa parte do Rio... E é mais aceito você andar de chinelo ou andar de bermuda tectel ou uma roupa mais mostrando o corpo... Por outro lado, você aqui tem uma maior pressão em ter o corpo bonito do que nos outros lugares, eu acho que isso aí em Arraial d'Ajuda acontece ainda mais que aqui...

**Entrevistador:** Ah é? Lá tem uma pressão?

**Moby:** Sim... Todo mundo lá tenta ser bonito, quer ser bonito... Ou...

**Entrevistador:** Bonito como?

**Moby:** Fazer muita academia, ser muito vaidoso com relação ao corpo, principalmente nesse sentido... De vaidade com relação ao corpo, de malhar, de ficar torado, coisa do tipo...

**Entrevistador:** Sim... Então tem mais ou menos uma norma, né? Do que é um corpo ideal, assim?

**Moby:** Sim...

**Entrevistador:** E lá como o contato com a praia ainda é maior do que aqui essa norma ainda é mais fácil de perceber?

**Moby:** Eu acho que sim. Talvez, por exemplo, se fosse pra comparar com as regiões do Rio mais litorâneas talvez seja pau a pau, mas...

**Entrevistador:** É, tipo em Copa(cabana), né? Em Copa é normal você ver na rua as pessoas andando de biquini...

**Moby:** É, na verdade não é só normal, é o mais comum de se ver...

**Entrevistador:** É... Não é o mais comum, vai ter muita gente de roupa e tênis também, mas dá pra ver gente de biquini e de sunga, e de short...

**Moby:** É, mas você vai vendo muito menos gente de gravata e terno... É... Sei lá, os seguranças dos hotéis de luxo... Tirando eles ninguém anda...

**Entrevistador:** É... Sim... Sim... Verdade. É... E em relação a como você se percebe, assim, a sua personalidade... E como as pessoas te percebem... Como as pessoas te enxergam socialmente... Você acha que essas imagens... A autoimagem que você tem de você é a mesma... Ou você acha que não?

**Moby:** Isso aí vai variar... Vai variar de pessoa pra pessoa... Que nem eu falei, a roupa que eu tava, que eu fui pro mercado, num padrão hétero cis e pro cara do mercado não era... Era cis talvez mas não hétero. Então as pessoas todas, elas

olham e elas julgam... Elas olham e entendem as coisas a partir do repertório que elas já têm sobre as coisas, enfim, sobre tudo ali... Então, não... Não acho que é o mesmo não... Eu acho que eu tenho uma visão de mim que vai ser bem diferente da visão que as pessoas têm...

**Entrevistador:** Sim, e como é que você se vê, assim, em termos de personalidade?

**Moby:** Em termos de personalidade... Aí eu vou ser um pouco afetado por uma ideia que a A. que mora aqui vive falando, que é sobre os 16 modelos de personalidade... Que ela me identifica como arquiteto e introvertido... Mas ela me vê como introvertido por conseguir falar com as pessoas mas não estar sempre buscando contato social... Um pouco assim, mas acho que vai um pouco de humor... Às vezes tô muito de sair, às vezes tô mais na minha, quero ficar em casa, mais tranquilo... Me sinto calmo... Me sinto analítico... É... Me sinto livre pra conversar sobre qualquer coisa, eu acho... Tipo, sem julgamento de pudor... É, acho que é isso daí...

**Entrevistador:** E você acha que como você se veste, as coisas que você usa... As visualidades que você gerencia também, de um modo geral, fazem diferença então? No que as pessoas percebem de você?

**Moby:** Com certeza... Aham... Se eu quero sair mais arrumado por algum motivo pra chamar atenção de, sei lá, fêmeas, digamos assim, no sentido sexual, eu vou sair com uma outra roupa do que se eu tiver com preguiça, tipo, quero só ir ali no mercado...

**Entrevistador:** Ah, é? Pra chamar atenção assim, especificamente, você acha que tem uma roupa que funciona melhor?

**Moby:** Eu acho que sim, que nem as pessoas quando saem na Lapa a noite vão sair mais arrumadas porque tão indo pra uma festa, pra uma balada, boate...

**Entrevistador:** Olha, que legal! É verdade...

**Moby:** Cê vê a galera, por exemplo, da filosofia que é uma galera mais alternativa, mais de boas com essas coisas que vão pra festa de pijama e são tratados como esquisitões pela sociedade...

**Entrevistador:** Sim! Risos... E você é solteiro?

**Moby:** Eu sou solteiro.

**Entrevistador:** Então quando você quer sair pra ficar com alguém você tem uma roupa específica que você acha que funciona mais pra essa finalidade?

**Moby:** Eu acho que sim... Tipo assim, no meu caso, por exemplo, minha relação com a roupa... Acho que isso aí sempre foi muito ensinado, até... Minha mãe sempre falava "ah, roupa de ficar em casa e roupa de sair.". E eu sempre que fui um pouco meio que seguindo essa métrica... Das roupas de ficar em casa e das roupas de sair. Aí quando eu fui crescendo um pouco mais eu comecei, assim, a ter umas roupas que não era só de ficar em casa... As roupas de ficar em casa eu também poderia sair... E muitas vezes as de ficar em casa eram as de sair que ficaram velhas e acabaram virando só de ficar em casa. Mas aí tem outras roupas, por exemplo, tem duas camisas especiais que eu quase nunca uso elas porque eu acho elas muito bonitas e eu só saio com elas em situações que eu tô, tipo, muito animado, pra qualquer coisa... Sempre que eu tô com elas eu recebo muito elogio, mas eu não saio

muito com elas porque, enfim, não sei... São duas camisas de botão floridas que seriam meio que as... Se for colocar numa hierarquia de roupa de sair, essas são as mais altas, assim... Essas duas camisas...

**Entrevistador:** E aí você sente que você faz sucesso com elas?

**Moby:** Ah, eu... Eu acho que sim... As pessoas falam, tá ligado? “Ah, nossa... Essa camisa é bonita...”

**Entrevistador:** Sim, então, tipo assim, quando você tá a fim de sair pra ficar com alguém você sabe que tem uma camisa específica ou um código de roupa específico que funciona?

**Moby:** Então... Tá um porém... Essas camisas acho que funciona até muito mais com as pessoas eu conheço do que às vezes com pessoas da rua, aleatoriamente... No meu entender, essas camisas aí seriam sim as roupas pra sair pra me dar bem mas eu não sei se esse é o feedback... Eu lembro que uma das camisas das duas que eu acho mais bonitas em questão, a última vez que eu saí com ela eu não tive nenhum desses feedbacks bons em termos de ficar com outras pessoas... Com aquela blusa naquela noite...

**Entrevistador:** Sim... Sim... E tem alguma camisa, assim, pra pegar?... Tipo “hoje vou pegar alguém, vou botar essa camisa!”?

**Moby:** Eu acho que não... Não...

**Entrevistador:** Mas tem algumas que dá pra evitar?

**Moby:** Camisas mais zuadas, né...

**Entrevistador:** Mais zuadas?

**Moby:** Nesse sentido sim...

**Entrevistador:** E como é que é uma camisa mais zuada?

**Moby:** Aí acho que vai do caimento da roupa no corpo... Porque tem os padrões, né... Tem camisa, por exemplo, que me deixa mais nerd... No meu entender, né... Ou que me deixa mais zuado... Menos zuado... Mostrando que teve mais, enfim, é... Que teve mais vaidade em usar... Ou sei lá, uma camisa que tá muito desbotada, uma camisa velha, camisa furada, que até pouco tempo eu usava muito, mas aí tô tentando evitar...

**Entrevistador:** Na rua, que você tá falando?

**Moby:** Na rua, é...

**Entrevistador:** É, eu também faço isso... Risos

**Moby:** De sair com a roupa furada?

**Entrevistador:** Aham...

**Moby:** É...

**Entrevistador:** Faço legal (risos)... Então, agora também tô repensando... Se eu devo dar uma segurada também...

**Moby:** Aí não sei, né...

**Entrevistador:** É uma ideologia, né... Risos

**Moby:** Mas aí por exemplo, também não saio pra festa ou pra um ambiente...

**Entrevistador:** Só supermercado?

**Moby:** Mais isso... Ou sei lá, na rua, dar um passeio...

**Entrevistador:** Sim, entendo... Interessante notar como tem códigos de atuação, né...

**Moby:** Sim, sim... Tudo quanto é lugar, né... Códigos de conduta... Se você não utiliza aquele código de conduta que a pessoa espera que você utilize...

**Entrevistador:** E o design muitas vezes é um indicativo disso, né?

**Moby:** Sim, com certeza o design é um indicativo disso. Porque, querendo ou não, uma parte do design, que eu acho que é uma parte que o mercado vangloria muito no design mais do que a gente deveria, é o papel estético dele em transformar as coisas em bonitas...

**Entrevistador:** Hã? Como assim?

**Moby:** É... O designer é contratado pra transformar uma coisa meio qualquer em bonita... E você vai ter uma embalagem, enfim, quando você contratar um designer pra fazer uma embalagem você quer torná-la bonita aos olhos de quem vê. Ou ao público específico que você tá querendo atingir... Isso daí serve pra roupa que você tá querendo utilizar... Se é uma roupa que você quer sensualizar, talvez, a mulher vai usar um vestido vermelho com batom vermelho, porque, enfim, são códigos pra isso... E aí vai do caimento, vai da forma do design, vai da cor escolhida, vai do vermelho, da tonalidade escolhida... Isso é tudo um tanto papel do designer também, né? É um tanto, não... É o papel dele... Pesquisar... É... O que mais? Aí tem a roupa, embalagem... E isso daí em vários aspectos... Num folheto, num manual... A forma como você aplica uma informação diz muito sobre a informação... Ou seja... Isso aí vai tá num cartaz de um filme, deixando o cartaz mais estético... Ou querendo parecer mais... Ou comunicar melhor qual que é a temática... Então, voltando pro assunto de roupa, isso daí é o papel do design também, porque a forma como ele vai fazer a roupa vai ser atingida por um padrão de pessoas que vai acabar querendo utilizá-lo ou não...

**Entrevistador:** Interessante... Essas colocações...

**Moby:** Que mais? Em Portugal... Eu já morei um ano em Portugal... Eu fiz comunicação lá...

**Entrevistador:** E como é que foi?

**Moby:** Eu fui naquela parada do Enem... Eu tinha bolsa lá, então eu pagava mais barato na mensalidade... Lá eu cagava muito pra roupa, só comprava roupa usada, tinham roupas que eu usava já há muito tempo, que eram as mesmas... Tinha um cabelo grande... E andava sempre meio mal-vestido, coisa do tipo, comparado aos portugueses e as pessoas lá me tomavam por cigano. Tipo, eu entrava nos estabelecimentos, eu era mal-visto... Tipo, mesmo! Porque eles achavam que eu era cigano até eu abrir a boca e falar alguma coisa... Aí quando eu falava alguma coisa eu era brasileiro, e não mais cigano. E aí às vezes sofria um melhor tratamento ou pior tratamento... Por exemplo, eu já fui lá abordado pela polícia e quando percebeu que eu não era português eles ficaram tranquilos porque acharam que a gente era turista lá... Tava só viajando e curtindo. Mas até eles perceberem que a gente não era... Porque eles acharam que a gente só fosse portugueses... Fazendo, é... Enfim... Uma fogueira na praia e fumando haxixe... E quando eles perceberam que a gente

era turistas, entre aspas, na verdade a gente não era turista, todo mundo era estudante brasileiro... Eles ficaram tranquilos, e até falaram “ah, a gente não vai revistar vocês, mas o uso de psicotrópicos é proibido em lugares públicos.” Esse foi o maior esporro. Mas até eles perceberem... “Aqui é a Polícia Marítima, não sei o que... O que que vocês tão fazendo aí? Falam português?”, aí a gente “Fala...”, “E o que que vocês não entenderam ainda?”... Isso aí foi a abordagem, mas depois que eles perceberam mesmo que a gente não era, aí que eles ficaram mais suaves, mais tranquilos, só pediram pra gente apagar a fogueira e jogar a bagunça que a gente fez no lixo. Tipo “Ah, joga esse resto de madeira da fogueira no lixo, apaga ela...” E... Eu lembro uma vez que eu tava na Decathlon lá... Vazia, vazia vazia... Não tinha ninguém na Decathlon, só tinha eu, e tipo assim, o segurança passou... E tipo assim, Decathlon gigantesca, né, passou duas vezes no mesmo corredor que eu tava... Eu acho que isso aí foi tendencioso na época, por ele achar que eu era cigano. Acredito eu... É... Eu lembro uma vez também que eu entrei num estabelecimento, e esse estabelecimento daí tinha um monte de sapo em cima da bancada... E sapo em Portugal... Sapo... Cigano tem aversão a sapo. Então os portugueses colocam sapo nas fachadas das lojas, dentro das lojas, sempre pra poder afastar os ciganos de alguma maneira... Pra que eles não estejam naqueles locais... E eu fui lá uma vez e entrei num local desse, tava numa cafeteria, e eu só percebi que tinham esses sapos na hora que eu fui pagar, e na hora que eu fui pagar essa mulher, ela fez uma cara de espantada. E aí quando eu abri a boca ela também ficou mais suave... E enfim... Ah, não é cigano.

**Entrevistador:** Sim... E o que é ser cigano em Portugal?

**Moby:** Cara... É... O cigano... Cigano é aquela pessoa que... Não pessoa, né... Mas aquele grupo de pessoas que se entende como povo, né, que tem uma cultura muito específica, eles não têm casa, mas por vezes tem até uns carrões grandes, mas eles vivem sempre acampados em determinados locais, eu lembro uma vez que tinha perto da casa que eu morava um acampamento cigano... Que dava pra ver da minha casa... Era inverno e eu tava morrendo de frio em casa e eles tavam ao ar livre, só que eles tinham uma espécie de cabana, que ela tinha lona em todos os lados, mas em cima no teto, no céu não tinha nada... E era um espaço fechado onde eles colocavam uma fogueira no meio pra poder se esquentar... É... E o cigano, por exemplo, eu já comprei maconha falsa de cigano em Portugal que ele me vendeu parecendo ser uma maconha verdadeira... É... Pouco tempo depois que isso aí ocorreu... No mesmo dia, eu lembro que um maluco foi lá e me ofereceu um haxixe e aí eu expliquei a situação pra ele, ele foi lá e nos deu um pouco de haxixe, esse aí era um black, e aí ele foi lá e falou “só compre com os blacks, não compre com cigano.” E aí eu lembro que continuei essa viagem e subi pra Cidade do Porto, e lá, no primeiro dia que eu cheguei na Cidade do Porto, um cigano veio me oferecer maconha e eu falei “Não, não uso essas coisas.”, e no mesmo segundo depois ele foi lá e falou “ah, eu tenho um iPhone 6 aqui, você quer comprar? Vendo por baratinho”... Então, tipo, o cigano ele é uma pessoa que engana, principalmente os homens ciganos, mas ele é um grupo de pessoas, que tem as pessoas que são as... Que isso acaba gerando um preconceito com os ciganos em Portugal, porque eles enganam, eles roubam coisas... Vendem produto roubado... Eu comprei uma bicicleta lá por muito barato e depois que fui perceber que essa bicicleta provavelmente era roubada e que o cara que me vendeu era um cigano... E ele tava indo num acampamento... Eu tava indo num acampamento com ele, até achei que eu ia ser roubado quando eu chegasse no acampamento, tá ligado? Acabei decidindo voltar... Só que



aí, ao mesmo tempo, eu lembro de um amigo meu falando que ele trabalhava num único lugar 24h da cidade, que era o Lapa 24... E... Ele via todo início de mês, os ciganos eles têm uma ajuda de custo lá em Portugal pra poder... Enfim, recebem um dinheiro do Governo, e aí, todo início de mês, acho que era isso daí, ele via um monte de cigano ostentando no lugar onde ele trabalhava, tipo, comprando cerveja muito mais caro lá do que se tivesse comprado no mercado e botado pra gelar de alguma maneira, ou às vezes o mercado tinha até cerveja gelada já... Eles compravam cerveja cara em local caro e passavam de bar em bar, assim, tipo... E às vezes numa mesma noite, uns caras tavam lá gastando muito dinheiro... E saíam do bar e iam pra um outro... E naquela mesma noite passava umas duas, três mulheres com uma criança de colo procurando pelo mesmo cara que, enfim, tava bebendo e ostentando no bar com os amigos e cantando músicas e enfim... Coisas do tipo... Então, as mulheres e crianças ciganas sempre são meio que fudidas porque sofrem o preconceito que cai em cima deles, não tem muitas condições... As meninas quando menstruam elas são obrigadas a casar... Senão me engano, saem da escola, essas coisas, que é uma problemática... Mas ainda assim existem uns homens ciganos que são especializados em enganar e faz parte da cultura deles também que cria esse problema pra ambos, tanto pros ciganos quanto não ciganos também portugueses...

**Entrevistador:** Sim, interessante essa história também... Eu não sabia...

**Moby:** Os velhinhos, eu lembro que eles ficavam me encarando muito, me encaravam muito... Eu passava nos locais e eles, cara! Os velhinhos ficavam me encarando o tempo todo. Tipo, eu passando e eles assim...

**Entrevistador:** Te seguindo com os olhos, né?

**Moby:** Me seguindo com os olhos, sim... E aí, por exemplo, eu comentei com um outro português que era um cara bem suave, bem massa... E ele foi lá e foi "ah, isso daí deve ser porque você é um cara de porte alto, não sei o que... Pode ser que seja até por você ser bonito, tá ligado? Que os velhos ficam te olhando...", mas não sei necessariamente se era isso, não... Eu nunca senti dessa maneira...

**Entrevistador:** Você não sentia dessa forma?

**Moby:** Nunca senti dessa forma...

**Entrevistador:** Entendi... Bom, legal Moby... As perguntas que a gente tinha programado, acho que eu consegui fazer todas, e acho que você conseguiu, é..., falar bastante sobre todas elas... Tem alguma coisa que a gente não tenha falado que você gostaria de acrescentar sobre a sua vivência na Universidade, ou sobre a sua vivência no Rio de Janeiro... Por não ser daqui também... Ou sobre qualquer outra coisa que você queira falar e que eu não tenha perguntado...

**Moby:** Relacionado?

**Entrevistador:** Relacionado a qualquer coisa! Agora a gente pode sair total dos temas, dos eixos centrais da entrevista... E você pode falar o que você quiser...

**Moby:** Não sei, assim... O carioca eu acho, assim, que é um marrento por natureza. Fechado pra caramba. Em BH você pede um cigarro pra pessoa e a pessoa te chama pra ir beber cerveja com ela e vocês ficam conversando a noite inteira, aqui no rio você pede um cigarro pra pessoa e a pessoa vai fazer cara feia e às vezes não vai querer te dar, ou vai te dar meio não querendo... É... E também eu acho o carioca mais desconfiado de tudo, do que em outros locais... BH também, né... BH é

um exemplo porque eu já morei lá também... E as pessoas em BH elas são muito conversativas e tentam sempre ajudar, e são muito... Enfim... Conversam pra caramba... Você fala com uma pessoa no bar e ela já tá conversando e puxando papo, enfim... Gosta de conversar, gosta de dar auxílio, gosta de indicar... Eu lembro aqui no Rio, uma vez que... Ali na Leader mesmo, eu passei ali pra perguntar onde é que é a Francisco Muratori, essa rua daqui, que eu ia olhar uma casa que era subindo essa rua, só que lá em cima... E o cara da Leader me mandou pro outro lado... Falando que era depois do túnel ainda...

**Entrevistador:** Nó!...

**Moby:** E aí eu fiquei meio desconfiado, né... Eu sabia que eu tava perto daqui e que não era depois do túnel... E eu acabei pedindo informação pra outra pessoa e acabei chegando aqui na rua com mais facilidade, mas fiquei boladasso... Sempre fiquei com vontade de voltar ali na Leader e tacar ovo na parada de vidro deles ou no próprio cara, mas eu não lembrava do rosto do cara e acabei não fazendo isso daí... É... Então... É... O Rio tem isso, né... A pessoa não dá a direção certa... Não tem tempo pra nada, de certa maneira... A pessoa, que é mal-humorado... Mal-humorado, não! Eu não acho mal-humorado, mas...

**Entrevistador:** Você disse marrento...

**Moby:** Marrento, é! Marrento por natureza... Enfim... Nunca fui tão enganado quanto aqui no Rio também... Da galera lá em cima (onde eu morava), sempre não deixar a informação clara e depois querer cobrar uma coisa que era meio esquisita ou uma outra coisa... Tipo... A casa aqui que eu morei a galera era muito esquisita, assim... Muito esquisita mesmo... Tipo, eles mantinham um cara lá que eles tavam explorando ele, porque ele é um alcoólatra, era um pedreiro alcoólatra, então eles deixam ele morar lá mas dão uma remuneração fudida pra ele... Tipo... É... Enfim, mantém o cara viciado lá só porque ele faz as coisas da casa deles... E pagam um preço baratíssimo pra ele... E... Eles tem um centro de umbanda que abriram, mas eu acho que é mó 171, todo mundo ali... Fazem o centro de Umbanda pra poder pagar de boa gente, de boa pessoa, mas é uma família muito gananciosa, muito esquisita mesmo de... Além de explorar esse cara... Cara, eles nunca trataram bem nenhum morador da casa que morou lá... Muito, muito, muito... Mal educados, até... Em vários aspectos... Eu lembro que uma vez eu tava de mudança... E o filho da dona me deixou deixar uns armários lá pra buscar no dia seguinte, eu fui no dia seguinte, e a dona veio me cobrar 25 reais porque eu deixei lá mais uma noite as minhas coisas, tá ligado? Isso daí na verdade porque ela não queria me dar o calção inteiro que eu tinha deixado... Ela queria me pagar 100 reais a menos do calção...

**Entrevistador:** Essa casa era onde?

**Moby:** Essa casa era na rua [endereço omitido]. É... Você sobe aqui essa rua... E na rua do topo dos Arcos da Lapa... Você vai chegar nela... Eu até hoje fiquei com vontade de denunciar eles, deveria ter denunciado na época por causa do A. [nome omitido], que é o...

**Entrevistador:** O pedreiro?

**Moby:** O pedreiro viciado que eles mantêm lá...

**Entrevistador:** É uma situação, né?

**Moby:** É foda, tá ligado?

**Entrevistador:** É uma super situação...

**Moby:** Tipo... Reza a lenda, o G. que mora comigo já escutou o R. [nome omitido] falando coisa do tipo “Ah, ainda bem que o A. voltou...”, porque o A. tava desaparecido por alguns dias, é, enfim... Quando ele fica bêbado e quando ele tem algum dinheiro ele e fica cheirando coca e fica viciado na rua, assim, na merda de certa maneira... Alguns dias... E depois ele volta pra casa, às vezes machucado, às vezes não... E, enfim, aí ele ficou uns 5 dias desaparecido, e aí o R. falou “ainda bem que o A. voltou!” – no dia que ele voltou, “porque minha mãe se fosse pagar alguém pra fazer essa obra” – que tinha trocado lá a bomba da casa – “ela teria pago 300 reais, mas pro A. só deu uma caixa de cigarro.” Tipo, eu não escutei isso daí... Foi o G. que mora comigo... Mas...

**Entrevistador:** Exploração, né? Trabalho análogo...

**Moby:** Exato, trabalho análogo à escravidão. E... Um outro caso também que ocorreu foi que esse P. que saiu da casa conosco, também ele... Era muito esquisito... Enfim, ele saiu da casa porque... O cara saiu do trampo dele... Ele era muito loro-teiro, inventava muito caô... Com o passar do tempo a gente percebeu que muitas das coisas que ele falava era mentira... E até um momento ele tava pagando, aí ele parou de pagar a parte dele na casa, enfim... Saiu... Tirou todas as paradas do quarto dele e bloqueou a gente do WhatsApp e deixou um monte de dívida na casa... E a gente só conseguiu reaver as paradas mesmo porque a gente falou com os pais dele, tá ligado? De um maluco de mais de 30 anos de idade... Tipo, porra! Não é mais criança, né...

**Entrevistador:** Foda...

**Moby:** Ter que falar com os pais pra poder pagar a dívida... E ele ainda ficou com uma dívida com o dono da casa, que ele nunca pagou... Ficou devendo uns 300 reais pro dono da casa... Inventava muito caô... Pra todo mundo... Depois que a gente conseguiu o número da família dele com a ex-namorada dele que a gente conheceu, tá ligado?... Que vinha aqui pra casa... E depois conversando com a ex dele que a gente percebeu que ele contava um monte de caô pra ela... Que não era necessário contar... Ele falava pra gente que a namorada dele era médica. Ela trabalhava num hospital mas ela não era médica. Ela era do Serviço Social do hospital... Mas ele falava isso daí pra ele poder se vangloriar de alguma maneira... E de uma maneira desnecessária, até... Ele falava pra namorada dele que ele falava inglês, mas também não falava porque a gente sabia que não falava... E... Ele falava pra gente que ele estudava na Estácio, Cinema... Mas a gente nunca via ele indo estudar... Eu até acho que ele começou a fazer Estácio, mas não continuou, parou em determinado momento... Ele falava pra gente que ele jogou com o Lucas Paquetá do Flamengo... Na época que ele jogava bola... Eu até acredito que ele jogou bola quando ele era mais novo e tentou carreira profissional mas não conseguiu, a questão é que o Lucas Paquetá tem 22 anos e ele tem 30 anos. Não sei se ele tem 22, mas tem 20 e poucos e... E ele tem 30... Nunca teria sido possível eles jogarem juntos, tá ligado?

**Entrevistador:** Sim... Uma série de caôs...

**Moby:** Caôzero pra caralho... Hmn... ..

**Entrevistador:** Sobre a Esdi? Tem alguma coisa que você gostaria de comentar?

**Moby:** Sobre a Esdi? Não sei... Eu gosto da Esdi... Eu acho que a Esdi, uma coisa superpositiva que a gente tem da Esdi é que os professores nossos, a gente tem...

Mais atenção dos professores do que outras Universidades tem relação aos professores... Os professores de Design são só professores de Design... E na Universidade de Engenharia o professor de Engenharia vai dar pra várias Engenharias e pra maioria dos cursos, enfim... Às vezes pra economia... E, etc... E que na Esdi todos são pro Design e tão todos ali o tempo todo... E o que eu sinto na maior parte das vezes é que se a gente pedir, correr atrás... Eles vão tentar dar atenção às nossas questões... A maioria deles, não todos... Tem uns que mais, bem mais, e outros bem menos... O M. [nome omitido] seria um que não daria atenção nenhuma... Por outro lado o R. [nome omitido] é uma pessoa massa, que dá atenção pra tudo quanto é tipo de aluno que tiver com dificuldade... Sei lá, nasceu pra ser professor e ama lecionar e coisas do tipo... Dei dois exemplos de professores que não são designers, inclusive, mas eu vejo isso aí em professores que são designers também... A Helena eu acho ela massa, atenciosa... É... Quem mais... O R. [nome omitido]... O P. [nome omitido], da maneira dele, o W. [nome omitido], um pouco menos mas também, quando tá com tempo... Tem as críticas à Esdi com as quais eu concordo muito... Com a relação a todos esses professores terem sido, a maior parte deles, de uma elite carioca, que de alguma maneira já tinha condições de estudar... Principalmente os professores que já são formados na Esdi... E que a Esdi ainda é muito elitista e tá se mudando pouco a pouco, muito recentemente... E aí acaba que muitos deles não conseguem olhar com outra ótica que não é a deles, uma ótica dessa nova população de alunos que tá entrando aí... Por causa da Educação ser um pouquinho mais aberta agora, um pouquinhozinho mais, mas tá sendo... Querendo ou não o Brasil hoje já tem mais alunos negros na rede pública do que alunos brancos... Foi uma coisa que mudou esse ano, em 2019. E aí...

**Entrevistador:** Você vê isso na Esdi?

**Moby:** O que? Mais alunos negros do que brancos?

**Entrevistador:** É.

**Moby:** Não, na Esdi não... Na Esdi eu acho que ainda tem mais alunos brancos... É... Mas eu vejo na Esdi muita diversidade... Que se comunica... E é tranquilo... E não gera problemas... Aparentes, assim... A não ser quando é um professor ou outro, figurinha carimbada, falando merda por ali...

**Entrevistador:** Sim...

**Moby:** É... Eu acho que vai mudar, assim... A gente não tem nenhum professor negro, tem?

**Entrevistador:** Acho que não também...

**Moby:** O A. [nome omitido] tá tentando ser professor lá... Seria o primeiro no caso... A gente não tem nenhum professor que vem de uma origem financeira baixa também... Todos eles acho que eram no mínimo classe média... Mas a maior parte era de uma classe de grana mais rica... Até porque antigamente a Esdi entrava por indicação, né? Então quando é por indicação, porra... Só os amigos dos professores que já tinham grana...

**Entrevistador:** Os amigos dos amigos...

**Moby:** É... Que tinham acesso... É a galera que saía daqui e ia fazer facilmente um intercâmbio na gringa ou uma pós-graduação fora do Brasil... Isso daí vai muito de encontro ao próprio propósito da Esdi de formar pessoas pra fazer trabalho braçal... Porque a Esdi em seu início ela era pra fazer pessoas pra se tornarem marceneiros

e criar mobiliário pra mobiliar Brasília... Que me parece... Pelos estudos, eu acho que do P. ... Acho que já vi isso em sala... Outras pessoas também já comentaram coisas parecidas... E a galera da Esdi chegou, tipo, uma galera ricaça, que acho que no geral no Brasil tem essa relação de quem é rico não querer fazer o trabalho braçal... E você tendo pessoas ricas numa Universidade voltada para o trabalho braçal era totalmente não condizente, uma proposta com a outra... Talvez até por isso a Esdi não se tornou... Foi um fracasso com relação ao que ela nasceu pra ser na época que nasceu pra ser... No caso, fazer mobiliário pra Brasília...

**Entrevistador:** Muito bom, Moby... Você quer comentar mais alguma coisa? Sobre qualquer outra coisa?

**Moby:** Acho que não... É isso...

**Entrevistador:** Tá satisfeito? Falou tudo que você tinha falado de falar?

**Moby:** Acho que sim... (risos)

**Entrevistador:** Então eu vou pausar... E a gente conversou durante 56 minutos... Você sentiu?

**Moby:** Não! (risos) Pareceu bem menos.

**APÊNDICE G** – Entrevista Sol**Entrevistado(a):** Sol**Data:** 19/12/2019**Local:** Esdi, auditório da pós-graduação**Entrevistador:** Vamo lá... É.. Tem umas perguntas iniciais... Que são só pra...**Sol:** Registro.**Entrevistador:** É... Registro. . Fala seu nome pra mim, [nome omitido]. Todo...**Sol:** [nome omitido]**Entrevistador:** E a sua idade?**Sol:** 31 anos.**Entrevistador:** E você é de onde?**Sol:** Eu sou de São Luiz Gonzaga, uma cidade de 30 mil habitantes no interior de Rio Grande do Sul...**Entrevistador:** E o seu vínculo com a Esdi?**Sol:** Eu sou estudante de doutorado aqui do programa, desde 2017.**Entrevistador:** E você é cotista?**Sol:** Não. Mas eu sou bolsista da Capes.**Entrevistador:** Aham, beleza... É... Sol... A gente tá dando aos entrevistados e às entrevistadas a oportunidade de se batizarem com um nome fictício pra gente pode usar esse nome, atribuindo às falas que forem representativas e que tenham alguma conexão com a pesquisa...**Sol:** Uhum...**Entrevistador:** Então você não precisa falar agora, tá? Mas depois é interessante que você possa se batizar com um nome... Tá bom?**Sol:** [Sinal de positivo com a cabeça]**Entrevistador:** Com quem que você mora?**Sol:** Com meu companheiro... E com a minha gatinha...**Entrevistador:** Sim, e vocês moram onde?**Sol:** Na Tijuca...**Entrevistador:** Tá, e como que é que vocês fazem o trabalho doméstico lá?**Sol:** A gente divide bem o trabalho doméstico, tem coisas que eu gosto mais de fazer que outra, e tem coisas que o B. [nome omitido, companheiro] faz melhor que eu, então a gente meio que divide por habilidades e gostos, assim, claro que às vezes, né... Mas o B. chega a ser mais organizado com a casa do que eu, sabe?... Mas, assim, eu... Cozinheiro bastante e o B., por exemplo, lava a roupa, faz uma parte mais assim... Mas mais do dia-a-dia, assim, os trabalhos são bem divididos...

**Entrevistador:** Uhum... Beleza... E você recebe alguma ajuda de custo da Universidade? Você disse que é bolsista da Capes?

**Sol:** É, sou bolsista, sou bolsista da Capes... E a bolsa de doutorado atualmente tá em R\$2.200,00.

**Entrevistador:** E como que é a bolsa, assim... Ela cai legal, funciona bem?

**Sol:** Cai legal. Ela cai até o quinto dia útil... Nunca tive problema de atraso com esse prazo, e... E é isso, mas a gente não tem nenhum outro tipo de garantia, é 2.200,00... O último reajuste, senão me engano, foi 2013... 2012... E que subiu abaixo da inflação... Então faz bastante tempo que não tem reajuste, né... Principalmente considerando os fluxos econômicos que ocorreram nos últimos anos... E a gente não tem décimo terceiro, e não tem nenhum outro tipo de garantia além da bolsa... E... É... Eu considero uma bolsa baixa pra pedir dedicação exclusiva à Universidade.

**Entrevistador:** A bolsa pede dedicação exclusiva?

**Sol:** Pede, pede...

**Entrevistador:** O que exatamente isso te impede de fazer, assim?

**Sol:** Eu não posso ter um emprego regular, né... Agora tem alguns empregos que são permitidos... Se tu vai fazer algo que seja complementar à sua formação como pesquisador pode... Então por exemplo, dar aula em universidade, desde que não tenha um regime de 40 horas pode... Sabe? Então tem algumas... Se identifica algumas questões que você pode ter um emprego além da pesquisa, mas é bastante difícil, né... Dentro das condições de trabalho que a gente tem, tu conseguir um trabalho que seja de vínculo... Eu não sei qual é o nome oficial disso, mas um vínculo que seja parcial, né... De 10 horas, 20 horas... Porque não é todo mundo que tá disposto a contratar um profissional que só possa trabalhar essa carga horária, né... O que muita gente faz é ter MEI, e aí trabalhar via MEI... E aí com as precarizações que o MEI impõe também para o trabalhador, né... Então, o sistema de pesquisa no Brasil é um sistema que não valoriza o pesquisador... Eu acho que as bolsas são ótimas, acho que elas devem ser continuadas, inclusive o pouco que se tem a gente tá correndo risco de perder, né... Diante do que tá sendo colocado pelo governo... Mas elas não valorizam o pesquisador... Inclusive porque poucos projetos de pesquisa são financiados para além da Capes e do CNPQ, sabe?... Bolsas vinculadas à projetos... A maioria deles é internacional... Então, é... E na nossa área, o design, quando não tá voltado à tecnologia tem muitos poucos projetos que têm capacidade de acolher essas bolsas, mesmo no exterior, né... Então... Não sinto que a gente é valorizado como profissional nesse sentido, porque R\$2200,00, pedindo dedicação exclusiva numa cidade como o Rio de Janeiro é uma situação bem difícil... Uma pessoa com 31 anos, sabe?... Tipo...

**Entrevistador:** Sim, entendi... E tirando o seu exercício na Esdi como pesquisadora você exerce alguma outra função remunerada fora daqui?

**Sol:** Eu atuo esporadicamente como educadora pela Universidade Livre Feminista, que é uma plataforma de formação política para mulheres...

**Entrevistador:** Aham...

**Sol:** Mas... Como também é uma plataforma financiada via projetos de ONG, e a gente vem tendo um menor valor colocado para atuação em terceiro setor, principalmente formação política, né, que às vezes mensurar isso é uma coisa mais... Que a

galera quer uma coisa mais efetiva, que vai demonstrar uma efetividade do projeto, e tal... Então a gente teve só uma formação esse ano... Então eu ganhei uma grana janeiro, fevereiro e março... E não tive mais esse vínculo durante esse ano inteiro, os outros trabalhos que eu fiz foi de forma voluntária... E às vezes eu realizo alguns freelas de design gráfico... Porque é isso que nos mantém... Mas também não é uma coisa que eu tô divulgando sempre, chega mais por gente que eu já conheço, que já conhece meu trabalho...

**Entrevistador:** Sim... E aí te acionam, né?

**Sol:** Uhum...

**Entrevistador:** Sim... E quando você faz esses freelas, como é que é a negociação disso?

**Sol:** É, assim... Eu tive alguns problemas, mas é bem difícil porque na maior parte são pessoas bem próximas de mim, amigas da militância... E... Terceiro setor... Então a minha cobrança também não é uma cobrança de valor integral, eu sei que meu valor tá abaixo do mercado, mas eu sei também que é importante fazer o trabalho pra militância, e é legal que elas contratem uma designer pra fazer, ao invés de mandar numa gráfica qualquer, sabe... Que às vezes é o que acontece... Então eu acabo pegando alguns trabalhos com um valor mais de brotheragem, assim, porque eu entendo que é um trabalho que tem um valor pra militância... Tem um valor em si por ser da militância, mas que também tenho tentado conscientizá-las sobre o valor desse trabalho, sabe? Então é um trabalho, também, junto à essas minhas companheiras, minhas amigas, que percebem o valor de ter uma designer trabalhando junto a elas, mas que ainda tem uma dificuldade de mensurar isso em um valor sabe, um valor monetário... E eu acho que essa sensibilização vindo de alguém que trata com seriedade o trabalho, e que trata a relação com elas com seriedade, acho que tá vindo de uma maneira positiva, sabe? Eu sinto que algumas pessoas já tão mais sensibilizadas nesse sentido... E... Valorizando isso, de fato, né...

**Entrevistador:** Sim, e você então geralmente... Você tem essa conversa, né... Você tenta abordar essa questão...

**Sol:** É... Eu uso umas tabelas de preço, né... Eu falo “ó, o preço no mercado geralmente é esse... Mas como a gente não tá fazendo um projeto fechado... Porque às vezes é uma coisinha ou outra que elas precisam, né... É uma diagramação de um relatório, que nem tem tanta coisa... É texto, sabe? A gente sabe que a dificuldade é bem menor do que um relatório com tabelas, imagens, com coisas assim... E aí eu tento sempre fazer uma demonstração... “esse é o preço do mercado, mas o trabalho que vocês tão me exigindo não é um trabalho que exige tanto tempo assim de dedicação quanto isso, o preço que eu vou cobrar é esse... E quero que vocês entendam que é porque é da militância, é porque é isso, mas pra que vocês também vejam... É... O... O que é esse trabalho profissional, sabe? Porque eu sou uma profissional, não sou só amiga da militância, eu sou uma profissional do design... E aí eu tento fazer essa comparação... Tipo “ah, o preço pra empresa seria isso...”, pro terceiro setor a gente sabe que tem uma, né... Pequenas ONGs, não as superempresas ONGs, mas as pequenas ONGs que tão atuando na base, elas também não tem tanto recurso assim, né... Pra desenvolver esses materiais, então parte disso, né... O quanto pode dar pelo teu trabalho... Mas eu sinto que elas tão entendendo e tão recebendo bem isso. E aí assim, tipo, tem alguns trabalhos que “ah, beleza... A gente não pode dar esse valor integral, mas aí a próxima vez que vier um negócio, a



gente já te contrata...”, então já fica meio um arranjo de que a próxima verba que vier já vão me contratar pra fazer um negocinho aqui... Sabe?

**Entrevistador:** Sim... E esses trabalhos, eles têm algum respaldo trabalhista... Vocês geralmente fazem contrato...

**Sol:** Não, não... Não faço contrato não...

**Entrevistador:** É um acordo mais... Informal?

**Sol:** Informal, é...

**Entrevistador:** Geralmente por e-mail?

**Sol:** É... A gente sempre acorda tudo por e-mail, é... Tem uma específica que gosta muito do WhatsApp eu sempre prefiro levar pro e-mail, mas... Eu nunca tive problemas nesse sentido, assim, sabe... Inclusive porque são pessoas muito próximas mesmo, sabe... Então a gente... Nem elas nem eu sugerimos contrato, assim... Mas também, é uma coisa desse ano, assim... Desse ano pra cá que eu tenho trabalhado mais com elas, assim... E são valores baixos, assim, né... Não são grandes projetos, é... Material por material... Então fica bem...

**Entrevistador:** Sim... E... Você fez a graduação aqui no Rio?

**Sol:** Não, foi lá... Lá em Santa Maria no Rio Grande do Sul... Na UFSM...

**Entrevistador:** Ah... Verdade! O mestrado você fez aqui?

**Sol:** Fiz o mestrado na engenharia na COPPE...

**Entrevistador:** Na Coppe... Isso, eu lembro. E você fez o mestrado em design também?

**Sol:** Não, mestrado na Engenharia... Engenharia de Produção...

**Entrevistador:** Na Engenharia, verdade... Sim... E você fez a graduação em design...

**Sol:** Sim, em programação visual, né... Que é como chamava...

**Entrevistador:** Sim... E ao longo desse exercício profissional, desde graduação... Você fez muito freela?

**Sol:** Não, não... Eu não pegava muito freela, eu me sentia bastante insegura pra pegar freela, sabe? Não me sentia muito...

**Entrevistador:** Por que especificamente? Você consegue identificar?

**Sol:** Eu acho que eu me sentia insegura com o meu trabalho mesmo, sabe? Não me sentia... Não era nem, porque assim... Durante a graduação eu nunca passei perrengue de grana, assim, sabe... Sempre tive uma vida bem confortável, e aí eu desenvolvia umas coisas gráficas, e tal... Trabalhei numa ONG também, lá em Santa Maria, eu era coordenadora de Comunicação de uma ONG, que umas amigas fundaram, e aí logo de cara eu já abracei, assim... E aí foi onde eu tive a maior parte das minhas experiências na graduação, foi conduzindo os trabalhos na ONG de forma meio autônoma, com uma galera que também tava lá de voluntário e tal... Mas eu assumir freelas, pra algo tipo... E aí depois disso... Eu nunca trabalhei muito com gráfico, né... Eu saí da graduação e logo comecei a trabalhar com coisas de serviço, de inovação social e tal, e que a gente precisa também trabalhar com coisas gráficas porque a gente precisa desenvolver várias coisas, mas não é o produto final, né... O

produto final não é o gráfico, o gráfico é meio para se acessar uma outra coisa... E aí eu nunca tive muito essa cultura de freela, acho que pela minha não necessidade material que a graduação não me colocou, e porque depois eu comecei a trabalhar com outras coisas que pra mim tavam mais interessantes... Então também não tive essa necessidade, nem essa vontade, sabe? E aí recentemente, agora, pelas questões materiais mesmo de precisar... Fazer outros trabalhos... E por terem surgido também essas coisas, né... “ah, fala com a Sol porque ela é designer...”, e a galera da militância do feminismo me conhece... E aí me chamou, sabe? E aí eu tô meio embarcando nessa e curtindo fazer, sabe? Mas eu acho que é uma coisa que eu meio tipo... Eu nego essa minha história gráfica... Do design gráfico...

**Entrevistador:** É? Olha...

**Sol:** Então eu acho que também tá sendo um processo de eu me entender como designer gráfico... Porque eu sou designer gráfico mesmo... Tem que fazer essas porras, sabe? Mas por muito tempo eu neguei isso, sabe? Tipo “ai, eu não quero saber disso! Tenho outras coisas pra fazer!”, e na verdade eu tenho uma graduação nisso, então pô, ficar atento que isso também é uma habilidade construída ao longo de tempo, né... Por mais que eu tenha perdido um pouco as minhas habilidades de software, por ficar longe e só quebrar um galho... Eu perdi muita coisa, sabe? Tem que procurar muita coisa... Tem que procurar vídeos no YouTube, mas, eu acho também que é uma tentativa de reconciliação com esse meu princípio de história no design, assim, sabe?...

**Entrevistador:** Que legal ouvir isso, não imaginava... Engraçado...

**Sol:** Tenho muita dificuldade com várias coisas, ainda, do design gráfico, assim... Não me sinto confiante, não me sinto... É... Isso, né... Porque a gente não exercita essas habilidades e a gente acaba desconfiando delas, né? Desconfiando da capacidade de fazer as coisas... “ai, será que eu vou dar conta?”, “essa solução é isso ou é aquilo?”, então acho que a falta de convivência com o fazer gráfico me deixa desconfiada da minha própria capacidade de...

**Entrevistador:** É... Quer falar mais alguma coisa sobre isso? Eu achei muito curiosa essa história...

**Sol:** (risos)

**Entrevistador:** É... Essa entrevista... Ela tem alguns eixos temáticos, assim, então talvez em algum momento você vai perceber que a gente vai entrar em questões outras, assim... Mas você pode ficar à vontade, se você não entender alguma coisa, quiser perguntar alguma coisa... Ou se você não se sentir à vontade também... Pode ficar à vontade em não se sentir à vontade...

**Sol:** Uhum... Tá bom (risos)

**Entrevistador:** Sol, assim, nos lugares que você frequenta de um modo geral, fora da Esdi, na maioria deles você se sente à vontade ou você se sente destoante, assim? Tem alguma situação específica em que você se sente naturalmente constrangida?

**Sol:** Eu não sei se “constrangida” é a palavra, mas assim, tem lugares e espaços aonde eu vou que eu me sinto desafiada em estar. E são espaços normalmente de acolhimento e que para a hegemonia se sentem desconfortáveis... Por exemplo, quando eu vou fazer uma reunião com as mulheres negras da (MB), e eu sou a mais branca, a mais loira e que fala com sotaque sulista... Eu sou a pessoa estranha lá, e

eu acho complemente ok eu ser essa pessoa, sabe, que se sente constrangida... E eu acho que é saudável eu sentir esse constrangimento, sabe... Pr'eu entender como aquelas mulheres normalmente se sentem no resto da sociedade. Porque eu sou uma pessoa super padrão. Eu venho de uma família padrão...

**Entrevistador:** Padrão em que sentido?

**Sol:** Família padrão ou eu padrão? Tudo padrão...!? (risos)

**Entrevistador:** É (risos)

**Sol:** Porque assim, os meus pais, os dois tem ensino superior e pós graduação, pra mim nunca foi uma questão se eu ia fazer faculdade ou não... Pra mim só seria "qual?"... Então eu tive ainda a oportunidade de me entender e saber qual o curso que eu queria fazer... Isso era minha preocupação com toda minha família, nunca tive que disputar isso... Na minha infância toda, na minha infância e adolescência convivi com pouquíssimas pessoas de outras classes, que não fossem também... Que não tivessem os pais com o ensino superior completo, que não fossem brancos, que não fossem todo ano viajar pra curtir as férias... Isso era uma realidade pra mim... E quando eu entro na faculdade eu começo a viver outros tipos de situação... Eu tinha colegas que moravam na república da universidade, então na moradia estudantil... Eu tinha colegas que tinham famílias consideradas disfuncionais, né, que é tipo... A mãe criou três filhos e passava por uma dificuldade... Um outro colega meu, negro, que tava vindo de outra cidade, passando alguns perrengues... Claro também que na minha Universidade também tinham pessoas que vinham do mesmo espaço que eu... Mas a faculdade me colocou esse outro espaço... Mas eu ainda era hegemônica na faculdade... E isso aconteceu depois quando eu fui morar em São Paulo, que eu trabalhei em São Paulo, e mesmo trabalhando nas ONGs, eu sempre trabalhei em terceiro setor, né? Os empregos que eu tive foram sempre no terceiro setor... Mesmo trabalhando com essa gente, "ongueira"... (risos)... A galera "ongueira" que eu conhecia sempre tinha uma origem meio parecida com a minha... E a gente acaba atendendo pessoas que eram de origens diferentes da nossa, sabe? E aí esse confronto pra mim sempre foi uma questão, sabe? E aí quando eu me deslocava pra estar nos espaços onde a ONG fazia os trabalhos eu era a pessoa estranha lá, mas eu era a pessoa da ONG, eu tinha uma identidade... Então eu não era totalmente estranha... Quando eu tô num grupo daqui, que é um grupo de trabalho de base, que é um grupo que eu não tenho credencial, tipo "tô trabalhando com a ONG"... Porque isso era uma credencial que me dava legitimidade de estar naquele espaço, né? Então era uma coisa diferente... E agora quando eu tô construindo um movimento social onde pessoas que tem a minha origem não são necessariamente as pessoas formulantes desse movimento e que eu estou lá muito mais que ouvir do que propor... Acompanhar muito mais do que efetivar coisas, sabe? Eu não tenho nada que me dê credibilidade ali... É eu por eu, sabe? E muitas vezes a minha presença lá já é opressora, sabe? Só de eu tá lá...

**Entrevistador:** Como assim? Como assim opressora, sua presença?

**Sol:** Porque eu acho que eu como uma mulher branca, uma mulher dentro do padrão do que se considera o padrão estético europeu, assim... Eu posso ser uma pessoa opressora sem abrir a minha boca, sabe? Eu posso chegar no lugar e sem abrir a minha boca já ser considerada uma figura opressora... Pra muitas mulheres que são consideradas fora desse padrão... Pra mulheres que sofreram muita discriminação de mulheres como eu... Então assim, não é de mim que elas tão se sentindo acuadas... É de toda uma sociedade que reproduz pessoas como eu de um jeito,

sabe? Nós somos socializados de um jeito... E provavelmente essas mulheres já sofreram barbaridades, opressões e violências de mulheres como eu, sabe? Então pode ser que só a minha presença lá já seja uma violência, sabe? E reconhecer isso é muito dolorido... E aí é uma situação onde também precisamos entender, né? Isso não é pra eu me excluir desse espaço, mas eu tentar construir de outra forma, né... E que também isso aí não é sobre mim... Não é sobre mim nem a opressão que ela tá sentindo, porque não é eu, Sol, que tô oprimindo... E não é eu tipo “eu tenho que fazer algo pra me sentir melhor nesse espaço”... Não é sobre mim de nenhuma forma... É sobre como nós juntas vamos tentar entender e tentar superar isso que foi colocado socialmente pra gente... Mas aí, mais uma vez... Isso aí é num lugar onde eu escolhi estar... Onde eu escolhi construir... Eu fico imaginando essa mulher preta que tá do outro lado, ela não escolheu estar nessa sociedade que ela está. E ela precisa frequentar espaços que é isso toda hora... E não é o reconhecimento tipo “ah, eu sou a mulher oprimida...”, não... É tipo “eu vou sofrer violência nesse espaço”, sabe? É uma outra dimensão da exclusão, que eu nunca vou enfrentar, que eu nunca enfrentei. Então sim, tem espaços que eu me sinto desse jeito... Mas são os espaços mínimos... Os espaços que eu preciso tá pra eu me formar enquanto mulher, enquanto militante... E não são espaços onde eu preciso ir... Não é na padaria, não é na academia, não é na universidade... Não são os espaços do meu cotidiano, sabe? São espaços de construção de militância... Que aí eu acho que tem uma outra lógica e é uma outra coisa, sabe?

**Entrevistador:** Em algum nível opcionais?

**Sol:** Em algum nível opcionais... Eu escolhi tá lá, sabe? E de nenhuma forma eu acho que o que eu sinto é nem parecido com o que essas pessoas sentem em todos os outros ambientes da vida, sabe? É só porque às vezes eu me sinto assim mesmo... E eu fico “caralho, o que que eu tô fazendo aqui?”, sabe? E volto mal... E volto pesada... Cara, tem que lidar com isso, sabe... E dói... E é super difícil... E é super duro... E às vezes tu vai ouvir várias coisas que tu não queria ouvir... Mas tem que ouvir, sabe? E às vezes nem era pra ti, sabe? Às vezes a pessoa tá descontando uma coisa ali que não é tua... Mas tu tem que ouvir... Tu tá no teu papel e tu tem que ouvir, sabe?

**Entrevistador:** Sei... Então às vezes você acha que experimenta um pouco uma personificação desse sistema... Hegemônico?

**Sol:** É, mas tipo... É um pouco isso, sabe? É... Eu sou uma figura, eu represento uma figura opressora pra muita gente, e às vezes eu vou ter que ouvir coisas que não fui eu que fiz... Mas indiretamente foi, sabe? E eu vou ter que ouvir... E é isso. Sabe? E não é fácil... Mas também não acho que é uma coisa ruim, ou que é uma violência... Ou que é... Não! Tem vezes que é violento, né... É violento... Mas não acho que é uma violência no sentido que os próprios brancos ou as mulheres brancas reproduzem... Acho que é outra coisa... É uma resposta... Não confundir a violência do oprimido... Não! Não confundir a violência do opressor com a resposta do oprimido. É mais ou menos isso...

**Entrevistador:** E tirando esses espaços... Tem alguns outros lugares que você frequenta?

**Sol:** Assim, tem várias coisas que são opressoras pra mulheres, né? Então assim, transporte público é bem complicado... Andar na rua, assim... Assédio na rua... É bem complicado... Eu acho que todas as mulheres passam por isso, infelizmente né... De ter medo de andar na rua... De pegar um vagão e ter só um cara no vagão...

De ônibus... É... Eu tenho andado muito pouco de ônibus... Mais tarde, assim... Depois que anoitece eu fico com medo de andar de ônibus... Porque eu me sinto exposta... Porque eu sei que chama atenção... Eu sinto isso... Eu fico aflita.

**Entrevistador:** O que que chama atenção?

**Sol:** Não sei... Eu sinto que... Mulheres sozinhas em geral chamam atenção dentro desses espaços, assim... Então eu fico acuada, sabe? De andar sozinha... Ônibus eu não pego sozinha à noite, fico com medo... Não pego. E agora tem sido também cada vez mais frequente o assédio por motorista de aplicativo, né... Então também...

**Entrevistador:** Sério? E como é que é, assim? Uber? Qualquer aplicativo?

**Sol:** É...

**Entrevistador:** E aí como é que é, assim... Você pega, entra no carro...

**Sol:** É, porque fica de papinho... Fica com umas coisas assim... Que te deixam desconfortáveis... Aí é aquele limiar, assim... Tá sendo gentil ou tá sendo escroto, sabe? E aí é isso... É foda... Porque ao mesmo tempo você não quer ser escroto com a pessoa porque ela tá num trabalho precário... Porque a gente tem sensibilidade com isso, né... Mas às vezes tu tá numa situação que tu tá completamente desconfortável... E na maioria dos casos os motoristas são homens, também né... Essa questão do gênero... Essa questão do assédio em alguns lugares é algo que eu me sinto desconfortável... Eu não sei nem se era essa pergunta, no nível desse desconforto... Mas é uma coisa que me deixa desconfortável...

**Entrevistador:** Sim, sim... É bem geral... Você pode responder o que exatamente te deixa desconfortável... E assim, esse assédio que você tá comentando... Ele parte majoritariamente de homens?

**Sol:** Sim. Mas assim, eu tenho discutido muito assédio homossexual, né...

**Entrevistador:** É... Eu ia tocar nisso...

**Sol:** Porque assim, eu não... Eu não... Eu não sou uma mulher desejada por lésbicas... Acho que não faço o tipo... É... Mas eu convivo com muitas mulheres lésbicas, mulheres jovens lésbicas... E eu já tive uma conversa com algumas de uma reprodução de um tipo de comportamento que a gente demoniza nos homens, sabe?

**Entrevistador:** Isso delas fazerem isso? Ou o assunto era esse?

**Sol:** Não, de um grupo de mulheres que a gente conhece, que a gente convive e que eu vejo isso acontecer, sabe? E que eu acho muito ruim, sabe? Por que pega o nosso feminismo, embola e joga no lixo, sabe? Existe um negócio de exercitar a nossa sexualidade de forma saudável... E existe um negócio de “objetificar todo mundo para satisfazer os meus desejos sexuais”, né... E que isso a gente demoniza nos homens... E às vezes a gente demoniza até uma coisa da vivência da sexualidade masculina, né... Às vezes a gente fica achando que tudo é ruim... Que tudo tá colocando a mulher num lugar... Eu acho super difícil esse limiar... Mas pras mulheres a gente parece que passa pano, sabe? Que pode fazer... E eu acho que não. Eu acho que a responsabilidade que a gente tem que ter é com todo mundo... Você não acha que é escroto quando um cara faz isso? Porque tu tá fazendo, sabe? “Ah mas é mulher...”, “foda-se”, sabe?

**Entrevistador:** É desconfortável da mesma forma?

**Sol:** Exatamente... E às vezes não é nem um assédio na cara... Chamar de alguma coisa... Porque eu acho que as mulheres são menos grotescas nesse sentido, né?

**Entrevistador:** Ah, é? Na forma de assediar?

**Sol:** Não, porque daí não é um assédio... É uma objetificação, assim... Tipo... É... Num caso bem ilustrativo... Tem uma menina que é lésbica e fica de casinho com todo mundo, dá bandeira pra todo mundo, e não tá com ninguém, mas depois tá com essa, e depois não tá... Mas tá plantando sementinha com todo mundo... Sabe? Uns joguinhos... Objetificação mesmo, sabe? Só quer transar... Beleza, só quer transar mas não fica alimentando outra coisa, sabe? Porque daí é um comportamento masculino... Que é tido como masculino, entendeu? Objetificando as relações... Não tendo responsabilidade nenhuma sobre as outras pessoas, entendeu? E eu acho isso muito escroto... Acho que rasgou todos os princípios aí, sabe? Então, assim, acho que não rola das grosserias, assim... De assediar... Como a gente vê um homem hétero assediando... Eu acho que tem um refinamento, mas existe uma objetificação também... Das pessoas... Eu acho que rola. Não acontece comigo porque eu acho que não tô nessa... Eu não faço o tipo...

**Entrevistador:** É? Eu ia tocar nesse assunto de novo... Eu achei engraçado você falar que não faz o tipo...

**Sol:** É... Pelo menos da galera lésbica que eu conheço não faço o tipo mesmo...

**Entrevistador:** Entendi... E você... Como é que você se considera, assim... Em relação ao seu gênero?

**Sol:** É, eu sou uma mulher cis... E eu já tive alguns lances com algumas meninas, mas eu nunca tive nenhum relacionamento...

**Entrevistador:** Tá... Então você é uma mulher cis... E a sua orientação sexual, como é que você definiria? Você definiria?

**Sol:** É porque tipo, eu já tive interesse em mulheres e já fiquei com algumas mulheres e tal, mas nunca tive vontade de ter algo tipo construir um relacionamento... Não sei se isso não pode acontecer... Porque eu acho que a gente tá aí pra viver, né... Mas, assim, sempre tive relacionamentos héteros mas já fiquei com algumas meninas... Então eu acho que eu sou meio bi, mas eu não me sinto segura de... Me sinto mas não me sinto porque nunca tive um relacionamento, sabe? Mas tamos aí... Não me fecho para essas oportunidades... Se elas surgirem... (Risos)

**Entrevistador:** (Risos) legal... Você disse que tá num relacionamento hétero agora, né?

**Sol:** Sim...

**Entrevistador:** Tá... Sol... E quanto a cor da sua pele você disse que se declara?

**Sol:** Branca.

**Entrevistador:** Tá... E você acredita que isso interfere nas suas relações dentro da Esdi?

**Sol:** Sim.

**Entrevistador:** É? Como?

**Sol:** É... A Esdi, como várias escolas de pós graduação e várias escolas de design é uma escola branca, mesmo com as políticas de cotas. Na pós-graduação, por exemplo, a gente não tem alunos cotistas, apesar disso ser previsto em edital... Então eu acho que a gente pode fazer uma leitura que a acessibilidade da pós graduação mesmo com edital de cotas ainda é muito restrita... Ou por falta do conhecimento de que existe, ou porque a documentação que precisa pra fazer o negócio é extensa e as pessoas não cumprem essa regulamentação... Ou porque as provas são provas com um grande rigor e às vezes não conseguem dar conta... A gente tem tido, né, o número de aprovados menores do que o número de vagas...

**Entrevistador:** Na pós graduação?

**Sol:** Na pós graduação. Então talvez essa avaliação crítica que se faz dos entrantes também poderia ser revista não no sentido de diminuir o rigor científico do programa, não é isso... Mas também o quanto o programa é capaz de formar as pessoas que chegam com mais déficit de uma educação... Que no design a academia não é uma coisa que a gente se prepara durante a graduação, sabe? São pouquíssimos cursos que tem iniciação científica levada à sério, que tem isso como algo regular dentro do curso, apesar de ser uma coisa necessário pro MEC, sabe?... Porque o design tem outras características que são próprias dele... Então como é que a gente repensa esse processo também pra incluir pessoas negras na pós graduação... Pessoas negras e pessoas de classes sociais em maior vulnerabilidade, né... E que às vezes acessam um ensino outro, que não é um ensino acadêmico... Uma formação que não é tão assim... Mas o que tu me perguntou de eu sentir diferença, eu sinto diferença porque é um ambiente branco, uma pessoa negra é diferente dentro da instituição... Então eu acho que sim, ser uma mulher branca me... Mas ser uma mulher também é uma questão, né?

**Entrevistador:** E... Então você acha que ser branca interfere na sua relação dentro da Esdi?

**Sol:** Positivamente...

**Entrevistador:** Positivamente... Sim. Então e ser mulher?

**Sol:** Aí tem uma coisa interessante que, assim, na pós graduação isso interfere positivamente em relação aos professores, em relação aos colegas eu acho que é uma coisa que...

**Entrevistador:** O que, ser mulher?

**Sol:** Não, ser branca. Mas na graduação eu sinto que tem uma... Porque na graduação quanto eu tive mais contato com os alunos eu tratei de questões de gênero... E aí eu ser uma mulher branca, sulista, tratando de questões de gênero, às vezes era visto como "hmmn, lá vem a branca falar de gênero..."

**Entrevistador:** (Risos)

**Sol:** Sabe? E eu entendo, porque é aquela outra mesma questão que a gente tava falando... "quem é ela pra ter legitimidade pra falar de gênero nesta caralha?", entendeu? E eu entendo completamente que exista essa barreira, sabe? E é uma coisa que eu trabalho cotidianamente pra superar... Que eu acho que nunca vai ser superado... Mas eu trabalho em direção a isso, né... De me formar cada vez mais levando em consideração as coisas do movimento negro, levando em consideração uma luta classista, sabe? Tento me formar nesse sentido... Mas não adianta, eu sou uma mulher sulista branca. Não tenho como mudar isso. É impossível... Então eu vou ter

que trabalhar com essa realidade que me está dada e fazer aquilo que é possível fazer dentro dessa realidade, mas eu sinto que há um embate... Principalmente pra quem tá se construindo politicamente... E que é uma galera ou cotista, ou que tá envolvida com outros tipos de movimento... E que tá se entendendo mulher negra aqui dentro, tá valorizando isso... “e ah, lá vem aquela branquela falar de gênero”, sabe? Então eu acho que tem esse outro lado, aí...

**Entrevistador:** E o fato de você ser... Você disse que não se considera exatamente bi, né?... A sua orientação interfere em alguma coisa aqui dentro? Você sente isso?

**Sol:** Não... Não. É porque, assim, eu acho que eu nunca expus muito isso, assim...

**Entrevistador:** Então você acha que você passa como hétero?

**Sol:** É... Eu tenho um relacionamento hétero desde que eu entrei no doutorado, né... Então eu acho que as pessoas me lêem dessa forma também...

**Entrevistador:** Entendi... Te lêem dessa forma...

**Sol:** E eu acho que é isso...

**Entrevistador:** E isso interfere em alguma coisa pra você? Faz alguma diferença?

**Sol:** Não, eu acho que assim, até porque eu não tenho um visual que as lésbicas curtem muito, te falei né... Eu tenho um visual super hétero, né.

**Entrevistador:** Como é que é um visual super hétero pra mulher?

**Sol:** (Risos) ah, não sei... Eu acho que tem essa coisa de usar saia... De às vezes usar maquiagem mas não muita... Só aquele make natural... (Risos)...

**Entrevistador:** “Cara limpa”? (Risos)

**Sol:** É... (Risos) “acordei assim”... (Risos) mentira! Nem acordou, ficou meia hora passando coisa na cara... É... Não sei, o fato de eu ter o cabelo comprido, um corte que é um corte bem padrão... Não tenho nada muito diferente... Acho que tem uma visualidade do mundo LGBT que rola, assim, um reconhecimento... As mulheres tão usando bastante cabelos angulares, assim...

**Entrevistador:** Assimétricos?

**Sol:** Assimétricos! Aquelas franjinhas...

**Entrevistador:** As mulheres lésbicas, você diz?

**Sol:** É... As mulheres lésbicas... Ou as mulheres estilosas... Porque aí também... “tô querendo cortar pra ser estilosa”.

**Entrevistador:** Borra um pouco essa fronteira?

**Sol:** É... Borra um pouco a fronteira... Porque acho também que a gente quebrou um pouco aquele estereótipo da lésbica mais parruda... Tipo, “vou usar só camiseta, e jeans...”, acho que a gente tá construindo um horizonte em que uma lésbica feminina é ok... Mas eu entendo também que existem performances, tanto da vestimenta quanto do estilo... Quanto do próprio jeito, né... De tratar e de estar... Que são jeitos que performam LGBT, mais nesse horizonte... Eu sou completamente padrão binário, sabe? Completamente padrão... Nem sou tão colorida, assim... Sou mais branco, preto e tons de cinza...

**Entrevistador:** Você tá com uma saia azul hoje...



**Sol:** É... Uma corzinha ali no meio pra dar um tom... Mas não sinto que isso é algo que transparece na minha personalidade, nunca ninguém me perguntou algo sobre isso, sabe... Porque eu acho que não é algo que eu represente muito, assim... Acho que eu tenho um estilo bem bináriozinho, padrãozinho...

**Entrevistador:** Sim... E você acha que se encaixaria no que poderia ser um estilo heteronormativo?

**Sol:** Sim.

**Entrevistador:** Então você acha que existe uma visualidade que é mais heteronormativa?

**Sol:** Eu acho...

**Entrevistador:** E quando você compra, assim, alguma coisa pra você... E essas coisas, todas... Sejam quais forem... Desde roupas, material, bolsa, caderno... Caneta. Qualquer coisa que você compre pra você usar, você tem alguma preocupação... Em algum momento você chega a pensar se essas coisas informam alguma coisa a seu respeito pra quem te vê de fora... Se essas coisas passam alguma imagem... Ou você passa batido por isso?

**Sol:** Olha, eu sempre penso nisso, né... Já que a gente trabalha com visualidades e com essas coisas... Às vezes em algum momento, entre a compra e o uso, pode ser só no uso, já... Né... Que tu já botou assim e fica “mas eu tô parecendo tal coisa...”, e em algum momento isso aparece... E eu tenho cada vez mais me preocupado com isso, principalmente por eu tá frequentando diferentes grupos de mulheres... Por eu tá frequentando cada vez mais debates que dialogam, por exemplo... Como as mulheres negras tão se vestindo... Como elas tão trazendo a questão da ancestralidade delas naquilo que elas apresentam pro mundo... Como é que amigas minhas, que elas não se consideram não binárias, elas são mulheres, mas elas têm o cabelo curto, elas se vestem de roupas largas... Elas performam uma coisa que é socialmente lida como mais masculina... Mas elas não estão em transição... Não se sentem homens... Elas são mulheres, mas elas se sentem mais confortáveis daquele jeito... E aí tenho discutido muito sobre isso... E aí cada vez mais tenho me percebido também... “quem eu tô aparentando ser quando eu estou assim, sabe?”... E aí é engraçado porque quando eu vou sair com algum grupo de amigas eu penso assim: “hmn... Essa roupa não dá pra sair com elas não...”

**Entrevistador:** Você acha que tem um código visual?

**Sol:** É... Tem um código até de tipo “ai, eu vou tá muito menininha no meio delas, não vai dar certo...”, sabe?... E não vai dar certo não é nem por elas, mas é porque eu vou me sentir mais à vontade com elas, entendeu? E acho que elas vão se sentir mais à vontade comigo... Então eu acho que rola um... E aí rola uma linha tênue, né? Entre tu deixar ser de quem você é pra encaixar num grupo... Ou de tu entender que tu também tem uma coisa meio camaleão que tu pode frequentar... “quero tá com essa galera – vou assim, quero tá com aquela galera – vou assado...”

**Entrevistador:** Que interessante... Que legal isso...

**Sol:** E eu acho que não é me despir de mim mesma... É assumir que eu posso ser todas essas pessoas... E que é legal eu tá andando com todas essas pessoas e que bom que essas pessoas me aceitam nesses grupos, sabe?

**Entrevistador:** E pra cada grupo você sente que, pode não ser rígido, mas tem mais ou menos um código visual, que?

**Sol:** É...E não muda totalmente, né? Eu não tenho um guarda-roupa pra X, Y, Z... Sabe?

**Entrevistador:** São as mesmas peças, mas tem um gerenciamento?

**Sol:** É... É uma coisa só assim... “ah, não vou cheia de frufu sair com as minhas amigas que têm uma estética mais sóbria, sabe?”

**Entrevistador:** Essas da estética mais sóbria... É um grupo de sapatão?

**Sol:** É um grupo que tem sapatão também... Tá sempre de camiseta do movimento... E aí eu não me sinto muito confortável de ir de saltinho e de vestidinho de babados, entendeu?

**Entrevistador:** Uhum... E você tem essas roupas?

**Sol:** Não, vestidinho de babado não, né...

**Entrevistador:** E saltinho?

**Sol:** Saltinho eu tenho... Eu não uso saltão, né... E “saltinho” é porque ele é pequeno mesmo... Não consigo mais andar de salto... Uma época eu andava pra ir trabalhar em São Paulo, mas não tenho mais costume de andar de salto, acho um saco...

**Entrevistador:** E em São Paulo era normal, assim?

**Sol:** Ai... É que em São Paulo eu andava com designers que trabalhavam em “Innovation... E não sei o que...”

**Entrevistador:** E tinha um código também?

**Sol:** Tinha um código...

**Entrevistador:** E isso incluía um salto?

**Sol:** Incluía um salto...

**Entrevistador:** Que engraçado, né... A galera da inovação ter essa...

**Sol:** É, mas... Era mais quando saía... Não pra ir no dia-a-dia... Porque aí também, né... Ai... Me poupe de andar de salto no dia-a-dia... Mas nunca tive isso... Mas vejo alguns processos de formulação do meu guarda-roupa mudando de convivência com alguns grupos... Por exemplo, meu guarda-roupa no Rio de Janeiro é muito mais colorido do que meu guarda roupa de São Paulo... Mas eu acho que tem a ver com a cidade... Tem a ver com a temperatura da cidade... Tem a ver com o que eu acho acessível comprar aqui... Onde eu tô fazendo as minhas compras... Então eu acho que varia um pouco nesse sentido, também... Minhas sandálias veganas... (mostra a sandália)

**Entrevistador:** Linda...

**Sol:** Eu adoro ela...

**Entrevistador:** Parece confortável né?

**Sol:** É muito confortável! Ela tem esse negócio aqui ó...

**Entrevistador:** É... É isso que eu tava vendo... Ela tem um mega solado né...

**Sol:** Sim, amo. Tenho 2.

**Entrevistador:** Arrasou. Você comprou aqui no Rio?

**Sol:** Aham.

**Entrevistador:** É de onde?

**Sol:** Ela vende na São Salvador de manhã no domingo...

**Entrevistador:** Ah, é artesanal?

**Sol:** É artesanal! É veganummmm...

**Entrevistador:** Ah, que legal!

**Sol:** Ela é ótima... Depois eu te dou o nome... Porque ela também vende on line... Tem vários modelinhos... E eu acho que tem masculina também...

**Entrevistador:** Ó... Ela vende na São Salvador... E no site?

**Sol:** É... Em feirinhas também... Também rola em feirinhas... Eu sempre vou na São Salvador quando eu quero comprar, porque eu gosto de experimentar... E tal... Eles têm uma política de troca super boa, também, sabe... Ela me falou “não, se você não gostar a gente pega de volta e te manda outro...”

**Entrevistador:** Mas é chato, né...

**Sol:** Mas aí é aquele trabalho que não precisa ter, né? Tu vai lá, toma um chopp, ouve um chorinho... Experimenta... E aí se não tiver tua cor, ela disse... Ela pegou meu nome... Porque eu queria essa aqui e não tinha essa cor, só tinha uma mais clara, e eu queria essa. Aí ela pegou meu nome, me ligou quando tava pronta, e aí eu fui lá pegar...

**Entrevistador:** Ah que legal... Arrasou. Depois você me passa esse Insta... A gente tava falando sobre as coisas que você compra e sobre a imagem que essas coisas criam, né... Sol... E aí você acha que a forma com você se percebe, assim, a sua personalidade... Bate com a forma como as pessoas te vêem? Como que é isso? Existe esse encontro ou você acha que?

**Sol:** Às vezes eu acho que sim, às vezes eu acho que não... Sabe?...

**Entrevistador:** A maneira como as pessoas te enxergam é parecida com a maneira como você se enxerga ou é diferente?

**Sol:** Eu acho que elas me enxergam... Eu nunca parei muito pra pensar sobre isso mas eu acho que elas me tratam de uma forma que eu acho legal ser tratada, então eu acho que... Talvez a leitura venha a partir disso, porque eu não sei na verdade como elas me enxergam... Nunca fui tão a fundo nessa questão... Mas tenho mais dados a partir da minha relação... A partir de como a gente se trata, né... Entre as pessoas... E eu acho que sim, mas às vezes a minha camada, eu ando muito de preto... É uma coisa que eu acho que talvez seja meio ruim, também... Eu ando muito de cropped... E talvez isso não seja bem visto na pós-graduação...

**Entrevistador:** Você anda muito de cropeed?

**Sol:** Eu ando! Esse aqui é um cropped, né...

**Entrevistador:** Ah, é! Verdade... É que ele tá meio emendando com a saia e não dá pra perceber...

**Sol:** É que a saia é de cintura alta... E aí também, às vezes, eu fico: “ai, será que eu vou pra Esdi assim?”, porque meu ambiente de convivência ultimamente de trabalho é aqui, né... Então às vezes fico preocupada... Nunca sofri retaliação, sabe?

**Entrevistador:** E o que que passa na sua cabeça em vir pra Esdi de cropped?

**Sol:** Ai será que vão achar que eu tô muito vulgar? Ou tipo, será que vão me olhar com menos seriedade... Porque sei lá... Tô fazendo o doutorado e tô andando de cropped, sabe? Agora que eu vou dar aula na UFRJ eu fiquei pensando nisso...

**Entrevistador:** Você vai dar aula na UFRJ agora, né? E aí... Como que tá isso?

**Sol:** Eu fiquei pensando muito nisso... Fiquei “cara, eu preciso comprar roupa de dar aula.”

**Entrevistador:** É? (Risos) então assim, você imagina que tem uma “roupa de dar aula”?

**Sol:** Não, assim, eu tenho algumas roupas de dar aula, mas eu não posso dar aula com as mesmas roupas sempre, né... (Risos)

**Entrevistador:** Sim... E você acha que não tem roupa de dar aula o suficiente? Você vai dar aula alguma vez por semana?

**Sol:** É... Acho que eu vou ter que fazer uma limpa no meu guarda-roupa e comprar... Porque eu gosto de fazer isso, eu só gosto de comprar roupa quando eu tiro alguma coisa... Não gosto de ficar acumuladora, sabe? Eu acho que eu aprendi isso porque eu me mudei muito na minha vida... E o Rio é a cidade que eu mais fiquei depois que eu saí da casa dos meus pais, né... Eu fiquei transitando muito... E eu acho que eu aprendi a ter muito pouca coisa... E agora tô me sentindo muito acumuladora... Porque agora eu tô na mesma casa há 2 anos... Deu pra assentar um pouco então agora eu tô com essa política, só compro alguma coisa se eu for me desfazer de alguma...

**Entrevistador:** Aham... Faz sentido... E me conta como que é a roupa de dar aula? Você tem isso em mente?

**Sol:** Ai eu acho que não posso dar aula de cropped...

**Entrevistador:** Cropped, por exemplo, tá fora...

**Sol:** É, é... Mas eu só pensei no cropped mesmo, sabe?

**Entrevistador:** Não tem nada pra colocar no lugar do cropped?

**Sol:** Ah, tem umas blusinhas e tal... Que tapa a barriga... Mas eu fiquei pensando: “os alunos não querem ver meu umbigo, sabe?” (risos)

**Entrevistador:** Não querem ver seu umbigo?

**Sol:** Eu acho que não... Eu acho que não fica confortável pra ninguém eles ficarem vendo meu umbigo... (risos)

**Entrevistador:** Então tem que ser uma blusa que tampa o umbigo? (Risos)

**Sol:** Acho que sim... No mínimo, né... E o cropped muitas vezes deixa o umbigo à vista, então não pode... (Risos) mas isso é só uma regra que eu inventei pra mim mesma, sabe? Ninguém me disse: “não pode.”

**Entrevistador:** É... Mas certamente você também não inventou essa regra sozinha...

**Sol:** Exatamente... É uma regra que tá meio colocada...

**Entrevistador:** E tá pairando...

**Sol:** Tá pairando no ar... Não sei, eu acharia meio estranho... Porque tem um negócio também, eu sou uma mulher de 31 anos, mas eu tenho uma cara de mais jovem...

**Entrevistador:** É verdade...

**Sol:** E aí quando eu me visto “jovem”, eu só reforço a ideia de que eu sou jovem... E às vezes ser jovem... Ser jovem é maravilhoso, não vejo nada de errado em ser jovem, mas às vezes as pessoas veem a juventude com um certo grau de irresponsabilidade, né... Tipo “ai, jovens não querem nada com nada...”, “o jovem é mais irresponsável que uma pessoa mais madura...”, ou “o jovem não tem pé no chão, é muito sonhador...”... Eu acho que o resumo é muito da irresponsabilidade, né... Não tá vinculado à uma responsabilidade que “a idade traz”... E aí eu fico pensando que se eu me associar visualmente a uma figura, que eu já tenho cara de jovem, então se eu me vestir como muito jovem as pessoas vão achar que eu não vou dar conta, que eu sou irresponsável... Ou que não tô levando isso tão à sério... E aí eu não quero ser lida dessa forma também, né... Não quero que meu cropped diga que eu sou irresponsável... Porque eu sei que sou responsável usando cropped, usando biquini, usando qualquer coisa, sou a mesma pessoa... Mas a leitura que as pessoas fazem de mim... Eu já tenho uma cara tipo... As pessoas me dão de 25 a 27 anos... No máximo, sabe? E eu nem acho tão jovem assim, eu acho que eu já poderia ser uma jovem responsável com 27 anos... Mas eu sinto que pesa, sabe... E pesa aqui no programa também...

**Entrevistador:** Pesa no programa também?

**Sol:** Eu acho.

**Entrevistador:** Como você sente isso?

**Sol:** Por eu ser uma mulher jovem, por eu estar em alguns cargos de liderança aqui dentro... Por eu ser bastante ativa... Representante discente... Às vezes eu não sou lida como... Lá no conselho já me perguntaram se eu era representante da graduação...

**Entrevistador:** No conselho da Uerj?

**Sol:** Não, aqui. Da Esdi.

**Entrevistador:** E não te conheciam?

**Sol:** Alguns não né... Porque alguns não dão aula na pós... E aí perguntaram: “Ah, então você tá no mestrado?”, e eu falei “Não, tô no doutorado...”, “Hammmn, que jovem!”... Então eu acho que tem isso, sabe? Então criou-se esse mito do cropped na minha cabeça, já podemos chama-lo assim, porque quando eu me vejo que eu tô mais à vontade... Às vezes eu venho de cropped pra cá... Se eu vou encontrar as pessoas... Se eu vou pra uma festinha depois... Se tá calor... Eu tô confortável... Eu venho aqui, não tem problema... Mas tem outros momentos que eu acho que não caberia... Tipo pra dar aula... Ou pra ir numa reunião de conselho... Outro dia eu vim com um cropped e uma meia arrastão na reunião de conselho... Foi meio bafo. Fiquei me sentindo meio, tipo... Mas aconteceu, sabe? Eu ia sair depois, eu falei “foda-se”...

**Entrevistador:** Então o cropped é uma peça meio capciosa?

**Sol:** Capciosa... E eu acho também que tem shorts, né... Não dá pra vir de shortinho... Eu usava uns shortinhos antes, mas agora tô me policiando... Porque né... Às vezes, assim... Não faz sentido... Não precisa...

**Entrevistador:** Mas às vezes tá um calorção... E aí?

**Sol:** É, mas aí coloca uma saia tipo essa, sabe?

**Entrevistador:** É porque o short... O que que pega com o short?

**Sol:** É porque os meus shorts são muito curtos, todos... Tem um que eu gosto que é mais no meio da coxa... Aí eu acho mais ok... Mas eu me sinto um pouco reprimida também, sabe? Tipo “aí, Sol já passou dos 30 anos não precisa ficar andando com esses shorts aparecendo a polpinha da bunda, né?”

**Entrevistador:** Então tem uma idade do short?

**Sol:** Não, pra vim pra cá, né... Pra ir pra praia foda-se...

**Entrevistador:** Sim... Mas pra transitar nesse ambiente mais acadêmico...

**Sol:** É, e assim... Eu me sinto... Eu não saio na rua com esse short se não for pra praia, sabe?... Eu acho que tem um policiamento até do andar cotidiano do andar nas ruas, assim... Porque tu não quer chamar muita atenção pro teu corpo, sabe?... Porque a gente tá vivendo uma onda de violência, uma onda de assédio, né... Que não é uma onda porque nunca deixou de ter, né... Mas a gente tá vendo isso cada vez mais frequente, né... As pessoas tão... Tanto homens quanto mulheres sendo assediados, né... Mulheres principalmente, então também rola um constrangimento nesse sentido...

**Entrevistador:** E isso interfere nas roupas que você escolhe?

**Sol:** Com certeza... Com certeza interfere... Tem roupas que eu só consigo usar no inverno porque eu consigo usar com meia por baixo, sabe... Que eu não usaria, por exemplo, no verão...

**Entrevistador:** Meia tipo, meia calça grossa?

**Sol:** É... Meia tipo 40 fios, aquela que fica escura, assim...

**Entrevistador:** Que fica tipo uma calça... Tipo uma legging?

**Sol:** É, é... No final das contas é... E daí é uma saia mais curta, um short mais curto... E que eu consigo colocar com a meia por baixo e me sinto confortável de não tá mostrando o corpo, sabe? Acho que rola uma sensação de insegurança mesmo... De colocar essas coisas, assim...

**Entrevistador:** Sim, muito bom conversar com você... Muito legal... É... A gente passou por alguns eixos ao longo da entrevista, e no final eu deixo uma parte aberta porque eu acho que ser entrevistado às vezes pode gerar na entrevistada ou no entrevistado... Alguma expectativa de responder ou de ter algum momento pra falar sobre algo específico, né... Que pode não acontecer... Porque eu posso não ter tido determinada oportunidade... E pra, assim, não zerar, porque eu não acho que é possível... Mas pra minimizar a possibilidade de uma frustração... Tem uma parte, agora no final, que você pode falar sobre o que você quiser... Isso pode ter a ver com os eixos que a gente abordou ao longo da entrevista, falando sobre a Esdi... Falando sobre questões de gênero, questões de trabalho... Ou pode não ter a ver com

nada disso e pode ter a ver com uma coisa que você vem refletindo, vem pensando... Ou pode não ter a ver com nada... Ou você pode não querer falar nada... Assim, eu fico pensando em mim, eu acho que eu sempre ia querer fazer algum comentário... Não sei como que é pra você... Como que é pra você? Você tá um pouco atrasada, né?

**Sol:** Tô... Mas eu... Eu... Eu queria comentar uma coisa... Que eu acho que é interessante as pessoas, como eu, que sempre se sentiram à vontade nos espaços em que estavam, e eu digo isso com segurança no sentido de que eu fui uma mulher que eu fui criada pra ser protagonista do que eu quisesse ser, sabe? Então, a minha família nuclear me colocou isso como possibilidade, nunca foi uma coisa que... Porque muitas mulheres enfrentam muita resistência em vários ambientes, né? De tipo elas não poderem... Sei lá... Buscar o seu os seus desejos, as suas vontades porque são mulheres... E o mundo é muito machista, o mundo coloca várias barreiras... Mas eu sempre vivi isso de uma forma muito livre porque eu tive uma família que sempre foi muito propositiva nesse sentido... E eu estudei em uma escola onde, também, me sentia capaz e protagonista de fazer... Então eu ser defrontada com as questões do machismo, pra mim não foi uma coisa do meu cotidiano quanto eu tava crescendo... Até foi na minha família ampla, mas no meu cotidiano eu sempre fui liderança de projeto, sempre estudei, fiz as coisas e... Beleza... Dito isso, eu acho muito interessante esse deslocamento que essas pessoas, pra onde isso tudo está dado, esse deslocamento de estar em ambientes onde elas não são estas protagonistas... Onde elas não são bem-vindas... Não bem-vindas, né... Tu tem que tá bem-vinda porque senão tu tá invadindo o espaço do outro e daí não é legal... Onde elas não tão se sentindo tão à vontade, sabe? E esse deslocamento faz a gente perceber que as coisas não estão dadas... Porque a gente acha que as coisas estão dadas, né...

**Entrevistador:** Que coisas?

**Sol:** A gente acha que as oportunidades estão dadas, a gente acha que todo mundo se sente da mesma forma que a gente nos ambientes... “ah, mas o ambiente é tão inclusivo...”, mas não é, né... Os ambientes não são inclusivos... Não é todo mundo que tem a mesma facilidade... Ou que tem a mesma percepção, ou que tem o mesmo tratamento... Por mais que esse tratamento não seja explícito, e eu acho que esse deslocamento é importante se a gente quer construir qualquer coisa diferente do que tá dado hoje, sabe? Se as pessoas que tão nessa hegemonia não conseguirem fazer esse deslocamento a gente tem pouquíssimas chances de desestabilizar o sistema, sabe? Por que o enfrentamento ele vai vim sempre de quem não tá na hegemonia, mas a gente vai precisar mexer nisso aqui com quem tá aqui também... Com quem tá dentro desse sistema hegemônico, porque senão a gente não tem força, sabe? E aí eu acho que isso entra tanto no questionamento do padrão heteronormativo, dos objetos e das coisas e das materialidades... Entra no tratamento que a gente dá pras questões de classe, de raça e de gênero... Pra sensibilidade da gente ter isso aí... Entendendo sempre que isso não é uma questão identitária individual, e que é uma construção coletiva... E que a gente não pode tá cada um por si... E nem fazer disso pautas individuais, né... Tem aquela coisa que “a representatividade importa”, né... Mas que representatividade, né? Ter um presidente negro nos Estados Unidos fez tanta diferença assim? Surgiu o “Black Lives Matter” no governo do Obama, porque tavam matando muitos negros... Então assim, que representatividade é essa, sabe? É... Então, pensar isso... Pensar o sistema de cotas na pós-graduação... Por que não tem negros na pós-graduação? A gente levou esse questiona-

mento pra CPD, e aí “ah, mas tem no edital... Só as pessoas que não se inscrevem...”, mas ninguém se perguntou por que que as pessoas não se inscrevem? Ninguém se perguntou... Sabe? Não é igual pra todo mundo... Não é só, tipo, dizer que tem vaga, sabe? Então, eu acho que a gente precisa se questionar essas coisas aí... E sair um pouco da zona de conforto e parar de achar que a gente tá fazendo mais do que deveria... Ou achando que a gente já tá sendo muito justo... Porque às vezes dar oportunidades iguais pras pessoas é extremamente injusto... Porque as pessoas não chegam lá com a mesma oportunidade, entendeu? De um lado pra cá tu pode tá dando a mesma oportunidade, mas as pessoas chegam de jeitos completamente diferentes... É como tu falou, tem gente que chega com colete, com chapéu, com a melhor lupa que já inventaram pra pesquisar... E tem gente que chega como? De pé descalço e morrendo de sede. E a gente quer que essas pessoas.... A gente tá dizendo que elas tem a mesma oportunidade? Sabe? Então são coisas pra gente pensar também... E como é que é o nosso papel nisso tudo... Acho que é isso...

**Entrevistador:** hehehe bom, muito bom te entrevistar... Quer comentar mais alguma coisa?

**Sol:** Não, tô super curiosa pra saber como você vai articular isso no trabalho...

**Entrevistador:** heheheh tá bom... Vou parar de gravar então... A gente conversou por uma 1 hora e 4 minutos...